RB336425

Thomas Fisher
Rare Book Library

UNIVERSITY OF TORONTO

1823 7/1/7

INNOCENCIO VI, 436

RARIDADES
DA
NATUREZA,
E DA ARTE,

Divididas pelos quatro Elementos.

Escritas, e dedicadas

A' MAGESTADE FIDELISSIMA DE ELREY
Nosso Senhor

D. JOSEPH I.

POR

PEDRO NORBERTO
DE AUCOURT E PADILHA,

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, e Escrivaõ da Camera de Sua Magestade na Mesa do Desembargo do Paço.

LISBOA,

Na Officina Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LIX.

Com as licenças necessarias.

SENHOR.

CONSTA *este livro das raridades da Arte, e da Natureza, que se puderão descobrir na divisão dos quatro Elementos. E huma obra,*

 que

que abrange todas as partes do Universo, a quem se devia dedicar senão a V. Magestade? O famoso Conde de Cervelhon dizia a Carlos II. no seu Retrato Politico, *que elle occuparia o Ar com os seus applausos, a Terra com os seus exercitos, a Agua com os seus navios, e que deixaria o Fogo para os corações dos Vassallos. O que foy hyperbole em Castella, se póde dizer com verdade em Portugal. Que Rey mais applaudido, que V. Magestade pela sua generosidade, e pela sua clemencia? Estes applausos não occupão hum Elemento tão inconstante como o Ar, mas sim os sinceros, e immutaveis affectos dos Portuguezes. A Terra não attende aos exercitos para se ver submetida ao governo de V. Magestade; basta o seu respeito, para que alegre lhe tribute nas quatro partes do mundo todas as preciosidades, que encerra nas suas entranhas. A Agua,*

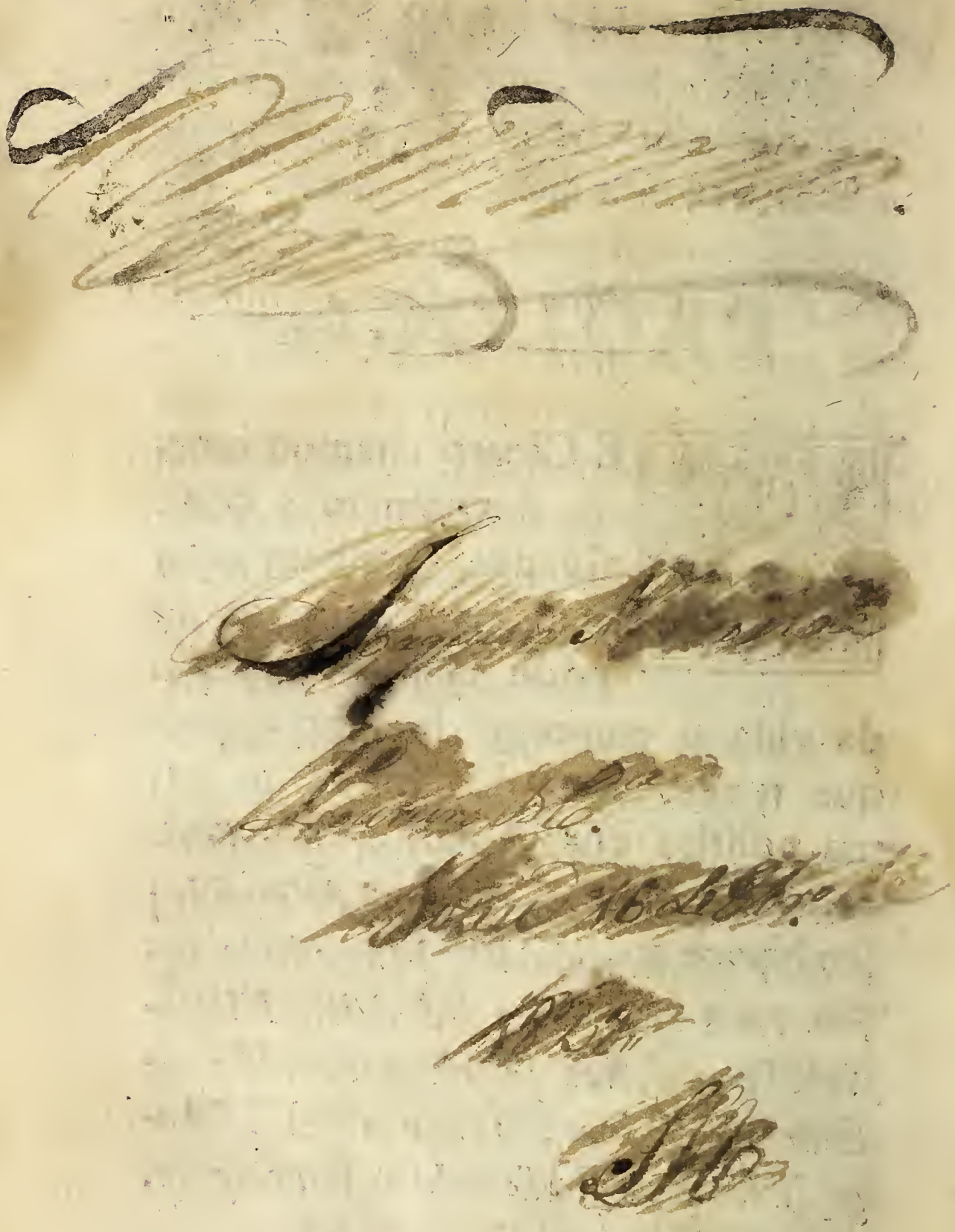
que

que cerca a Monarquia de V. Mageſtade em hum, e outro hemiſferio, naõ neceſſita das quilhas para reconhecer o antigo dominio, que V. Mageſtade tem ſobre as ondas. O Fogo, que purifica as ſuas chammas no generoſo eſpirito de V. Mageſtade, naõ procura outro centro para illuſtrar as ſuas luzes. Eſtas ſeriaõ as mais ſublimes raridades, que eu devera manifeſtar neſta obra; porém naõ cabe no meu talento, nem na materialidade das vozes, poder expreſſallas, como as ſey conhecer.

Neſtes quatro principios imaginou a Eſcola Ariſtotelica, que ſe tinha fundado a conſtituiçaõ do mundo; e os Vaſſallos de V. Mageſtade entendem com mais verdadeira Filoſofia, que nelles ſe conſtitue a felicidade do Reino, tendo em V. Mageſtade mais ſublimada a ſua origem.

Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha.

PRO-



PROLOGO.

SE Cicero chamou morte do homem à ociosidade, tambem com maxima Catholica se póde chamar remedio da vida o emprego literario; porque a recreaçaõ dos livros he huma politica christã para a conformidade dos males, e tolerallos com semblante alegre, he heroica industria para ser feliz, sem depender da fortuna. O Terremoto, que me arruinou os bens, naõ só sepultou muitas vidas, mas tambem as officinas da sabedoria: difficultou com a perda das Bibliothecas os meyos para a li-

a liçaõ, e naõ moderou nos animos o odio para a mordacidade; no que novamente fica confirmado ſer filha da ignorancia. Os modernos ao contrario dizem, que por falta da Critica he que falta nos antigos o bom goſto da Eloquencia, pois naõ tinhaõ quem lhes advertiſſe os deſcuidos, nem quem lhes emendaſſe os erros. Se as cenſuras ſe encaminhaſſem ao amor da verdade, e ao zelo da inſtrucçaõ dos homens, como pratîca com vaſtiſſima erudiçaõ Joaquim Joſeph Moreira de Mendoça a *pag.* 180. da *Hiſtoria Univerſal dos Terremotos*, poderia chamarſe virtude a eſte vicio; mas ſe commummente as meſmas Criticas ſaõ mais dignas de outras, que as obras, que condemnaõ, mal póde ſer politica louvavel do entendimento o que he vil malevolencia da vontade.

Em todas as idades chorou o mun-

mundo eſta peſte na Republica das letras, e atrevidamente cruel naõ reſpeitou a graduaçaõ dos ſujeitos. Diga-o Plataõ, Hermogenes, e Cicero: ouçamos a hum S. Jeronymo na Epiſtola, que eſcreveo a Paulino, e nas queixas que faz dos ſeus proprios nacionaes; acabaremos de deſenganarnos, que o merecimento, e a virtude ſempre teve emulos; e que até na paciencia deſte Santo naõ coube ſoffrimento para tolerar a petulancia.

Com hum ſurrizo reſpondeo o grande Antonio Vieira à Critica, que lhe fez huma Freira; porque o deſprezo he o mais proprio caſtigo para a ſoberba: e o doutiſſimo Padre Manoel Monteiro da Congregaçaõ do Oratorio com admiravel modeſtia nem ver quiz as injuſtas, e caviloſas ſatyras, que lhe fizeraõ à ſua Arte do *Novo Methodo*, reputando peccado taõ grave

per-

perder o tempo em lellas, como em forjallas; e temendo conceber alguma deſaffeiçaõ a quem para ſatyrizallo viciou as ſuas compoſiçõeſ nas imprenſas, em que introduziraõ os erros arguidos pelos meſmos, que lhos fabricaraõ. Feijó no Prologo do *tom. 6.* proteſta, que nada lê, de quanto ſe eſcreve contra os ſeus eſcritos; e que ſó quer inſtruir ao publico, e naõ reſponder a ignorantes: com graça pondera a paridade de hum rato com huma palha por lança inveſtindo contra os peitos de leões. Mais que perder a vida ſentia o valeroſo Ariſtides, que lhe cauzaſſe a morte a mordedura de hum vil inſecto; porque à grandeza do ſeu eſpirito ſó era proporcionado, que o deſpedaçaſſem as forças de hum Tigre.

Dizia o erudito D. Joſeph Barboſa, que era melhor compor, que criticar; e diz o ſempre diſcreto, e

ſa-

ſabio Franciſco de Pina e Mello, que os Criticos, e as moſcas ſaõ duas couſas bem eſcuſadas no mundo, porque ſó ſervem de amofinar a gente, e de manchar toda a precioſidade em que ſe poem. Em muito nos houvera prejudicado eſte Author, ſe eſtando no ſeculo quizeſſe praticar a meſma inſenſibilidade, que ſe deve obſervar nos Clauſtros; porque nos privaria do deleite das ſuas plauſiveis repoſtas, em que alcançou tantos triunfos a ſua erudiçaõ, quantas foraõ as confuſões, em que deixou aos ſeus emulos. Maxima he tambem ſua, de que pouco valem os homens, que querem moſtrar engenho em livro alheio: melhor modo de provallo he fazer livros, e naõ ſatyrizallos: mas iſſo cuſta mais, e recrea menos; porque ha peſſoas, que antes querem eſtragar o credito dos outros, que adquirir o proprio.

A inveja mordendo a clava de Hercules ſó na propria boca he que verte o ſangue, e em ſi meſma he que abre as feridas, como ſe verifica nas obras em que o arguiraõ: nellas ſe podia pôr aquella inſcripçaõ, que em huma pyramide do Egypto gravou hum dos ſeus Reys: *Eu ſou Oſymandias Rey dos Reys: quem duvidar de minha grandeza, excedame nas minhas obras.* Para edificar, e conſtruir, he neceſſario artifice, e arte; para demolir o que os outros conſtruiraõ, naõ he neceſſario arte, nem artifice.

Eſtes Criticos, ou para melhor dizer eſtes zoilos, commummente ſe transfiguraõ mudando, ou ſupprimindo o nome; porém o fogo da pedra Perites aſſim como queima ſem ſe ver, tambem arde ſem luzir. Os Faetontes da Critica, que preſumem eſclarecer o Orbe com as ſuas luzes enchendo-o de trevas com o ſeu

o ſeu atrevimento, deviaõ imitar o Sol, que taõ longe eſtá de eſcurecer os aſtros, que antes lhe communica os rayos com que brilhaõ, e ſó quando moſtra a elevaçaõ dos ſeus reſplandores, he que embaraça o luzimento das eſtrellas. Apelles ſim expunha as ſuas obras ao vulgo para que lhe apontaſſem os ſeus defeitos, e aceitou documentos para a pintura até de hum Sapateiro; mas quando eſte cheyo de vaidade lhe quiz apontar mais algumas nodoas em hum retrato, logo o fez callar; dizendo-lhe, que a ſua ſciencia devia conterſe dentro nos limites do ſeu officio. Quantos ha, que como o Sapateiro ſe metem a notar o que naõ chegaõ a entender? Vendo-ſe unico Alexandre até na copia em que o reproduzio Apelles, quiz oſtentarſe univerſal, diſcorrendo como meſtre naquella arte; porém com gracioſa ouſadia

lhe

lhe diſſe Apelles: *Fallay de manſo, Senhor, naõ vos ouça aquelle aprendiz, que moe as tintas.* Em todo o tempo houve vaidade, e máo goſto para decidir: e porque Midas preferio o ruſtico tom de hum inſtrumento groſſeiro à ſuaviſſima doçura da lyra, teve por caſtigo o que muitos tem por natureza: o certo he, que das agreſtes plantas do campo ſabe a prudente abelha tirar mel, e que das cultivadas flores dos jardins extrahe a aranha o ſeu veneno. Os ſabios de hoje creyo, que foraõ diſcipulos de Iſocrates, que coſtumava dizer, que a propriedade da Rhetorica conſiſtia em fazer das couſas grandes pequenas, e das pequenas grandes.

Bem ſey, que todas eſtas ponderaçõeſ deviaõ intimidarme a naõ exporme como Author na face do mundo; porém como ſó as obras ſublimes vejo arguidas, eſtou ſeguro

guro de que as minhas naõ ſejaõ cenſuradas: ſe naõ obſtante o forem, pouco importa, que os Criticos de má boca as naõ poſſaõ tragar, quando padeceo mayor injuria a Illiade de Homero em ſer engolida por hum jumento, que naõ ſó a deſpedaçou, mas tambem a comeo. Em fim ſoffrelloshey, como ſe ſoffrem as ſevandijas do Eſtio, que ſuppoſto inquietaõ, naõ cauſaõ outro dano.

LICENÇAS.

Do Santo Officio.

Approvaçaõ do M. R P. M. D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUST. E REVER. SENHORES.

CONhecer os effeitos raros, e prodigioſos da Natureza, he eſtudo deleitavel pela variedade, e util pelo conceito mais claro, que nos communica da grandeza, e Omnipotencia Divina: e como neſte livro, em que ſe trata a ſobredita materia, naõ ſe encontre couſa alguma contra a Religiaõ Catholica, he digno da licença, que ſe pede para ſe imprimir. Caſa de Noſſa Senhora da Divina Providencia de Liſboa em 18 de Abril de 1758.

D. Thomaz Caetano de Bem, C.R.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Franciſco de S. Luiz, da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILLUST. E REVER. SENHORES.

NEſte livro, em que ſeu Author Pedro Norberto de Aucourt e Padilha nos refere as Raridades da Natureza, acharáõ os Leitores proveitoſa recreaçaõ, aſſim pelo puro eſtylo com que eſtá eſcrito, como pelos argumentos com que prova a grandeza da Omnipotencia, que ſe moſtra naõ ſó nas obras ordinarias conformes à commũa exigencia da Natureza, mas tambem nas extraordinarias, que pela ſua raridade motivaõ a noſſa admiraçaõ. Naõ he pequena a que nos reſulta de vermos, que o Author occupado na expediçaõ dos negocios do primeiro Tribunal da Corte, e na adminiſtraçaõ da ſua nobre, e opulenta Caſa, ainda occupe o tempo neſtes eſcritos, com que honra a Patria; mas tanto póde com elle o zelo da inſtrucçaõ dos naturaes, que já naõ pódem dezejar as noticias das maravilhas da Natureza, eſcritas pelas pennas dos eſtranhos; porque todas acharáõ com brevidade, e clareza

neſ-

neſte livro, que nada contém contra a Santa Fé, ou bons coſtumes. Lisboa, no Convento do Santiſſimo Sacramento da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita aos 30 de Abril de 1758.

Fr. Franciſco de S. Luiz.

VIſta a informaçaõ, póde imprimirſe o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 2 de Mayo de 1758.

Silva. Abreu. Trigoſo. Silveiro Lobo.

Do Ordinario.

Approvaçaõ do R. Diogo Barboſa Machado, Abbade de Santo Adriaõ de Sever, Academico do numero da Academia Real, &c.

EXCELL. E REVER. SENHOR.

PAra immortal credito do ſublime talento, e erudita inſtrucçaõ dos ſeus Patricios nunca ceſſa a penna ſempre elegante do Author deſte livro na laborioſa producçaõ de diverſas obras, ſuccedendo

humas às outras com mais copioſa abundancia, do que aquella, com que o fingimento poetico ornou a arvore plantada no Jardim das Heſperides coroada de ſucceſſivos frutos taõ eſtimaveis pela materia, como pela fecundidade. Tendo praticado com exacta obſervancia os preceitos de Hiſtoriador na vida da Sereniſſima Senhora Princeza D. Iſabel, agora penetrando profundamente como Filoſofo as raridades, que ſe admiraõ nos quatro elementos, ſe conſtitue emulo das ſuas qualidades com o eſtylo ſublime, claro, ſolido, e brilhante, com que dellas eſcreve. Eternize-ſe nos Faſtos da Republica literaria o ſeu Nome acredor dos applauſos da Fama, e izento da menor cenſura; pois em toda eſta obra ſe naõ deſcobre clauſula alguma contra a pureza da Fé, e integridade dos coſtumes. Liſboa, 11 de Mayo de 1758.

Diogo Barboſa Machado.

VIſta a informaçaõ póde ſe imprimir o livro que ſe apreſenta, e depois de impreſſo voltará conferido para ſe dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa, 12 de Mayo de 1758.

Coſta.

Do

Do Desembargo do Paço.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Joaõ Chevalier, da Congregaçaõ do Oratorio, &c.

SENHOR.

O Livro das Raridades da Natureza, e Arte, que compoz, e pretende imprimir Pedro Norberto de Acourt e Padilha, Fidalgo da Casa Real, e Escrivaõ da Camera de Vossa Magestade na Mesa do Desembargo do Paço, contém huma exacta, e bem escrita collecçaõ dos mais raros, e admiraveis effeitos, que na vasta extensaõ dos Elementos, que compoem o Globo que habitamos, tem produzido a Natureza; e juntamente das obras mais famosas, e dignas de nossa admiraçaõ, fabricadas com louvavel emulaçaõ da mesma Natureza pela Arte sempre engenhosa dos homens. He o conhecimento destes admiraveis effeitos, e das causas, que os produzem, naõ só agradavel, e innocente recreaçaõ para os curiosos; mas instrucçaõ muito util para se conseguir a perfeita sciencia da mesma Natureza pelos bem fundados discursos, solidas reflexões, discreta, e modesta cri-

critica, com que o doutiſſimo Author acompanha a deſcripçaõ das Raridades, que refere: motivos pelos quaes me parece ſer a obra muito digna de ſe publicar, pois naõ podia em couſa alguma offender neſta obra as Leys Reaes, quem ſervio ſempre com a mayor honra, zelo, e deſintereſſe a Voſſa Mageſtade; nem prejudicar o decoro do Reino, e credito do nome Portuguez, quem tanto lhe tem grangeado com a ſua vaſta erudiçaõ, quem ſempre cuidou em utilizar o publico com as producções do ſeu raro engenho, e grandes talentos, pelas quaes tem conſeguido illuſtre nome na Republica literaria, e bem merecidos applauſos de todos os que amaõ as ſciencias, e bellas Artes; e eſtimaõ os ſeus augmentos. Eſte he o meu parecer, Voſſa Mageſtade ordenará o que for mais acertado. Lisboa, e Caſa Real de Noſſa Senhora das Neceſſidades 19 de Mayo de 1758.

Joaõ Chevalier.

Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que possa correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa, 20 de Mayo de 1758.

Carvalho. Doutor Velho. Castello. Siqueira.

IN-

INDICE.

DAS MATERIAS, QUE contém eſte livro.

PARTE I.

§. I. *Sympathias*, pag. 11.
§. II. *Antipathias*, 23.
§. III. *Virtude do toque de algumas peſſoas*, 36.
§. IV. *Viſtas perniciosas*, 38.
§. V. *Exceſſo de viſta*, 42.
§. VI. *Peſſoas que embranqueceraõ de repente*, 44.
§. VII. *Força da imaginaçaõ*, 45.
§. VIII. *Couſas fóra do commum*, 50.
§. IX. *Doenças extravagantes*, 61.
§. X. *Peſſoas que diſcorriaõ dormindo, e que fallaraõ ſem lingua*, 72.
§. XI. *Gigantes*, 74.
§. XII. *Anões*, 78.
§. XIII. *Vidas dilatadas*, 80.

Peſſoas

§. XIV. *Peſſoas decrepitas, que tiveraõ ſucceſſaõ*, 88.
§. XV. *Peſſoas que tiveraõ grande numero de filhos*, 92.
§. XVI. *Anticipaçaõ do entendimento*, 96.
§. XVII. *Mulheres, em quem tambem ſe adiantou o ſaber aos annos*, 107.
§. XVIII. *Crianças, em quem ſe anticipou a eſtatura*, 114.
§. XIX. *Velhos, que conſervaraõ o vigor da mocidade no entendimento, e na memoria*, 117.
§. XX. *Exceſſo da memoria*, 119.
§. XXI. *Monſtruoſidades*, 121.
§. XXII. *Partos monſtruoſos*, 140.
§. XXIII. *Satyros, e Centauros*, 150.
§. XXIV. *Monſtruoſidade dos animaes*, 156.
§. XXV. *Hermafroditas*, 163.
§. XXVI. *Forças*, 170.
§. XXVII. *Raridades de animaes*, 173.

§. XXVIII. *Vida dilatada de alguns animaes*, 187.
§. XXIX. *Raridades de Arvores*, 189.
§. XXX. *Vegetaçaõ de metaes*, 193.
§. XXXI. *Virtude das pedras preciosas*, 196.
§. XXXII. *Formas extravagantes de pedras*, 198.
§. XXXIII. *Petrificações*, 201.
§. XXXIV. *Natureza rara de terra*, 206.
§. XXXV. *Plantas viventes*, 209.
§. XXXVI. *Peſſoas, que naõ comem, nem bebem*, 212.
§. XXXVII. *Lugar em que ſe naõ morre*, 219.
§. XXXVIII. *Virtude paſmoſa de huns palitos*, 223.
§. XXXIX. *Virtudes atractivas*, 225.
§. XL. *Raciocinio dos animaes*, 227.
§. XLI. *Reflexaõ*, 236.

PAR-

PARTE II.

INtroducçaõ *ſobre a Arte* , 243.
§. I. *Sympathias artificiaes* , 258.
§. II. *Obras maravilhoſas* , 261.
§. III. *Artificios admiraveis* , 269.
§. IV. *Montanhas talhadas em eſtatuas* , 273.
§. V. *Edificios portateis* , 274.
§. VI. *Magnificencias paſmoſas*, 277.
§. VII. *Eſpectaculos Romanos*, 282.
§. VIII. *Delicia , e grandeza das eſtradas de Roma* , 284.
§. IX. *Eſcultura* , 286.
§. X. *Seda tirada das aranhas* , 288.
§. XI. *Artificios com que a natureza produz raridades* , 290.
§. XII. *Pintura* , 292.
§. XIII. *Reflexaõ ſobre as Artes*, 297.

PARTE III.

Agua.

§. I. QUalidades raras de aguas , 316.

§. II. *Aguas, que tem virtude de petrificar*, 316.
§. III. *Arvores, que deſtilaõ chuva*, 321.
§. IV. *Peſſoas, que ſe ſuſtentaraõ ſó com agua, e outras ſem beber*, 322.
§. V. *Tritões, e Nereides*, 324.
§. VI. *Peſſoas, que viveraõ muitos annos na agua como peixe*, 337.
§. VII. *Peixes monſtruoſos*, 342.
§. VIII. *Virtudes raras de alguns peixes*, 348.
§. IX. *Plantas do mar*, 352.

PARTE IV.

Agua.

§. I. *Correntes de rios mudadas*, 356.
§. II. *Artificios admiraveis de agua.* 357.
§. III. *Portentos da marinha*, 361.
§. IV. *Edificios debaixo da agua*, 367.

Aque-

§. V. *Aqueductos maravilhoſos*, 368.
§. VI. *Eſpectaculos navaes*, 371.
§. VII. *Obras feitas de gelo*, 372.
§. VIII. *Peixes domeſticos*, 375.

PARTE V.

Ar.

§. I. QUalidades de ar, 379.
§. II. Apparencias no ar, 382.
§. III. *Animaes, que ſe criaõ no ar*, 391.
§. IV. *Chuvas extraordinarias*, 393.
§. V. *Aves que renaſcem*, 399.
§. VI. *Raridades de aves*, 403.
§. VII. *Maravilha do inſecto da traça*, 409.

PARTE VI.

Ar.

§. I. MUſica, 413.
§. II. Eccos admiraveis, 425.
§. III. *Tentativas de voar*, 427.

Aves

§. IV. *Aves que ſerviraõ de Correyos*, 428.
§. V. *Caça dos Falcões*, 430.
§. VI. *Obras ſuſpendidas no ar*, 431.
§. VII. *Artificios eſtupendos do ar*, 434.
§. VIII. *Deſcobrimento paſmoſo nos innumeraveis olhos, que tem a borboleta*, 436.

PARTE VII.

Fogo.

§. I. *Fogos errantes*, 441.
§. II. *Fogo, que ſe accende por ſi meſmo*, 443.
§. III. *Exquiſita eſpecie de fogos*, 445.
§. IV. *Raridades de vapores*, 447.
§. V. *Corpos que exhalaõ fogo*, 449.
§. VI. *Entidades luminoſas*, 453.
§. VII. *Fogos perpetuos*, 455.
§. VIII. *Amianto, e outros corpos incombuſtiveis*, 460.

Ani-

§. IX. *Animaes, que vivem no fogo*, 463.

PARTE VIII.

Fogo.

§. I. *Artificios de fogo*, 468.
§. II. *Espelhos ustorios*, 471.
§. III. *Olho artificial*, 473.
§. IV. *Descobrimento da polvora*, 474.
§. V. *Maquina Electrica*, 476.

PARTE IX.

Magia natural, 483.

PARTE X.

Magia artificial, 491.

ADVER-

ADVERTENCIA.

A *pag.* 64. ſe diz *ulterior*, devendo ſer poſterior.

A *pag.* 85. ſe diz *Religioſo, e Prelado*, devendo ſer Religioſa, e Prelada.

As mais erratas, que contém eſta obra, ſe o leitor for douto, ſaberá deſculpallas; conhecendo, que naõ ha livro izento dellas; e ſe for ignorante, naõ temo, que ſenſure o que talvez naõ chegue a conhecer.

RA-

RARIDADES DA NATUREZA.

PARTE I.

TERRA.

GLOBO ſublunar, e o mais pezado dos quatro Elementos. Alguns entendem, que as aguas do diluvio, quando ſe recolheraõ, levaraõ comſigo parte da ſuperficie da terra, como nos inſinûa o Texto ſagrado; e ſe ella per-

deo a melhor parte da ſua ſubſtancia, que muito he, que em huns ſitios ſeja eſteril, e em outros pouco fecunda! Sim merece o titulo de Mãy fertil, porque a todos ſuſtenta; mas tambem lhe toca o de cruel Madraſta, quando ſe agita; pois a pezar dos epithetos de manſa, e de pacifica, com que a appellidou Plinio, nenhum Elemento aſſuſta, e eſtraga tanto ao mundo. A pag. 17. dos *Effeitos formidaveis dos Elementos* prometti relatar as raridades, que ſe omittiraõ na Terra, para que o deleite dos ſeus milagres ſuavizaſſe o terror dos ſeus inſultos; pois naõ cabiaõ em eſpaço taõ breve as immenſas produçõeſ dos ſeus prodigios; porque ainda para obra ſeparada he aſſumpto taõ vaſto, como difficil: e porque em todos os mais Elementos reſplandece a meſma immenſidade da poderoſa Omnipotencia,

cia, naõ ſeria juſto, que deixaſſemos em ſilencio as outras maravilhas, que em todos ſe manifeſtaõ, para melhor comprehendermos o infinito poder do Author da Natureza. Em todo o tempo quiz o homem indagalla, ou para refugio das ſuas doenças, ou para ſatisfaçaõ da ſua curioſidade; porém depois do primeiro Pay do genero humano ſó ſabemos, que Salomaõ conheceſſe as virtudes das plantas, e a natureza dos animaes, com aquella ſciencia, que os mais Naturaliſtas naõ alcançaraõ. Com perda irreparavel nos privou dos ſeus livros o Santo Rey Ezechias, queimando-os pelo receyo de que os homens confiados na efficacia dos remedios ſe eſqueciaõ de recorrer a Deos para alcançar ſaude.

Se antigamente foy de ſummo goſto ver a Bezerra, que fez Miraõ,

e a pintura do Cavallo, que fez Aglaofon, quanto mayor deve cauſar o ver tantos aſſombros, e ſimulacros da ſabedoria de Deos, naõ obrados por maõ humana, mas ſim pela diſpoſiçaõ Divina? Demoſtrato, Eliano, Meteodoro, e Leonidas deſprezaraõ as honras da Corte, e as riquezas do mundo pelo deleite deſta contemplaçaõ. Huma eſpecie de moeda de ouro deu o Imperador Marco Aurelio a Opiano por cada verſo dos Poemas, que eſcreveo neſte aſſumpto; o que deu occaſiaõ a chamarem-lhe os Verſos dourados.

Nenhuma obra ſeria taõ util, como a de reformar a hiſtoria natural, apartando o fabuloſo do verdadeiro. A Academia Real das Sciencias de Pariz tem feito grandes progreſſos para eſte fim; e ſem laborioſos exames de muitos Doutos,

que

que naõ ſó leaõ, mas viagem, e que naõ ſó eſcrevaõ, mas dibuxem, he impoſſivel completar eſte projecto: quanto mais que já Plinio diſſe, que os effeitos naturaes ſaõ incertos, que a todas as horas ſe nos eſcondem com o véo myſterioſo da Natureza. Bem o provaõ as ſeguintes palavras de Cicero, quando fallando de França, diz aſſim: *Que couſa haverá no mundo taõ agreſte como eſte Paiz? taõ ruſticas como as ſuas Cidades? e taõ ferozes como os ſeus habitantes?* E hoje vemos que alli exiſte o paraiſo da civilidade, e a Athenas da ſabedoria, ao meſmo tempo, que aquella antiga Eſcola das ſciencias he huma bruta habitaçaõ de barbaros.

Para poder indagar a Natureza hum Ariſtoteles, ainda Alexandre o ajudou com oitocentos talentos, que ſegundo a opiniaõ mais com-

commua fazem dous milhões de cruzados; e com o ſupremo poder ſobre todos os caçadores, e peſcadores da Grecia, e da Aſia, para que o informaſſem de todas as propriedades dos peixes, e dos animaes.

Em huma materia taõ vaſta, e taõ difficil de averiguar, que neceſſita combinar o que eſtá taõ diſperſo nos livros, e ver o que ſe acha taõ eſpalhado no mundo, naõ temos outro meyo para poder acreditar de falſas, ou verdadeiras as noticias, que os Naturaliſtas nos relataõ, ſenaõ regularmos o credito, que lhe devemos dar, pelo que merecem os Authores, em que as achamos eſcritas; porque nem devemos crer tudo como ignorantes, nem refutallo ſegundo a moda dos Criticos modernos, que para ſe habilitarem doutos, nada ha exquiſito, que elles naõ façaõ apocrifo. Eu eſtou

eſtou perſuadido, que mais teriaõ de que admirarſe os paſſados, ſe viſſem o que hoje ſe tem deſcuberto, do que nós para nos parecer incrivel o que elles nos deixaraõ na hiſtoria. Ainda naõ encontrey raridade em Ariſtoteles, Theophraſto, Plinio, Dioſcorides, Alberto Magno, Aldrovando, e outros, que igualem ao prodigio da maquina Electrica novamente achada. Que couſa mais incrivel, nem mais certa, que electrizarſe hum corpo humano, e ao mais leve toque lançar faiſcas de fogo de qualquer parte em que ſe lhe ponha o dedo, e até de hum vaſo de agua ſe tiraõ; ſendo ainda mais digno de admiraçaõ aquelle ſubito ſobreſalto, que inſtantaneamente ſe communica a quantas mil peſſoas ſe derem as mãos, em o electrizado chegando à maquina hum ferro, que aſſuſtadamente as

faz

faz largar a todos, ſem ſaberem explicar, nem conhecer a cauſa daquelle deſagradavel ſuſto, que por modo de convulſaõ os aparta! Julguem agora os ſabios da Eſcritura, que ſegredos ſaõ eſtes da Natura.

O que eſtes diſſeraõ de mais incrivel he, que houvera quem artificialmente fizera apparecer nuvens no Ceo, que produziraõ chuva; e ſahir vapores da terra, que originaraõ ventos. Pouco menos fez Monſieur l'Emery no noſſo tempo, quando produzio hum terremoto artificial, e nos enſinou o modo facillimo, com que qualquer curioſo o pode fazer; e naõ he menos admiravel a experiencia, que na Ruſſia ſe fez de attrahir os rayos com a maquina Electrica, cuja experiencia cuſtou a vida ao primeiro que fez o deſcobrimento. Até o meſmo vento artificial, e bem impetuoſo, o ve-

o vemos fazer com a maquina *Eulipila*. A' viſta do que nada deve admirar do que aqui relatarey; ſuppoſto que naõ he argumento para ſer certa huma couſa, o haver outras mais eſtranhas, que o ſaõ.

O certo he, que vemos tantas couſas, que antes de viſtas pareciaõ impoſſiveis; que já tem a Natureza ganhado credito para poder produzir toda a maravilha: tantas ſeráõ as verdades, que paſſaõ por mentiras, como as mentiras, que paſſaõ por verdades.

Por certo paſſou entre os Naturaliſtas, que os Elefantes naõ tinhaõ juntas nas pernas; e como eſta noticia naõ era de grande expectaçaõ, ninguem ſe empenhou a refutalla; e todos ſabemos, que o Elefante, que levou o preſente delRey D. Manoel ao Papa Leaõ X., tanto que o aviſtou na ja-

nella, por tres vezes ajoelhou, e da ultima chegando-lhe huma bacia chea de agua de cordova, borrifou a todos os Cardeaes, que eſtavaõ nas janellas com o Pontifice, como relata Faria, e tambem o *Anno hiſtorico* no dia 22 de Março, e certifica o Elefante de pedra, que ainda hoje ſe conſerva em Roma na praça de Minerva, como padraõ deſta memoria. Igualmente achamos, que nos eſpectaculos Romanos, que deraõ Nero, e Galba, ſe viraõ dançar os Elefantes, como volatins ſobre as cordas; e na batalha que perdeo Poró, diz Quinto Curcio, que todos os Elefantes ao meſmo tempo pozeraõ os joelhos em terra. Indicio da prudencia he naõ crer tudo, e final da ignorancia he tambem admirarnos de tudo. Naõ crimino a difficuldade de acreditar as noticias, condemno ſim

a fa-

a facilidade, com que ſe deſmentem, e a confiança, com que ſe deſprezaõ os Authores do mayor reſpeito.

§. I.

Sympathias.

OS Naturaliſtas attribuindo à Sympathia, ou à Antipathia os effeitos raros da Natureza, deixaraõ na meſma eſcuridade os ſeus milagres, ſem explicarem alguma cauſa deſtes effeitos; porque davaõ eſte nome a tudo o que naõ entendiaõ. Os Filoſofos antigos diſſeraõ, que a Sympathia era huma ſemelhança, e conformidade de qualidades naturaes dos humores, ou dos temperamentos, que fazem, que duas couſas ſe amem, e ſe buſquem; porém ainda iſto naõ declarava nada do que ſe deſejava ſaber.

Os Fyſicos modernos querendo declarallo, dizem que os corpuſculos, ou atomos, que exhallamos em delicadiſſimas particulas, produzem huma doce impreſſaõ a quem ſe communicaõ, e que chegando ao cerebro affectaõ o organo de maneira, que a ſua ſenſaçaõ ſe nos faz agradavel; e que ao contrario a Antipathia nos cauſa deſgoſto, e averſaõ. Outros dizem, que ſaõ como colchetes, que ſe prendem; e naõ ha duvida, que aſſim o perſuade o iman quando attrahe o ferro.

Graciano definio em geral a Sympathia, dizendo, que era hum parenteſco do coraçaõ, e do genio. Joaõ Bautiſta Porta ſegue, que por eſta razaõ o Elefante ſe domeſtîca à viſta do Carneiro, e a vinha foge da couve. Agrippa eſtabelece grande Sympathia nos differentes ſexos da palmeira; entre a vinha,

e a

e a oliveira ; a figueira , e a murta ; e huma Antipathia irreconciliavel entre o eſcorpiaõ , e o crocodillo; o leaõ , e o gato ; o lobo, e a ovelha ; o ſapo , e a doninha.

Tem-ſe obſervado , que alguns animaes femeas abortaraõ matandolhe o macho , de que tinhaõ concebido. Van-Elmont conta , que houve em Bruxellas muitas teſtemunhas de que hum homem , a quem cortaraõ o nariz em hum combate, comprara o de hum pobre , a quem o Cirurgiaõ lho cortara para lho cozer , e que treze mezes depois lhe apodrecera , e cahira de repente , porque o pobre , que lho vendera , eſpirara.

Semelhante acontecimento he o que diz o P. Delrio da Tarantula , que depois de haver mordido , ſe morre , ainda que eſteja diſtante do mordido , logo eſte ſara.

Mui-

Muito admira eſte caſo ao P. Euſebio: porém eu vi em Pariz, que deitando-ſe pós ſympathicos na urina de hum enfermo, e metida em huma garrafa bem tapada coberta de cinza quente, começou a ſuar o doente, apenas a garrafa começou a aquecer. Eſta experiencia fez o Medico do Rey de Polonia, e quando ſe divulgou em Lisboa por meyo da eſtampa, me lembra, que indo a rever ao Doutor Torres, Cirurgiaõ mór, lhe fez huma cenſura elegante, explicando que os effluvios, que produziaõ aquelle effeito, o naõ admirava, ainda que ſe recebeſſem de hum quarto de legoa de diſtancia.

Suppoſto que grandes Filoſofos negaõ hoje os effeitos dos pós ſympathicos, e de outros fenómenos, de que vemos as demonſtracções, ſem conhecermos as cauſas, he

he certo, que as idéas abſtractas, e metafiſicas com que argumentaõ; nada concluem, como diz o famoſo Bacon de Verulamio, e que ſó as experiencias do Mecaniſmo he que nos devem convencer. Que importa, que os effeitos ſejaõ deſconhecidos da noſſa intelligencia, ſe os virmos verificados na demonſtraçaõ? Chamem embora os Peripateticos qualidades occultas à atracçaõ do ferro com o Iman, e do Alambre com a palha, e expliquem os Modernos como lhes parecer ſemelhantes prodigios, que taõ occultos lhe ſaõ a huns, como a outros: por mais que eſtes ſe cancem em declarar as razões porque obraõ, ſempre ficaõ na meſma ignorancia, que preſumem nos outros: os leigos como eu ſó ſe convencem com os olhos, e naõ ſe perſuadem pelos ouvidos. Quem com argumentos quer deſ-

mentir

mentir o que ſe vê, pretende dar os meſmos privilegios da fé à ſua doutrina, pois quer que a olhos fechados ſe crea, e que os ſegredos da natureza naõ ſejaõ ſuperiores a toda a indagaçaõ. Pouco tempo ha que no jardim da minha quinta achando-ſe entre as murtas hum aſqueroſo depoſito, muy oppoſto à fragancia das flores, lhe deitaraõ hum pouco de brazido para caſtigar o author deſta immunda traveſſura; e naõ paſſaraõ dous dias, que huma criança, que confeſſou tella comettido, naõ eſtiveſſe com a parte inferior taõ queimada, que fazia laſtima vella, e foy neceſſario curalla. O certo he, que ſim ha homens, que moſtraõ a ſua ignorancia em crerem tudo, mas tambem ha doutos, que deſmentem eſſe caracter em naõ crerem nada.

O Padre Eſtacio de Almeida

da

da Congregaçaõ do Oratorio com o ſeu finiſſimo juizo coſtuma dizer com graça, que os Filoſofos modernos fogem de fallar nos fenómenos da Electricidade; porque talvez lhes deſmancha as regras com que nos explicaõ os outros.

Plutarco affirma, que hum touro, por mais feroz que ſeja, fica manſo atado a huma figueira: e que à balea a conduz hum peixe pequeno, da meſma ſórte que hum caõ póde conduzir hum cego. Cardano igualmente diz, que o lagarto ama ao homem por ſympathia, e que por antipathia a cauda do lobo poſta em huma cavalharice impede, que os jumentos comaõ.

Ariſtoteles quer, que a Sympathia do amor das mãys para os filhos ſeja mayor que a dos pays; aſſim como tambem he mayor o dos aſcendentes para os deſcen-

dentes, que deſtes para aquelles.

Paſquier celebra a perfeita ſemelhança de dous Irmãos gemeos, filhos dos Condes de Sabruch, que tinhaõ as meſmas inclinações, e as meſmas doenças.

Do Preſidente de Bauquemar em França, e ſeu Irmaõ, ſe diz, que o Preſidente ſentira a ferida, que o Capitaõ ſeu Irmaõ recebeo na Campanha, e que morrera poucos dias depois. Muitos ſaõ os Naturaliſtas, que eſtabelecem a Sympathia na ſemelhança, e por iſſo querem que os frutos, e as plantas, que tem a fórma de alguns dos noſſos inteſtinos, ſejaõ uteis para curar as infirmidades, que nelles houver; como por exemplo o limaõ, que tem a fórma do coraçaõ, ſerá proprio para o alegrar: e neſta regra ſe póde fundar tambem o que paſſa por certo, que o oleo do eſcor-

piaõ

piaõ ſirva de remedio à ſua mordedura ; e que a da cobra ſe cure pondo-lhe a ſua cabeça eſmagada na ferida ; a do crocodillo , com a ſua gordura ; a do rato , com a ſua carne em pó ; a do caõ , com o ſeu pello , ou lingua ; a do ſapo , com a pedra que tem na cabeça.

O que ſempre ouvi das duas cytharas , que tocada huma , a outra ſoa , naõ ſe me repreſenta fóra do poſſivel ; porque o inſtrumento muſico chamado viola de amor , em que o arco ſó toca nas cordas como de rebeca , naõ faz a ſua ſuave harmonia , ſe as cordas de arame , que eſtaõ por baixo (em que ſe naõ toca) naõ eſtiverem temperadas no meſmo ponto , em que eſtaõ as de cima.

Ainda o perſuade melhor a experiencia , que fez o doutiſſimo Padre Theodoro de Almeida da Con-

gregaçaõ do Oratorio nas cordas de hum rebecaõ, no qual poſtas duas cordas em oitavas huma com a outra, ou em quinta, tocando-ſe huma, ſe vio tremer com o movimento vibratorio a outra, e lançar de ſobre ſi hum papelinho, que ſe lhe poz; ao meſmo tempo, que as cordas intermedias, que naõ eſtavaõ poſtas em conſonancia alguma, naõ tremiaõ, nem lançavaõ de ſi os papelinhos, e ainda que ſe naõ percebe ſom diſtincto, he por ſer muito fraco, e ficar abſorvido pelo ſom mais fórte da corda que ſe toca. Da Muſica ſabemos, que curava muitas enfermidades, e até em Saul teve efficacia para deſterrar os máos eſpiritos, que o vexavaõ.

Na Hiſtoria da Academia de França *anno* 1724. *pag.* 19. vemos, que nas Ilhas de França da America ha huma raiz; a que chamaõ Api-

Apinel, que quem a maſtiga, ou esfrega com ella as mãos, póde pegar nas cobras, e fazer o que quizer dellas ſem perigo algum. Eu naõ ſey, que tiveſſe eſta raiz huma Criada das Religioſas de Odivellas, chamada Manoela; porém ſey, e ſabem todos neſte ſitio, que quando apparecia alguma na ſua Cerca, logo a chamavaõ, que ſem difficuldade a tomava às mãos, e ſahia para fóra do Convento a deitalla no campo.

A erva a que chamaõ Ouropezo, ou Orgevaõ, pondo a ſua folha ſobre a carne, de huma parte faz chaga, e poſta da outra a cura: experiencia que o Padre Meſtre Theodoro Franco da Congregaçaõ do Oratorio me affirmou ter feito.

Diodoro Siculo *liv.* 1. *p.* 2. e outros Authores mais antigos fa-

zem

zem mençaõ daquella ſempre deſejada planta chamada Nepanthe, que ſe acha nas viſinhanças de Thebas, a que querem attribuir a virtude de moderar a colera, e deſterrar a melancolia, com a qual Helena fez eſquecer a Telemaco todos os trabalhos, que padeceo. Horacio diz, que o vinho generoſo pondo em movimento o ſangue, e mais animadas as particulas, produz o meſmo effeito. Plinio tambem diſſe, que os bons alimentos deſterraõ a triſteza, e ſocegaõ as paixões; e eu digo, que a boa companhia da meſa ainda tem mais efficacia, que as meſmas iguarias, que nella ſe comem. Quem poderá duvidallo, ſabendo que eſte lugar eſtá ſantificado por Chriſto, e que nelle obrou o mayor dos ſeus prodigios? Só o irracional he que tem toda a ſua ſuavidade no ſeu paſto.

As

§. II.

Antipathias.

AS Antipathias ſe experimentaõ na oppoſiçaõ, que tem a cana com os fetos; o carvalho com a oliveira; a vinha com o loureiro; as abelhas com as beſpas; as andorinhas com as rans, e ovelhas; os veados com as cobras; e o elefante com o rato, e com o porco.

O galo, que naõ teme o leaõ, nem o cavallo, ſe aſſuſta com a viſta do milhafre; e o leaõ ſe eſtremece vendo o galo; como tudo refere Plinio, Opiano, Scaligero, Cardano, e Fraſet.

O Ichneumon (por outro nome Rato de Faraó) tem guerra com o crocodillo, a quem quebra os ovos ſem os comer; ſe o acha dormindo, entra-lhe pela garganta, e penetrando-lhe

do-lhe até as entranhas, lhas deſpedaça: ao contrario o Trochilos ſe ſuſtenta do que acha entre os dentes do crocodillo, de quem naõ recebe mal algum, e o livra das ſangueſugas, que ſe lhe pegaõ na garganta. Plin. *liv.* 8. *cap.* 24. Ariſtoteles, e Amiano Marcellino *liv.* 22. *cap.* 15. Em outras noticias acho, que eſta abominavel fera, como ſymbolo da ingratidaõ, em acabando de receber o beneficio, que lhe fez o Trochilos, fecha a boca para eſmagallo; porém como eſte paſſaro tem hum bico no coruto da cabeça, ſe fere nelle o crocodillo, e ſentindo-ſe ferido, abre a boca, e dá lugar a que o bemfeitor lhe eſcape dos dentes.

O cavallo treme com a viſta, e o cheiro do camello, como certifica a deſordem, que a Cavallaria de Creſſo experimentou no ataque

que dos Soldados de Cyro, que vinhaõ em cima de Camellos. Igualmente vemos, que quando Choſroas Rey dos Perſas ſitiou os Gregos, eſtes fazendo gritar hum porco, pozeraõ em fugida o elefante, ſobre que vinha huma torre chea de gente: diz Eliano, que por eſta cauſa coſtumavaõ criar de pequeninos os elefantes com os porcos, a fim de ſe naõ eſpantarem com a ſua viſta, e com os ſeus gritos.

O Elefante foge do Rinoceronte, como em publico feſtejo moſtrou ao ſeu povo o Senhor Rey D. Manoel; e foy taõ grande o pavor do Elefante, que mal vio o ſeu contrario, deu hum ſalto a huma porta, que tinha grades de ferro, e de ſorte ſe comprimio, que coube por entre os varões, que arrombou com o ſeu impeto para eſca-

parſe. *Anno hiſtorico, pag.* 158. do dia 4 de Fevereiro.

As moſcas fogem do mel Attico, em que já mais ſe poem. O opſilio affugenta as pulgas, aſſim como a arruda as cobras, ſegundo aſſevera Simocate.

S. Iſidoro diz, que affogando as enguias em vinho, lhe toma averſaõ quem delle bebe: mas hum certo amigo meu me aſſegurou, que fazendo-ſe eſta experiencia algumas vezes, naõ ſurtira della algum effeito. Taõ extravagantes, como ſuperſticioſas, ſaõ outras receitas, que graviſſimos Authores eſcreveraõ de effeitos ſobrenaturaes; porém ainda que pudera repetillas para recreaçaõ do leitor, ſempre as callo, pelo riſco, que podia haver de ſe communicarem ao vulgo.

A aguia tem grande inimizade com o pato, e até as ſuas pennas,

nas, que deſtroem todas, moſtraõ mais efficacia com as deſta ave. O veado, que aborrece a cobra, tambem as ſuas pontas queimadas as faz fugir. A vibora teme o caranguejo; e alguns animaes a quem ella morde, ſe curaõ fazendo-lhe comer caranguejos. Os ratos tem averſaõ aos lacraos; e aſſim a mordedura deſtes ſe remedea pondo-lhe em cima hum animal daquelles. Os leões, e os lobos cervaes ſaõ grandes contrarios; e o ſangue de ambos naõ ſe póde miſturar: e aqui vemos iguaes raridades no amor, e no odio. Tambem ſe ſepararaõ as chammas, que queimaraõ os cadaveres dos dous irmãos Etheocles, e Polynices, moſtrando neſta ſeparaçaõ o irreconciliavel odio, que ſempre tiveraõ em todo o tempo da ſua vida.

O Marichal de Albert deſ-

mayava em vendo a cabeça de huma leitoa. Buffi nas ſuas Memorias propoem huma galante queſtaõ ſobre eſte aſſumpto, dizendo, ſe ſeria licito à honra de hum homem brigando com o dito Marichal, poder levar na maõ eſquerda a cabeça do dito animal.

Montanha atteſta vira fugir ao cheiro das maçãs, como de balas de artelharia, algumas peſſoas; outros deſmayar com hum morcego; outros vomitar vendo natas. Germanico naõ podia ſoffrer nem a viſta, nem a voz do galo.

A Rainha Catholica, Mãy da Auguſtiſſima Rainha noſſa Senhora, tem huma repugnancia mortal ao cheiro das maçãs. A Senhora Rainha D. Maria Sofia igualmente a tinha contra os gatos; de ſorte que continuamente ſe andava buſcando o Paço para ſe matarem quan-

quantos nelle ſe achavaõ. Ao Conde Pacheco, filho do noſſo Enviado Franciſco de Souſa Pacheco, vi eu entrar em hum ſuor frio em caſa de Monſieur de Montagnac Conſul de França; e perguntando-ſe-lhe o que tinha, reſpondeo que naõ ſabia, mas que ſuppunha, que na caſa eſtava algum gato: com effeito achou-ſe debaixo de hum canapé, e tanto que ſe deitou fóra, ficou logo bom.

O meſmo ſuccedia ao Principe de Choarſamberg em Alemanha, como preſenciou Peſſoa de tal reſpeito, que o meſmo reſpeito, que confirma a verdade do ſucceſſo, me embaraça tomallo por teſtemunha.

Eſta meſma Peſſoa tem tal aſco ao rato, que ſem embargo das diſtinctas provas, com que tem feito reſpeitado no mundo o ſeu valor,

lor, lhe falta para ſopportar a viſta deſte animal: chegando a tanto eſta antipathia, que em huma occaſiaõ indo deitarſe bom, ao chegar à cama, diſſe para os ſeus Criados: *Sinto-me com febre.* Abriraõ-lhe os lançoes, ſahio de dentro hum rato, e ficou logo livre do quebrantamento, que ſentia. Quem duvidar deſta verdade, falle comigo, que inſtruido das circunſtancias lhe dará toda a fé.

Ao noſſo Franciſco de Albuquerque, hum dos mais valentes Soldados da Guerra paſſada, em lhe moſtrando hum rato, puxava logo pela eſpada.

Em Viana do Alentejo conheci eu Franciſco de Souſa de Faria, parente do grande Faria e Souſa, a quem, por ſer cego, lhe davaõ por peça hum peſſego, e apenas lhe tocava com a maõ, ficava como

mo convulſo, e começava a lançar agua em fio pela boca ; mas em lhe esburgando o peſſego, comia quantos lhe deſſem. Eu tive dous filhos de que ainda hum vive, que nunca puderaõ tocar o veludo com a maõ.

O Senhor Rey D. Pedro II. tinha tal repugnancia ao vinho, e ao azeite, que já mais meteo na boca couſa, que o levaſſe. De mim poderey dizer, que tenho taõ grande averſaõ a tudo que he de ſangue, que coſtumando offerecerme hum amigo humas morcellas deſte genero, (de que ſe faz grande eſtimaçaõ) naõ pude conterme da incivilidade, com que lhe pedi ſe quizeſſe abſter de mandarmas.

A meſma repugnancia ao vinho tem hum Sacerdote, de quem naõ he juſto referir o nome ; e por conta deſta averſaõ intentava con-

ſagrar

ſagrar ſem vinho ; pelo que ſendo accuſado , eſteve prezo hum anno neſta Corte : facto taõ certo , como moderno.

O Duque de Cadaval D. Nuno Alvares , ſendo de coraçaõ taõ conſtante , que via a morte dos filhos , ſem moſtrar final de pezar no ſemblante , naõ podia ver ſangrar , ſem deſmayar. Em huma occaſiaõ , que hum ſeu Caçador deu huma grande queda no mato , que ficou ſem falla , o Duque o ſangrou pela ſua maõ naquelle aperto , dizendo : *Peguem em mim , porque em o picando hey de cahir* ; como com effeito ſuccedeo. Seu filho o Duque D. Jaime (a quem devi grande honra) me contou ter preſenciado o referido.

Eu conheci em Pariz huma Dama , mulher de Monſieur d'Erman , Coronel Engenheiro , bem conhecido

nhecido pelas raridades do ſeu Cabinete, a qual em vendo na meſa coelho aſſado, entrava em grande agonia, mas tanto que cortavaõ a cabeça ao coelho, logo ficava em ſocego.

Marcello aſſevera, que Hipolito Lançano lhe davaõ ſuores frios em vendo hum ouriço; e Julio Eſcaligero confeſſa de ſi meſmo, que em vendo hum cardo, de ſorte eſtremecia, e ſe quebrantava de medo, que por força fugia.

Diz o Padre Euſebio, que dous tambores hum de pelle de cordeiro, e outro de lobo, enrouquece aquelle, quando ſe toca eſte.

Gaſſendo traz hum exemplo de antipathia, de que fora teſtemunha. Hum dia (diz elle) vira com grande admiraçaõ hum bando de porcos no meyo de huma praça a grunhirem ao redor de hum Cor-

tador para quem olhavaõ com hum ar furioſo. Em Pariz ſe vê muitas vezes os caens ſahirem das caſas a ladrar com grande violencia para certos homens, que coſtumaõ apanhallos para ſe ſervirem das ſuas pelles; e he naturalmente attribuida eſta antipathia aos eſpiritos dos animaes, que eſtes homens mataõ; e como os ſeus veſtidos eſtaõ cheios deſtes corpuſculos, he facil communicarem-ſe aos caens; e faz neſtes animaes huma enſaçaõ deſagradavel, que os move àquella demonſtraçaõ de colera. Por eſta meſma razaõ he, que o ſangue de hum homem, a quem mataõ com violencia, ſe poem em movimento, e corre da ferida na preſença do matador; o que as meſmas leys com muitos Authores nos confirmaõ. Dizem, que o cadaver do Cardeal Joaõ de Medicis deitara ſangue na pre-

preſença de ſeu irmaõ Garcia, e que com eſta experiencia o Graõ Duque de Florença ſeu pay o matara com o meſmo punhal, com que havia morto ao Cardeal ſeu irmaõ: hiſtoria que alguns Authores abonaõ, e outros negaõ.

Quantas vezes a dous enfermos em huma caſa fez mayor effeito a purga ao que a naõ tomou, que àquelle que a bebeo? Que a tremelga entorpeça o braço do peſcador, e que taõ diſtante ſe lhe communique o veneno pelo fio da cana, naõ pode cauſar aſſombro; pois com a meſma brevidade vemos communicar o ſobreſalto dos que ſe daõ as mãos na experiencia da maquina electrica.

A pedra Selenites creſce, e mingua com a Lua. Os mordidos das aranhas de Albania huns morrem rindo, outros chorando. Que

mayor prodigio, que hum rayo cahindo em hum tonel de vinho, deixe inteira a vaſilha, e abraze o licor; e outras vezes ao contrario, deixando-o illezo, conſome ſó a madeira: e o meſmo ſe admira, quando desfaz o ferro da eſpada, ficando a bainha inteira!

§. III.

Virtude do toque de algumas peſſoas.

PLinio em diverſas partes da ſua Hiſtoria natural faz mençaõ de certas raças de homens, que pelo ſeu toque curavaõ as mordeduras venenoſas, dizendo que hum homem deſta raça chamado Hexagom, indo a Roma por Embaixador de Chypre, os Conſules para experimentarem eſta virtude natural, o pozeraõ, com conſentimento ſeu, em huma tina cheya de viboras, e eſcor-

corpioens, os quaes logo principiarão a lambello. Segundo Avicena, a ſaliva de hum homem em jejum mata a todos os animaes, que picaõ com o ferraõ. Igualmente ſe diz, que os Tentyrites nadavaõ entre os Crocodillos ſem receberem dano algum; e que quando levaraõ a Roma os Crocodillos, os tiravaõ da agua, e os fizeraõ ver nas bordas de hum tanque, onde os deitaraõ depois.

Os Reys de França curaõ as alporcas tocando-as com a maõ. O Rey Pyrrho ſarava os Lieneſes tocando-lhe com o pé. O Padre Nieremberg affirma conhecer hum moço, que curava os cavallos ſó com o toque do pé; e Ruperto, que o da mulher mata a cobra em lhe tocando.

O Rey de Cambaya, que ſe havia criado com veneno, era taõ peſti-

peſtilente a qualidade dos ſeus humores, que tudo a que tocava, deixava apeſtado : baſtava cuſpir em huma peſſoa para a matar: nenhuma de ſuas mulheres chegou a ter mais vida, que a noite do ſeu noivado. *Odoardo Barboſa, e Ludovico Bartema.*

§. IV.

Viſtas perniciosas.

MUitos Authores tem eſcritõ ſobre viſtas prejudiciaes, ou para melhor dizer, de olhos que exhalaõ mortal veneno. Plinio, Solino, e Gaſſendo dizem, que na Lybia ha hum animal parecido à cabra montez, e a que daõ o nome de Catorlepa, que envenena o ar, e faz morrer aos viventes, que ſe chegaõ para elle ; e que ſe levanta os olhos, mata o objecto, em que

que os poem firme. Montanha affirma, que em ſua caſa vira hum gato eſtar fitamente olhando para hum paſſarinho, que eſtava ſobre huma arvore, e que paſſado algum eſpaço de tempo, ſe lhe deixara cahir como tonto nas unhas. Do roxinol me contou o meſmo hum homem, affirmando que vira hum roxinol hir com vozes, e geſtos de violencia meterſe na boca de hum ſapo, que eſtava defronte delle. Se as outras noticias ſaõ verdadeiras, poderá tambem eſta naõ ſer mentirofa. O meſmo Montanha diz, que hum falconeiro tinha tal virtude nociva nos olhos, que podia (ſobre o que fazia apoſtas) deitar hum milhafre no chaõ atordoado ſó com lhe pôr os olhos fitos. No *Journal de Verdun* de Novembro de 1735 vem hum homem, que matava hum ſapo à força de olhar para elle; porém

rém em huma occaſiaõ conta, que querendo fazer a meſma experiencia de matar hum ſapo, o animal olhando tambem para elle, lhe fizera tal prejuizo com a viſta, que cahira deſmayado, e que todos o ſuppozeraõ morto. O Marquez de Santo Aubin diſcorre bellamente neſte aſſumpto, e já ſobre elle exprimio Virgilio as queixas de alguns Paſtores ſobre certas viſtas prejudiciaes aos gados; e Colona refere como couſa certa, que em Napoles fora queimado hum homem, que matava toda a peſſoa, que queria, ſó com o modo com que olhava para ella; e que na fogueira confeſſara havia morto hum Biſpo. Mas naõ faltou quem diſſeſſe, porque naõ matou os Juizes, que o condemnaraõ? Plinio, e Solino igualmente fallaraõ de humas mulheres na Scythia, que tinhaõ dobradas

as

as mininas dos olhos, e que faziaõ morrer toda a peſſoa para quem olhavaõ.

Se o baſiliſco tem a meſma efficacia na viſta, naõ ſey eu; mas ſey, que a Academia das Sciencias de França, *Anno* 1710, abraça a opiniaõ, que dos ovos, que os galos poem ſem gemas, naſce o baſiliſco; e igualmente o ſey, porque morando Monſieur de Montagnac, Conſul de França, nas caſas do Conde Baraõ à Boa viſta, em preſença de todos os que converſavaõ em ſua caſa, moſtrou hum ovinho deſtes (que attribuio a hum galo muy velho, que tinha) cujo pinto, que eſtava dentro, diſtinctamente moſtrava ter a cauda de huma lagartixa. Preſentemente ſe achou na capoeira deſta minha quinta de Odivellas outro ovo deſtes, que depois de quebrado, ſe vio ter ſó

clara, e no meyo ſe lhe diviſava huma porçaõ della coalhada, que moſtrava (ao que parecia à viſta) huma ſubtiliſſima figura de pinto. Feijó concede, que haja (como elle lhe chama) eſta ſevandija; porém nega que naſça do ovo do gallo, e que mate com a viſta.

§. V.

Exceſſo de viſta.

NA viſta achamos tambem couſas extraordinarias. A de Eſtrabaõ Siciliano affirmaõ chegava na diſtancia de quarenta legoas a contar os navios em Carthago; porém eu naõ ſey, que ſe poſſa deſcobrir o horizonte a tal diſtancia, quanto mais individuar os objectos: iſto naõ he querer ſer Critico, he unicamente moſtrar, que tambem vejo as duvidas, que ſe podem pôr.

Pli-

Plinio no *liv. 7. cap.* 2. faz mençaõ de outras viſtas, que fixamente podiaõ olhar para o Sol; e igualmente trata de dous Gladiadores, que tinhaõ immoveis as peſtanas a qualquer pancada, que lhe atiraſſem, e que eraõ invenciveis. Igualmente Aulo Gelio trata de outros, que viaõ melhor de noite, que de dia. O Imperador Tiberio claramente via entre as trevas de obſcuridade por alguns inſtantes logo que acordava; e o meſmo relata de ſi Cardano, lamentando que a idade lhe enfraquecera eſta faculdade, porque já naõ diſtinguia os objectos quando acordava, como diſtinguia ſendo moço: attribuindo eſta viſaõ ao calor do cerebro, fineza do orgaõ, e à da imaginaçaõ.

O Doutor Willes conta a eſte propoſito ter conhecido hum homem, em quem o cerebro era de

hum temperamento taõ calido, que depois de ter bebido abundantemente vinho eſpirituoſo, podia ler diſtinctamente de noite. Parece, que eſta claridade ſe havia tambem communicar a quem eſtiveſſe perto delle.

§. VI.

Peſſoas que embranqueceraõ de repente.

LUiz II. Rey de Hungria de quinze annos ſe lhe fez a barba, e cabello branco, como refere Santo Aubin, e o P. Euſebio. Franciſco Gonzaga, Duque de Mantua, condemnando à morte hum parente ſeu, e eſtando para lhe darem tratos no outro dia, embranqueceo naquella noite, e por eſte prodigio lhe perdoou a vida. Em Cardano lemos o meſmo ſucceſſo com hum nobre Veneziano, que em

em quatro horas ſe lhe fizeraõ os cabellos brancos ; e entre muitos mais exemplos traz o P. Daniel na Hiſtoria de França , que o edicto de Nemours cauſara tal pezar a Henrique IV , que a parte do bigode , em que ſe encoſtara ſobre a maõ , ſe lhe embranquecera de repente ; como o meſmo Rey contou ao Marquez de la Force. Eu tambem podia trazer o exemplo de mim proprio , que aos trinta annos ſe me fizeraõ os cabellos brancos ; e tenho conhecido peſſoas de ſetenta , que quaſi os naõ tinhaõ brancos.

§. VII.

Força da imaginaçaõ.

INfinitos ſaõ eſtes exemplos da vehemencia dos affectos , e apprehenſaõ do animo. Naõ deixarey em ſilencio o que conta Areteo de hum

hum melancolico, que de ver com affecto huma rapariga, ſarou; e foy maravilha grande, que ſaraſſe a loucura aquelle meſmo affecto, que a muitos coſtuma fazer loucos. Porém mais digno de naõ ficar em ſilencio he o que tambem ſe conta da mulher de Nauſimente, que perdeo a falla de ver peccar a ſeus filhos.

O P. Nieremberg aſſevera de ſua Avó, que eſtando pejada, deſejou morangos, e foy taõ grande a afflicçaõ de naõ poder completar o ſeu deſejo, que pondo a maõ ſobre a cabeça (acçaõ ordinaria em quem ſe afflige) naſcera ſua Mãy com cinco morangos naquelle lugar, em que poz a maõ, que naõ ſó tinhaõ a meſma fórma, e côr; porém, o que mais he, que fazendo-os cortar, lhe tornaraõ a naſcer.

Maria Eſtuarda eſtando pejada

da de Jaques I. vio matar na ſua preſença hum ſeu valido, e foy tal o ſuſto que teve, e taõ grande a impreſſaõ da ſua imaginaçaõ, que ſeu filho naõ pode em toda a ſua vida olhar para huma eſpada nua: o que ſe confirma com a noticia de que quando foy armar Cavalleiro a Digbi, devendo tocallo com a eſpada no hombro, naõ pôde ſuſterſe, que naõ voltaſſe o roſto; e a naõ haver quem lhe apartaſſe o golpe, lho haveria dado na cara.

A grande memoria do Cardeal de Perron ſe attribuio ao grande deſejo, que ſua Mãy, quando o trazia no ventre, teve de huma bibliotheca.

Huma rapariga naſcida no Ducado de Berry naſceo ſem huma maõ; porque ſua Mãy, quando eſtava prenhe, coſtumava olhar para hum

hum painel, a quem a moldura cobria o braço da pintura, que parecia naõ ter huma maõ.

Em Bohemia no anno de 1540, diz Licosth, *pag.* 578, nascera hum menino com os pés juntos, o pescoço inclinado, e os sinaes das chagas nas mãos, e nos pés; o que tudo se póde attribuir à causa, que temos referido.

No Journal de Verdun no mez de Julho de 1735, vem hum rapaz da Cidade de Blois da Paroquia de Santo Honorato, que nasceo com o mostrador de hum relogio na menina do olho esquerdo, em que distintamente se contavaõ bem proporcionadas as letras Romanas das doze horas; e dizia sua Mãy, que quando andava pejada delle, tivera hum ardente desejo de ter hum relogio. Naõ podemos duvidar da efficacia da imaginaçaõ das mãys; por-

porque até nos animaes o confirma a Eſcritura naquelle lugar, em que Jacob poz os ramos das amendoeiras nas fontes, aonde o gado hia beber, pelo ajuſte, que tinha feito com Labam, de que os rebanhos, que foſſem de côr uniforme, ſeriaõ delle, e os de cores diverſas tocariaõ a Jacob.

A opiniaõ mais recebida da origem dos pretos he a que lhe daõ da maldiçaõ de Cam. Naõ pertence ao noſſo aſſumpto a vaſta materia deſta queſtaõ; direy ſó por raridade a que pertence ao Capitulo da imaginaçaõ de terem todos os pretos o nariz chato differente dos brancos. Dizem que o goſto daquella naçaõ reputa por perfeiçaõ o tello eſmagado, e que aſſim como entre nós coſtumaõ apertallo com os dedos nas crianças, para que ſe lhe forme agudo, na meſma fór-

ma lho eſmagaõ aos filhos em naſcendo ; e que coſtumadas as mãys a verem todos os narizes naquella forma, ſe lhe gravaraõ de ſórte na imaginaçaõ, que a natureza já naõ neceſſita do artificio para todos naſcerem aſſim.

§. VIII.

Couſas fóra do commum.

ARiſtoteles, e Plinio differaõ, que nenhuma criança ria antes dos quarenta dias; porém o meſmo Plinio, e Solino obſervaraõ, que Zoroaſtro fora o unico, que rira no meſmo dia em que naſceo. De huma planta, que naſce em Sardenha, ſe diz, que cauſa hum riſo mortal.

Dos Condes de Habsbourg, Avós da Caſa de Auſtria, ſe diz tambem naſciaõ todos com huma

cruz

cruz dourada ſobre as coſtas; e do grande Scandeberg, que naſcera com huma eſpada impreſſa no braço direito. O Infante D. Henrique, filho quinto delRey D. Joaõ I., e da Rainha D. Filippa de Lencaſtro naſceo com huma cruz vermelha no peito, como refere a vida deſte Principe, na primeira folha do livro, que della ſe eſtá actualmente imprimindo, eſcrita eruditamente pelo P. M. Franciſco Joſeph da Congregaçaõ do Oratorio.

De Pirrho Rey do Epiro eſcreveo Valerio Maximo, que em lugar de dentes tinha hum oſſo inteiro, que lhe guarnecia o queixo; e o meſmo ſe conta de Pruſſias Rey de Bithynia. Igualmente achamos na Hiſtoria de Valerio Maximo, que Drapetine, filha de Mithridates, tinha duas ordens de dentes. A minha caſa veyo, haverá ſete an-

nos, huma preta pequena à moſtra para ſe comprar, que tinha duas ordens de dentes em ambos os queixos, como todos della preſenciaraõ. Luiz XIV. naſceo com dentes; e na meſma forma veyo ao mundo hum minino na Villa da Vidigueira em 1754, facto que preſenciou peſſoa de inteira fé.

Em Madrid teſtemunhou toda a Corte huma rapariga, que tinha em cada minina dos olhos huma imagem de Noſſa Senhora da Conceiçaõ perfeitiſſimamente dibuxada, com que ganhou muito dinheiro.

Alexandre Capui Florentino, da Ordem de S. Domingos, diſtinctamente ſe lhe viaõ nas unhas das mãos repreſentados todos os paſſos da Paixaõ de Chriſto, com tal miudeza, como ſe podia pintar em hum quadro grande; o que tudo certifica

fica Menoch. *Stuor. p.5. Centur.* 10. *cap.* 49.

O Coraçaõ de Ricardo primeiro Rey de Inglaterra ; por antonomasia o Coraçaõ de Leaõ , lho acharaõ de huma grandeza extraordinaria ; porém os mais pequenos saõ os que passaõ por mais generosos, e valentes. O Coraçaõ do Condestavel de les Diguieres parecia de veludo: o de Aristophanes , segundo Valerio Maximo , era todo coberto de pello. *Mercurio de França de* 1626.

Hum coraçaõ humano com tres ventriculos foy apresentado na Academia das Sciencias de Pariz no anno de 1699.

Na idade de dezoito annos começou o corpo de Alexandre a exhalar fragrancia , de sórte que o seu suor deixava os seus vestidos taõ cheirosos , como se fossem perfumados ;

mados ; *Plutarc.* Demophon ſeu mantieiro tremia ao Sol, e ſuava à ſombra.

Artaxerxes Rey dos Perſas, por antonomaſia lhe chamaraõ Longimano , podia tocar com as mãos nos joelhos eſtando em pé ; ſem embargo de que Eſtrabaõ eſcreve fora hum Principe da melhor figura do ſeu tempo. O meſmo ſe affirma do noſſo Rey D. Manoel.

Os Trogloditas , naçaõ Africana , o ſeu alimento ordinario eraõ cobras. Huma rapariga ſe coſtumou tanto ao comer couſas venenoſas, que nenhum veneno lhe fazia mal ; e ella ſe fez o veneno mais refinado: e o meſmo acredita Ariſtoteles de Mithridates , que por eſte meyo de ſe coſtumar ao veneno, ſe eximio do riſco de lho poderem dar: ao que Marcial fez o ſeguinte Epigramma.

Pro-

Profecit poto Mithridates ſæpe veneno
Toxica ne poſſent ſcæva nocere ſibi:
Tu quoque caviſti cœnando tam malè ſemper,
Ne poſſes unquam Cina perire fame.

Em Pariz ſe vio hum Perſiano, que tirava ſete, e oito dentes da boca, e os tornava a meter com muita facilidade, como achamos na Academia de França *anno de* 1712, *pag.* 24. expreſſando, que tinha eſcorbuto nas gengivas.

O Imperador Juſtiniano movia as orelhas; e Cardano affirma, que muitos homens achara, que moviaõ os cabellos, aſſim como movemos os dedos.

Santo Agoſtinho conta, que alguns homens vira mover huma, e ambas as orelhas; e a outros lançar pela boca fóra do eſtomago os bocados que comiaõ, como ſe foſſe tirallos de hum ſaco, porque diziaõ qual era o que queria que ſahiſſe;

e An-

e Antonio de Souſa de Macedo no ſeu livro *Eva*, *e Ave*, que vira na Cidade de Londres hum homem, que engolia pedras, e depois dando com as mãos no ventre, ſe ouviaõ tocar humas nas outras: e o dito Santo Agoſtinho de hum Padre, chamado Reſtituto, que entrava em letargo todas as vezes que queria, e por experiencia lhe applicaraõ fogo, que naõ ſentio, ſenaõ depois que tornou a ſi. Cardano tambem de ſi meſmo diz, que entrava em letargo todas as vezes, que queria.

O Author das Cartas de Monſieur l'Abbé Beſcherant falla de hum Heſpanhol, que fazia ſahir muito para fóra hum olho, e encovar profundamente o outro para dentro.

Fr. Joaõ dos Santos no *liv.* 1. *da Ethiopia Oriental* affirma conhecera hum Cafre Chriſtaõ, chamado Pedro,

Pedro que fallecendo-lhe a mulher depois de parir huma filha, chegara a menina a seus peitos, e a sustentou hum anno com leite, que nelles teve, e que morrendo-lhe a criança de lombrigas, nunca mais tivera leite.

O mesmo refere Paulo Baconi de hum paizano na Umbria, que morrendo-lhe a mulher tambem chegara hum filho pequeno aos peitos, e que lhe viera abundancia de leite. Igual acontecimento se celebra de Clea, que sendo donzella, teve leite para sustentar ao pay na prizaõ; ao que fez este elegante Soneto Lourenço Botelho, que vem na *Nova Arte de Conceitos tom. 2. pag.* 196.

SONETO.

A Seus peitos, de amor compadecida
Clea, a ſeu Pay entre prizões ſuſtenta:
Por nova geraçaõ trazello intenta,
A darlhe em novo ſer ſegunda vida.

Em Mãy do proprio Pay já convertida,
A que era filha, quando aſſim o alenta,
Se lhe reſtaura eſpiritos attenta,
Delictos lhe deſculpa enternecida.

Naõ foy de Clea o proceder benino,
Livrar ao Pay ſomente da inclemencia
Da pena, a que o conduz o ſeu deſtino;

Mas foy querer, com ſabia providencia,
Reduzillo em ſeus peitos a minino,
Por deſmentir a culpa cõ a innocencia.

Em alguns cadaveres ſe tem achado fóra do ſeu lugar os inteſtinos: hum facinoroſo forte, e robuſto, que enforcaraõ em França no anno de 1193, ſe lhe achou o figado da parte eſquerda, o baço

à direita, e para eſta meſma parte a ponta do coraçaõ: em fim tudo fóra da ſituaçaõ ordinaria.

Ariſtoteles já obſervou o meſmo em varios animaes. No Journal des Scavans achamos o que ſe ſegue: Huma mulher de cincoenta annos, que nunca logrou ſaude, lhe acharaõ o coraçaõ ſem pericardio. Huma rapariga da Cidade de Sens, que morreo em idade de oito annos, tinha dous coraçõeſ; e o meſmo ſe achou em duas diverſas peſſoas mais. *Hiſtoria da Academia de França, anno de* 1700, *pag.* 39.

O meſmo Journal des Scavans do primeiro de Março de 1677 diz, que no coraçaõ do Papa Urbano VIII. fora achado hum oſſo, e huma eſpecie de ovinhos no cerebro.

Baile abona como teſtimunha de viſta, que huma rapariga tinha na cabeça aquelle ornato, que nos

varões casados seria descredito, e nos solteiros agouro. Se dermos credito a Bartholino, hum Religioso do Convento de S. Justiniano de Padua tinha na cabeça os mesmos penachos, e remoîa o comer como boy. Francisco de Pina e de Mello me affirmou conhecera hum certo Religioso grande jogador de tabulas, e que neste jogo era ordinariamente a sua jura: *Cornos me nasçaõ*; e com effeito lhe nasceraõ na testa junto da raiz do cabello com igual correspondencia dous lobinhos, com toda a semelhança de cornos, assim no feitio, como na dureza.

Francisco Xavier de Oliveira no 1. *tom.* das suas Cartas faz mençaõ de muitos, e curiosos exemplos semelhantes, que naõ transcrevo aqui; porque seria infausto indicio de ser cousa commua aquillo

mes-

meſmo, que refiro por raridade neſta Obra; pois ſó no Pretor Cippe foy feliz anuncio da ſoberania eſte ſignal da fortaleza, de que lhe fizeraõ o vaticinio, que elle ſujeitaria o Povo Romano; mas até nelle achamos, que antes quiz renunciar o Cetro, que lograllo com a injurioſa inſignia de tal Coroa. Vario Grande, *liv.* 15. *n.* 6., e Ovidio no *liv.* 15. das ſuas Metamorphoſes.

§. IX.

Doenças extravagantes.

SEm referir os muitos exemplos de infirmidades extraordinarias, que ſe achaõ no *tom.* 7. da Republica das letras, e no Diario dos Sabios de Pariz de 1691, direy ſó os que trazem as Memorias de Trevoux de 1705, de hum Paſtor de Sedan, que ſentio, que os ſeus oſ-

ſos

ſos lhe amoleciaõ de ſorte que podia dobrallos, e que tendo huma eſtatura ordinaria, ſe vira reduzido ao tamanho de tres annos.

O Poeta Antipater Sydonio tinha todos os annos huma ſezaõ no dia de Natal, em que naſceo: morreo velhiſſimo em igual dia, e do meſmo ataque. Schenckius *liv. 6. Obſervat. medicar.*

As Memorias da Academia das Sciencias de 1713, *pag.* 313. fazem mençaõ de dous letargos extraordinarios, o primeiro em hum carpinteiro de quarenta e cinco annos, e o ſegundo de hum Hollandez: em hum durou o ſono quatro mezes, e no outro ſeis. Nas meſmas Memorias de Trevoux do anno de 1725, achamos que em 1724 huma Religioſa Dominica em Tournai queixando-ſe de muitas dores picantes pelo corpo, reſolveraõ fazerlhe

zerlhe varias ciſuras no lugar em que as ſentia, e em todas ſe achou eſtarem depoſitadas agulhas de cambray, que por repetidas vezes ſe lhe tiraraõ de differentes partes do corpo, e entre todas ſe contaraõ até vinte e tantas. Perguntada a dita Religioſa, ſe ſe lembrava de que as tiveſſe engolido, confeſſou, que ſe lembrava muito bem, de que ſendo menina, tinha o coſtume de as trazer na boca, e de que muitas vezes lhe eſcaparaõ pela goela. Feijó no *tom. 8. diſc. 6. n. 62.* inteiramente acredita a verdade deſte ſucceſſo.

Em minha caſa ſuccedeo hum caſo, que abona o referido; porque matando-ſe huma galinha ſe lhe achou huma agulha atraveſſada na moela, a qual a provida natureza a havia cuberto por ambas as partes de huma eſpecie de ſarro, que embara-

baraçava o poder picalla a ponta da agulha. Naõ he menos eſtranho o que o meſmo Feijó refere no *tom.* 9. *pag.* 357, em o *num.* 14. de D. Juliaõ Quince actual Advogado em Oviedo (de que foy teſtemunha) quando depois de ter padecido grandes enfermidades, lançou hum ſapo pela boca ſem exorciſmo algum, nem que antes, nem depois déſſe fundamento, ou apparencia de ſer por maleficio. Franciſco de Pina e Mello me aſſegurou, que em Monte mór ainda exiſtem hum homem, e huma mulher, que lançaraõ pela via ulterior dous bichos com ſemelhança de ſapos, com que ſe livraraõ de huma maligna infirmidade, que tinhaõ padecido.

O Journal des Sçavans de Abril de 1731, faz mençaõ de que em 30 de Fevereiro de 1730 hum enfermo lançara de ſi huma lombriga, que

que tinha cinco varas de comprimento, como eſcreve o Medico de Liziers Monſieur Vieuſſens.

Alexandre Tarliano, Medico do Imperador Juſtiniano I., falla de huma mulher, que lançou outra paſmoſamente grande. Amato Luſitano atteſta vira huma de quatro covados, e Joel de ſeis varas; e tambem Plinio affirma ſe viraõ algumas de trinta palmos; e na meſma fórma Platero de quarenta, cujas hiſtorias compilou Eſquenquio. Algumas deſtas vi eu eſtampadas.

Diogo Rangel de Macedo e Albuquerque, Commendador de Santa Marinha, me contou que hum Cirurgiaõ ſeu conhecido abrindo hum braço a hum homem, por ſentir nelle hum depoſito, que o moleſtava muito, achara hum bicho como huma oſga pequena.

Hum Moço do paiz de Wir-

temberg, a quem humas ſezões tiraraõ o uſo da falla na idade de quatorze annos, ſó fallava huma hora por dia, depois do meyo dia até a huma hora, de forma que parecia, que tinha a lingua preza como a móla de hum relogio, que ſó ſe ſoltava às vinte e quatro horas; e naõ havia nenhum, que apontaſſe taõ juſto o meyo dia, como quando elle começava a fallar. *Rep. das Cartas de Outubro de* 1685, allegando a Montzelío.

A Senhora Condeſſa do Redondo Mãy muitos annos viveo com a goela totalmente tapada para poder comer, e ſó ao meyo dia, que lha abria com hum inſtrumento de ferro o Cirurgiaõ da Camera de S. Mageſtade Antonio Soares, he que podia receber alimento. Deſta, e de outras queixas igualmente extravagantes, (e todas mal empregadas

gadas no ſeu merecimento, e virtudes) ſarou de repente com o ſuſto do terremoto de 1755.

O Padre D. Antonio Caetano de Souſa, Deputado da Junta da Cruzada, e Author da grande obra da Hiſtoria Genealogica da Real Caſa Portugueza, ſete annos a fio foy atacado de formidaveis bexigas.

Huma filha do Duque de Cadaval D. Jaime acabando de as ter, novamente foy inſultada dellas, com a meſma força, e ſymptomas.

Em huma terrivel peſte, que quaſi deſpovoou Conſtantinopla, todos a quem ella atacou, ſe ſuppunhaõ cheyos de eſtocadas, e morriaõ das feridas imaginarias. *Card. de Subtilit. liv.* 2.

Luciano refere, que no reinado de Lyſimacho os Abderitas foraõ atormentados de huma febre

na muy violenta, que terminava no ſetimo dia por huma perda de ſangue, ou ſuor; mas o que era mais extravagante he, que todos os feridos deſte mal recitavaõ as Tragedias de Andromeda de hum ar grave, e tom funebre; de ſorte que toda a Cidade eſtava cheya deſtes comediantes pallidos, e desfigurados, que continuamente gritavaõ: *Oh tiranno amor dos Deozes, e dos homens*! recitando melancolicamente o reſto da obra; o que durou até a chegada do inverno, que com hum grande frio deſterrou eſte frenesí. O meſmo Author diz, que neſte tempo havia hum grande repreſentante chamado Archelao, que com grande applauſo repreſentava a dita tragedia na eſtaçaõ mais ardente do Eſtio; de ſorte que muitos ſahindo do Theatro cahiaõ na cama, e logo pela manhã começavaõ

vaõ a contrafazer aquillo de que tinhaõ as idéas cheias.

Galeno deſcreve outra doença bem particular de hum homem chamado Theofilo, que fallava com bello propoſito, e em tudo moſtrava ter bom juizo, menos em imaginar, que em hum canto da ſua caſa eſtavaõ huns tangedores de flauta, que naõ ceſſavaõ de tanger noite, e dia; e dizia a forma com que os via, e a poſtura em que eſtavaõ, rogando encarecidamente lhe tiraſſem dalli aquelles importunos: ſarou deſta doença, e lembrava-ſe de tudo, que havia dito, e feito, e da grande afflicçaõ, que lhe cauſavaõ as taes flautas.

A peſte deſcripta por Tucydides tirou totalmente a memoria do paſſado em todos que eſcaparaõ.

O Marquez de S. Aubin no *liv.* 6. do *Tratado das Opiniões*, *pag.* 14.

14. faz mençaõ de huma epidemîa, que fez grandes eſtragos em França: os doentes cahindo como em hum accidente, começavaõ a dançar inceſſantemente com tal furor, e teima, que arrebentariaõ, ſe lhe naõ acudiſſem a atarlhe o ventre com cintas. Eſte contagio creraõ ſe communicava com a viſta, e que tinha principio em feitiçaria; curouſe com a muſica. Tambem he raridade, que em França ſe crea em feitiços.

Em Polonia ha huma doença nos cabellos, que os embaraça, e enche de hum humor venenoſo; os quaes, ſe os cortaõ, parece ſe communica nas partes do corpo com dores taõ agudas, que por fim cauſaõ a morte. *Agoſt. Calmet Diſſert. ſobre o ſuor de ſangue, tom.* 7. Os Medicos, diz o Marquez de S. Aubin, ſouberaõ nomeallo em Latim *Pli-*

Plica, mas para o curarem perderaõ o ſeu Latim. Eſta infirmidade he contagioſa aos Polacos, e principalmente aos Ruſſianos : principiou no tempo de Leſco Nigro Principe de Polonia, quando os Tartaros entraraõ na Ruſſia Roxa inficionando as aguas com coraçõeſ humanos envenenados, como deſcreve Eſcultero, e Saxonia.

O Imperador Arnoldo, Rey de França, e Filippe II. Rey de Heſpanha morreraõ comidos de piolhos, além de outras perſonagens, de que Plutarco faz menção: e aqui vemos que até neſta doença ſe naõ diſtingue o Soberano do humilde, e do miſeravel.

Peſſoas

§. X.

Peſſoas que diſcorriaõ dormindo, e que fallaraõ ſem lingua.

TAõ paſmoſa como abonada he a raridade, que o Padre Euſebio Nieremberg nos affirma obſervara por ſeis vezes, que hum eſtudante na ſua Religiaõ de excellente genio, e erudiçaõ fallava dormindo, com tal concerto, e engenho, como acordado naõ poderiaõ igualar os mais doutos; e que pelo eſpaço de tres, e quatro horas, humas vezes prégava com conceitos agudiſſimos, e de admiravel energia, e acçõeſ dos braços, como ſe eſtiveſſe no pulpito. Diſputava, e declarava alguns pontos Theologicos com grande comprehenſaõ, e clareza, reſolvendo-os com todos os ſeus fundamentos; juntando algumas

gumas novas obſervaçõ̃es nas controverſias mais difficultoſas. Em fim nas humanidades, e na poezia repetia, e compunha de ſorte que os ouvintes podiaõ̃ concorrer, mais para ſe utilizarem deſta aula, que para admirar aquelle prodigio de o ver diſcorrer dormindo. Naõ̃ cabe no noſſo breve aſſumpto poder repetir o que o dito Padre delle eſcreve a *pag.* 287. da ſua *Curioſa Filoſofia*. Conclue dizendo, que ſe o acordavaõ̃ naquella occaſiaõ̃, ſentia grande aperto no coraçaõ̃. Infinitos ſaõ̃ os exemplos de peſſoas, que dormindo naõ̃ ſó andaõ̃, mas que foraõ̃ à fonte buſcar agua, e que ao cahirlhe a quarta da cabeça he que acordavaõ̃.

Vivas ſaõ̃ as muitas teſtemunhas, que conheceraõ̃ em Caſa do Conde da Ericeira huma mulher fallando ſem ter lingua. Tendo noti-

cia deſta raridade a Academia de França, ſe informou della, eſcrevendo ao dito Conde, o qual com a ſua coſtumada elegancia lhe reſpondeo com hum diſtico, em que dizia, que eſta fora a primeira vez, que ſe vira mulher ſem lingua, mas que era tal o ſeu influxo de fallar, que até fallava ſem ella.

O Doutor Martines, citando a Doleo, certifica, que em huma rapariga ſe viraõ duas linguas.

§. XI.

Gigantes.

TAntas ſaõ as opiniões, que confirmaõ haver Gigantes, como as que o reputaõ por fabula. He certo que de fé ſabemos, que os houve: os Rabbinos nos diſſeraõ, que do ajuntamento de eſpiritos Angelicos attrahidos da formoſura

ſura naſcera eſta raça ; porém eſta opiniaõ taõ mal ſoante era fundada no livro apocrifo de Enoch. Lugares ha na Eſcritura , que terminantemente comprovaõ haver Gigantes. O Deuteronomio *cap.* 3. 8. 11. expreſſa , que Og Rey de Baſan fora o unico, que ficara deſta raça , e que o ſeu leito tinha vinte e dous pés de comprimento. Da eſtatura do Goliat nos diz a meſma Eſcritura ter mais de quinze pés , que monta a vinte e dous palmos e meyo do pé portuguez. Herodoto faz mençaõ de hum Capitaõ das Tropas de Xerxes , que tinha igualmente quaſi treze palmos de alto. Plinio , e Solino dizem tambem , que no reinado do Imperador Claudio trouxeraõ da Arabia hum gigante chamado Gabbara , que tinha nove pés , e nove polegadas de alto ; e naõ menos de outros dous no tempo de Auguſto

da meſma eſtatura ; cujos oſſos ainda muitos annos depois da ſua morte ſe moſtravaõ. Joſepho tambem trata de outro gigante Judeo da meſma altura , que fora mandado a Tiberio. Santo Agoſtinho ainda que naõ expreſſa a medida de huma mulher , que appareceo em Roma , algum tempo antes da invaſaõ dos Godos , declara que era taõ exceſſivamente alta , que todo o povo concorria a vella.

A Academia de França das bellas letras no *tom.* 1. *pag.* 125 , e *tom.* 3. *pag.* 16. traz huma Chronologia , que lhe preſentou em 1718 Monſieur Henrion , em que dava a Adaõ cento e vinte pés de alto , e a Eva cento e dezoito ; e ſegundo a ſua diminuiçaõ já em Moiſés ſuppunha ſó treze , e dahi para cá deſpoja a natureza humana daquella mageſtoſa grandeza , que até entaõ lhe

lhe attribue : creyo que arbitrariamente.

Na quinta, que foy do grande D. Joaõ de Caſtro em Cintra, ſe conſerva hum oſſo de deſmarcada grandeza ; porém tem-ſe averiguado, que a mayor parte de ſemelhantes oſſos ſaõ de animaes, e naõ de homens.

Aſſim como dizem os Naturaliſtas, que o tamanho que temos a tres annos, he ametade da eſtatura, que teremos em grandes ; tambem dizem pelas obſervaçõeſ de Inglaterra, que ſomos mayores quando nos erguemos, que quando nos deitamos ; porque a fadiga do dia comprime os nervos, e o curſo dos eſpiritos ſe dilata quando dormimos.

§. XII.

Anões.

TOdos nós temos visto Anões, e só podemos contar por raridade mayor o haver naçaõ taõ miuda. Estrabaõ, e outros a negaõ; porém Aristoteles, e Plinio com infinitos, e graviſſimos Authores o confirmaõ; e até se prova com a sagrada Escritura no lugar de Ezequiel, onde diz, que as torres estavaõ occupadas por Pigmeos. Se de fé sabemos, que houve Gigantes, porque naõ haveria Pigmeos? Ainda hoje se encontraõ no mundo estaturas com os dous extremos. O que o mesmo Aristoteles expressa delles, saõ as seguintes palavras: *O que se conta dos Pigmeos, naõ he fabula, mas sim huma verdade pura*; e entre os mais Authores de grande credito naõ saõ de pequena San-

to Agoſtinho, e S. Jeronymo, que igualmente convem, em que ha eſtes povos, que combatem com os grous. Porém eu que ſó me toca referir as noticias raras, que eſcreveraõ os Authores de nome, naõ me importa, que os creaõ, nem que os refutem: com elles, e naõ comigo contendaõ os ſenhores Criticos, que eu protéſto naõ tomar partido na pendencia.

Diz Evigné, que o Poeta Philitas era taõ pequeno, que lhe punhaõ chumbo nos pés, para que o vento o naõ levaſſe. Varro atteſta, que dous Cavalheiros Romanos naõ tinhaõ mais, que tres palmos cada hum, os quaes ſe conſervavaõ por raridade ſecos. Porém mayor monſtruoſidade de pequenhez he a que relata Suetonio de outro Anaõ, que ſó tinha dous palmos, e de pezo dez arrateis, que

Auguſto

Auguſto em eſpectaculo publico fizera moſtrar ao povo; o qual tinha huma voz extraordinariamente forte. Cardano tambem relata, que vira outro em huma gayola como hum papagayo, que ſó tinha palmo e meyo.

§. XIII.

Vidas dilatadas.

SEm fallarmos nas vidas dilatadas, que tiveraõ os Patriarcas, faremos mençaõ ſó daquellas, que depois que Deos com o caſtigo univerſal do diluvio as eſtreitou a cento e vinte annos, *Geneſ. cap.* 6. *verſ.* 3.

Por ordem do Imperador Veſpaſiano foraõ achados ſó na Italia hum grande numero de peſſoas de cento e vinte, e cento e quarenta annos, de que faz Plinio hum catalogo dilatadiſſimo.

Vo-

Vopiſco refere varios exemplos de muitas peſſoas, que aos cem annos cobraraõ a viſta, e as forças, e a quem naõ ſó ſe fizeraõ os cabellos pretos, mas o caraõ lizo. Plempio cita igual exemplo em hum Indio, que vivera trezentos e quarenta annos, que tres vezes remoçara: accreſcenta, que naõ póde haver mayor loucura, nem igual imprudencia, que duvidar os caſos grandes, ſem outro fundamento mais que naõ ſe haver viſto outro ſemelhante. Alberto Magno affirma como teſtemunha ocular ter preſenciado a circunſtancia, que referimos daquelles, que na velhice ſe lhe fazem os cabellos pretos, e lhe naſcem os dentes de novo. Em algumas Memorias ſe acha, que em Portugal a 17 de Outubro de 1731, morrera Joaõ Rodrigues natural da Villa de Collares em idade de cen-

to e vinte e cinco annos ; e que no meſmo dia , e algumas horas antes morrera ſua mulher Antonia Rodrigues de cento e quatro.

Domingos Affonſo natural de Medeiros , Provincia de Tras os montes , caſou de noventa annos: viveo ainda quatorze annos depois de caſado , em que foy por duas vezes Vereador em Montealegre: morreo no anno de quarenta e hum de huma queda , com que cobrou as coſtellas. No meſmo lugar vive ao preſente Iſabel Marques , ſolteira , que paſſando de cento e vinte annos , conſerva a melhor ſaude , e robuſtez: hum , e outro ſaõ parentes de hum criado meu.

Na relaçaõ das peſſoas , que morreraõ em Londres deſde 20 de Dezembro de 1729 até 26 de Dezembro de 1730 , vem ſeiſcentas peſſoas de oitenta , e noventa annos ,

nos; e cento e noventa, entre noventa, e cem. O ſegundo Mercurio de França de Outubro de 1732 traz a morte de hum Cavalheiro Inglez chamado Leland, que morreo de cento e quarenta annos.

No noſſo tempo em Temeſwar achou o General Conde de Mercy hum paizano de cento e ſetenta e cinco annos cazado com huma mulher de cento e trinta, a quem quiz logo remetter ao Imperador Carlos VI.; porém receando que a fadiga de jornada taõ dilatada lhes tiraſſe as vidas, ſe contentou de lhos mandar retratados, cujos retratos ſe conſervaõ em hum Cabinete de raridades. Huma teſtemunha do mayor credito relatando o referido, expreſſou as circunſtancias de que eſtaõ pintados cada hum com ſua maçaroca de milho na maõ. O ſogro do pintor Carlos Antonio, que aſ-

ſiſte no palacio das Neceſſidades, tem cento e doze annos, e tal agilidade, que ainda vay todos os annos ganhar o jubileo a Mafra a pé; porque diz o naõ ganha, ſe for em carruagem.

O Padre Meſtre Theodoro Franco, da Congregaçaõ do Oratorio, me certificou conhecer na Villa de Peniche a Violante Farta de cento e quinze annos, e com tal robuſtez, que bailava como huma rapariga, e naõ tirava a roca em todo o dia da cinta.

Peſſoa de grande talento, e verdade examinou na era de 1735, ſer certo, que huma mulher da Freguezia da Sé Velha tinha cento e cincoenta e ſete annos: naõ ſey ſe morreo no Terremoto.

Na Freguezia de Noſſa Senhora da Pena ſe deſobrigou em 1753 hum alfayate de cento e trinta e tres annos. Em

Em Abrantes com cento e trinta e seis morreo hum Religioso conservando perfeito juizo: chamavaõ-lhe por antonomasia o *Prelado*, pelas repetidas vezes que o foy.

Na Freguezia de Santos morava hum esparteiro chamado Domingos Duarte, cujo Pay, e Mãy passavaõ muito dos cem annos, e moravaõ na Freguezia dos Olivaes, que ouço falleceraõ depois do Terremoto. Do mesmo districto he hum velho chamado Joaõ Rodrigues de cento e cinco, que ha poucos dias veyo a minha casa, conservando bastante agilidade, e grande presença de toda a antiguidade em que lhe fallaõ.

Infinitos seriaõ os exemplos modernos, que poderiamos relatar das pessoas, que tem chegado a estas, e outras idades mayores. Muito poderia deleitar a sua narraçaõ

ao Cardeal da Cunha, que coſtumava dar huma moeda de ouro a toda a peſſoa, que ſe lhe moſtrava de cem annos: porém naõ he juſto fallar tanto nas vidas alheas, nem embaraçar aos homens a preciſa lembrança, que devem ter da ſua brevidade; e para evitar eſſe prejuizo, relatarey o que a eſte aſſumpto diz Plinio: *A vida he breve, fragil, perigoſa, e de curta duraçaõ, ainda medindo-ſe pelas mais dilatadas. Quanta ſe vay no ſono? A ametade he retrato da morte, ou nos ſerve de tormento. Toda a idade da Infancia ſe deve deſcontar, porque nos falta o raciocinio; e toda a da velhice, porque nella ſeria mayor felicidade naõ ter diſcurſo: tantos perigos, doenças, temores, e cuidados continuamente poem ao homem em ſituaçaõ de deſejar a morte por alivio.*

Em fim para total deſengano morreo

morreo o Padre Fr. Luiz Salazar, Religioſo Trino nas ruinas do Terremoto, que com cem annos de idade comia, e bebia por cem homens toda a caſta de manjares, e diverſidades de bebidas, a pezar da paſmoſa raridade, de que já mais deſcomia ſem o intervallo de quinze, ou vinte dias: a naõ ſe empenhar toda a terra no golpe de ſepultallo, parece que elle, e o mundo veriaõ ao meſmo tempo o ſeu fim. Aqui vemos deſmentida a opiniáõ de Cornaro, que para conſervar a vida tanto nos recommenda a parcimonia do ſuſtento. Muito mal ſoffreo o Padre Fr. Luiz, que meu ſogro traduziſſe o livro deſte ſyſtema; porque coſtumava chamar ao ſeu Author o *Hereſiarca da fome*, e ſeguir aquelle ſyſtema de hum Inglez com cem annos de idade, de que Bacon diz, que ſempre

ſe

ſe prevenira a comer, e beber antes de lhe chegar a fome, e a ſede. Joſeph da Cunha Brochado, que contou mais de oitenta annos ſem achaques, comia pouco, e a miudo; e coſtumava dizer com o ſeu admiravel juizo, que o eſtomago era como a pedra de hum moinho, que ſe lhe deitavaõ muito trigo, naõ podia moer, e ſe lhe naõ deitavaõ algum, ſe gaſtava a ſi meſmo.

§. XIV.

Peſſoas decrepitas, que tiveraõ ſucceſſaõ.

TAõ curioſos, como vaſtos ſeriaõ os exemplos de mulheres, e homens velhiſſimos, que tiveraõ ſucceſſaõ, ſendo já decrepitos.

A idade de Cataõ, chamado Cenſor, naõ ſey eu; mas ſey, que todos os Authores dizem, que tendo

do oitenta e ſeis annos, tivera hum filho que foy pay de Cataõ de Utica. Jagellon, Rey de Polonia, depois de noventa annos teve dous filhos, Ladiſſas, e Caſimiro. Nicoláo Palavicini foy igualmente pay tendo cem annos. Na Academia das Sciencias de Pariz *anno de* 1710, *pag.* 16. achamos, que no Biſpado de Sens hum homem de noventa e quatro annos caſara com huma mulher de oitenta e tres, pejada delle, e que parindo hum rapaz, dera occaſiaõ a Monſieur de Fontenella para dizer, que os tempos dos Patriarcas eraõ chegados, ou que ainda naõ eraõ paſſados.

No Journal de Verdun em Abril de 1731 vemos que a mulher do Sieur Oblet na idade de ſeſſenta e dous annos em dezaſete de Fevereiro do dito anno pario junto dous meninos, e huma menina.

Fr. Joaõ dos Santos no *liv.* 1. *da Ethiopia Oriental* atteſta vira perto do rio chamado *Inhaguea* (que fica entre Sofala, e o rio de Luabo) huma negra de mais de ſetenta annos, parida de poucos mezes, dando de mamar ao filho.

Portugal Reſtaurado faz mençaõ de Ruy de Figueiredo e Alarcaõ, que caſou de grande idade, e teve ſucceſſaõ, de que deſcende o illuſtre, e honradiſſimo Fidalgo Rodrigo Antonio de Figueiredo, Gentilhomem da Camara do Senhor Infante D. Manoel.

Agoſtinho de Mello, Senhor da Caſa de Capa rota, irmaõ da mãy de Pedro de Mello, Secretario de Guerra, caſou agora com huma filha do dito ſeu ſobrinho, tendo já feito oitenta e quatro annos.

Manoel Carvalho aſſiſtente em Merchial termo de Torres Vedras, bau-

bautizado na Freguezia de Santa Suſana do meſmo lugar, caſou de noventa annos, e aos noventa e quatro teve hum filho, que ſe chama Manoel, o qual ſe bautizou na referida Freguezia no meſmo dia, e na meſma agua, em que ſe bautizou hum ſeu biſneto. Ha poucos dias, que eſteve neſte ſitio de Odivellas, onde tem hum genro chamado Domingos Simões, aparelhador das Obras Reaes, e duas netas, que ſaõ confeiteiras. Eſtá com tal rebuſtez, que vem, e vay a pé para a ſua terra, e taõ freſco, que naõ denota a idade, que tem.

Tambem acho, que Atila tendo cento e vinte e quatro annos, caſara com huma rapariga muito bonita, e que na meſma noite do noivado morrera lançando ſangue pela boca. Eſte exemplo, e outros perigos, que devem os velhos te-

temer, lhes ſirva de advertencia para naõ caſarem.

Naõ he objecto de menor admiraçaõ, que na tenra idade de dez annos foſſe pay do Santo Ezechias, o impio Rey Achaz, *liv.* 4. *dos Reys*, *cap.* 16. *n.* 2. *p.* 28. Iſai, *cap.* 7.

§. XV.

Peſſoas que tiveraõ grande numero de filhos.

BEm ſabido he que Babon de Abenſperg aſcendente da Caſa de Baviera teve trinta e dous filhos, e oito filhas; e que ao Imperador Henrique II. apreſentou juntos os trinta e dous filhos.

Fernando de Eça filho do Infante D. Joaõ, e neto delRey D. Pedro I., teve de ſua mulher D. Maria Telles de Menezes quarenta e dous filhos. *Epitome de Faria*, e *Du-*

e *Duarte Nunes de Leaõ*, *pag.* 150.

Trinta e dous teve Gaſtaõ de Beaulieu, Cavalheiro Francez, de ſua mulher Catharina de Reymondo, que na idade de cento e tres annos, que viveo, ſervio a ſeis Reys, Franciſco I., Henrique II., Franciſco II., Carlos IX. Henrique III., e Henrique IV.; prerogativas taõ honradas, como certas, pois ſe confirmaõ pelas avultadas penſões, que dos ditos Reys conſerva a ſua poſteridade em attençaõ às duas particulares circunſtancias, que temos referido, como he conſtante nos Hiſtoriadores Francezes.

Atila, Rey dos Hunos, teve tantos filhos, que diz Journand no *cap.* 50. podia compor hum povo, e que todos pretendiaõ ter quinhaõ nos ſeus Eſtados.

Se Pompeo alcançara eſtes tempos, tinha vaſto aſſumpto para ornar

nar o ſeu Cabinete com os retratos deſtas peſſoas ; pois entre as illuſtres fez collocar o de Eutyche , por haver tido trinta filhos ; numero que a Senhora Condeſſa de Santiago tambem contou.

Calcia, matrona nobiliſſima , mulher de Lucio Cayo , Varaõ Conſular , natural de Braga , e Governador de Portugal pelos Romanos , teve de hum parto nove filhas , que ſe chamaraõ : Genebra , Eufemia , Victoria , Marciana , Germana , Marinha , Quiteria , Baſilia , Wilgeforte , a quem o Santo Ovidio Arcebiſpo de Braga poz os nomes nos bautiſmos , que lhes fez dar , ſabendo que ſua mãy tomando por afronta aquelle parto , as havia mandado lançar ſecretamente no rio : todas foraõ Santas , e alcançaraõ a laureola do martyrio.

Mathias Michon eſcreve , que hu-

huma mulher parira trinta e ſeis filhos de hum parto. Alberto Magno diz, que Methilde, Condeſſa de Hollanda, de outro parto parira trezentos e ſeſſenta e ſeis; o que tambem confirma Gelino com outros muitos Authores. Ainda hoje aſſeguraõ ſe moſtra na Igreja de Loſduynem perto da Haya o lugar em que foraõ bautizados, como monumento deſta hiſtoria, bem que alguns Authores a refutaõ.

Na Villa de Torres Vedras em 1734 pario huma mulher cinco crianças juntas, e faltando-lhe as forças, na ultima eſpirou.

Entre as raridades dos partos devemos fazer mençaõ do que refere Ariſtoteles de huma mulher no Egypto, que de quatro partos teve vinte filhos; o que naõ ſó atteſta igualmente Plinio, mas o confirma o Juriſconſulto Paulo: no Mercurio

curio de Fevereiro de 1731 vem muitos caſos deſtes.

§. XVI.

Anticipaçaõ do entendimento.

AS Memorias de Trevoux de Janeiro de 1731, e o Mercurio de Mayo do meſmo anno referem o caſo da mayor admiraçaõ, e da mayor certeza. Em 1721 naſceo em Lubek Chriſtiano Henrique Hemekem: aos dez mezes fallou; aos treze ſabia a Eſcritura ſagrada; aos dous annos e meyo eſtava ſenhor da Geografia, e da Hiſtoria antiga, e moderna; pouco depois fallou Latim, e Francez; ao terceiro anno conhecia a Genealogia das principaes Caſas da Europa. Viajou no quarto anno da ſua idade; e achando-ſe em Dinamarca, comprimentou ao Rey, e a toda a Fami-

Familia Real com huma oraçaõ muy engraçada, e na volta he que aprendeo a eſcrever, porque até alli naõ podia ſuſtentar a penna na maõ: era muy delicado, e doente: quaſi ſempre ſe alimentou com o leite de amas, e unicamente comeo alguns mezes antes da ſua morte, que foy em 27 de Junho de 1725: nella moſtrou a mayor acçaõ da ſua vida pela conſtancia, e chriſtandade, com que eſpirou. Seu Meſtre eſcreveo a ſua vida, e varios Authores fazem mençaõ delle; e naõ menos Monſieur Martini, que explicou as razões do prodigio; e Monſieur de Santo Aubin igualmente o eſcreve por certiſſimo, ſendo o mais auſtero fiſcal de toda a noticia; que poucas ſaõ as que naõ refuta.

Agora pergunto aos Criticos, que partido tomaõ neſte caſo? Se o ne-

o negarem, eu naõ ſey a que Authores haõ de dar credito, duvidando os de tamanha fé, que relataõ hum facto de dous dias, acreditado na preſença Real de hum Monarca, e de Principes, no coraçaõ da Europa, onde haverá milhares de peſſoas, que o viſſem. Se o concederem, peço-lhe a razaõ da differença, para crerem eſte eſpantoſo acontecimento, e duvidar outros, que naõ cauſaõ igual admiraçaõ.

Sey que antes de ſahir à luz neſte livro eſta noticia, preparavaõ alguns Criticos os alvoroços para ſe rirem della, ſem ſaberem, que tinha paſſado pela chancellaria do Critico mór o doutiſſimo Feijó, onde no *tom.* 6. *diſcurſ.* 1. *n.* 70. a podem ver regiſtada, com muitos outros exemplos de crianças, que nas mais tenras idades ſe conſumaraõ varões.

varões doutiſſimos. Para confundil-los quero aqui tranſcrever a reflexaõ, que o meſmo Feijó faz neſte aſſumpto. Contém pois o ſeguinte: *Nueſtro groſſero modo de diſcurrir ciñe la poſſibilidad al eſtrechiſſimo ambito de la experiencia. Aquello que nunca vemos, imaginamos repugnante; como ſi lo poco que Dios haze preſente à nueſtra viſta, fueſſe el ultimo esfuerzo de la Omnipotencia. Poner raya a lo poſſible, es ponerſela al Todo Poderoſo.*

Do Cardeal de Lugo dizem alguns Authores, que aos tres annos ſabia bem Latim, e hum pouco de Grego.

Hum Menino Heſpanhol chamado Fernando do Valle, que naſceo em Madrid em 1721, aos onze annos fez na Corte de França huma Oraçaõ na preſença Real. Sabia muito bem Latim, Grego

Francez, Italiano, antes dos ſete; enchendo de admiraçaõ a todo Pariz: conſeguio, que todos os Principes do ſangue, e o Cardeal de Fleury, que entaõ governava, lhe fizeſſem magnificos preſentes. O Marquez de Santo Aubin affirma ſer ſolida a ſciencia, que tinha deſtas linguas; porque aonde ſe lhe abria o livro na ſua preſença o explicava; e naõ póde melhor abonarſe eſte facto, que referillo, como teſtemunha de viſta, quem tomou por aſſumpto a Critica de todas as noticias. Feijó no 4. *tom. do Theatr. Crit. diſcurſ.* 14. *n.* 108. ainda he muito mais extenſo em relatar a vaſtidaõ da ſua ſciencia.

Guſtavo Heimfeld, filho do Senador de Suecia, aos dez annos ſabia doze linguas, e era Filoſofo, com baſtante tintura de Theoloma, e da Mathematica, como no meſ-

meſmo Capitulo refere Feijó.

Hum rapaz chamado Antoniano, de muy tenra idade fez de repente hum Elogio ao Cardeal de Medicis, que depois foy Papa Pio IV.; o qual duvidando, que os verſos foſſem ſeus, e ouvindo ao meſmo tempo dar horas hum relogio, que eſtava na caſa, lhe mandou que poetizaſſe ſobre aquelle aſſumpto; o que logo de repente ſatisfez com tal elegancia, que Eſtrada refere os verſos nas ſuas obras, naõ ſey ſe com demaſiado encarecimento.

Bayle nas Crianças illuſtres refere, que Hermogenes de Thracia depois de ſer profeſſor da Rhetorica em idade de quinze annos, e author de varias obras aos dezoito, eſquecera tudo aos vinte e quatro; o que deu occaſiaõ a dizerſe delle, que fora velho na mocidade, e menino na velhice.

O fa-

O famoſo Fernando de Cordova floreceo quaſi no fim do decimo quinto ſeculo: os Authores fallaõ deſte Heſpanhol, como de hum monſtro das artes, e ſciencias: ſabia perfeitamente a lingua Hebraica, a Grega, a Latina, a Arabica, a Caldea; e da meſma ſorte o direito Civil, e Canonico, a Mathematica, a Medicina, a Theologia. Affirma-ſe, que ſabia de cór naõ ſó a Biblia, mas os livros de Nicoláo de Lira, de Santo Thomaz, de S. Boaventura, de Alexandre de Ales, de Eſcoto, de Ariſtoteles, de Hypocrates, de Galeno, e de Avicena, e outros muitos Authores de direito, que elle repetia, e citava com toda a certeza, e fidelidade; o que fez preſumir a alguns, que elle era feiticeiro, e a outros que era o Antichriſto. Todas eſtas ſciencias eſtavaõ acompanha-

nhadas de huma grande mod
O Diario de hum Cidadaõ
riz, referido por Theodoro Goc
nas Obſervaçõeſ ſobre as hiſ
de Carlos VI., e Carlos VII.
França, accreſcenta a todas
maravilhas, que o meſmo
va era hum grande Soldad
de pé, como de cavallo; qu
va excellentemente as armas,
cialmente o montante; que
com perfeiçaõ todos os inſtrume
tos; cantava, e dançava da meſ
ma ſorte; que era inſigne Pintor
Illuminador; e que ſe hum home
pudeſſe viver cem annos ſem co-
mer, nem beber, nem dormir, par
ſe applicar ſomente a todas eſtas
tes, e ſciencias, nunca as pode
alcançar da meſma ſorte, que el
prodigioſo Heſpanhol. Além do di-
to Diario, trataõ delle Bzovio *An-*
Chriſt. 1501. *n.* 18, *e* 91. He

a *Hiſtor. Eccleſiaſt.* ao *Seculo*
. *ſect.* 3. e Nicoláo Antonio na
ibliotheca.

Manoel de Tavora, filho do
rquez de Tavora Vice-Rey da
, na mais tenra idade teve a
comprehenſaõ, pois falle-
de cinco annos, e dez me-
bia a Hiſtoria ſagrada do ve-
e novo Teſtamento; a Hiſto-
Romana, e a Geografia, reſ-
pondendo às diverſas perguntas, que
ſe lhe faziaõ neſtas faculdades; ex-
licando a eſféra, e os Mappas.
abia a lingua Franceza, e grande
parte da Hiſtoria deſta Monarquia,
omo relatou a Gazeta de Lisboa.
iſcorria com acerto, e reflexaõ
uito ſuperior aos ſeus annos; per-
untando a razaõ das couſas, que
via, e formando duvidas judicioſas
bre as repoſtas que lhe davaõ,
ndo eſtes progreſſos às inſtruc-

ções

çõẽs do ſeu Meſtre, e à viveza do genio de que foy dotado.

Dom Diogo de Noronha, filho dos Marquezes de Angeja D. Pedro de Noronha, e da Senhora Marqueza D. Franciſca Roſa de Noronha, ſoube a Grammatica Latina, e a traducçaõ dos livros Latinos na idade de ſete annos, de modo que ſendo examinado conforme o coſtume da Latinidade, entrou a eſtudar Logica na Aula publica de Filoſofia dos Padres da Congregaçaõ do Oratorio, e ſe aproveitou tanto neſte eſtudo, que no anno de 1755, em 15 de Julho, dia em que fazia oito annos, defendeo Conclusões publicas de toda a Logica na Igreja do Eſpirito Santo, preſidindo-lhe ſeu Meſtre o Padre Joaõ Barboſa, reſpondeo com grande intelligencia aos argumentos, que lhe pozeraõ, provan-

do as ſuas queſtões, e ſatisfazendo às duvidas do modo, que o fazem os melhores eſtudantes, que em idades mayores ſe applicaõ às ſciencias; e a meſma intelligencia, e capacidade moſtrou ſempre nos actos particulares, que fez, e ultimamente em hum rigoroſo exame, em que foy examinado de toda a Logica, e outra vez de Grammatica Latina.

Me-

§. XVII.

Mulheres, em quem tambem ſe adiantou o ſaber aos annos.

DOna Joanna Morella, natural de Barcelona, fez taõ rapidos progreſſos de ſabedoria em Leaõ de França, que aos doze annos de idade (em o de 1607) defendeo Conclusões publicas em Filoſofia, que dedicou a D. Margarida de Auſtria, Rainha de Heſpanha; e ſegundo a Relaçaõ de Guido Patin entrava a diſputar publicamente no Collegio dos Jeſuitas da meſma Cidade. Soube Filoſofia, Theologia, Muſica, e Juriſprudencia; e fallava quatorze linguas.

D. Maria Gabriella de Montemart, filha do Duque de Montemart, deſde a ſua primeira idade ſoube as linguas Heſpanhola, Ita-

liana, Latina, e Grega: alcançou quanto até hoje ſe ſabe da antiga, e nova Filoſofia: foy conſummada nas Theologias Eſcolaſtica, Dogmatica, Expoſitiva, e Myſtica: fez algumas traducções, entre as quaes he muy celebrada a dos primeiros livros da Iliada. Eſcreveo ſobre differentes materias, já de Moral, já da Critica, e de aſſumptos Academicos. Aos quinze annos foy preſentada à Rainha de França Maria Tereſa de Auſtria, a quem, e a toda a Corte encheo de admiraçaõ, e das ſuas Cartas fazia o grande Luiz XIV. particular apreço. Feijó no *liv.* 1. *diſc.* 16. *n.* 122. ſe dilata muito nos elogios deſta Senhora.

Dorothea Bucca natural de Bolonha, havendo ſido deſtinada deſde a ſua infancia às letras, ſe adiantou com paſſos taõ agigantados nellas, que conſeguio ſer a primeira

meira mulher, que alcançou daquella famoſa Univerſidade o barrete de Doutora, onde foy muito tempo Cathedratica. Floreceo no Seculo decimo quinto. Feijó faz mençaõ della no *dito livro*, e *diſc. n.* 126.

Laura Cereti, natural de Breſcia, aos dezoito annos enſinava publicamente Filoſofia com geral applauſo em o Seculo decimo ſexto.

Lucrecia Cornaro, da illuſtriſſima familia deſte appellido em Veneza, deſde a mais tenra idade moſtrou a mayor inclinaçaõ às letras, e alcançou nellas portentoſos, e repentinos progreſſos; porque naõ ſó ſe inſtruio com facilidade rara nas linguas Latina, Grega, e Hebrea; mas aprendeo tambem quaſi todas as linguas vivas da Europa. Em Filoſofia, Mathematica, e ſagrada Theologia ſe diſtinguia com tantas

ven-

ventagens, que a Univerſidade de Padua reſolveo darlhe o gráo do Doutorado na faculdade da Theologia; o que ſe haveria executado a naõ o embaraçar o Cardeal Barbarigo, Biſpo da meſma Cidade, em attençaõ a S. Paulo prohibir, que as mulheres exercitem o miniſterio de enſinar na Igreja: e aſſim para naõ violar a regra Canonica, nem faltar à eſtimaçaõ devida do relevante merecimento deſta Senhora, concordaraõ conſtituilla Doutora na faculdade de Filoſofia, a cujo acto concorreraõ muitos Principes, e Princezas de varias partes da Italia. Naſceo eſte eſmalte do ſexo feminino em 1646, e coroada de mayores virtudes de ſantidade faleceo aos trinta e oito annos de idade. Gregorio Leti nos ſeus Ragualhos hiſtoricos lhe dá os epithetos de *Heroina das letras, de*

Monſ-

Monſtro das Sciencias , de Anjo na formoſura , e no candor.

Porém ſe a eſta Matrona ſe negou a prerogativa , que temos referido , D. Iſabel de Joya no Seculo decimo ſexto a alcançou ; porque na Igreja de Barcelona com paſmo de innumeravel concurſo ſe ouvio prégar , e depois em Roma na preſença dos Cardeaes com ſumma ſatisfaçaõ delles , explicou muitos pontos difficeis dos livros do Subtil Eſcoto. O que mais a ennobreceo he , haver convertido naquella Capital do Orbe grande numero de Judeos à Religiaõ Catholica.

Naõ devemos deixar em ſilencio a famoſa Anna Maria Schurman , gloria de Alemanha ; pois naõ ſe conheceo até hoje capacidade mais univerſal em hum , e outro ſexo. Todas as ſciencias , e todas

as

as artes ſe reconheceraõ com igual obediencia ao imperio de ſeu eſpirito, de que deu admiraveis teſtemunhos deſde os ſeis annos de idade. Naõ foy carreira, mas ſim voo o acelerado movimento, com que entrou pelos vaſtiſſimos eſpaços da erudiçaõ ſagrada, e profana, chegando em fim à poſſe de quaſi todas as ſciencias humanas: ſoube perfeitamente as linguas Alemã, Hollandeza, Ingleza, Franceza, Italiana, Latina, Grega, Hebrea, Syriaca, Caldea, Arabica, e Ethyopica. Era tambem dotada do Numen poetico, e compoz diſcretas obras em verſo. Nas artes liberaes logrou igual applauſo, que mereceo nas ſciencias, e nos idiomas. Comprehendeo ſcientificamente a Muſica, e manejava varios inſtrumentos com deſtreza. Foy excellente na pintura, e na eſcultura,

e na

e na arte de gravar ao buril, merecendo por tantos predicados a incomparavel honra de a visitar em sua casa a illustre Rainha de Polonia Luiza Maria Gonzaga. Morreo em 1678. Della refere Feijó os merecidos elogios no *tom.* 1. *disc.* 16. *pag.* 387.

Estas saõ unicamente as mulheres celebres do nosso assumpto, em quem o saber se adiantou aos annos; porque se contassemos entre as raridades da natureza as que em todos os Seculos se reconheceraõ doutas, seria taõ extenso o catalogo, como grosseiro o elogio.

§. XVIII.

Crianças, em quem ſe anticipou a eſtatura.

CIcero naõ ſuppoem contra a ordem natural o adiantarſe o entendimento nas crianças: até na eſtatura do corpo ſe coſtuma às vezes acelerar a natureza.

Da Duqueza de Verdale aſſevera Alberto Gratz, que andara pejada dous annos, e que no fim delles parira hum rapaz, que andava, e fallava. Livio tambem diz, que em Trucino naſcera outro de quatro annos. Igualmente ſe refere haver hum minino de tres annos, que igualava as forças de vinte; porém mais que tudo he o que eſcreveo Cratero, irmaõ do Rey Antigono, de ter conhecido hum rapaz, que no eſpaço de ſete annos creſceo ſendo mancebo, varaõ, e ve-

e velho : caſou , teve hum filho , e morreo : noticia , que tambem abona o Padre Euſebio Nierembergo.

No Mercurio de Novembro de 1735 vem huma individual Relaçaõ de hum rapaz de onze mezes , que tinha quatro palmos e meyo de alto , à proporçaõ groſſo ; a medida do pulſo individûa ſer de oito polegadas : ſoſtinha-ſe firme nas pernas , e ſó fallava algumas palavras mal pronunciadas : além do leite , com que o ſuſtentava a ama , bebia huma canada do de vaca cada dia , e comia ſeus bocados de paõ com baſtante actividade. A Archiduqueza Governadora de Bruxellas o fez vir à ſua preſença , e examinar pelos ſeus Medicos , que todos o viraõ como hum prodigio , e aſſentaraõ naõ poderia viver muito pela acelerada corpulencia , que

lhe deu a natureza. Accreſcenta o meſmo Mercurio, que tinha linda preſença, e que a mãy era de mediana eſtatura.

Em 21 de Março de 1736 ſe apreſentou à Academia das Sciencias de França hum rapaz, que tendo ſó ſete annos, tinha a eſtatura de quatorze; porém quanto ao uſo da razaõ naõ eſtava adiantado couſa alguma.

Na Hiſtoria da Academia das Sciencias de França do dito *anno pag.* 55. ſe faz mençaõ de outro rapaz de ſete annos, que na eſtatura repreſentava muitos mais, e que na idade de quatro tinha já forças para levantar hum feixe de feno de quinze arrateis. E na Gazeta de Pariz de Sabbado 14 de Julho de 1731, no artigo de Londres; e na Gazeta de Hollanda, e Mercurio do meſmo tempo, como

mo igualmente no Journal de Verdun de Agoſto do meſmo anno vem outro rapaz de cinco annos, tambem de grande eſtatura, e com tal força, que levantava o pezo de duzentos e ſeſſenta arrateis.

No Reino de Galiza ſe vio ha poucos annos hum rapaz, que tendo ſó ſete de idade, excedia na eſtatura a regular de hum homem, Feijó *liv.* 1. *diſc.* 12. *n.* 32.

§. XIX.

Velhos que conſervarão o vigor da mocidade no entendimento, e na memoria.

ASſim como nas crianças ſe adianta o entendimento, tambem nos velhos a pezar da idade ſe conſerva em alguns o meſmo vigor nelle. De noventa e quatro annos acabou Iſocrates a ſua Oraçaõ Panthenaſca,

thenaſca, e havia completado noventa e ſeis, quando eſcreveo a chamada Panegyrica. Sophocles contava mais de oitenta, quando compoz a Tragedia de Oedipo (que he a melhor obra, que ſe tem feito neſte genero) e ſendo accuſado de que compunha eſtando decrepito, offereceo por defenſa a primeira parte da Obra; e naõ ſó ganhou o proceſſo, mas foy conduzido em triunfo a ſua caſa. Com noventa continûa Joſeph Freire Monterroyo Maſcarenhas na compoſiçaõ da Gazeta com a meſma erudiçaõ, e nobreza de eſtylo, que o orbe lhe acclama; e no laborioſo trabalho genealogico, em que conſerva aquella paſmoſa preſença, que ſempre ſe lhe admirou de todas as familias deſte Reino, e dos Eſtranhos.

Theodoro Beza ſe eſquecia das couſas modernas, e ſó ſe lembrava

brava das paſſadas ; porém iſto he muy commum nos velhos.

§. XX.

Exceſſo de memoria.

SEneca foy dotado de tal memoria , que repetia doze mil nomes , acabando de os ouvir huma ſó vez , e decorava duzentos verſos de memoria. O Imperador Adriano tomava hum livro de cór.

Joaõ Pico , Conde de la Mirandula , diz ſeu ſobrinho Joaõ Franciſco , que repetia duas paginas inteiras de hum livro em as acabando de ler , naõ ſó na ordem natural de cima para baixo , mas debaixo para cima.

Hum rapaz da Ilha de Corſega repetia trinta e ſeis mil nomes ſem os interpolar , da meſma forma , que huma ſó vez os ouvia repetir.

petir. Mureto affirma, que o preſenciara, e que o naõ pudera comprehender, e cita muitos nobres Venezianos, que preſenciaraõ eſte prodigio; e que o meſmo faziaõ os diſcipulos deſte moço, a quem enſinava a memoria artificial.

Em Pariz havia hum homem, que repetia pela ſua ordem as inſignias, que coſtumaõ eſtar às portas dos mercadores na grande rua de S. Honorato, que he a mais eſpaçoſa daquella Corte. O noſſo Embaixador o grande D. Luiz da Cunha lhos fez eſcrever, e mandando examinar ſe eſtavaõ na ſua ordem, com effeito ſe achou eſtarem todas na meſma ordem: mas o que mais podia admirar he, que o dito homem confeſſou, que para ſaber iſto ſó dera hum par de patacas.

Cyro chamava a todos os Officiaes do ſeu exercito pelo ſeu nome:

me: e L. Scipiaõ ſabia o de todos os Cidadãos Romanos. Cineas Embaixador, e Conſelheiro de Pyrrho, retinha com tal felicidade a fyſionomia, e o nome de todos a quem fallava, que no dia ſeguinte, em que chegou a Roma, ſaudou a todos, que o cortejaraõ, pelo ſeu nome.

Mithridates ſoube vinte e duas linguas, e as fallava ſem confuſaõ com as meſmas vinte e duas Nações differentes. Naõ cito authoridades das noticias deſte paragrafo, porque em infinitos Authores ſe achaõ.

§. XXI.

Monſtruoſidades.

PAſſando às producções monſtruoſas, os primeiros monſtros, que nomea Ariſtoteles, ſaõ

as mulhes, attendendo aos defeitos da ſua natureza.

Ha muita gente, que por eſta razaõ, e pelos damnos, que nos cauſaõ, reputaõ as mulheres por monſtros; outros, e com mais civilidade, as avaliaõ pelo mayor encanto dos noſſos ſentidos, e pelo objecto mais digno da noſſa admiraçaõ; e naõ he alheyo do noſſo aſſumpto, o dizerſe que até nos animaes mais ferozes produzem as ſuas perfeiçõeſ admiraveis effeitos; pois Santo Iſidoro nos refere do Rhinoceronte, que ſendo taõ veloz na carreira, que já mais o podem apanhar; expondo-lhe alguma mulher com os peitos deſcubertos, tanto que a vê, ſe chega para ella, e fica taõ domeſtico, que ſem reſiſtencia o prendem, e entregaõ aos caçadores; como fez Dalila a Sanſaõ.

O meſmo Santo Iſidoro abra-

ça

ça como verdade quaſi todas as raridades, que achamos em Plinio de haver homens com quatro olhos, e de hum ſó; outros ſem cabeça, tendo as feições da cara perto dos peitos, outros ſem nariz, outros com o beiço ſuperior taõ comprido, que lhe póde cobrir o roſto; outros quaſi ſem boca; outros com o pé taõ grande, que lhe ſerve de ſombra quando ſe deitaõ; outros com pés de boy, e naõ menos com oito dedos em cada pé, e maõ; outros a que chamaõ Panoſienos, que quer dizer todo orelhas, por as terem tamanhas, que ſe embuçaõ nellas como em hum capote, como traz o meſmo Plinio no *l.* 7. *cap.* 2. Porém os viageiros, que tem corrido, e inveſtigado todas as partes, e Nações do mundo, nos daõ muitos deſtas noticias por fabuloſas.

Aulo Gelio faz mençaõ de certos povos da India, que tem o corpo cuberto de pelle, e penna.

Diodoro de Sicilia no *l.* 2. refere haver na Taprobana antigamente gente com duas linguas, e rasgadas até as guelas, o que diz lhe facilitava muito o poderem imitar o canto das aves. Tambem o mesmo Author quer, que fallassem com ellas a duas pessoas ao mesmo tempo em diverso discurso; porém com graça diz outro Author, que para assim ser seria igualmente necessario, que tivessem dous entendimentos, pois com hum só naõ se póde discorrer em duas cousas juntas.

Nos montes de Oropeza se achou hum homem peludo, que naõ fallava. Pontaco conta, que hum doudo de Sardenha fugira para os montes, onde andava de gatinhas, e comia erva; que passados annos,

annos, andando à caça o Principe daquella Ilha, o apanharaõ, e conhecendo-o, o levaraõ a seus pays, que naõ puderaõ nunca conseguir fazello fallar, e comer outra cousa, que naõ fosse erva, até que achou occasiaõ de poder segunda vez fugir para os montes, onde nunca mais foy visto.

No anno de 1661 huns caçadores nos bosques de Lithuania descobriraõ entre hum bando de ursos a dous meninos, que correndo atrás delles, puderaõ apanhar hum, que com dentes, e unhas fazia todo o esforço para defenderse. Trouxeraõ-no ao Rey de Polonia: tinha a pelle extremosamente branca, e o rosto formoso: bautizaraõ-no, em cuja sagrada ceremonia foy sua madrinha a Rainha, e padrinho o Embaixador de França: pozeraõ-lhe o nome de Joseph, e o appe-

o appellido de Urſino. Já mais deu moſtras de ter uſo de razaõ, por mais cuidado, que ſe poz na ſua educaçaõ, nem conſeguiraõ domeſticallo inteiramente, nem enſinallo a fallar, nem a conſentir veſtidos, ou ſapatos. Comia igualmente a carne crua, como a cozida. No grande Diccionario hiſtorico de Moreri vem eſte caſo; e Feijó diffuſa, e elegantemente o trata no *tom.* 6. *diſcurſo* 8. §. 12. *n.* 60. em diante.

De fé ſabemos outro caſo mais eſtranho no ſucceſſo de Nabucodonoſor, ainda que os Expoſitores diſputem, ſe foy, ou naõ verdadeira a ſua tranſformaçaõ.

Joaõ Nuncio, e outros Legados Apoſtolicos na Tartaria, Santo Antonio, Vicencio Belvacenſe, e Henrique Zormano, dizem que em certas terras dos Tartaros ſe achaõ huns homens com hum bra-

ço no peito, e hum pé ſó, deſtriſſimos em diſparar ſettas, para o que ſe ajuntaõ dous, pegando hum no arco, e outro diſparando a ſetta; e que corriaõ taõ velozes com a maõ, e o pé, que excediaõ à carreira de hum cavallo.

Conrado Licoſthenes tambem refere, que os Portuguezes toparaõ ſemelhantes monſtros em huma Ilha no caminho de Calecut, a quem pinta com pouca differença a fórma extraordinaria, que tinhaõ.

Em Heſpanha, ſem ſer em tempos muy antigos, appareceo hum homem muy disforme com o que ganhou muito dinheiro; porém foy averiguado pela Inquiſiçaõ ſer por effeito diabolico.

Em 1496 appareceo em Roma hum monſtro com o corpo humano, a cabeça de jumento, huma maõ de elefante, e outra de ho-

homem, hum pé de boy, outro de aguia, os peitos de mulher muito compridos, todo o corpo cuberto de eſcamas, com duas cabeças, huma de velho, e outra de dragaõ. Eſta figura de que o P. Nieremberg naõ duvida, parece a devia collocar entre as outras, que encerraõ myſterio Divino.

Em 1716 vimos na Cidade de Lisboa hum homem que tinha nos peitos pegada huma criança, na cabeça da qual ſó ſe via hum olho: tinha cinco dentes, e os cabellos de meya vara de comprimento. Lembrame que eſtava em huma caſa no terreiro do Paço com ſoldados à porta pelo grande ajuntamento de gente, que concorria a vello. Cada huma lhe pagava hum toſtaõ. Poucos dias ha, que eu vi na maõ do Padre Meſtre Theodoro Franco da Congregaçaõ do Oratorio o

papel

papel impreſſo, em que eſte homem ſe annunciava ao publico, e nelle ſe expreſſa chamarſe Jaime, e que a criança oito annos depois delle naſcido ſe fizera novamente bautizar em Roma com o nome de Mathea.

A Nero trouxeraõ hum monſtro humano com quatro cabeças, correſpondendo com proporçaõ a todos os mais membros, como eſcreve Oliberto de Adriano. Com duas caras houve em todos os Seculos muitos Janos.

Em Pariz ſe vio hum homem de quarenta annos com o corpo quadrado ſem braços, que com os hombros, e pés fazia varias couſas, como ſe foſſe com as mãos; e até ladraõ foy, porque por tal foy enforcado, como relata o Marquez de Santo Aubin.

Em Salamanca diz o Padre

Nieremberg, havia hum moço no seu tempo sem braços, e com hum só pé; e a naõ ser de tanto respeito esta testemunha, naõ me atrevera a expressar a noticia, que elle affirma, de que escrevia excellentemente com o pé.

O General D. Diniz de Almeida, em presença de quem tambem o sabia, me affirmou, que em Alemanha havia huma moça muito bem parecida, e habilidosa, porque fazia bellas rendas, a qual andava vestida com hum roupaõ de veludo aberto para mais commodamente mostrar a raridade, que incluia o seu corpo de ter huma perna como de urso, e outra semelhante à de cavallo, com o braço esquerdo cuberto de hum couro, que parecia lixa.

Na livraria de D. Lourenço Ramires do Prado se conservava hum

livro

livro manuſcrito do Infante D. Pedro, filho delRey D. Diniz, em que aſſevera, que os Senhores de Biſcaya procedem de huma mulher, que tinha hum pé de cabra.

A minha caſa veyo pelos annos de 1740 pedir eſmola huma rapariga, que tinha hum ſó olho no meyo da teſta, como toda Lisboa póde ſer teſtemunha, pois por toda a parte andava pedindo, e moſtrando-ſe.

No anno de 1757 anda pedindo eſmola por Lisboa huma pobre, que repreſenta ter vinte annos pouco mais, ou menos, com a diſformidade de ter hum dos olhos no lugar de huma das fontes; o nariz ſó formado de huma das partes, e a outra no meyo da maçã do roſto, em que tem hum buraco por onde reſpira. A teſta tambem he diſforme, porque lhe deſce levan-

tada huma porçaõ toda cuberta de cabello como a mais cabeça. Igualmente anda pedindo eſmola neſta Corte hum rapaz com a lingua taõ disformemente grande, que lhe naõ cabe na boca: naõ falla, e até parece impoſſivel tenha lugar para lhe entrar o comer.

Bayle na *Republica das letras em Setembro de* 1686. *art.* 3. faz menção de huma paizana, que tinha quatro peitos, dous adiante, e dous atraz, que igualmente tinhaõ leite; a qual ſempre parira gemeos.

Montanha no *liv.* 2. *cap.* 30. deſcreve hum rapaz de quatorze mezes, no corpo do qual eſtava pegado outro corpo ſem cabeça.

Lyſcoſth *pag.* 352. igualmente deſcreve hum homem velho em Alemanha, que tinha huma cara com boca no embigo, porque comia.

San-

Santo Agoſtinho no *liv.* 16. *de Civit. Dei*, *cap.* 8. atteſta, que elle vira hum homem no Oriente, que tinha quatro braços, e dous peitos.

Em 1703 ſe vio em Florença huma menina, que tinha quatro pernas, e duas naturezas de mulher.

Na Cidade de Piza naõ ha muitos annos exiſtia hũm homem com huma cabeça extremoſamente grande, e chata por detras como hum queijo, e com hum ventre taõ monſtruoſo, que quando o ſoltava das mãos com que o ſoſtinha, lhe cahia por terra. Em Lisboa vimos monſtruoſidade ſemelhante em hum pobre, que andava em hum carrinho, o qual inteiramente occupava o apparato tremulo do ſeu ventre, que nem o de hum boy faria mayor vulto.

Em Genova a 12 de Março de 1617, em tempo que vivia o Pa-

Padre Nieremberg, que o refere por certo, havia hum rapaz de doze annos, que tinha pegado no ventre, e ao peito da parte eſquerda outro corpo unido por hum oſſo; porém ſómente hum comia, e tinha as mais operaçõẽs de vivente, fallando, e tratando a todos por modo, que inculcava ter bom entendimento: andava com deſembaraço, e nas mais partes do corpo era muy proporcionado: chamava-ſe Joaõ Bautiſta.

Alberto Magno diz, que no ſeu tempo parira huma vaca hum monſtro com meya fórma humana; e que querendo-ſe queimar o paſtor, por ſe ſuppor haveria tido torpe ajuntamento com a vaca, elle o defendera, moſtrando que aquelle ſucceſſo podia ſer natural por influxo de alguma conſtellaçaõ. Do caſo naõ duvido eu; do tal influ-

xo creyo que muitos duvidaráõ.

Gaſpar Bucero, e Gaſpar Bruſchio dizem, que em Flandes, ou em Polonia, naſcera hum homem com ſete cabeças, algumas de caõ, e de bugio, poſtas por diverſas partes do corpo, como nos peitos, coſtas, cotovellos, e joelhos, e que ſó huma eſtava no lugar natural, mas tambem com aſpecto horrendo, e com a disformidade de ter orelhas de boy. O Padre Nieremberg ſegue, que ſe naõ foy formado pela força da imaginaçaõ da mãy, ſeria por expreſſa determinaçaõ de Deos para alguma ſignificaçaõ dos ſeus myſterios, como copioſamente trata com plena erudiçaõ o Licenciado Affonſo Carrança.

O Cardeal Pedro Damiaõ refere, que Roberto Rey de França tivera hum filho com cabeça de gan-

ganſo, cujo ſucceſſo ſe attribuio a caſar ſem diſpenſa com huma parenta; motivo, porque tambem foy excommungado por todos os Biſpos daquelle Reino. Antes das guerras civis de Alemanha diz o referido Padre Euſebio, que tambem ſe attribuio a indicaçaõ daquelle caſtigo o naſcer hum menino com hum cutello agudo, que lhe ſahia do ventre; e que igualmente ſe tomou por pronoſtico do naſcimento do embuſteiro Mafoma, a figura com que naſceo huma criança em Conſtantinopla com duas bocas, e quatro pés. A Arrio o repreſentou primeiro outro menino com duas bocas, quatro olhos, dentes dobrados, e barba muy comprida. A Luthero annunciou outro menino com quatro pés de boy, quatro olhos, nariz, e boca de bezerro, tendo no peſcoço huma eſpecie de capello,

e co-

e coroa com ſinaes de cutiladas pelos braços, cujas monſtruoſidades perſuadem ſerem mais ſinaes da Omnipotencia, que caſualidades da Natureza, como diz o meſmo Author.

Volaterrano aſſegura, que no tempo do Papa Pio III. huma rapariga torpemente ſe ajuntara com hum caõ, e parira hum meyo caõ, com as mãos, e orelhas deſte animal, e o mais de homem.

Em Avinhaõ em 1543, commettendo igual torpeza outra rapariga, houve ſemelhante parto, que Franciſco I. mandou queimar juntamente com a mãy, e o caõ, com quem ſe havia ajuntado.

Henrique Konmano nos affirma, que em Flandes naſcera do ajuntamento de hum homem com huma vaca hum menino, que tinha perfeitamente a fórma humana; que ſe bautizara, e fora mui-

to virtuoſo, o qual dizia ſentir muitos deſejos de andar pelo campo, e de comer herva.

Suppoſto que o Padre Euſebio naõ admitte creatura racional gerada em ventre de bruto, ainda que com effeito naſça com a figura humana, como aquella para que Alberto Magno fizera a defenſa para ſe naõ queimar o paſtor, que ſe ſuppunha haverſe ajuntado com a rês, Feijó no *tom.* 3. *das Cartas*, *pag.* 358, deſcreve a relaçaõ do monſtruoſo feto, que pouco ha ſe manifeſtou na Villa de Fernaõ Cavalheiro, onde huma cabra pario huma menina perfeita, ſem outra deformidade mais, que ter orelhas de cabra, e huma cauda pequena no fim do eſpinhaço: e depois de allegar Plutarco nos ſeus *Parallelos*, *cap.* 55. onde ſe acha, que hum tal Fulvio Stello juntando-ſe com huma

huma egoa, eſta naõ ſó parira huma menina perfeita na figura humana, mas tambem muy formoſa, allega no *Theatro da vida humana*, *tom.* 4. *pag.* 964. que hum mancebo nobre chamado Ariſton juntando-ſe com huma jumenta produzira outra menina formoſiſſima; e que elle meſmo Feijó conhecera muitas teſtemunhas de viſta de que em Rioxa, ſendo elle rapaz, havia huma mulher, a quem chamavaõ a *filha da vaca*, porque realmente o era, ſem que em couſa alguma degeneraſſe da figura humana, excepto nas coſtas, que as tinha cobertas de pello aſpero: concluindo, que naõ admitte terceira eſpecie, e que qualquer feto monſtruoſo, he forçoſo que ſeja creatura racional, ou bruta; pois hum individuo naõ pode ter mais de huma alma; e que naõ ha alma *media* entre racional,

cional, e bruta; e depois de elegantiſſimamente diſcorrer neſte aſſumpto, reſolve, que ſemelhantes monſtros ſe devem collocar dentro da noſſa eſpecie, porque declinaraõ taõ pouco para a caprina, que naõ deixa a menor duvida de que tem a eſpecie humana.

§. XXII.

Partos monſtruoſos.

INfinitos ſaõ os extraordinarios exemplos, que achamos na hiſtoria, de mulheres, que pariraõ bichos, e monſtros.

No anno de 1542 naſceo em 11 de Março em Goa hum monſtro, de que fazem memoria os noſſos Eſcritores, e era digno della pela forma horrivel, que lhe deu o deſconcerto, e extravagancia da Natureza. Naſceo de huma mulher

Cana-

Canarim ; tinha o corpo comprido à maneira de bogio , com pouco cabello nelle , mas nas mãos , e pés o tinha copioſo ; o roſto era ao modo de huma bóla , com duas pontas , e orelhas como de cabra , com hum ſó olho : tanto que naſceo nas mãos da parteira , deu hum grito , e ſe poz em pé ; e pouco depois ſe lançou à mãy , que eſtava deitada , e lhe ferrou os dentes em hum peito , maltratando-a juntamente com as unhas. O pay , que tambem era Canarim , o matou logo cortando-lhe a cabeça. *Anno hiſtorico , pag.* 322.

Em 1754 huma mulher , que morava à Victoria , caſada com hum tendeiro , pario hum monſtro com cabeça de caõ , e cauda felpuda : foy levado ao Hoſpital , onde depois de morto eſteve para ſer viſto , do que ſe eſtampou huma re-

laçaõ.

laçaõ. A mulher era muito doente, e de boa vida; e tantas saõ as peſſoas, que me tem verificado eſte caſo, como as que o deſmentem.

Guilherme Paradino eſcreve, que a ſobrinha do Papa Nicoláo III. da Caſa Urſino, parira huma menina toda cuberta de pello: pouco tempo ha que em Lisboa vimos huma rapariga, que tinha o roſto todo cuberto de pello, que andava pelas portas moſtrando-ſe. Eſcaligero faz mençaõ de outra criança, que naſceo na meſma fórma cuberta de hum pello branco, e preto, como hum caõ gadelhudo. Marco Damaſceno refere o meſmo de outra criança, que naſceo perto da Cidade de Piza; e todos o attribuem aos paineis, que as mãys tinhaõ na ſua camàra.

Peremaro diz, que nas Indias naſcera em 1573 hum menino na fór-

fórma em que ſe coſtumava pintar o diabo. Luiz Vives attribue outro caſo ſemelhante, que ſuccedeo em Flandes ao haverſe ajuntado com ſua mulher o marido com o veſtido de cruzdiabo, com que tinha ido a huma feſta.

Gemma Phriſio atteſta como teſtemunha de viſta, que na Epifania andando huma mulher com o ventre demaſiadamente grande lhe diſſeraõ por graça, que trazia os tres Reys, e que com effeito parira tres meninos de cores differentes.

Em Antuerpia naſceo huma menina muy parecida a hum bugio na cara, e nas acçõēs; o que foy attribuido a brincar a mãy com hum, quando andava pejada.

Extraordinaria fórma foy a com que naſceo em Portugal huma criança em 1620 toda cuberta de eſ-

camas

camas duriſſimas: houve grande duvida, ſe deviaõ bautizalla: reſolveo-ſe que ſim: morreo, e eſtando já enterrada, a fizeraõ deſenterrar para a ver o Vice-Rey. Ao tiralla da ſepultura, largou toda a eſcama de huma maõ, como ſe fora huma luva de ferro, achando-ſe o mais corpo perfeitiſſimamente formado: o que deu occaſiaõ a novas diſputas, de lhe ter, ou naõ aproveitado o bautiſmo; porque ſe lhe naõ cahiſſe agua no roſto, que ſó tinha deſcuberto, he certo que naõ ficou bautizada: o que tudo diſputa o Padre Euſebio na ſua *Curioſa Filoſofia*.

No anno de 1628 a 10 de Abril naſceo em Lisboa outro menino com huma eſpada impreſſa na maõ direita, e no pé do meſmo lado hum S, e com hum ſó olho na teſta. *Anno hiſtorico, pag.* 459.

E no

E no anno de 1635 em 12 de Abril naſceo em Villaviçoſa hum menino com o peito à maneira de hum eſcudo, e no meyo delle huma cruz muito bem formada, como a da Ordem de Aviz; as mãos redondas ſem figura de dedos, e nella dous ſinaes à feiçaõ de cravos; os pés tambem redondos; na cabeça huma forma de murriaõ, com outros ſinaes notaveis. *Anno hiſtorico, pag.* 466. *no dito dia.*

Em Villa Franca de Biſcaya naſceo huma menina ſem cabeça, de que faz mençaõ o P. Nieremberg.

Nos noſſos tempos ſe viraõ em França duas meninas, que naſceraõ prezas pelo eſpinhaço: morrendo huma, fizeraõ diligencia por ſeparalla da outra; porém naõ o puderaõ conſeguir. Outras duas crianças naſceraõ em Lima pega-

das pelos peitos; e como ſó as cabeças, braços, e pernas eraõ divididas, e o mais parecia formar hum ſó corpo, houve queſtaõ ſe deviaõ ſer dous os bautiſmos. Deputaraõ hum Medico para examinar o caſo; e achando-ſe, que hum dormia ao meſmo tempo, que outro eſtava acordado, e na meſma forma hum ria, outro chorava, reſolveraõ bautizar cada hum per ſi. O P. Feuilleé *Obſerv. Phyſiph. mathem. tit.* 1. *pag.* 486.

Na Provincia de Tras os montes em o lugar chamado Medeiros naſceo huma rapariga, filha de Antonio Gonçalves, com as nadegas pegadas, a quem o Cirurgiaõ Joaõ Gonçalves lhas dividio. Viveo quatro, ou cinco mezes; o que preſenciou hum domeſtico de minha caſa. Fracaſtor naſceo ſem boca, porque os beiços lhe vieraõ unidos

dos, e foy neceſſario, que hum Cirurgiaõ lhos ſeparaſſe, como refere S. Aubin, e outros.

Em Medina Sidonia a 29 de Fevereiro do anno de 1736, naſceo hum monſtruoſo menino com duas cabeças, e quatro mãos, e no mais reſto do corpo repreſentava ſer ſó hum individuo. Feijó no *tom.* 1. *das Cartas*, *pag.* 82.

Joaõ Zahn no *tom.* 3. *Mundi mirab. ſcrutin.* 5. *cap.* 4. entre as raridades monſtruoſas traz huma criança de tres cabeças, e outra de ſete, que naſceo no Piamonte no anno de 1587.

Em 24 de Março do anno de 1757 na Villa de Caſtello de Vide naſceo huma criança, que trazia dentro outra, da qual unicamente ſe viaõ as mãos, e pés; eſtes ſahindo pelo ventre, e aquellas ſahindo pelo peito. Viveo até 20 de

Abril, mamando, e fazendo tudo mais, que ordinariamente fazem os daquella tenriſſima idade: depois de morta, a abrio o Cirurgiaõ da terra, e na preſença de muita gente ſe via, que dentro no peito encerrava a cabeça do outro menino, e que aquellas mãos, e pés, que lhe ſahiaõ pelos peitos, e ventre, eraõ do que eſtava incluſo, e que eſte era perfeito em todos os de mais membros: naõ ſe lhe achou coraçaõ; o baço, e figados eſtavaõ de tal ſorte unidos, que ſe naõ podiaõ diſtinguir; e as tripas totalmente enlaçadas com os bofes: em fim até as coſtellas para darem lugar a ſahir os braços do menino, que em ſi tinha, eſtavaõ tortas, e arqueadas; o que tudo individúa huma ralaçaõ impreſſa com o titulo: *Noticia de hum caſo acontecido em Caſtello de Vide.* Mas porque ſemelhantes papeis

peis naõ merecem grande credito, me informey do Doutor Marcellino Xavier da Fonſeca, actual Juiz de fóra da dita Villa, que me certificou ſer tudo certo, e havello preſenciado.

Quanto a mim parecem-me bellamente as razões com que diſcorre o Padre Nieremberg ſobre o naſcerem algumas creaturas pegadas, apontando para a cauſa deſtes effeitos a paridade das formas de geſſo, ou de metal, com que ſe fazem duas figuras, dizendo que ſe os vaſos dos moldes eſtiverem inteiros, ſahiráõ as figuras divididas; mas que ſe houver nelles alguma rotura, e communicaçaõ de hum para outro, por alli correrá o metal, e ficaráõ pegadas as figuras.

Colomba Chatri mulher de hum alfayate da Cidade de Sems andou pejada vinte e oito annos, e ſen-

e ſendo caſada pelo eſpaço de quarenta e oito, morreo aos ſeſſenta e oito de idade; e ſendo aberta, ſe lhe achou dentro o corpo de huma menina bem formada, porém petrificada. Joaõ de Alibour, que era o ſeu Medico, e que depois o foy de Henrique IV., eſcreveo eſta hiſtoria, como teſtemunha ocular. Outro caſo ſemelhante refere Franciſco Bayle na ſua *Hiſtoria Anatomica gravitat. annor. viginti quinque*, ſuccedida a Margarida Mathieu.

§. XXIII.

Satyros, e Centauros.

FLegon, ou Tarliano, a quem libertou o Imperador Adriano, ainda que ſeja Author Grego pouco conhecido, toma a toda Roma por teſtemunha do Centauro, que ſe mandava do Egypto de preſente

ao

ao Ceſar, o qual morrendo no caminho, por naõ poder coſtumarſe à differença do clima, o Prefeito do Egypto o fez embalſamar, e remeter a Roma, aonde pela primeira vez ſe moſtrou no Palacio Imperial. Pinta-o na fórma ſeguinte: a cara feroz, as mãos, e dedos cubertos de pello, os pés com os caſcos de cavallo: e accreſcenta; ſe alguem diſto duvidar, venha vello a Roma. Semelhantes Relaçõ̃es achamos em Pythagoras, Crates, Eliano, e Plutarco. Santo Athanaſio, e S. Jeronymo abonaõ̃ a exiſtencia deſte monſtro, quando dizem na vida de S. Paulo Eremita, que Santo Antonio indo viſitar S. Paulo, encontrara hum Centauro, e depois que hum Satyro lhe fallara: o que o Cardeal Baronio naõ̃ podendo negar, ſegue que Deos talvez permittiſſe, que neſta occaſiaõ̃

ſiaõ fallaſſe, aſſim como em outra fallou a burra de Balaam; e dos Satyros diz S. Paulo o meſmo, e Pauſanias refere, que na Ethyopia ſe apanhara hum, e que ſe domeſticara. Outro ſe apanhou em Nyphîa, que Plutarco diz, que náõ fallara, e que ſó dava huns zurros entre os rinchos do cavallo, e os gritos do Bufo.

Alberto Mágno tambem diz, que no ſeu tempo ſe apanharaõ dous Centauros nos montes de Xaxina, e na meſma fórma os eſtabelece Plinio nos montes Subſolanos na India. Bem ſey que os Centauros os devemos tomar por huma fabula, que com effeito he de Ovidio, e que os Criticos modernos ſe haõ de rir de quem nelles fallar de veras; porém eu que naõ ſou critico, nem douto, naõ tenho authoridade para deſprezar a de taõ grandes,

e reſ-

e reſpeitaveis Authores, cuja virtude, e ſabedoria em todos deve conciliar reſpeito.

Os Satyros foraõ famoſiſſimas eſpecies do paganiſmo; e ainda que os Gentios pintavaõ os Satyros em figura de meyos brutos, e meyos homens, elles os ſuppunhaõ como ſemideoſes. Feijó no *diſc. 7. do tom. 6. n. 4.* reſolve o ſeguinte: *Suenan en el mundo Satyros, Tritones, e Nereides, como meros entes fabuloſos. Pero yo ſin negar, que mezclo en ellos algo de fabula, ſiento que fueron entes verdaderos, y reales.*

Diodoro Siculo Author do mayor reſpeito refere, que a Dionyſio Tirano de Sicilia foraõ apreſentados huns monſtros na meſma fórma, que ſe coſtumavaõ pintar os Satyros. E Plutarco, que naõ he de menor authoridade, diſſe, que a Atila, paſſando por Albania, moſ-

traraõ hum Satyro, que ſe havia apanhado em hum boſque.

A eſtes teſtemunhos profanos corroboraõ os de muitos Eſcritores Eccleſiaſticos, que naõ ſó creraõ, que havia Satyros, mas diſſeraõ, que tinhaõ crença em Jeſu Chriſto; accreſcentando, que hum deſtes fallara no deſerto a Santo Antonio Abbade, como temos dito, e lhe pedira rogaſſe a Deos por elles, porque criaõ, que para ſalvar os homens havia tomado carne humana.

Eſta ultima noticia he a que ſó repugna Feijó, dizendo, que ainda que lhes concedeſſe o poderem ter alma, e que foſſem deſcendentes de Adaõ, ſempre preſume ſer repugnante à Fé ſupporlhe a crença da noſſa Religiaõ; pois naõ conſta, que aos Apoſtolos ſe cometteſſe eſpecial miſſaõ para os Satyros.

tyros. Com eſte argumento conclue Feijó, que naõ ha Satyros racionaes, e que ſó os admitte brutos, ou embrutecidos, e mudos. Em o *numero* 14 *do dito tom.* 6. *ℓ.* 3. aſſevera, que naõ ſó he poſſivel a producçaõ deſtes monſtros, mas muy veroſimil, que hajaõ naſcido alguns do deteſtavel ajuntamento da eſpecie humana, e de cabra; o que corrobora com o diſcurſo, que fórma no *n.* 15. onde doutamente prova o ſobredito.

O Marquez de Santo Aubin crê, que de certa eſpecie de monos, que ha nas montanhas da India, muy parecidos ao homem, confundira a gentilidade a exiſtencia dos Satyros; porém o meſmo Feijó neſte meſmo diſcurſo no *n.* 17. refuta a opiniaõ, dizendo que Plinio miudamente os pinta ſem ſerem bicornios, e que aſſim naõ ſaõ eſtes os

Satyros de que tratamos: exclamando, que a ignorancia dos homens cingio a ſua admiraçaõ a muy limitado numero de entes.

O Marechal de Lavardin apreſentou a Henrique IV. no anno de 1599 hum homem, que tinha na cabeça huma ponta de cabra, e em tudo era ſemelhante a hum Satyro; o qual foy apanhado no Ducado de Maine. Thuano, *liv.* 123.

§. XXIV.

Monſtruoſidade dos animaes.

NOs animaes tambem ſe tem viſto muitas cabeças. No anno de 1530 ſe levou huma ſerpente de ſete cabeças a Veneza, e depois ao Rey de França.

Nicoláo Fernandes eſcreve, que marchando com a ſua gente perto dos lagos Arecona, e Coacaõ,

caõ, viraõ outra com muitas cabeças; o que Ariſtoteles tambem confeſſa haver. Em Napoles ſe vio huma vibora com duas cabeças; e Augerio Busbequio aſſevera ter criado huma tartaruga com duas cabeças, que por deſcuido ſeu deixara morrer: e igualmente ſe vio no anno de 1577 a tres legoas de Melodu-no hum carneiro com tres cabeças.

Paulo Zaquias, citando a Joaõ Fabro Lynceo, he teſtemunha, que no anno de 1625 ſe apanhara hum bezerro com duas cabeças. O Padre Regnault no *tom.* 4. dos ſeus *Dialogos Fyſicos* certifica, que no anno de 1729 no boſque de Compienhe, andando à caça ElRey Chriſtianiſſimo Luiz XV. ſe caçara hum cabrito montez com duas cabeças: e no meſmo Dialogo, allegando os de Alemanha, diz haverſe igualmente apanhado na caça de

outro

outro Principe huma lebre com duas cabeças, e oito pés, correſpondendo cada cabeça a quatro pés; e tanto os pés, como as cabeças eraõ encontradas, olhando para as partes oppoſtas, de ſorte que quando a cabeça, que olhava para o chaõ, e o bruto andava naquelles pés, que lhe correſpondiaõ, ficava a outra cabeça, e pés para o ar. Foy goſtoſiſſimo eſpectaculo da viſta ver o uſo, que a lebre dava aos ſeus duplicados membros, quando ſe vio perſeguida dos cães na caça, voltando o corpo de cima para baixo, e proſeguindo a fugida nos quatro pés, que eſtavaõ deſcançados. Feijó no *tom.* 1. *das Cartas*, na *Carta* 6. *pag.* 84.

Em o mez de Agoſto de 1757 veyo ao Campo grande a caſa do meu Amigo o Balio Fernando Correa de Lacerda hum frangaõ com

tres

tres pés, que lhe mandou à amoſtra Onofre Lourenço, Furriel do Regimento de Alcantara.

Agora no principio de Julho de 1758, eſtando já no Impreſſor eſta obra, naſceo no Convento de Odivellas em a meſma ſemana dous pintos, hum com tres pés, e o outro com quatro, e duas vias: o primeiro he da Madre D. Antonia Eufraſia Coutinho, filha de Gregorio Pereira Fidalgo; e o ſegundo da Madre D. Tereſa Leonor Caramello.

No Seculo paſſado appareceo em Flandes hum caõ com cabeça de gaviaõ. Modernamente naſceo no dito Moſteiro de Odivellas hum gato, que tinha duas cabeças, huma no ſeu lugar, e a outra no ventre, e oito pés.

O Padre Nieremberg diz na ſua *Curioſa Filoſofia* o ſeguinte:

Tres

Tres annos ha, que em Barquerena naſceo de huma ovelha hum cordeiro com pelle de cabra, e unhas de aguia, que tinha hum ſó olho no fucinho do tamanho de huma laranja.

Aſſim como ſe tem viſto monſtros de duas cabeças com hum ſó coraçaõ, tambem ſe tem viſto monſtros com o coraçaõ, e entranhas duplicadas, e huma ſó cabeça; de que Monſieur Hemeri deu noticia à Academia de França no anno de 1703.

Monſieur Plantade da Sociedade Regia de Mompilher, eſtando em Pariz, achou na ſua meſa dous frangãos, que cada hum tinha dous coraçõẽs perfeitos; o que examinou Monſieur Litre da Academia Real das Sciencias: e aqui vemos juſtificado o que Plinio, e Eliano diſſeraõ das perdizes de Paphlagonia terem

terem dous corações, que a mayor parte dos Authores reputaraõ quimera.

Em França me aſſeguraraõ ſe conſervava em eſpirito de vinho hum monſtro, que huma vaca pario, meyo urſo, e meyo leaõ.

Em 1756 ſahio a relaçaõ do parto de quatro crianças, que tambem faz mençaõ do ſobredito caſo.

Mayolo relata, que na Ilha de Jambolo, como deſcreve Diodoro Siculo, vira hum animal com quatro cabeças iguaes, poſtas em quatro partes do corpo, que olhava para as quatro partes do mundo; e andava para todas as quatro na meſma fórma; o qual tinha huma cruz formada ſobre ſi. E que no anno de 1572 foy viſto em Nicéa hum monſtro com doze pés, com outra cruz atraveſſada nas coſtas, que lhe cobria todo o corpo; no fim do

qual moſtrava ter a cabeça, ou parte della, porque em todas as quatro partes oppoſtas tinha em cada huma hum olho, e huma orelha. Eſteve tres horas em terra, e ajuntando-ſe muita gente para o poder apanhar, ou matar, o naõ conſeguiraõ com alguns tiros, que lhe atiraraõ; antes elle he que matou muita gente, e eſcapando-ſe ſalvo, ou com pouco damno, ſe lançou ao mar. Quizeraõ alguns chamar-lhe pela ſua figura, Tracho Chiron, ou Mula marinha.

Maravilhoſo caſo he o que ſuccedeo na Villa de Tremp em Catalunha, quando as criadas de hum Cavalheiro chamado Agoſtinho Bradaxi acharaõ na capoeira das ſuas galinhas hum ovo, que tinha de meyo relevo hum circulo perfeito, de que ſahiaõ tres rayos levantados; no meyo do circulo

eſtava

eſtava hum Sol, e no meyo do Sol o nome de Maria. Romperaõ o ovo, e na meſma gema ſe acharaõ diſtinctamente as meſmas letras brancas de relevo, como poderia fazer o melhor eſcultor. Feijó, e Monſieur de S. Aubin.

O ovo, em que ſe achou hum roſto humano com cobras por cabellos, como ſe pinta Meduſa, diz o P. Nieremberg, que naõ fora erro natural ſómente.

§. XXV.

Hermafroditas.

NAõ devemos omittir entre as monſtruoſidades os dous ſexos juntos, que em algumas creaturas ſe encontraõ. He certo, que as leys acreditaõ haver hermafroditas. Riolaõ quer, que naõ haja alguem taõ perfeito em ambos os

ſexos, que de duas naturezas poſſa ter geraçaõ; mas no caſo de a haver, naõ ſeria monſtruoſidade da natureza, mas ſim mayor gráo de perfeiçaõ, ſegundo o douto argumento, com que o prova Feijó. Minha Mãy, que a ambas as mãos dava uſo, tambem coſtumava dizer, que ter geito com a eſquerda era perfeiçaõ, e ſervirſe ſó da direita era ſer aleijado. Ambroſio Parê igualmente reputa por muito natural mudarſe huma mulher em homem por effeito de qualquel força; como a de hum eſpirro, ou de hum ſalto, como ſuccedeo a hum Francez chamado Germano, que ſendo até a idade de vinte annos mulher com o nome de Maria, por hum grande ſalto, que deu, ficou varaõ; e em memoria deſte caſo ſe fez a cantiga, que adverte as raparigas de naõ darem pulos, para

naõ

naõ ſerem Maria Germano. Eſte facto he taõ certo, como moderno. O Marquez de Santo Aubin atteſta vira o ſujeito, e que já eſtava muito velho, e barbudo. Entre muitos exemplos, que Oppiano, e Bayle trazem, tocarey ſó o de Plinio, que affirma, que Lucio vira a Coſſucio transformarſe de mulher em varaõ na noite do ſeu noivado. Huma peſſoa aſſaz conhecida na noſſa Corte depois de todos o conhecerem em trage feminil, a vimos com eſpada à cinta; porém de homem, que ſe tornaſſe em mulher, naõ ha exemplo, e ſó o achamos no mancebo Ceneo na fabula de Virgilio no *l.* 6. *da Eneida*: naõ ſó nos racionaes, mas naquelles, que o naõ ſaõ, ſuccedem eſtas tranſformaçõeſ.

Taõ exquiſito como certo he o caſo, que agora ſuccede com huma

ma gallinha, que depois de ter posto hum anno ovos, se tornou gallo, cantando como tal, e galando as femeas da sua especie: na crista, barbas, e em toda a cabeça, nenhum animal destes o iguala na arrogancia; porém no pescoço, e mais partes do corpo, em que os gallos tem todos pennas compridas, desmente a dita especie, porque todo he coberto de penna curta de gallinha; os esporões apontaraõ somente; naõ nasceraõ. Observey, que naõ briga com os gallos, supposto que elles o querem investir. Falta só de examinar se os ovos das gallinhas, que estiverem com elle, sahem com galadura; e naõ será esta a primeira vez, que se vejaõ juntas duas naturezas perfeitas; porque Monsieur Duverney, e Monsieur Poupart da Academia Real das Sciencias descobriraõ, que os caracoes, e outros

tros bichinhos da terra tinhaõ dous ſexos perfeitos com commercio de hum, e outro, como refere Feijó no *tom.* 5. *diſc.* 9. *n.* 46.

Eſta gallinha era de Miguel Mendes da Coſta, que mora no principio da traveſſa dos Ladrões, vindo de Santa Iſabel, e antes de chegar ao Marquez de Louriçal, que ſabendo o appetite, que eu tinha nella, ma offereceo: muitas peſſoas tem viſto eſta maravilha, e poderá vella tambem todo o curioſo, ou incredulo, que o duvidar; pois a conſervo neſta quinta de Odivellas, onde todos o preſenceaõ, e tem hido à moſtra às peſſoas da primeira eſféra, que deſejaraõ vella.

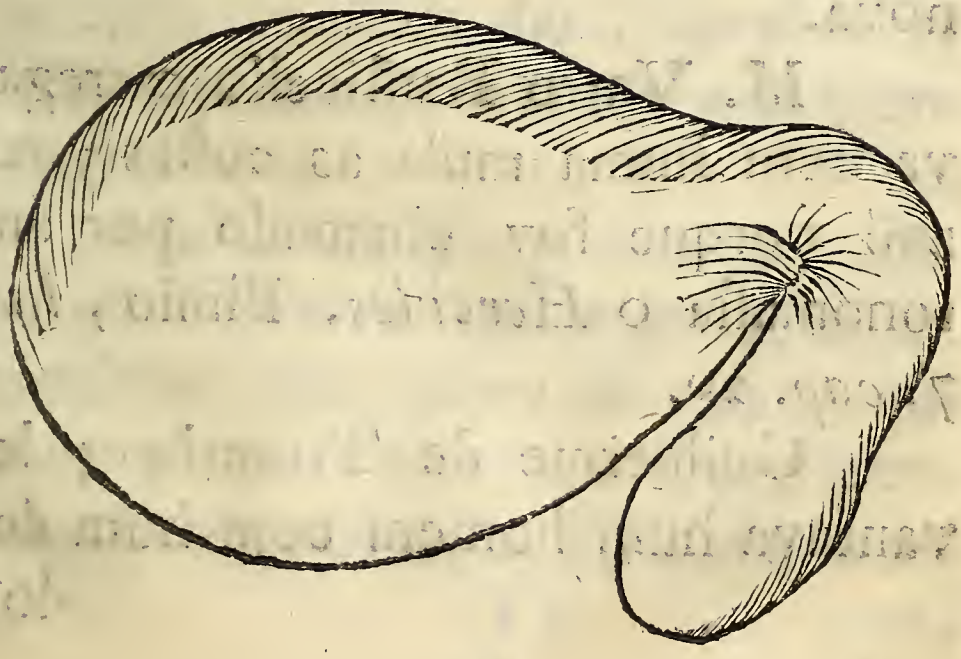
Tito Livio na *Hiſtoria Romana p.* 1. *l.* 2. aſſevera, que em Capua hum gallo ſe convertera em gallinha, e huma gallinha em gallo.

Agora ſuccede o mais paſmoſo,

ſo, e extravangante accaſo, que ſe póde imaginar neſte aſſumpto; porque havendo-ſe furtado a gallinha, de que faço menção, ſe tranſformou outra deſta caſa, dentro em dez dias, em gallo, creſcendo-lhe até as pennas compridas do peſcoço, e da cauda; as barbas, e a criſta he a couſa mais disforme de grande, que tenho viſto: não ſó gala as gallinhas, mas briga com os gallos: tres annos poz ovos, e por ſerem de huma caſta agigantada, ſe deitarão para tirar pintos deſta raça, que ſe conſervaõ hoje em dia: os ditos ovos eraõ taõ grandes, que hum levey eu por façanha ao Convento das Neceſſidades, onde foy viſto.

A todo o referido offereço por teſtemunha as de taõ abonado credito, e grandeza, como ſaõ Joſeph Bernardo de Tavora, D. Franciſco Pedro Xavier de Souſa, D. Pedro

dro Manoel de Mello, e D. Diniz de Almeida, que honrando-me hum deſtes dias neſta quinta, viraõ com goſto, e admiraçaõ o dito gallo, e ouviraõ a toda a minha familia aſſeverar, que tres annos o conheceraõ gallinha. Naõ he menor extravagancia da natureza o que no meſmo dia preſenciaraõ eſtes Fidalgos de hum ovo, que outra gallinha poz na fórma, que moſtra a ſeguinte eſtampa, que mandey fazer, por cumprir aos rogos de D. Pedro Manoel de Mello, que aſſim mo pedio.



§. XXVI.

Forças.

O Marichal de Saxonia eſtando à meſa com o Senhor Infante D. Manoel, e com o Principe Eugenio, querendo comprazer aos rogos, que lhe fizeraõ de exercitar as ſuas forças, pedio hum varaõ groſſo de ferro, e tomando-o nas mãos, o enrolou todo, e depois o tornou a pôr na ſua primeira fórma. O Senhor Rey D. Pedro II. com grande facilidade rompia com as mãos huma ferradura nova.

M. Varro Ruſticello carregava com huma mula às coſtas; razaõ porque foy chamado por antonomaſia o *Hercules*. Plinio, *liv. 7. cap.* 20.

Guilherme de Tromsberg levantava hum homem com hum dedo;

do, e fazia parar hum cavallo com a maõ na força da ſua carreira. Na meſma fórma achamos em Plinio, que Veniovalans, Capitaõ da guarda de Auguſto, ſoſtinha com a maõ huma carroça tirada por quatro cavallos. Ouvi dizer, que Ambroſio Freire de Andrade fizera iſto algumas vezes, e aſſim mo affirmaraõ teſtemunhas de viſta: porém eſta, e outras raridades de forças, que achamos em muitos Authores, o ſupponho mais induſtria da Arte, que prerogativas da Natureza, ſegundo as demonſtraçõeſ, que temos viſto executar na Aula das Neceſſidades pelos ſapientiſſimos Padres da Congregaçaõ.

Solino, *cap.* 1. diz que Milon de Cortona levantava ſobre os hombros hum touro de quatro annos, e que o derribava por terra com huma punhada. Mas que mui-

to, ſe o meſmo Author tambem diz, que o comia em hum dia! Ainda mais, que a raridade da força, devemos admirar a do eſtomago: ſe bem que Fagon, achamos em Vopiſco, comia tambem em hum dia hum porco, hum carneiro, e huma leitoa para desfaſtio Dizia Poro, que elle comia para viver, e os mais viviaõ para comer; e eu digo, que tambem ha quem come para morrer.

Porém todas eſtas façanhas ficaõ bem inferiores às forças de Sanſaõ. De fé ſabemos, que pegando pelas goelas a hum leaõ, o fazia em pedaços: que rompendo as groſſas prizões, com que o entregaraõ atado aos ſeus inimigos, ſem mais arma, que a queixada de hum jumento, matou com ella mil Filiſteos: por ultimo arrancando com as couceiras, e fechaduras as por

tas

tas da Cidade de Gaza, as levou às costas para hum alto monte: e até a circunstancia de consistir esta força nos cabellos he novo motivo para a contemplarmos no nosso assumpto das raridades.

§. XXVII.

Raridades de animaes.

Jonston no *tom.* 6. refere haver veados brancos, e algumas corças com armações; e o mesmo affirma Scaligero. Lebres da mesma côr dizem alguns Authores, que se tem visto nos Alpes.

Herodoto, e Alexandre Mindio, a quem cita Atheneo, fazem mençaõ de huns boys, que ha na Frygia, que andaõ para traz, como os caranguejos. E na Arabia diz Agalharchide, que as vacas naõ tem pontas, e saõ todas como alguns

guns boys, a que chamamos mochos.

Na India mayor ha huma Ilha ſujeita aos Mouros, em que os gallos, e gallinhas em lugar de pennas produzem lã branca como ovelhas. Mandavilla nas ſuas *Vias* no *cap.* 149.

O Padre Pantaleaõ de Souſa, hoje digniſſimo Prior de Santa Maria de Torres Vedras, teve neſta minha quinta de Odivellas muito tempo huma gallinha, que lhe deu o Senhor de Murça, exceſſivamente grande, que punha tres ovos todos os dias, hum pela manhã, outro à tarde, e outro à noite: o primeiro ſempre tinha duas gemas, e o ultimo era caſquimolle. Eu tive outra gallinha, que ao contrario nunca poz ovo; e por ſer eſpecialiſſimo, porque era toda acamurçada, com huma grande popa preta,

me

me pedio hum Cavalheiro curioſo huma poſtura, para ter daquella caſta; e foy neceſſario darlhe a gallinha, para acabar de perſuadirſe, que já mais pozera ovos, em dous annos, que fora minha.

O Marquez de Santo Aubin trata dos unicornios, como couſa naõ ſó certa, mas commummente viſta por todos na Ethyopia: e a Viagem de Trevoux no *tom.* 4. toma por teſtemunha a muitos Padres da Companhia, que os viraõ, e os pinta como hum cavallo de côr parda, e com huma haſtea no meyo da teſta do comprimento de cinco palmos. Porém Feijó lhe nega a exiſtencia, e os reputa por chymera; e eu ſem encontrar os pareceres de taõ grandes Authores, aſſento que ambos dizem bem; porque havellos, como ſegue o Marquez de Santo Aubin, he innega-

vel;

vel; e havellos com a virtude, e circunſtancias, que lhe attribuem os Naturaliſtas, he o que juſtamente duvida Feijó; e como o Padre Euſebio Nieremberg entre as eſpecies, que ſe perderaõ, diz ſer huma o unicornio verdadeiro, ficaõ concordados ambos os textos.

Poucos dias ha, que vendo eu em caſa do Deſembargador Vereador do Senado Manoel de Campos e Souſa huma haſtea deſtes animaes, a que daõ nome de *Abada*, me diſſe que elle lhe ſuppunha a virtude, que ſe attribue ao unicornio; porque havendo poſto peçonha para matar arganazes, reparara que naõ morriaõ, e que ſómente ſe viaõ pelados; e que depois averiguara eſtar roida delles a dita haſtea; motivo que o fizera perſuadir, que aquelle antidoto naõ deixara produzir effeito ao veneno.

Em

Em Madrid certifica o Padre Nieremberg, que vira toda a Corte hum cavallo, que tinha na cabeça huma ponta de boy.

No Senegal ha formigas brancas, e na Aſia vermelhas. Solino, e S. Iſidoro atteſtaõ, que na Ethyopia as ha do tamanho de cães. Herodoto as compara com rapoſas grandes. O meſmo Santo, fallando dellas, diz, que acarretaõ os grãos de ouro, que achaõ na arêa, e correm atraz de quem lhos tira. Pomponio Mela no *liv.* 3. corrobora a meſma noticia com igual relaçaõ, que faz deſte animal. Eſta noticia motivou grande rizo a huma peſſoa conſpicua: e a eſte propoſito me lembra o que Luiz de Abreu de Freitas com o ſeu coſtumado juizo, e deſprezo do mundo, diſſe na Igreja de S. Domingos, entrando por ella com hum capote berne em

dia de grande calma, vendo a todos fazer galhofa de ir daquella fórma: *Senhores, naõ ſe riaõ de mim, mas ſim da minha caſaca, que he quem traz o capote, porque lhe falta hum canhaõ.* Eu tambem digo: Riaõ-ſe os Senhores Criticos de S. Iſidoro, de Solino, de Herodoto, e de Pomponio Mela, e naõ de mim, que elles ſaõ quem trazem eſta noticia; e a meſma repoſta lhes dou para tudo o mais de que ſe rirem.

De huma certa eſpecie de coruja pequena, chamada Chouëtte, ſe conta que furta o ouro, e o eſconde; o que fez dizer a Cicero, que nem deſte animal ſe podia confiar o ouro.

Dizem que o dragaõ ſe gera da aguia com a loba. Locke affirma, que vira eſte animal, e ſer producçaõ de ambos os que temos referido; e naõ menos Poſſidonio atteſta

teſta terſe viſto hum na Celiſyria morto, extremamente grande, e de tal groſſura, que dous Cavalleiros poſtos cada hum de ſua parte, ſe naõ viaõ hum ao outro.

Que haja eſta eſpecie de baleas na terra naõ me admirara eu, mas ſim que ſaya taõ agigantada producçaõ de duas eſpecies de animaes, que naõ ſaõ muito grandes.

Na Hiſtoria da Religiaõ de Malta ſe faz mençaõ de hum formidavel dragaõ, que hum Cavalleiro de Rhodes, chamado Adeodato, matou na dita Ilha. O Balio Fernando Correa de Lacerda me affirmou, que hoje em dia ſe conſerva em Malta a pintura do dragaõ, de que tambem falla Luc. Flor. e Antonio de Souſa de Macedo a *pag.* 61. de *Eva, e Ave.*

Nos certões do Braſil he conſtante haver huma cobra chamada

Giboya, de tal grandeza, que engole hum boy inteiro, e naõ podendo acabar de tragallo pelo embaraço das pontas, fica ſem ſe bolir, como morta, até que apodrece no charco de lodo em que coſtuma eſtar, e depois de ſe desfazer com o tempo, conſerva a vida em huma vea, que tem no meyo do eſpinhaço com ſangue, que novamente começa a cobrirſe de carne, e fica como dantes viva, e forte. Os naturaes daquelle Paiz, que ſabem eſte maravilhoſo milagre da natureza, coſtumaõ, quando encontraõ o eſpinhaço deſte animal, partillo em poſtas; porque em quanto ſe lhe naõ corta a veya, que nelle exiſte, he certo, que ha de tornar a viver. Entre muitas peſſoas fidedignas, que me tem contado eſte facto por verdadeiro, mo aſſeveraraõ ha poucos dias, como teſtemunhas oculares, o

P.

P. Fr. Lourenço, irmaõ de Luiz de Mendoça Furtado, e o P. Fr. Fernando de Santo Antonio, tambem Capucho, e Definidor geral da Provincia do Rio de Janeiro, que frequentaraõ aquellas terras. Naõ he menor raridade o modo, com que a dita giboya póde engolir o boy, conſiſtindo na virtude, ou veneno do bafo deſta cobra, que depois de matar o boy o bafeja, e com o ſeu halito lhe desfaz de ſórte os oſſos, e deixa taõ moido, que parece hum odre cheyo de agua, e neſta fórma he que o pode engolir inteiro. Tambem he circunſtancia da raridade, que o dito bafo, que desfaz os oſſos, naõ tenha a meſma efficacia para desfazerlhe a armaçaõ, com que morre engaſgada. O Marquez de Santo Aubin no *tom. 6. pag.* 445. com muitos Authores, diz, que as cobras ſe reno-

renovaõ cada vez, que tiraõ a pelle, e que tanto a ellas, como aos lagartos, ainda que lhe cortem a mayor parte da cauda, lhe torna a naſcer. Nas lagartixas he certo, que aſſim ſuccede; porque eu vi algumas a que cortaraõ a cauda, que ſe via hirlhe naſcendo de novo. No Journal de Sçavans de Junho de 1731. *pag.* 349. ſe affirma que o coraçaõ deſtes animaes, de que fallamos acima, ainda depois de arrancados, e feitos em bocadinhos, duraõ muito tempo a bulir; e que a tartaruga ainda paſſados vinte e tres dias de morta, ſe lhe acha movimento, por pouco que a piquem com hum alfinete. Mais que tudo iſto he o que achamos em Alberto Magno no *liv.* 7. *Phyſicor. tract.* 1. *cap.* 2. de que hum cordeiro, a que cortaraõ a cabeça, andara ſem ella por largo eſpaço.

San-

Santo Iſidoro *liv.* 22. diz, que os gryphos, que naſcem nas montanhas da Phrygia, tem o corpo de leaõ, a cabeça, e azas de aguia, e ſaõ taõ ferozes, que deſpedaçaõ os homens, e os cavallos.

Herodoto, Pauſanias, Cteſias, Eliano, Pomponio Mela, Solino, e Apuleo abonaõ haver gryphos, e os ſuppoem na Scythia Aſiatica, ou nos montes Rypheos, e os fingem com diverſas figuras monſtruoſas. Plinio os tem por fabuloſos, e que ſaõ freneticos todos os que defendem a ſua exiſtencia. Mathias Michonio, e Perroto Decembrio affirmaõ, que nem na Sarmacia Aſiatica, nem no Septemtriaõ, nem nos montes Rypheos appareceraõ nunca taes monſtros.

Moyſés ſim defendeo o uſo da carne do grypho, por ſer animal, que nunca ſe ſujeitou ao homem:

mem: mas os Expoſitores do Texto tomaõ eſte grypho por huma eſpecie de aguias muito mayores, e mais forçoſas, que as commuas, e talvez daquellas, de que Jorge Fabricio refere, que no anno de 1550 ſe achara hum ninho entre Meſſina, e Dreſda, de tal grandeza, que occupava tres carvalhos. Com eſtas, e muitas outras doutas razõeſ refuta Jeronymo Dorta nas ſuas *Annotações* haver gryphos, moſtrando que ſó ha a tal eſpecie deſtas aguias, cuja grandeza, e força arrebata hum boy, e hum cavallo: o que aſſevera, e corrobora, citando varias Relações dignas de credito, e muitas hiſtorias, que o confirmaõ; de ſórte, que para os Criticos he eſcapar de Scylla, e dar em Carybdes; pois tanto incrivel ſe faz huma couſa, como a outra. Porém eu, que eſcrevo o que acho, e naõ

o que

õ que vejo, digo o que eſcreverm os Authores ſerios, e deixo a cada qual na liberdade de crer o que lhe parecer.

Sufites Rey da India, e outros Principes expunhaõ as cadellas nos boſques aos tigres, (como no lugar da Arte dizemos) e tiravaõ raças taõ generoſas, que corpo a corpo venciaõ os leões. Ariſtoteles na *Hiſtoria dos animaes liv.* 8. *cap.* 1.

Bayle na Republica das letras, no mez de Março de 1684. *art.* 6. traz huma raça deſtas bem extravagante, de hum grande rato, que ſe ajuntara com huma gata, e naſcera hum mixto, que tinha ambas as eſpecies. Naõ he tambem menos rara, e exquiſita a noticia, que eu poſſo dar por certa, que em caſa de meu ſogro criou huma cadellinha hum gato. De preſente he tal

a ſympathia, que tem hum gato com hum cachorrinho, que naõ vay nenhum delles para alguma parte, ſem que o outro o acompanhe. Naõ ha gato macho com tres cores, e mais raro he ainda, que as meninas dos ſeus olhos creſçaõ, e diminuaõ com a maré. Naõ cito os Authores, que o affirmaõ, porque todos nós o podemos averiguar.

Tambem he raridade da Natureza, que as producções de differentes eſpecies naõ procreaõ, ſuppoſto que como monſtruoſidade vimos huma mula parir, a qual veyo ao terreiro do Paço para o Senhor Rey D. Joaõ V. a ver: e na Miſcellanea, que vem na Chronica delRey D. Joaõ II. ſe vio o meſmo naquelle reinado; ſendo que Ariſtoteles, e Varro aſſeveraõ, que as mulas em Africa eraõ fecundas. Em 29 de Junho de 1728 pario outra

mula

mula huma cria com ſemelhança de mula, e de jumenta, a qual era de Manoel Gonçalves homem honrado do lugar da Cuba; o que me atteſtou ter viſto Antonio Cabrita Pinheiro, peſſoa de verdade da dita terra.

§. XXVIII.

Vida dilatada de alguns animaes.

ENtre as raridades, que pudera referir da dilatada vida, que Oppiano, e outros Authores attribuem a muitos animaes, tocarey ſó as que me parecerem mais plauſiveis. Na Hiſtoria de França achamos, que Carlos VI. metera no ſeu eſcudo dous veados, em memoria de que caçando nos boſques de S. Liz, apanhara hum, que tinha huma coleira de cobre com eſtas letras: *Ceſar ma deu.* O meſmo Padre Daniel accreſcenta, que

indubitavelmente fora algum dos ultimos Ceſares.

Roger Bacon, que naſceo em 1214, affirma, que no ſeu tempo ſe achara outro veado com huma coleira de ouro, e huma inſcripçaõ, em que dizia: *Julio Ceſar me poz neſte boſque.* Ariſtoteles refuta a dilatada vida dos veados pelo pouco tempo, que andaõ no ventre da mãy, e brevidade com que creſcem; e pelos meſmos fundamentos a ſuppoem mais dilatada aos elefantes, que andaõ no ventre materno dezaſeis mezes. Alguns Authores dizem, que vivem cem, duzentos, e quinhentos annos. Plinio no *liv.* 8. *cap.* 42. cita o exemplo de hum cavallo, que vivera ſetenta e cinco annos. Fledoardo eſcreve, que o Duque de Gaſconha vindo render omenagem ao Rey de França, montava em hum cavallo muy vigoroſo,

ſo, que tinha cem annos. Homero tambem diz, que Ulyſſes o reconhecera o ſeu caõ depois da larga auſencia de vinte annos; o que tambem prova terem alguns mais dilatada vida da que lhe attribue o Padre Euſebio Nieremberg, em razaõ das tres circunſtancias do muito que ſe enfadaõ, e dormem, e pouco que maſtigaõ.

§. XXIX.

Raridades de arvores.

PLinio repreſenta a hum Conſul Romano dando hum convite a vinte e duas peſſoas debaixo de huma arvore; e a Caligula à ſombra de outra comendo em hum banquete com igual numero de convidados, para moſtrar a grandeza da arvore: porém mais razaõ teria para ſe admirar, ſe ſoubeſſe, que Chriſ-

Chriſtovaõ Colon, e quatorze homens, dando-ſe as mãos, naõ puderaõ abraçar huma, que viraõ na America; e que nella he commum o fazerſe huma embarcaçaõ maciça de hum ſó tronco, em que cabem muitos homens. Os Romanos faziaõ tanto apreço das arvores frondoſas, que Hortenſio as regava com vinho; o que igualmente praticavaõ os Gregos. Xerxes namorado da formoſura de hum platano, o ornava de plumagens, e de joyas precioſas.

Naõ he menor aſſumpto de raridade a dilatada vida, que muitas arvores tem. No valle de Mambré eſtá huma arvore, a que os Sarracenos chamaõ *Diſp*; que dizem foy plantada no principio do mundo, e que no tempo de Abraham ſe chamava a *arvore de Scht*, conſervando as folhas verdes até à mor-

te

te de Chriſto Senhor noſſo, em que começou a ſecar. Mondavilla no *cap.* 75.

Do cypreſte diz Plinio, que chega a durar quatrocentos e cincoenta annos. Muitas laranjeiras de Fontainebleau ſe conſervaõ viçoſas, e cheas de flor deſde o tempo de Franciſco I., como refere o *Eſpectaculo da Natureza*: e igualmente querem, que em Jeruſalem exiſtaõ oliveiras do tempo de Jeſus Chriſto, e o Terebintho, debaixo do qual repouſou a Virgem Maria.

Nas Indias ha humas figueiras, que as folhas tem mais de tres covados de comprido; que he muito provavel, que ſeja a planta fatal ao genero humano, em que Adaõ peccou; pois ſem embargo da grande diſputa, que ha de qual ſeja a ſua eſpecie, vemos que eruditamente Goropio reflecte, que Moiſés

ſés claramente nos indica ſer eſta a arvore do bem, e do mal; pois o ſeu fruto he delicioſo ao goſto, e agradavel à viſta, as ſuas folhas proporcionadas a cobrirem hum homem; e que ſe o meſmo Moiſés lhe deu o nome de figueira, nada lhe falta para aſſentarmos, que eſta he a arvore do Paraiſo; o que ſe comprova com a deſcripçaõ, que Plinio faz da meſma figueira da India, bem alheyo da importancia do aſſumpto, que tratava, quando começa a deſcrevella, de que foy achadada nas Conquiſtas de Alexandre no novo mundo, enchendo de admiraçaõ aos homens. Em tudo a pinta com as meſmas circunſtancias, que por diffuſas omitto. O meſmo Goropio pondera taes moralidades neſta planta, que diz, que ſe fora ſoberano, mais depreſſa empregaria groſſas ſommas em traſplantal-

la,

la, que em aliſtar tropas, que ſó cauſaõ deſordens; porém que a ſua mediana fortuna, e a ſua grande idade lhe ſerve de invencivel obſtaculo a eſte deſejo.

§. XXX.

Vegetaçaõ de metaes.

A Vegetaçaõ dos metaes produz effeitos paſmoſos. Ariſtoteles refere, que em Chypre ha huma eſpecie de arame, que os lavradores cortaõ em bocadinhos, e ſemeaõ como trigo; e que igualmente na Iberia havendo queimado os Paſtores hum boſque para augmentar com o calor a fecundidade da terra, ſe vira nas aberturas correr prata fundida; e o que mais he, que creſcia, e ſe multiplicava muito. Pedro Matthicu atteſta, que no anno de 1602 ſe preſentara a

Henrique IV. hum bocado de ouro achado no Leonêz, que moſtrava perfeitamente ſer hum ramo de arvore. Em muitos Cabinetes curioſos ſe conſervaõ outros metaes, que vegetaraõ. Algumas vinhas em Alemanha deraõ raminhos, e folhas de ouro puro, como relataõ Alexand. ab Alexand. *Genial. dier. lib.* 4. 6. 9. Jonſthon Thaumat. *claſſ.* 4. *cap.* 26. o que procede, de que os corpuſculos metalicos ſe filtraraõ pelas raizes, e fibras com o ſucco nutritivo.

No Journal des Sçavans de ſegunda feira 17 de Mayo de 1683, vem, que em Bohemia, indo-ſe cortar huns cogumelos, ſe achara que eſtavaõ cheyos de ramos de prata; porém mais que tudo he o que achamos na Academia das Sciencias de França do anno de 1710, 1722, e 1731, de que huma arvore produzira

zira huma vara de prata, que tinha mais de seis pés de comprimento; e que muitas vezes se tem achado as raizes das plantas cheas de palhetas de ouro: em fim, que em hum campo semeado de cevada, vendo-se que brilhavaõ humas espigas, se reconhecera serem de metal, e que o senhor da terra fizera dellas presente ao Imperador Rodolfo. Aqui temos huma das mais espantosas noticias entre todas as raridades da Natureza abonadas pelo mais recto Tribunal das Sciencias. Escolhaõ agora os Criticos modernos, se haõ de negar o credito aos milagres da Natureza, se ao corpo daquelle supremo, e sapientissimo Congresso: porém como a ignorancia sempre foy atrevida, negallohaõ a tudo; porque tambem a elles ninguem lho dá.

§. XXXI.

Virtude das pedras precioſas

TAõ diffuſas, como ſuperſticioſas ſaõ as virtudes raras, e occultas, que os Naturaliſtas attribuem às pedras precioſas. Dizem, que a pedra Iman augmenta o amor, e a uniaõ entre os caſados: outros apontaraõ modos, com que por meyo della ſe podia deſcobrir o adulterio; e naõ menos fallarem-ſe duas peſſoas auſentes com certo alfabeto ſemelhante ao relogio, em que as agulhas haviaõ de apontar. Do diamante diſſeraõ igualmente, que tinha a meſma virtude de deſcobrir a fidelidade da mulher, e conſervar a uniaõ conjugal, e até de ſer preſervativo contra os feitiços, peſte, e veneno. Do rubim tambem dizem, que alegra o animo, e pro-

move ſonhos agradaveis, e que muda de côr, em quem o traz, quando lhe ſuccede algum infortunio. Boecio affirma vira huma turqueza, que perdera a côr eſtando na maõ de hum moribundo, e que depois na maõ de ſeu filho a tornara a ter belliſſima. A eſmeralda, ſegundo as opiniões de alguns, faz ter riquezas: o jaſpe he proprio para a geraçaõ; e a agatha para ter eloquencia: a zafira, ſegundo Agrippa, he remedio contra a febre, e entre os Indios infauſta: a ametyſte para a embriaguez; o coral contra a melancolia; e o topazio proprio para ſocegar as paixões, e deſterrar a luxuria. Cardano naõ quer, que haja pedra brilhante ſem virtude inſigne; porém ainda devemos contemplar mais raras, e precioſas aquellas pedras, em que diſtinctamente vemos tantas figuras pintadas

das pela Natureza, ſem ſoccorro algum da Arte.

§. XXXII.

Fórmas extravagantes de pedras.

PYrrho tinha huma agatha, que repreſentava naturalmente Apollo com as nove Muſas. Em Piſa na Igreja de S. Joaõ dizem ſe vê hum velho Eremita perfeitamente dibuxado pela Natureza, aſſentado ao pé de hum rio com huma campainha na maõ: e igualmente no Templo de Santa Sofia em Conſtantinopla ha outra imagem de S. Joaõ Bautiſta ſó com a imperfeiçaõ de que a Natureza lhe naõ formou hum pé. De Breves, que foy Embaixador em Conſtantinopla, diz na ſua Relaçaõ do Levante, ter viſto em S. Jorge de Veneza hum

Cru-

Crucifixo repreſentado naturalmente em hum marmore.

Pancirolo atteſta, que em Roma na Igreja de S. Vital vira outra, que perfeitamente moſtrava hum Padre celebrando o ſanto Sacrificio da Miſſa, levantando a Hoſtia, e que o Papa Paulo III., perſuadindo-ſe foſſe ajudado da Arte, raſpara o marmore, para ſe certificar ſe tinha alguma pintura; mas que ficara plenamente convencido, que tudo era natural.

Os Ethyopios tiraõ da cabeça de hum animal ſemelhante ao ſapo, huma pedra, em que o dito animal ſe vê propriiſſimamente repreſentado. P. Kirker *liv.* 8. do *Mundo ſubterraneo.*

Em tempo da Acclamaçaõ do Senhor Rey D. Joaõ IV. appareceraõ nas prayas de Cezimbra varias pedras pretas oyadas, e do tamanho

manho de huma noz, com letras de relevo das meſmas pedras, em que ſe via a firma, e talhe da letra do Duque, e todas tinhaõ eſte meſmo nome. Hum amigo meu teve huma em ſeu poder, que ſe offereceo ao Senhor Rey D. Joaõ o V., que a mandou guardar ao P. Antonio dos Reys, e hoje ſe acha no Cartorio da Congregaçaõ do Oratorio de Eſtremoz em depoſito, que eu tive na minha maõ.

O livro intitulado *Reſtauraçaõ prodigioſa de Portugal* compoſto por hum Jeſuita, como diz o P. Vieira nas ſuas *Cartas*, e impreſſo com o nome do Doutor Gregorio de Almeida, refere muitas outras raridades ſemelhantes à que temos referido deſta pedra.

As pedras ſoltas por modo, e feitio de eſtrellas, que ſe daõ na rocha de Peniche, vi muitas, e tambem

bem eſtaõ fixas nas lages de Noſſa Senhora da Victoria da meſma Peninſula.

§. XXXIII.

Petrificações.

GRande diſputa tem os Naturaliſtas ſobre a diverſidade de fórmas das pedras, que ſe achaõ nas entranhas da terra, humas como linguas, ou dentes; outras como oſſos de gigantes, ou como mariſcos: porém eu ainda que o meu voto naõ póde entrar em Capitulo, vendo modernamente em hum alicerce, que ſe abrio em S. Franciſco da Cidade huma immenſa copia de ſacatrapos de pedra, feitos com tal primor, que nem a Arte os faria mais perfeitos; aſſento, que he (ſeja-me permittido chamarlhe aſſim) hum brinco da Natureza, e hum novo argumento para admirar-

mos as ſuas raras producções. A *pag.* 148. dos *Effeitos formidaveis dos Elementos* diſſemos já, que havia petrificações, que a meſma Academia das Sciencias de França do anno de 1721, *pag.* 21. abraça, ſuppoſto naõ ſejaõ da natureza daquelles caſos, que refere o Padre Kirker de huma Villa, que em Africa ſe converteo em pedra com todos os ſeus habitantes; e Acoſta traz de huma Companhia de Cavallaria Heſpanhola, que igualmente ſe convertera em pedra; nem do que Aventino conta dos cincoenta paizanos, que em 1348 com os ſeus gados foraõ, como a mulher de Lot, tranformados em ſal.

Nas Memorias de Trevoux do anno de 1729. *tom.* 2. *pag.* 695. vem a noticia de hum ramo de pinheiro com pinhas, que ſe guardaõ no Cabinete de Arrochella, do qual huma

ma parte eſtá petrificada, e a outra naõ. Em 1719 refere a Academia Real das Sciencias de Pariz, que a Academia Real das Bellas Letras, Sciencias, e Artes de Bordeos mandara ao Duque de Orleans huma quantidade de oſſos de animaes, que ſe acharaõ em huma montanha das ſuas viſinhanças, dos quaes huns eſtavaõ petrificados, e outros naõ. A meſma Hiſtoria da Academia Real das Sciencias do anno de 1688 faz mençaõ de hum vime petrificado, que ſe achou perto de Maitenon a dezoito pés de profundidade dentro de terra.

Conchas petrificadas he couſa taõ conſtante havellas, que me parece, que ninguem deixará de as ter viſto; porém ſuppoſto que iſto ſeja muitas vezes por virtude da petrificaçaõ, como ſegue Feijó no *tom. 7. diſc. 2. n. 8.* naõ embaraça,

que tambem ſeja outras vezes por extravagancia da Natureza; porque no meſmo alicerce, que eu vi abrir em S. Franciſco, appareceraõ infinidade dellas, de todo o tamanho, e quebrando algumas, ſe viaõ outras mais pequenas, como em ternos, dentro humas das outras; o que provava naõ ſer petrificaçaõ; e naõ menos o prova a multidaõ infinita de ſacatrapos de pedra perfeitiſſimos de todo o tamanho, que juntamente ſe deſcobriraõ, como tenho referido. Alguns delles offereci ao Conde de S. Lourenço, que como taõ curioſo, e ſabio, eſtimou vellos. Agora preſentemente appareceo outra grande quantidade delles ao Forno do tijollo, por baixo de Noſſa Senhora do Monte, de que conſervo muitos.

Na meſma parte da Hiſtoria da Academia achamos, que áquel-

le

le ſabio Congreſſo foraõ preſentados pelo Abbade de Leuvois dous troncos de palma petrificados, que ſe trouxeraõ de Africa; os quaes examinados com outros ramos de palma, moſtraraõ todos os linhamentos taõ uniformes, que naõ deixou duvida alguma, de que haviaõ ſido petrificados.

As petrificaçõeſ achadas em corpos humanos, e de outros animaes, ſaõ as mais deciſivas provas deſtes ſucceſſos. Monſieur Litre vio o baço de hum homem inteiramente petrificado. Thomaz Bartholino a cabeça de hum boy: outra cabeça de boy convertida em pedra foy achada por Monſieur de Verney o moço, e preſentada à Academia.

No Muſeo Wormiano ſe acha hum corpo humano convertido em pedra até os peitos. Em Roma na horta

horta do Palacio Luiſiano hum eſqueleto inteiro feito pedra. O Padre Zahn *n.* 2. *Mund. mirab.*

Por ſer alheyo do noſſo aſſumpto noticias, que aſſuſtaõ, porque ſó trato das que deleitaõ, omitto individuar os argumentos com que Feijó moſtra ſer poſſivel, e natural haverem-ſe convertido em pedra as referidas povoaçõẽs, de que fallámos acima, com a gente, animaes, roupa, e quanto em ſi continhaõ: o que tudo eruditamente moſtra no *tom.* 7. *diſc.* 2. §. 3. *n.* 12.

XXXIV.

Natureza rara de terra.

NO Archipelago, na Ilha chamada Milo, he a terra de natureza tal, que ſe a cavaõ, e a levaõ para outra parte, em ſeu lugar naſ-

naſce outra, que enche a cavidade, que ficou. Meſts. Chitx. *Itiner. Orient.*

Na Hiſtoria natural de Colon *part.* 2. *cap.* 7. vemos, que em Polonia, e Alemanha ha certas veas de terra, que miſturada com farinha faz muito bom paõ: e em Portugal, e outras partes ſabemos ha tambem outra caſta de terra, que arde como carvaõ.

Em Eſcocia cruelmente perſeguem os lobos ao gado, excepto em hum pequeno valle chamado Glemmores, aonde naõ fazem mal às ovelhas, nem a outros animaes domeſticos. H. Boeth. *Deſcripçaõ de Eſcocia.* Mayolo, e outros Authores deſcrevem varios pedaços de terra, que nadaõ na agua, como entre outras em certa lagoa perto do naſcimento do Nilo huma Ilha com matas, e hum grande edificio boyan-

boyante, e ſegundo os impulſos do vento ſe move.

Ariſtoteles, Theofraſto, Titolivio, e Atheneo aſſeveraõ, que muitas vezes ſe encontraõ peixes nas entranhas da terra. Alguns deſtes Authores crem, que as enchentes das aguas os levaraõ áquelle ſitio, e que depois de ſecco ficaraõ nelle: outros inferem, que as inundações podiaõ conduzir alli os ſeus ovos; e em fim outros aſſentaõ, que ſem eſtes principios ſe podem gerar de ſi meſmos nos lugares, que tenhaõ qualquer humidade. Seneca relata igualmente o referido, ſem lhe parecer couſa de admiraçaõ, mas ſim muito natural. *Rondelecio de piſcib. lib.* 1. *cap.* 10. accreſcenta, que tudo iſto he taõ certo, que elle vira muitas vezes enguias, e outros peixinhos pequenos dentro na terra, que ſe ſuſtentavaõ do lodo.

Plan-

§. XXXV.

Plantas viventes.

O Dorico Uticenſe no ſeu *Itinerario* affirma, que nos montes Caſpios naſcem huns melões muy grandes, que tem a figura de hum cordeiro branco como neve, cujo pello parece algodaõ; a carne he ſaboroſa, e buſcada pelos lobos; o que tudo refere Rhamuſio, e Fortunio Liceto; e eu tambem o achey nos Athlas, e no correcto Diccionario de Evignè na palavra *Tartaria*, dando-lhe o nome a eſtes cordeiros de *Bonaret*, onde diz, que eſta planta fica pegada pelo embigo, e que em ſe lhe acabando o paſto, a que chega, morre.

O Padre Euſebio na ſua *Curioſa Filoſofia* trata de humas figueiras na India, que coſtumaõ naſcer

às bordas dos rios, que produzem hum fruto coberto de hum pello como muſgo; que em eſtando maduro ſe deſpega da arvore, e cahindo na agua começa a nadar como huma eſpecie de ades, a que chamamos margulhões.

Eſtas noticias paſſaõ por quimera entre os ſabios da moda; porém eu ſem diſputar a ſua verdade, direy ſó, que me parecem muy poſſiveis; pois naõ ſe dá mayor razaõ para que os bugalhos produzaõ moſcas, e os ulmeiros huns folles com infinita copia dellas, como todos vemos, e naõ poſſaõ eſſoutras plantas produzir frutos viventes.

Igual prodigio ao de haver animaes, que naſcem das plantas, he o de haver plantas, que naſcem dos animaes. Ariſtoteles, e Theofraſto affirmaõ terem-ſe caçado veados, que tinhaõ hera pegada nos eſga-

eſgalhos, ao que Taſſo cantou os ſeguintes verſos:

Dal quale anco germoglio tal volta
L' edra tenace frondeggiando in alto.

Tambem devemos contar por raridade haver plantas, que naſcem ſobre as folhas das arvores. Silveſtre Ribeiro actual Cirurgiaõ das Freiras de Odivellas, e natural do Rio de Janeiro, me aſſeverou ſer couſa taõ commua, como certa, haver no Braſil huma planta chamada do *Paſſarinho*, que dá hum certo fruto, que coſtuma comer hum paſſaro chamado *Senhaſû*, que em eſte excretando ſobre as folhas das larangeiras, naſce a ſemente da dita herva, que ſe enlaça com grande prejuizo nas arvores, de ſórte que ſe poem todo o cuidado em tirarlha porque aliás as deſtroe.

§. XXXVI.

Peſſoas que naõ comem, nem bebem.

A Hiſtoria do boy, que ſe achou dormindo ſobre huma ruma de feno muy gordo ſem comer, nem beber alguns mezes, contra o que o Padre Franciſco de Mendoça eſcreveo, diz o P. Lelio Biſciola, que eſte caſo ſuccedera em Saboya em 1693, e que ſómente eſtivera ſem beber. Feijó na *Carta* 18. *n.* 20. do *tom.* 3. dellas abraçando, que as particulas exhaladas do feno, e introduzidas pela reſpiraçaõ o ſuſtentaraõ todo aquelle tempo, comprova a poſſibilidade deſte facto com o Corollario, que immediatamente traz no *n.* 24. Democrates ſendo já de cento e nove annos conſervou a vida tres dias ſó com o cheiro de paõ quente.

Agoſtinho Buſico eſcreve, que huma menina ſe ſuſtentara hum mez, pon-

pondoſe-lhe huma eſponja no nariz molhada em vinho ; e entre muitos exemplos deſtes , que referem varios Authores , faz grande pezo affirmar Hippocrates , e Galeno , que o cheiro póde ſuſtentar , e nutrir. Plinio , e Marcello Donato ainda ſe atreveraõ a dizer mais ; porque affirmaõ haver homens , que naõ tem boca. A *pag.* 343. da *Occulta Filoſofia* do Padre Nieremberg vem hum diffuſo catalogo de algumas quarenta peſſoas no coraçaõ de toda a Europa, que viveraõ ſemanas , mezes , e annos ſem comerem , nem cheirarem couſa alguma ; ſobre o que faz hum elegante diſcurſo filoſofico , moſtrando as razões porque iſto póde ſucceder em velhos , e em moços. Em fim conclue dizendo , que em Placencia havia hum Padre da ſua Religiaõ , e enfermo, que nunca bebia.

Eſtra-

Eſtrabaõ diz, que os Ethiopios diſtantes das aguas doces ſó bebiaõ huma vez cada ſemana. Bayle na *Republica das Letras* no mez de Fevereiro de 1685. *art.*7. refere, que hum doudo de Harlem paſſara quarenta dias ſem comer, cachimbando ſómente, e tomando alguma agua na boca mais para enxaugalla, que para engolilla. Huma rapariga filha de Confolent da Provincia de Poitou, chamada Joanna Balam, viveo tres annos ſem comer no anno de 1601, ſegundo o Tratado intitulado *Abſtinens Confolentanea.* Maraldi conta, que em hum terremoto, que houvera em Napoles, hum moço ficara quinze dias debaixo das ruinas, e que naõ morrera de fome. Lourenço Joubert entre os exemplos de grandes abſtinencias traz, que huma rapariga de Spire pelo eſpaço de tres annos

nos naõ comera, e que paſſados elles tornara a uſar de alimento. Eſta hiſtoria taõ celebre a eſcreveo Gerardo Bukoldiano, Medico do Imperador Fernando I. por ordem de quem examinou ocularmente o caſo: e a eſte ajunta muitos outros exemplos ſemelhantes, e entre elles he o de hum Franciſcano Romano, que igualmente ao tempo que elle eſcrevia, contava dous annos ſem comer.

Em Berni ſe conſerva o retrato de huma moça, que igualmente paſſou ſete annos ſem comer, como atteſta o *Etat & Delic. de Suiſſ.* no *tom.* 2. Chriſtina Kratzer, que naſceo em 1697 em huma Aldea do meſmo Cantaõ de Berni, paſſou tres annos ſem tomar alimento algum, e tornando depois a praticallo, conciliou taõ grande goſto ao vinho, que muitas vezes ſe embebeda-

bedava; em fim concebendo-lhe tambem aſco, ſe mudou para o Chá, de que uſou até a ſua morte, que foy em 17 de Setembro de 1733. Monſieur Riter em hum Tratado, que compoz, elegantemente moſtra como ſaõ naturaes eſtes caſos, que reputamos impoſſiveis. Em 1737 na Cidade de Grenoble com admiraçaõ de todos huma rapariga de quinze annos paſſou quatro ſem comer, nem beber logrando muito boa diſpoſiçaõ. O Preſidente de Ponnat Senhor da terra em que naſceo eſta rapariga, a levou para ſua caſa, e a obſervou exactamente: coſtumava perder os ſentidos, e a falla. Veja-ſe a *Diſſertaçaõ* de Monſieur de Fontenett. O Marquez de Santo Aubin no *Tratado das Opiniões tom.* 6. *pag.* 27. affirma por certo exiſtir hum Padre na Cidade de Sens, de idade de ſeſſenta annos, que havia

via vinte em todas as quareſmas nem comia, nem bebia, além de todas as Seſtas feiras, e Sabbados em que obſervava a meſma abſtinencia, e de algumas quareſmas particulares, que fazia; e que ſómente evita o exporſe ao ar, em quanto pratîca a auſteridade deſtes jejuns, de ſorte, que naõ ſahia de caſa mais que para dizer Miſſa. Conclue dizendo, que as provas deſte caſo ſaõ taõ certas, como pouco naturaes, e incriveis haõ de parecer a muitos.

Na antiguidade achamos infinitos exemplos deſtes. Plinio no *liv.* 7. *cap.* 2. trata dos Sauromatas, que ſó de tres em tres dias comiaõ huma vez; e no preſente anno de 1758 vemos exiſtir junto a Serpa na Aldea nova ſemelhante portento na celebre donzella chamada Benta, que ha muitos annos ſe conſerva

ſem comer, como he notorio; e ainda ſe faz mais eſtupendo eſte prodigio, porque igualmente já naõ dorme: começou a naõ comer no anno de 1735.

Hyppocrates ſó ao termo de ſete dias diſſe, que podia chegarſe ſem comer. Gaſpar dos Reys no ſeu *Campo Elyſio queſt.* 58. juntou innumeraveis exemplos, (que tirou de varios Authores) de ſujeitos, que viveraõ mezes, e annos ſem uſar de alimento algum.

Tres Chriſtãos prezos em odio da Fé, e condemnados a morrer de fome, viveraõ hum quarenta dias, outro quarenta e tres, e outro quarenta e ſeis. Feijó *tom.* 9. *pag.* 190.

Fortunio Liceto profeſſor de Medicina em Padua fez hum livro dos que vivem ſem alimento; e igualmente compozeraõ ſemelhantes catalogos Jonſton, e Snnert.

Po-

Porém ainda he mais de admirar, que entre as abundancias do Throno ſe deixaſſe morrer de fome hum Carlos VII. Rey de França, pelo receyo, que teve de que ſeu filho Luiz XI. lhe déſſe veneno; e da meſma fórma o Papa Julio III., que para vencer com a abſtinencia a gota que padecia, perdeo a vida por falta de comer.

§. XXXVII.

Lugar em que ſe naõ morre.

GIraldo, e outros da Hibernia ſeguem, que na Ilha de Momonia naõ morre ninguem, e Abraham Ortelio no ſeu *Theatro do mundo na Cart.* 14. de Irlanda o corrobora com varios Authores, affirmando, que para os agonizantes eſpirarem he neceſſario tirallos dalli. Cuidava eu, que eſtes Authores apon-

tavaõ lugar em que a morte ſe eſquecia dos viventes ; porque ſeria mais viſitado , que os ſantos lugares ; porém padecer as anguſtias ſem acabar he morrer duas vezes.

Os meſmos Authores fazem mençaõ de outra Ilha viſinha , na qual entrando mulher , ou animal femea , logo morria ; o que muitas vezes ſe tem experimentado em gatas , e cadellas ; porém o mais certo he , que para cauſar a morte , póde haver muitas cauſas occultas , e para iſentar della naõ póde haver privilegios contra o Decreto univerſal.

Por infallivel conta o Padre Nieremberg huma raridade bem extravagante ; e he que nos Chiloenſes ha tal copia de ratos , que eſtragaõ os veſtidos , e toda a roupa , ſem ſe acharem meyos de extinguir aquella praga , a quem os ga-

gatos naõ perſeguem, nem fazem dano algum: e o que mais he, que fazendo-os vir de outras terras, ficaõ logo aleijados das mãos, e inuteis. Com graça diz eſte Author, que parece ſe criou aquella Ilha para patria, e ſegurança deſtas ſevandijas.

Galante caſo traz Feijó no *tom.* 6. *diſc.* 10. *n.* 36. que ſuccedeo no territorio de Oviedo, onde havia tal praga de ratos, que cruelmente devoravaõ todos os frutos; e que nem com providencias naturaes, nem com os remedios de exorciſmos, de que a Igreja uſa, ſe podiaõ ver livres, até que ſe reduzio a materia a juizo legal no Tribunal Eccleſiaſtico, a fim de fulminar depois de formado o proceſſo ſentença contra elles. Aſſinalouſe-lhes advogado, e procurador que defendeſſe a ſua cauſa; e depois de repreſentarem, que

que eraõ creaturas de Deos, e que à ſua providencia pertencia a ſua conſervaçaõ, e que havendo-os criado naquella terra, por conſequencia lhes havia deſtinado os frutos della para ſeu ſuſtento; julgou o Proviſor, que ſem embargo do allegado ſe foſſem para as montanhas de Babias. Naõ obedeceraõ os ratos; requerendo-ſe contra elles, embargaraõ a ſentença por parte deſtes, dizendo, que era impoſſivel cumprirem o determinado, por haver rios, e que ſó pondoſe-lhes pontões porque pudeſſem atraveſſar, obedeceriaõ. Pareceo juſta a repreſentaçaõ: pozeraõ-ſe os pontões, e fulminando novas cenſuras o Juizo Eccleſiaſtico, começaraõ logo exercitos de ratos a paſſar por cima dos ditos páos para o lugar do ſeu exterminio. No *n.* 37. poderá ver o leitor as provas, que traz o meſmo

mo Feijó da verdade deſte ſucceſſo.

§. XXXVIII.

Virtude paſmoſa de huns palitos.

O Padre Eſtacio de Almeida da Congregaçaõ do Oratorio, ſujeito taõ verdadeiro, como erudito, me contou, que caminhando dous Padres da Companhia pelos Certões do Braſil, depois de terem jantado no campo, hum rapaz da ſua comitiva levantando hum paoſinho do chaõ para eſgaravatar os dentes, no meſmo inſtante em que os tocou, lhe cahiraõ: e que ſendo paſſadas algumas horas, quando os Padres o ſouberaõ, porque tinhaõ partido diante, mandaraõ a traz outra vez fazer grandes diligencias por hum arbuſto taõ eſpecial, e util; mas o pouco ſeguido das eſtradas, e a vaſtidaõ daquel-

les

les matos difficultaraõ ao rapaz o poder reconhecer o ſitio do ſucceſſo. Outra circunſtancia, que juntamente ſuccedeo, me naõ admira a mim, e vem a ſer, que quando ao rapaz lhe cahiraõ os dentes, hum negro indo buſcar huma herva, lhos tornou a pôr no ſeu lugar, e com o çumo della, que lhe eſpremeo, lhe ficaraõ arreigados. Iſto he couſa muy trivial em Pariz, onde os dentiſtas naõ ſó os compraõ aos rapazes para os applicarem a quem os tem podres, e os quer ter bons; mas ainda ſem ſerem tirados de freſco, ſe ſervem de muitos, que trazem de infuſaõ em eſpirito de vinho.

Vir-

§. XXXIX.

Virtudes attractivas.

QUe mayor prodigio, que ver a uniaõ do Iman com o ferro? A meſma attracçaõ attribuem muitos Authores a outros generos. Marinho Marſenio diz, que ſe aponta de hum cutello for tocada na pedra Iman branca, naõ ſahirá ſangue da ferida, que com elle ſe fizer.

Cardano confeſſa experimentar, que huma agulha tocada na pedra naõ cauſava dôr a quem a metia pela carne; porém melhor ſerá ficar na duvida, que ſabello por experiencia propria.

O Padre Nieremberg a *pag.* 310. *cap.* 47. affirma, que tocara huma agulha na pedra, e que metendo-a em huma gallinha, naõ ſahira ſangue, e que metendo-lhe de-

pois hum alfinete, ſem ſer tocado nella, o deitara; mas que nem por iſſo o aſſevera por certo, porque podia ſer caſualidade. Eliano igualmente aſſegura, que os oſſos do gaviaõ attrahem o ouro. Muitos gaviães ha que nas unhas tem eſta propriedade.

Fracaſtorio achou huma pedra Iman, que attrahia a prata. Nos diamantes he muy commum, ſendo grandes, attrahirem como o alambre palhas, esfregando-os primeiro para que tomem calor: tambem alguns diamantes ſe acharaõ com virtude particular de fazer perder a da pedra Iman, chegando-lho perto.

Refere o Padre Nieremberg, que hum Padre da Companhia ſeu companheiro lhe contara, que eſtando em Jafanapatan perto da Ilha de Ceilaõ, vira a dous homens ca-

da

da hum com hum tronco de páo na maõ em diſtancia de vinte palmos hum do outro forcejando cada hum para a parte contraria, ſem poderem reſiſtir ao impulſo attractivo, que os fez ajuntar; e que querendo denunciallos à Inquiſiçaõ, outro Padre da Companhia o deſperſuadira, aſſeverando-lhe, que em Benguella aonde eſtivera, era couſa ſabida haver huma erva, que tinha como o Iman virtude de fazer ajuntar, e unir a madeira.

§. XL.

Raciocinio dos animaes.

EM muitos animaes ſe tem viſto parte daquella intelligencia, com que Deos diſtinguio o homem; porém ſó no cavallo de Caligula ſe julgou capaz de occupar os cargos da Republica, pois a naõ

faltar taõ depreſſa a vida deſte Principe, veria o mundo outro bruto reveſtido do alto emprego do Conſulado; mas ſe naõ chegou a lograr aſſento no Senado Romano, muitas vezes conſeguio lugar na meſa deſte Imperador, aonde lhe preſentava a iguaria de cevada dourada, e dava a beber com as ſuas proprias mãos em hum precioſo vaſo. Mais que iſto logrou o cavallo de Conſtantino no freyo, que ſe lhe formou de hum dos cravos de Chriſto Senhor noſſo. Porém eſtas noticias naõ ſaõ do noſſo aſſumpto, nem taõ pouco deve entrar no numero das raridades haver em todos os Seculos cavallos com fortuna, como já diſſe o Padre D. Rafael Bluteau.

Infinitos ſaõ os prodigios do valor, induſtria, entendimento, e generoſidade, que graviſſimos Au-

thores

thores referem do elefante: ſó direy, que Ariſtoteles o julga o mais parecido na intelligencia ao homem; e que Jeronymo de Horta na ſua *Annotaçaõ* a *pag.* 362. do *liv.* 8. de Plinio conta, que a hum animal deſtes na Cidade de Cochim fizeraõ levar na tromba a concertar a caſa do caldeireiro a caldeira, em que lhe faziaõ de comer, por ſe achar rota, e que trazendo-a muito mal concertada, ſeu ſenhor ſe enfadara com elle, ordenando-lhe, que a levaſſe outra vez; e porque o caldeireiro lha deu ſegunda vez por concertar, fora o elefante enchella de agua ao rio, e reconhecendo; que ainda eſtava rota, viera à porta do meſmo official dando grandes bramidos, até que com effeito concertando-lha bem, lha tornou a dar; e repetindo o animal a experiencia de a levar ao rio, ficou certificado

do de que eſtava boa, e a trouxe na tromba muy contente. Deſte meſmo elefante ſe conta, que eſtando fatigado, ſe fora deitar, e que mandando-lhe o ſeu Capitaõ, que foſſe trabalhar na expediçaõ de lançar huma galeota ao mar, o recuſara fazer; porém que dizendo-lhe com palavras brandas, que importava ao ſerviço delRey de Portugal, fora logo com grande vontade, e com effeito lançara a galeota ao mar; e o que mais he, que a voz com que hia gritando; dizia, *Hoo Hoo*, que na lingua do Malabar, de que era natural, ſignifica *quero, quero.*

Feijó no *tom.* 9. *pag.* 91. tratando da racionalidade dos brutos, entre as couſas paſmoſas, que refere do ſeu inſtincto, e do ſeu agradecimento, cita ao Abbade Choiſi na viagem de Siam, onde foy com Mon-

Monſieur Chaumont, Embaixador da França; em que conta o gracioſo caſo de hum famoſo elefante no Oriente, que roubava os paſſageiros no caminho, guardando os ſeus deſpojos em huma cova, onde levara a hum mercador, que o curou de hum eſpinho, que tinha no pé; e com geſtos de agradecido lhe deu a entender levaſſe por paga tudo o que alli tinha, o que com effeito fizera, e ſe fora em paz continuando ſeu caminho.

Semelhante acontecimento conta Plinio, Eliano, e Aulogelio de alguns leões, que achando-ſe na meſma neceſſidade, implorarão o meſmo ſoccorro, e correſponderão com igual gratidão. O mais celebrado he o de Androdo Daco, eſcravo fugitivo da crueldade de hum Romano, que eſtava em Africa, que errante pelos deſertos da Lybia,

veyo

veyo hum leaõ porſe diante delle, moſtrando hum pé atraveſſado de hum eſpinho. Compadecido Androdo, e tirando-lhe o eſpinho, lhe eſpremeo a materia, que ſe lhe havia formado na chaga: tres annos viveo o eſcravo com o leaõ, e com injuria do racional achou mais abrigo nos brutos, porque em todo eſte tempo teve o generoſo animal pontual lembrança do beneficio na abundancia de carnes, que lhe miniſtrava para ſeu ſuſtento. Cançado já Androdo daquella ſolidaõ, e voltando para a patria, foy prezo pelo ſenhor, e em caſtigo da fuga lançado as feras em Roma. Eſtava entre ellas o leaõ, a quem havia beneficiado, e a quem pouco tempo antes haviaõ apanhado em huma caçada; e conhecendo o bruto o ſeu bemfeitor, em lugar de offendello lhe fez mil caricias. A' viſta deſte pro-

prodigio clamou todo o povo pelo perdaõ de Androdo, a quem juntamente com elle lhe deraõ o leaõ, com o qual deu outro goſtoſiſſimo eſpectaculo ao povo Romano, conduzindo-o atado com huma debil fita por todas as ruas.

Para perſuadir a crença deſtes caſos, diz Feijó o ſeguinte no dito *tom. 9. pag. 93. n. 26.*: *Quem imaginaria, que o aborrecido inſecto, a que chamamos traça, teria o primeiro lugar entre os brutos de mayor raciocinio?* Todos tem induſtria para procurar o alimento neceſſario, e todos acertaõ com a conſervaçaõ da ſua eſpecie, e com mais, ou menos arte fabricaõ o ſeu domicilio; porém ſó a traça ſabe abrigar o ſeu corpo contra as injurias do tempo, fabricando o veſtido que veſte, como pudera fazer hum alfayate: deſcobrimento, que ſe de-

ve à prolixa indagaçaõ com que o ſoube averiguar Monſieur de Reaumur, Academico da Academia Real das Sciencias, como explicaremos no lugar a que toca o inſecto; e póde tambem o leitor ver o *n.* 27 de Feijó no *tom.* acima citado, onde conclue com a reflexaõ de admirar o Author da Natureza, que até naquellas minimas obras, que poderiaõ parecer indignas da noſſa attençaõ, encerraõ myſterios, que nos deixaõ cheyos de paſmo, e de aſſombro.

Porém nada ha de quanto ſe eſcreve taõ raro nos animaes, como aquelle celebre caõ chamado Tudeſco, que acompanhava o Senhor todas as vezes, que da Freguefia de Santa Juſta o levavaõ por viatico aos enfermos. Em ouvindo tocar a campainha da Irmandade, com mais que natural inſtincto ſahia

hia de caſa correndo, e com muita feſta hia acompanhando o Senhor, ſem querer reconhecer outro, de ſorte que nem com affagos, nem com ameaços o podiaõ obrigar a mudar de caminho. De noite quando ouvia tanger a dita campainha, hia acordar na cama aos ſeus ſenhores, e puxando-lhe brandamente pela roupa, tomava o caminho da porta para que lha abriſſem. O que dava mais que entender, foy o zelo com que ſolicitava a reverencia devida ao Santiſſimo Sacramento, ladrando aos que via aſſiſtir com menos decoro; e às vezes pegando nelles para os obrigar a porem-ſe de joelhos. O Padre Nieremberg, Religioſo da Companhia de Jeſus, varaõ igualmente pio, que douto, que naquelle tempo eſtava em Liſboa, deſcreve no *liv.* 9. da ſua *Hiſtoria natural* amplamente os primo-

res deſte animal, com circunſtancias, que juſtamente podem cauſar aos Fieis grande admiraçaõ, e muita confuzaõ aos Hereges. O Padre Antonio dos Reys igualmente falla deſte caõ no livro que compoz, intitulado: *Motivos para acompanhar o Santiſſimo Sacramento*, que ſe imprimio primeiro em oitavo, e depois em quarto, accreſcentado com galantiſſimos caſos do dito animal.

§. XLI.

Reflexaõ.

NAs plantas, e nos animaes vemos dibuxadas, e exercitadas as ſciencias, e as artes. Taõ grande he a eſcola da Natureza, e tanto papel ſeria neceſſario para referillo, que naõ cabe neſta pequena obra. O Padre Euſebio com profunda erudiçaõ o pondera na ſua *Hiſ-*

toria

toria natural a pag. 376.

He certo, que os animaes foraõ os meſtres que enſinaraõ medicina aos homens, como Plinio affirma no *liv.* 25. *cap.* 8. O meſmo Author com muitos outros querem, que o cavallo marinho lhes déſſe o exemplo da ſangria, porque quando ſe ſente repleto, ſe ſerve de huma cana aguda para abrir huma vea da perna, que depois de lhe correr baſtante ſangue véda com limos; todos nós vemos, que os cães, e gatos buſcaõ para comer algumas ervas que lhe ſaõ medicinaes. Eliano eſcreve, que o leaõ ſe purga comendo hum bugio. A cegonha quando come animal venenoſo acha o contraveneno nos oregãos; e Ariſtoteles, como diz Alberto Magno, aſſevera, que a tartaruga ſó come cobras no lugar em que ha a dita erva; e que o ſapo

ferido

ferido, para curarſe , ſe esfrega na arruda , ou ſalva ; e que da meſma fórma as andorinhas deraõ a conhecer , que a celidonia era boa para a viſta. Theofilo tambem eſcreveo , que os veados foraõ quem enſinara , que o dictamo era proprio para as feridas ; e que ao leaõ ſe deve o deſcobrimento da quina , com que cura a ſua febre intermittente. O conhecimento deſtas , e de outras muitas couſas , que ignoramos , ſendo natural aos animaes , ficou por caſtigo da culpa eſcondido aos homens.

Nenhuma raridade he mayor , que a do ſyſtema de Libnſts Filoſofo Alemaõ , de naõ haver na immenſidade infinita de quantas eſpecies Deos creou , huma que ſeja identicamente irmã da outra : nas fyſionomias de todas as creaturas o reconhecemos , nos animaes , e nas plan-

plantas igualmente o obſervamos ; e o que mais he , que até nas folhas de huma meſma arvore o provou o dito Filoſofo , quando quizeraõ dizerlhe , que nellas ſe deſmentia o ſyſtema das unidades ; pois lhe fez ver , que nenhuma era irmã da outra.

Naõ ſó a producçaõ rara de tantas couſas admiraveis deve eſpanto aos homens , tambem as que tem faltado he novo motivo para a noſſa contemplaçaõ. Entre as muitas utiliſſimas , e decantadas eſpecies , que hoje ſe naõ encontraõ no mundo , diz Santo Ambroſio ſer o Unicornio verdadeiro : faltou quando o mundo ſe achava mais envenenado. Deſappareceo a purpura ſó reſervada à unidade do Imperador , quando vemos eſte titulo vulgarizado em tantos Principes no mundo. Tambem ſe podia dizer acabou a Fenix ,

tal-

talvez, porque a gula de Nero a devorou no banquete, que della prometteo dar.

Que mayor raridade, que a de vermos como vemos! Toda a admiraçaõ da alma he diminuta para o merecimento da cauſa: ver, que dentro nos noſſos olhos ſe pinta com vivas cores huma Cidade inteira, quando extendemos ſobre ella a viſta deſde hum alto monte, que naõ he mais prompta a imaginaçaõ em pintarnos os objectos na noſſa idéa, do que a luz reflexa dos objectos o he para com cores verdadeiras os pintar dentro dos olhos: ver que naõ ha pincel taõ dilicado, que poſſa exprimir com tanta miudeza, e em taõ breve eſpaço as torres, as janellas, as columnas, e todas quantas partes a viſta alcança, ſem haver mais demora, que hum ſimples abrir de olhos.

Naõ

Naõ he menor aſſombro, que na diſtancia de tantos milhões de leguas, em que ſe acha huma eſtrella, produza no meſmo inſtante a ſua imagem em todos os olhos, quantos forem os que para ella olharem.

Naõ ha obra alguma da Natureza, que naõ ſeja raſgo de huma maõ omnipotente, e de huma ſabedoria infinita. Se com tantas maravilhas ſe naõ arrebata a alma, bem ſe póde dizer, que deſmente em ſi meſma a ſua propria ſubſtancia; e muito mais ſe fará indigna da ſua conſtituiçaõ, ſe naõ ſe eleva a contemplar a primeira cauſa de tantos portentos. Louca he a curioſidade dos homens, que ſe eſquece do Author deſtes prodigios, para indagar as raridades da Natureza.

RARIDADES DA ARTE.

PARTE II.

TERRA.

Introducçaõ ſobre a Arte.

A GRANDE diſputa de qual ſeja mais perfeita, ſe a Arte, ſe a Natureza, ainda que para reſolvella naõ conſideraſſemos a differença, que vay do contrafeito ao natural; baſtaria ter por objecto imitarſe a ſegunda, pa-

ra conhecermos, que a naõ póde exceder a primeira, pois ſó procura iguallalla.

A invençaõ de novas artes (ſegundo alguns Filoſofos) he argumento de que o mundo ainda ſe naõ acaba, e ſe renova, e de que naõ he eterno, como filoſofaraõ outros; porque ſe o foſſe, nenhuma arte, ou nova eſpecie deixaria de eſtar já deſcoberta. Muitas ſaõ as que ſe perderaõ, mas naõ ſaõ poucos os novos deſcobrimentos, que nellas, e nas ſciencias ſe tem feito: digaõ-o os teleſcopios, ou oculos de ver ao longe, com que a taõ grandes diſtancias nos extenderaõ o conhecimento aſtronomico.

Aſſim como na Natureza tem faltado algumas eſpecies, tambem nas Artes, e nas letras tem as irrupçõeſ dos barbaros aniquilado muitas, e deſtruido os mais precioſos

ſos monumentos da antiguidade. Alguns, que exiſtem dos mais diſtantes ſeculos, nos provaõ inconteſtavelmente aquella magnificencia, que a todos nos pareceria, naõ ſó encarecida, mas fabuloſa. Quem poderia acreditar a ſua grandeza, e a ſua conſtancia, ſe as pyramides do Egypto, que ainda ſe conſervaõ, e os obeliſcos, que os Imperadores fizeraõ tranſportar a Roma, nos naõ certificaſſem da ſua verdade?

A primeira, e ſem contradiçaõ, e a mais neceſſaria de todas as artes, he a da Agricultura. Magon eſcreveo vinte e oito volumes ſobre ella, e por hum decreto do Senado de Roma ſe mandaraõ traduzir na lingua Latina. Mais proveitoſas ſaõ as experiencias dos lavradores, que as eſpeculaçõeſ dos mayores Filoſofos.

Quaſi todas as artes ſe deſcobriraõ

briraõ mais pelos acaſos, que pelas ſciencias. Myles Rey de Lacedemonia, que inventou os moinhos de maõ, ignorava a geometria, e deſta invençaõ ſe ſeguiraõ os moinhos de agua, e os de vento. Por hum acaſo achou hum ruſtico, que dous vidros de oculos attrahiaõ os objectos diſtantes; e eſte foy o principio, que enſinou a fazer oculos de ver ao longe; e ſemelhante foy o do barometro em 1643. Hum Alchimiſta Alemaõ trabalhou toda a ſua vida no deſcobrimento da pedra filoſofal, imaginando, que a podia achar na preparaçaõ da ourina; e por fim na ſua diſtilaçaõ achou em 1669 huma materia luzente; e daqui he que ſe originaraõ os phoſphoros.

Contra a torrente de muitos Filoſofos, concede Feijó a poſſibilidade da pedra filoſofal, e nega a

ſua

ſua exiſtencia, contra a opiniaõ dos Alchymiſtas, moſtrando que pode haver ouro artificial, aſſim como he certo, que ſe póde tranſmutar o ferro em cobre por meyo da pedra lipis, ou vitriolo azul: elegantemente moſtra, que com agentes proprios, e naturaes ſe podem fazer obras da Natureza; porque eſta poem a actividade, e a arte a direcçaõ, e applicaçaõ.

Que mayor acaſo, que o deſcobrimento da polvora, pois quando Roger Bacon preparava hum remedio compoſto de enxofre, ſalitre, e carvaõ, poz ſobre eſte compoſto huma pedra; e ſendo-lhe neceſſario ferir lume, huma faiſca, que cahio ſobre a dita compoſiçaõ, fez ſaltar a pedra com tal impeto, que Bacon ficou attonito.

Igual caſualidade teve a invençaõ do vidro, pois hum incendio, que

que houve em hum areal nitroſo, o fundio: e aqui vemos, que o deſcobrimento do vidro por ſi meſmo ſe inſinuou, chegando depois a tal perfeiçaõ, que o vemos maneaval naquelles martinetes, em que os ſeus fios ſe fazem taõ delgados, como os cabellos; e naõ menos nos deve admirar aquella a que tem chegado os eſpelhos, pois antigamente ſó eraõ de bronze, ou de aço brunido, e de marmore negro, ou de talco, que em tempo dos Romanos tinhaõ hum exceſſivo preço.

Naõ podendo Protogenes pintar com toda aquella perfeiçaõ, que deſejava, a eſcuma na boca de hum caõ, arremeſſou impaciente ao painel huma eſponja molhada na miſtura daquella tinta, e veyo a conſeguir por eſte acaſo o que naõ pode alcançar com a porfia do ſeu eſtudo.

O deſ-

O deſcobrimento, que devemos contar por mais util depois dos que pertencem à cultura da terra, foy a agulha de marear, de que muitas Naçõẽs invejoſas deſte credito ſe fazem authoras. A Franceza o pretende provar com a flor de liz, que de tempo immemorial ſempre ſervio de apontar o Norte: porém a mais recebida opiniaõ he, que Flavio fora o ſeu inventor ha perto de quatrocentos annos; e ſem queſtaõ he, que do Aſtrolabio o foy hum Portuguez no reinado delRey D. Joaõ II.

A arte da Pintura nos inſtrue tanto como os livros. De huma grande liçaõ delles neceſſitaõ os pintores, e como ſabios mereceraõ alguns a mayor eſtimaçaõ. Só Apelles tinha o privilegio de retratar a Alexandre; e ainda em tempos mais chegados lograraõ alguns os mayo-

res empregos da Republica. Rafael a naõ morrer taõ cedo, lograria o Capello de Cardeal. Carlos V. deu a chave dourada a Ticiano. Rubens foy Embaixador delRey de Heſpanha a Inglaterra, e Secretario de Eſtado no Paiz baixo. A Leonardo Vince honrou Franciſco I. viſitando-o quando eſtava para eſpirar. Taõ antiga he a politica, que em França ſe pratîca de recompenſar as artes para que floreçaõ.

Joaõ Leaõ na ſua *Deſcripçaõ de Africa* refere, que elle vira levar em triunfo no Cairo a hum homem, por haver prezo huma pulga a huma cadeia de ouro; mas em Lisboa havia hum Archeiro da guarda Real, que por hum toſtaõ vendia huma pulga atada a huma delicadiſſima cadeia de arame; e na verdade, que naõ merecia grande re-

com-

compenſa taõ inutil habilidade. Diz Quintiliano, que Alexandre recompenſara com hum moyo de ervilhas a hum homem, que na ſua preſença fazia paſſar pelo buraco de huma agulha a quantas ervilhas lhe atirava de baſtante diſtancia; porque para deſtreza taõ eſcuſada ſó aquelle premio era proporcionado. Naõ era menos certa a maõ, que atirou no ſitio de Metone a frecha, que recebeo em hum olho Filippe, pay de Alexandre, pois nella ſe achou eſta inſcripçaõ: *Ao olho direito de Filippe*; como conſtantemente referem infinidade de Authores.

Myrmecide exprimio hum coche com quatro cavallos, e cocheiro em taõ pequeno eſpaço, que pôde cubrir tudo com a aza de huma moſca; como relata Plinio no *liv.* 7. *cap.* 21. E Eliano no *liv.* 1. igualmente relata, que o meſmo Au-

thor fizera hum navio de tal pequenhez, que tambem o pudera cobrir com a aza de huma abelha. Cardano faz grande apreço de hum relogio, que o Principe de Urbino tinha em hum annel, que dava horas; porém eu sem ser Principe, tinha hum relogio, que foy de minha Mãy, taõ pequeno, que ainda com toda a caixa ser de diamantes, se podia tambem pôr em hum annel; e era taõ certo, que só huma vez o dey a concertar ao Relojoeiro delRey, que o vio com grande admiraçaõ: e por ser digno della, foy por vezes à mostra a algumas pessoas Reaes. Acabou o seu curso com o terremoto.

He observaçaõ rara, que todas as producções da Natureza quanto mais pequenas saõ, mais perfeitas se descobrem com o microscopio; e ao contrario quanto mais delica-

licadas saõ as obras da Arte, vistas com o microscopio, ficaõ disformes, e grosseiras: por exemplo, huma agulha de cambray, a mais polida, parece huma barra de ferro, acabada de tirar da forja do ferreiro.

Os Fenicios se reputaõ pelos inventores do Alfabeto, e da arte de escrever: assim o diz Lucano na sua Pharsalia; e Cadmo Rey desta naçaõ foy o primeiro, que deu as letras aos Gregos em o anno 2600 da creaçaõ do mundo.

Utilissima foy a invençaõ da Imprensa: por ella pouparaõ os doutos a despeza, e incommodo de correr o mundo; mas Joseph da Cunha Brochado dizia, que sempre hia grande distancia de ler pelos livros, a estudar pelos homens. Naõ podemos duvidar, que as jornadas foraõ as primeiras escolas, e os que correraõ terras os primeiros sabios.

Lou-

Lourenço Coſter, Cidadaõ de Harlem, foy quem ideou o modo de a pôr em pratica; porém hum moço Alemaõ, que tinha em ſua companhia para trabalhar na dita obra, lhe roubou a fabrica, e o credito de ſer elle quem a inventou.

Que fria deſconſolaçaõ naõ occuparia os animos daquelles, a quem, ou a muita idade, ou os muitos eſtudos lhe fizeraõ a viſta debil, a naõ nos ter prevenido a Dioptrica com o ſoccorro dos oculos. Seria miſeria aſſás dura, ſe ſe viſſe hum homem de eſtudos obrigado depois de longos annos a cahir no ocio da mininice. Que differente conceito naõ fazem hoje os Aſtronomicos do mundo, e de ſeu Creador depois do uſo dos Teleſcopios, e Microſcopios? O paſmo, a ſuſpenſaõ, o eſpanto com que ſe vê qualquer couſa, quando ſe exa-

examina com eſtes inſtrumentos, daõ bem a conhecer na noſſa admiraçaõ a ignorancia em que eſtavamos. Com hum microſcopio na maõ acha o Filoſofo mais maravilhas em hum vil inſecto, do que em toda a magnificencia, e grandeza da terra poderiaõ achar os olhos mais attentos. A fabrica que encerra o ferraõ de huma abelha, e os olhos de huma moſca bem examinados à luz do microſcopio, ſaõ mayores prodigios, que os Colloſſos de Rhodes, e as Pyramides do Egypto. Com elle diz Feijó, que hum Inglez deſcobrira, que o ſeu veſtido novo eſtava cuberto de imperceptiveis bichos, que o roîaõ.

Quam diverſa ſe vê toda a fabrica do Univerſo, do que ſe julgava antes, que appareceſſe a Dioptrica, e Catoptrica. Os Ceos eraõ humas ſolidas abobedas; as eſtrel-

las

las engaſtadas nelles como vivos diamantes : os circulos tirados do centro da terra davaõ preceitos a todos os celeſtes orbes : naõ eraõ outra couſa os Planetas ſenaõ humas eſtrellas vagabundas: os Cometas eraõ huns vapores groſſos , que exhalava a terra : os eclypſes hum caſo funeſto : os montes da Lua , os ſeus mares , e manchas huma ſemelhança de olhos , e boca. Parece incrivel , que fechado no pequeno obſervatorio poſſa hum homem paſſear por todos eſſes immenſos eſpaços do Ceo , e viſitar taõ de perto os aſtros , que veja com os ſeus olhos , e bem diſtinctamente as cintas de Jupiter , as manchas de Marte , o annel de Saturno , as faces de Venus , a figura de Mercurio , os montes da Lua , e as manchas do Sol : que poſſa notarlhe a figura , medirlhe o tamanho , e até examinarlhe

narlhe o pezo : que poſſa obſervar-lhe as voltas , que daõ ſobre os ſeus eixos , a ſombra que fazem ſeus corpos opacos nos lugares viſinhos , os eclypſes que padecem eſſes ſatelites , ou guardas luminoſos , que em roda cercaõ alguns delles. Em toda eſſa multidaõ de aſtros , em toda eſſa infinita variedade de movimentos , quaſi que naõ daõ os Planetas hum paſſo , que muitos annos antes naõ eſtejaõ determinados nas ephemerides ; e nos movimentos dos Ceos ſe eſcreve quaſi com igual certeza a hiſtoria do futuro, e a do paſſado. Até os Cometas depois de huma auſencia de dilatados annos naõ tornaraõ a apparecer , ſem que muito tempo antes os eſteja eſperando o obſervador attento : huns depois de ſetenta e cinco annos , outros depois de duzentos , e outros depois de quinhen-

tos, e mais annos teraõ de vir para obedecer às leys infalliveis do Author da Natureza, que chegaõ os homens a conhecer ajudados pela arte, e pelos inſtrumentos. Apenas ha arte, cuja invençaõ naõ requeira hum genio ſummamente elevado ſobre o commum dos homens: por iſſo a gentilidade ſe perſuadia ſerem os ſeus Authores immediatos dos ſeus Deozes.

§. I.

Sympathias artificiaes.

TAmbem temos ſympathias artificiaes. O unguento ſympathico, com que ſe cura a ferida, poſto no ferro que a fez, a pezar das grandes contradicçõeſ, que o refutaõ, o confirma Digbi Inglez, aſſeverando, que elle muitas vezes curava feridas, applicando-lhes vitriolo

lo ſobre qualquer panno, em que eſtiveſſe o ſangue do ferido, tomando por teſtemunha, entre outras peſſoas, a Carlos I. Rey de Inglaterra, dizendo que eſte effeito naõ he taõ digno de eſpanto, como o da pedra Iman, que poſta por baixo de hum bofete, tem virtude, e efficacia para fazer mover as agulhas, que eſtaõ em cima delle.

Os pós ſympathicos igualmente ſe naõ poem na ferida, mas ſim no panno, ou ferro em que eſtá o ſangue do ferido, o que ſe continûa a deitar na materia, que ſahe da chaga, até que inteiramente ſe fecha.

Eu ſou teſtemunha de viſta dos pós ſympathicos, que deitados na urina do enfermo, metida em huma garrafa bem tapada, e cuberta de cinza quente, começa a ſuar o doente, em a garrafa começan-

do a aquecer, ainda que eſteja muitas caſas diſtantes, como mais amplamente relato no principio deſta obra a *pag.* 6.

A pedra Trochite, e Aſtrecte, ſe a deitarem em cima de vinagre, anda. Marmores ha, que tem a meſma propriedade; dos quaes formando a figura de huma tartaruga, banhando-ſe com vinagre, parecerá que anda: as cauſas deſtes effeitos explica Cardano.

Quem duvida, que a tinta ſympathica naõ ſó penetra o volume de huma reſma de papel (como vimos na aula das experiencias) mas até paſſa a meſma groſſura de huma muralha? A cauſa fyſica deſtes fenómenos naſce da força da agua de cal, e eſta força conſiſte nos eſpiritos volateis, que ſe introduzem com paſmoſa ſubtileza, e ſe extendem a grande diſtancia, como explica

plica Valem. *Phyſic. occult. cap.* 9.

A alampada ſympathica dizem, que arde com o ſangue de qualquer creatura ſem ſe apagar, ſenaõ quando ella morre, como deſcreve Jonſton. Thaumat. *claſſ.* 10. *cap.* 3. *art.* 3., porém eſta noticia naõ merece igual credito, que eſtoutras; ſem embargo, que a quem tem viſto a experiencia da electricidade todo o effeito ſympathico lhe parece poſſivel.

§. II.

Obras maravilhoſas.

O Labyrintho do Egypto eraõ conſtruido todo de marmore; comprehendia tres mil e quinhentos edificios, entre os quaes havia doze palacios Reaes, ſem fallar nos ſubterraneos, que Heródoto diz naõ pudera ver, por ſer prohibido entrar nelles, em razaõ de que alli ſe enter-

enterravaõ os Reys, e os crocodilos ſagrados. Plinio no *liv.* 36. *cap.* 13. refere, que quando ſe abriaõ algumas das ſuas portas, ſe ouvia hum eſtrondo como de trováõ. Eſta obra ornada de muitas columnas de porfido foy objecto de doze Reys, e ficou completa ſetecentos annos antes da Era de Chriſto. A eſta grande maquina, e às Pyramides do Egypto chama Plinio vã, e inſenſata oſtentaçaõ da grandeza dos ſeus Reys. O labyrintho, que em Creta conſtruio Dédalo, ſó imitou a ſetima parte daquelle, como refere Pomponio Mela.

Porſena Rey da Hetruria fez conſtruir hum labyrintho para ſua ſepultura, em que pelo eſpaço de vinte annos trabalharaõ trezentos e ſeſſenta e ſeis mil homens, como tambem diz Plinio no *liv.* 36. *cap.* 12. Ainda hoje reſpira a ſua grandeza,

deza, pois na Hiſtoria da Academia das Sciencias de França anno de 1710. vemos a relaçaõ, que por ordem della fez hum dos ſeus Academicos em 1693, que expreſſamente foy deputado para hir medir, e averiguar eſte edificio; e a deſcripçaõ, que delle nos faz, confirma a meſma grande idéa, que delle ſe fazia.

A ſepultura, que no Egypto fez levantar Oſymandias, baſta o ſeguinte epitafio, que lhe poz para nos confirmar da ſua grandeza: *Eu ſou Oſymandias Rey dos Reys: quem duvidar da minha grandeza, excedame nas minhas obras.* Diodor. Sicul. *liv.* 1. *part.* 2.

A Capella, que havia no Templo de Latona de huma ſó pedra, era tambem hum milagre da arte, que podia entrar no numero das ſete maravilhas; e ainda hoje ſeria

mais

mais precioſa , e eſtimavel para refugio dos terremotos.

Os Imperadores Romanos igualmente levantaraõ magnificos monumentos para as ſuas ſepulturas. A columna de Trajano , que tinha cento e vinte pés de alto , com huma eſcada por dentro com cento e oitenta e cinco degraos ; e onde ſe via por fóra gravada em relêvo a hiſtoria deſte Principe , cujas cinzas eſtavaõ no remate fechadas em hum globo de ouro. Ainda hoje conſerva o ſeu primor , e publica a ſua grandeza.

Da ſepultura do Imperador Adriano ſaõ authenticas provas da ſua magnificencia oitenta columnas , que della ſe tiraraõ para a Igreja de S. Pedro de Roma.

A mais celebre ſepultura da antiguidade he a que Artemiſa Rainha de Caria fez conſtruir para Mauſólo

ſólo ſeu marido, a qual ſe conta entre as ſete maravilhas; e as outras ſeis maravilhas, que admiraraõ o mundo, ſaõ as Pyramides do Egypto, de que temos ſallado. Além deſtas ſe conta neſte numero o Templo de Diana em Epheſo, na conſtrucçaõ do qual a todas as Potencias da Aſia fizeraõ trabalhar pelo eſpaço de mais de duzentos annos. Era ornado de cento e vinte e ſete columnas dadas por igual numero de Reys. Cada huma tinha ſeſſenta pés de alto; motivo porque alguns Authores ſuſpeitaraõ, que ſeriaõ fundidas: ſe elles viſſem as pedras do Real Templo de Mafra, mais razaõ teriaõ para ſe admirarem, vendo nellas dibuxada a grandeza daquelle Regio coraçaõ, que o edificou.

A eſtatua de Jupiter Olympico feita por Phidias.

O Colloſſo de Rhodes, que era de metal, e que por baixo das ſuas pernas paſſavaõ os navios.

As muralhas de Babilonia de groſſura, e altura prodigioſa, cuja extenſaõ comprehendia dezoito legoas.

Os Jardins, que na meſma Babilonia foraõ conſtruidos em andares de galarias ſobre buſtos de pedra por modo de amfitheatros, humas ſobre as outras, que ſe elevavaõ a tal altura, que excediaõ à das meſmas muralhas, de que temos fallado. Na eminencia do ultimo andar he que eſtava a terra, e taõ profunda, que nella ſe formavaõ boſques das arvores mais frondoſas; e a eſta meſma exceſſiva altura ſubia prodigioſa abundancia de agua por aqueductos, que ſe lhe fizeraõ, para que do rio correſſe para cima. E aqui vemos, que já na anti-

antiguidade ſe roubou a gloria a Luiz XIV. de ſer o primeiro, que lhe inverteo a ordem natural com a famoſiſſima maquina de Marly na ſua maravilha de Verſalhes, de que fallaremos no lugar, a que toca.

Alguns Authores contaõ por ſetima maravilha do mundo o Capitolio de Roma, ou o Palacio de Cyro, em lugar dos Jardins de Babilonia.

Domiciano fez conſtruir hum Templo todo de cobre. Minerva teve outro ſemelhante em Lacedemonia, que Plutarco, e Pauſanias affirmaõ exiſtia no ſeu tempo.

Nero edificou hum Templo à Fortuna, de pedra taõ tranſparente, que ſe via por fóra tudo o que eſtava dentro: a eſta pedra chamavaõ os antigos *Eſpeculares*, e della ſe ſerviaõ como de vidraças nas janellas, como eſcreve Marcial. O

Padre Euſebio na ſua curioſa *Filoſofia l.* 1. *cap.* 7. numéra eſta eſpecie entre as que tem faltado no mundo ; porém algumas pedras ha ainda tranſparentes. Eu vi ao Principal Lazaro Leitaõ Aranha dous vaſos com ſuas tampas primoroſamente obrados, que mettendo-lhes luz dentro allumeaõ toda a caſa ſem embargo de terem baſtante groſſura.

Hum Poeta moderno diz, que a noſſa architectura de hoje ſó attende à patarata da viſta de muitas janellas raſgadas, que mais parecem columnas, que paredes, o que ſuſtenta os telhados; e que ao contrario os antigos ſó cuidavaõ em defenderſe do rigor das eſtaçõeſ com paredes muy largas, e janellas muy pequenas, com o que tinhaõ as caſas quentes no Inverno, e freſcas no Veraõ ; e o que mais he (accreſcento eu) que eraõ humas

mas fortalezas contra os terremotos. Os Chinas coſtumaõ dizer, que os Palacios Europeos de muitos andares daõ a conhecer a miſeria com que quizeraõ poupar terreno.

§. III.

Artificios admiraveis.

GErmanico viajando no Egypto, obſervou entre os mais prodigios aquella celebre eſtatua de Memnon, feita de pedra, que ſaudava ao Sol quando naſcia com ſons armonioſos, que Eſtrabaõ diz cahira com hum tremor de terra, e Pauſanias, que fora quebrada por Cambiſes para averiguar aquelle myſterio: o qual o Padre Kirker arbitrariamente explica dizendo, que era como huma eſpecie de Cravo, cujas cordas ſe extendiaõ com a humidade da noite, e ſe encolhiaõ com

com o calor do Sol , com o qual ſe rompiaõ como huma corda de viola , e cauſavaõ os eccos , para o que todas as noites lhas punhaõ novas.

Dédalo deu movimento às eſtatuas por certas molas eſcondidas , fingindo que humas ſe combatiaõ com as outras ; porém iſto , que a muitos cauſará eſpanto , creyo que ſeria couſa taõ trivial , como hum bonecro de prata , que eu tinha , que dando-lhe corda , galopava o cavallo em que eſtava , por hum largo eſpaço. Tambem tive hum boy de bronze feito com grande primor na China , que bebia quanta agua lhe chegaſſem , e a lançava por hum eſguicho , que tinha na maõ hum China , que eſtava ao ſeu lado ; o que tambem he couſa , que a ninguem cauſa hoje eſpanto , porque até com engenho de vidro ſe faz o meſ-

meſmo. O Padre Kirker deſcreve muitas outras maquinas nos antigos Egypcios, como cabeças, que fallavaõ, eſtatuas que ſe moviaõ, cobras que aſſobiavaõ, que igualmente reputa por prodigios, e a mim mo naõ parecem; porque nos jardins de Luiz XIII. de tudo iſto havia, como eu faço mençaõ nas minhas *Memorias Hiſtoricas* a *pag.* 112, e igualmente o referem as *Delicias de França*; e como Luiz XIV. o naõ fez na ſua Verſalhes, he certo, que o julgou couſa trivial.

ElRey Theodorîco em huma carta, que eſcreveo a Boecio ſe explica na fórma ſeguinte: *Pela tua arte os metaes gemem, as aves cantaõ, as ſerpentes aſſobiaõ, e tu ſabes dar aos animaes a harmonia, que a Natureza lhes naõ deu.*

Luitprand Biſpo de Cremona refere, que quando teve audiencia em

em 948 do Imperador do Oriente; vira dous leões, que lhe ſuſtentavaõ o Throno, e huma arvore chea de paſſarinhos, tudo de cobre dourado, e que tanto que ſe chegara, começaraõ os leões a rugir, e cada paſſaro a cantar no canto da ſua eſpecie.

Em Pariz modernamente vio toda a Corte a eſtatua de hum Satyro, que realmente tocava flauta traveſſa, e em eſpaço de hum quarto de hora repetia quatorze arias differentes, com todo o primor, que podia exercitar o mais deſtro profeſſor daquelle inſtrumento; o que tambem reputo por huma eſpecie daquelles orgãos de caixas, em que toda a peſſoa ſem eſtudo pode tanger diverſos minuetes. No *Journal des Sçavans* de ſegunda feira 15 de Janeiro de 1680, achamos que hum profeſſor de Mathematica

em

em Saxonia fez hum cavallo de metal, ao qual deu hum movimento aſſás forte, e aſſás continuo, para poder andar em terra plana, quatro leguas de Alemanha por dia, que fazem ſeis e meya das de França. Porém mais que tudo iſto he o que ſe diz da cabeça, que fallava, compoſta por Alberto Magno, reſpondendo às perguntas, que ſe lhe faziaõ.

§. IV.

Montanhas talhadas em eſtatuas.

SEmiramis fez talhar por eſculptores na montanha de Bagiſtana a ſua eſtatua rodeada de cem figuras: a principal, que era a da Rainha, tinha dezaſete eſtadios de alto. Diodor. Sicul. *liv.* 2.

Plutarco, e Vitruvio affirmaõ, que o Architecto Steſicrates, ou ſegundo outros, Dinocrates, propo-

zera a Alexandre o projecto de formar a ſua eſtatua do monte Athos, tendo na maõ huma Cidade capaz de ſer habitada por dez mil peſſoas.

O Padre Martini no ſeu Athlas da China diz, que vira naquelle Reino montanhas talhadas em eſtatuas de taõ prodigioſa grandeza, que ſe lhe podia diſtinguir o nariz: e os olhos a huma legoa de diſtancia. E o Padre Kirker na ſua *China illuſtrada* diz tambem, que os Chinas talharaõ tres montanhas, huma em Dragaõ, a outra em Tigre, e a terceira em Idolo.

§. V.

Edificios portateis.

HErodoto com razaõ ſe admira de que Amaſis pudeſſe tranſportar deſde a Cidade de Elephancia para a de Sais huma caſa conſ-

conſtruida de huma ſó pedra, que tinha vinte e hum covado de comprimento, quatorze de largo, e oito de alto, em cujo trabalho ſe empregarão pelo eſpaço de tres annos dous mil homens; e que com effeito a pozerão defronte do Templo da meſma Cidade de Sais; porque na verdade eſta maravilha, até praticada pelos Anjos com a Caſa do Loreto, enche de admiração aos homens.

Bayle aſſevera, que Ariſtoteles Architecto de Bolonha, que vivia no ſeculo decimo quinto, tranſportara huma torre de pedraria inteira, ſem a demolir, nem deſconjuntar nenhum dos ſeus materiaes. Lembra-me a eſte propoſito a caſa de madeira, em que o Cardeal de Richilieu atraveſſou França deſde a Provença até Pariz. Achava-ſe alguma couſa moleſtado; e para

naõ ſahir da ſua cama, ſe formou eſte apozento portatil, que conduziaõ aos ſeus hombros dezoito dos ſeus guardas (todos fidalgos) que para melhor juſtificar o ſeu amor, e o ſeu reſpeito, já mais pozeraõ em todo o caminho chapeo na cabeça, quer choveſſe, quer fizeſſe Sol. Rompiaõ as muralhas de todos os lugares por onde havia de paſſar, para que pudeſſe entrar aquella maquina, como ſe fez em Troya para lhe introduzir o cavallo: e na meſma fórma ſe demolia todo o edificio, que embaraçava chegar ao apozento, que lhe eſtava deſtinado para de noite alojar, que era ſó quando ſahia da dita caſa de madeira. A tanto chega o valimento, e a liſonja! Feijó *Cart. erudit. tom.* 2. *Cart.* 7. *n.* 93.

Mag-

§. VI.

Magnificencias paſmoſas.

O Palacio dos Reys dos Medos naõ tinha madeira, que naõ foſſe cedro, ou de outra ſemelhante precioſidade, e que naõ eſtiveſſe cuberta de laminas de ouro, ou de prata, como igualmente eraõ todas as columnas dos porticos; e até as telhas dos telhados eraõ deſte ultimo metal; o que tudo foy deſpojo das Conquiſtas de Alexandre. Polyb. *lib.* 10. Diod. Sicul. *lib.* 17.

Naõ deve admirarnos eſta grandeza, quando ſabemos de fé a que comprehendia o Templo de Salamaõ, onde todas as paredes ſe reveſtiaõ de chapas de ouro, e até eraõ delle as meſmas agulhas, que nos telhados havia para eſtorvar, que nelle fizeſſem ninho os paſſaros.

Mais

Mais que tudo iſto ſaõ as immenſas riquezas, que os Heſpanhoes acharaõ no deſcobrimento do Perú. Se havemos de dar credito a Garcilaſſo de la Vega na Hiſtoria, que fez deſte deſcobrimento; havia ſalas nos palacios dos Imperadores deſtes Indios, que tinhaõ de comprimento duzentos paſſos, e ſeſſenta de largura, em que podiaõ caber tres mil peſſoas, e todas forradas de laminas de ouro. Em huma dellas eſtavaõ muitos Idolos de ouro, em eſtatura de gigantes. Todos os moveis de palacio, aſſim como meſas, aſſentos, leitos, e mais ſerviço economico era de ouro. Nos jardins do Imperador havia arvores, e boſques artificiaes huns de ouro, outros de prata. Nos templos, eſpecialmente o que ſe dedicava ao Sol, era tudo do meſmo metal. A principal bacia da fon-

fonte publica, que eſtava no meyo de huma praça, era tambem de ouro. Havia huma cadeia de ouro, que mandou fazer hum dos Imperadores na occaſiaõ de hum baile, em que cada fuzil era da groſſura de hum punho, e tinha trezentos paſſos de comprimento. O que aqui pode cauſar mayor admiraçaõ, he que ſe encerravaõ todas as preciosidades do palacio do Imperador, quando morria, e ſe enterravaõ com elle; e para o novo Imperador ſe faziaõ outros moveis igualmente precioſos. Em fim parece, que naõ cabe no credito tudo o que refere o dito Garcilaſſo da riqueza deſte grande Imperio.

No palacio do Rey da Perſia ſe via fingida huma vinha de ouro cheya de cachos de precioſiſſimas pedras. E em huma grande ſala de Alcinoo varias eſtatuas de ouro

ouro ſerviaõ de tocheiras para allumiar toda a noite.

A grande Sala de Nero, taõ maravilhoſa, como magnifica, repreſentava a revoluçaõ do Ceo pelo movimento circular dos tectos; e igualmente repreſentava as quatro eſtações do anno, de que mudava cada vez, que a meſa ſe cobria, fazendo chover flores, e ſuaviſſimos aromas ſobre os convidados.

Auguſto ſe jactava de que deixava Roma de pedra, tendo-a achado de tijolo: mas Nero por huma vaidade ſem limite a reduzio a cinzas para a reedificar de novo, e oſtentar a grandeza de receber nos ſeus dilatados jardins ao povo, onde lhe tinha preparado tendas com todos os moveis neceſſarios. Na planta da nova Cidade todas as ruas eraõ tiradas à corda, e regulada a altura dos edificios: correndo por con-

conta de Nero aplanar os montes, e fazer todos os pórticos, e galarias uniformes. Das ruinas da patria ſe ſervio para fazer admirar a ſua magnificencia, edificando ſobre aquellas cinzas o ſeu palacio, em que mais que na profuzaõ do ouro, e na precioſidade das pedras (que o luxo Romano já havia feito vulgar) procurou oſtentar o ſeu poder nos lagos, e nos boſques, e mais que tudo na extenſaõ do terreno; porque em algumas partes dos jardins ſe encontravaõ tranſitos, que pareciaõ deſertos. Eſte palacio, que chamaraõ a *Caſa dourada*, e de que as paredes eraõ cubertas de ouro, de diamantes, e de perolas, comprehendia tres galarias, cada huma de mil paſſos. A elle ſe póde applicar o que Plinio no *liv.* 37. *cap.* 2. diz, que a ſumptuoſidade dos Romanos chegara a tal exceſſo,

que já ninguem queria pizar ſenaõ pedras precioſas.

§. VII.

Eſpectaculos Romanos.

EM muitos Authores antigos achamos a deſcripçaõ dos ſoberbos eſpectaculos Romanos, que provaõ o ſeu luxo prodigioſo, e a perfeiçaõ em que pozeraõ algumas artes. Plinio no *liv.* 36. *cap.* 15. diz, que Marco Emilio no anno de 678 de Roma fizera conſtruir hum Theatro com tres andares ornado de trezentas e ſeſſenta columnas: o primeiro andar de marmore; o ſegundo todo cuberto de vidro (magnificencia até entaõ ignorada) o terceiro, e ultimo era de bronze dourado. As columnas do primeiro andar tinhaõ trinta e oito pés de alto, e tres mil eſtatuas de bronze poſtas

poſtas entre as columnas completavaõ a ſoberba fachada da Scena. As eſtatuas, que eſtavaõ poſtas no alto dos pórticos, humas eſpalhavaõ finiſſima chuva de agua de cheiro, que cauſava agradavel freſcura, e outras exhalavaõ fragrancias dos perfumes mais exquiſitos. Em fim os aſſentos para os expectadores accomodavaõ quarenta mil peſſoas. A eſte aſſumpto diſſe Paulo Emilio, que hum General, que ſabia vencer batalhas, tambem lhe dava credito ſaber ordenar hum banquete, e hum feſtejo. E eu digo, que neſtas duas couſas naõ ſó ſe moſtra o bom goſto, e a generoſidade, mas até o juizo, em ſaber alegrar os animos, e conciliar os affectos.

§. VIII.

Delicia, e grandeza das eſtradas de Roma.

A Eſta magnificencia dos edificios correſpondia a grandeza das eſtradas publicas, que os Romanos fizeraõ, e ſem fallarmos dos caminhos ſubterraneos, diremos ſó que todos eraõ ornados de templos, arcos de triunfo, de eſtatuas dos Deozes tutelares dos caminhos, Mercurio, Hercules, Apollo, e Baco. O centro do caminho do Imperio Romano era a columna, que Auguſto levantou no meyo da grande praça de Roma, e dahi ſe diſtribuiaõ em grande numero por toda a Italia, e ſegundo o Itinerario de Antonino ſó as calçadas da meſma Italia, que eraõ divididas em quarenta e ſete braços, ſe extendiaõ a mais de quatro mil e quinhentas legoas,

legoas: cujas pedras eraõ taõ unidas, que pelas juntas lhe naõ cabia huma faca; e aos lados havia degráos para poder montar acavallo (porque naquelle tempo naõ ſe uſavaõ eſtribos) e columnas com letreiros, que declaravaõ a diſtancia, que hia della à principal columna de Roma.

Os caminhos de França ſe naõ tem columnas de pedra, tem a meſma providencia de letreiro, que conduzem os paſſageiros, e na mayor parte delles ſe encontraõ arvores poſtas à linha taõ viſtoſas para a viſta, como commodas para a ſombra. As pedras ſe naõ ſaõ tamanhas, ſaõ certamente mais ſeguras para os cavallos naõ cahirem; e na largura excedem os de que temos fallado; pois ſegundo todas as relaçõeſ, os Romanos naõ lhe davaõ mais eſpaço, que para caber dous carros.

Mas

Mas a tudo iſto excede os dous caminhos, que ſe acharaõ no Perú calçados de pedras de dezoito palmos em quadrado, e murado de huma parte, e outra, por onde continuamente corria agua à ſombra de grandes arvores, e em cada diſtancias de huma jornada havia hum palacio capaz de receber o Soberano, e toda a ſua comitiva. Os Authores, que deſcrevem eſte caminho, naõ dizem a razaõ porque o fizeraõ entre muros taõ altos; porém ainda que foſſe triſte para atraveſſallo, tambem ſeria ſeguro para naõ temer os ladrões.

§. IX.

Eſcultura.

NA Eſcultura achamos objectos dignos do noſſo aſſumpto, pois já o foraõ as ſuas raridades para

ra os Poemas de Homero. Phydias foy o primeiro, que poz em grande reputaçaõ a eſcultura, e Polycletes quem a poz no ſeu auge da perfeiçaõ. Por cem talentos, diz Plinio, ſe comprou huma eſtatua deſte Author. As eſtatuas eraõ taõ uſadas na Antiguidade, que em Roma quaſi que naõ tinhaõ numero. Por decreto do Senado ſe prohibio, que ſem faculdade delle, ou do povo, ninguem pudeſſe levantarſe eſtatua, e o Imperador Claudio ſó o permittio a quem fizeſſe edificio para a utilidade publica; e ſem embargo diſſo eraõ tantas as eſtatuas, que ſe contavaõ em Roma, que deu occaſiaõ a dizerſe, que aquella Cidade encerrava hum ſegundo povo de pedra. A eſtatua de ouro do Imperador Commodo pezava mil arrateis. He couſa ſingular, que a primeira peſſoa, que

teve eſtatua deſte metal, foſſe Gorgias profeſſor da Rhetorica: mas que cultos deixou ſempre de ter a Eloquencia!

§. X.

Seda tirada das aranhas.

NA China no Reino de Axem ha huma eſpecie de ſeda, que ſe acha dependurada nas arvores; e daqui naſceo, que muitos Authores antigos entenderaõ, que a ſeda era fruto das arvores, aſſim como o algodaõ o he. No tempo do Imperador Aureliano era taõ rara, que ſe vendia a pezo de ouro. Heliogaballo foy o primeiro, que teve hum veſtido todo de ſeda. Dous Padres, que no decimo Seculo vieraõ das Indias, foraõ os primeiros, que trouxeraõ a Conſtantinopla a ſemente dos bichos da ſeda. Luiz

XI.

XI. em 1470 eſtabeleceo na Cidade de Tours a primeira fabrica; que no tempo de Henrique II. ainda a ſeda era extremoſamente rara. Em 1709 Monſieur Bon primeiro Preſidente da caſa dos Contos de Montpellier, e Academico da Sociedade Real da meſma Cidade, apreſentou à Academia das Sciencias hum par de meyas feito de ſeda de aranha: e ſendo encarregado Monſieur de Reaumur de examinar eſte novo deſcobrimento, achou com effeito, que das aranhas ſe podia tirar ſeda com mais diverſidade de cores, que a que ſe tira dos bichos; porque eſta ſó he branca, ou amarella, e da outra ſe acha côr de ouro, branca, cinzenta, azul celeſte, e de hum lindo eſcuro, como café: porém a ferocidade deſtes bichos, que ſe mataõ quando eſtaõ juntos, e para os ter ſeparados, ſeria hum

trabalho, e deſpeza, a que naõ correſponderia o lucro, foy o motivo porque ſe abandonou o projecto de criar as aranhas. O critico, que talvez ſe eſteja rindo (como eu já preſenciey) deſte Capitulo, lêa as Memorias da Academia das Sciencias do anno de 1710, que com iſto lhe tapo a boca.

§. XI.

Artificios, com que a Natureza produz raridades.

COm ovos de duas gemas ſe pódem tirar pintos, e ades de duas cabeças, quatro pés, e azas. Ariſtoteles ſegue, que pelo meſmo principio pódem naſcer cobras com muitas cabeças. Pintando os ovos em hum panno de diverſas cores, ſe pódem igualmente tirar com as meſmas os pintos, que naſcerem; por-

porque de ajudar a imaginaçaõ aos brutos, ſe fazem raros prodigios; o que he taõ certo, que a Eſcritura ſagrada o prova, e Santo Agoſtinho tambem o confirma, attribuindo a eſta induſtria a producçaõ do boy Apis taõ celebrado dos Egypcios. Dos adulterios das plantas vimos iguaes aſſombros. Huma nogueira, ſe lhe enxertarem huma parreira, dará uvas; e na meſma fórma a parreira nozes; e com ſemelhante aſtucia ſe tem viſto uvas no tempo das ſerejas, enxertando neſta arvore a vinha. Eu conheci hum Padre Baſilio Caſtelhano, de virtude, e capacidade, que em Lisboa viveo muitos annos em caſa do Guarda mór Antonio de Souſa da Silva, que me affirmou vira em Heſpanha eſta ultima curioſidade.

De repente formou Luiz XIV. os dilatados boſques de Verſalhes,

fazendo tranſplantar para aquelle ſitio toda a arvore grande, e bem feita, do lugar mais diſtante em que eſtiveſſe; no que novamente moſtrou, que o ſeu coraçaõ excedia nas obras a Natureza. O inventor das maquinas, com que ſe tranſplantaraõ as arvores mais corpulentas, ſem padecerem algum detrimento na ſua frondoſidade, foy o famoſo Carmelitano Truchet, mais conhecido pelo nome do Padre Sebaſtiaõ.

§. XII.

Pintura.

HUma das obras mais raras, que ſe refere na Pintura, he a que Timantes fez do Sacrificio de Efigenia, onde naõ ſó com vivas expreſsões moſtrava a triſteza dos aſſiſtentes; porém cobrindo o roſto de Agamemnon, fiou ſó dos expecta-

expectadores o poderem imaginar qual ſeria a aflicçaõ de hum pay no ſacrificio de ſua filha. O painel, em que Ariſtides repreſentou huma mulher mortalmente ferida no aſſalto de huma Cidade, que parecia, que ainda agonizando temia, que o filho, que tinha aos peitos mamaſſe ſangue miſturado com o leite; foy huma das pinturas mais celebradas, que mereceo, que Alexandre a tranſportaſſe para a Capital de Macedonia. Do meſmo Author, por ſer excellente em repreſentar objectos afflictos, comprou ElRey Attala por cem talentos, hum painel, que repreſentava hum enfermo. Plinio, e Eliano fazem menção do retrato de Alexandre feito por Apelles, taõ ſemelhante, que até o ſeu cavallo Bucefalo o reconheceo, porque rinchou tanto que o vio.

Proto-

Protogenes pintou hum Satyro encoſtado a huma columna, em cima da qual poz huma perdiz taõ naturalmente repreſentada, que as outras perdizes ſe chegavaõ a ella; o que deu occaſiaõ a que todos acclamaſſem eſte raſgo da pintura; porém o Author, que ſuppunha mais perfeito o Satyro, pedio licença aos Magiſtrados de Rhodes (por ordem de quem ſe tinha feito o painel) para poder cubrir de tinta a perdiz, que com effeito lha deraõ.

Zeuxis pintando cachos de uvas à cabeça de hum rapaz, vieraõ as aves picallas; o que igualmente, como a Protogenes, o deſgoſtou; porque diſſe, que as aves, a que pareciaõ naturaes as uvas, tambem deviaõ ſuppor vivo o rapaz para fugir delle. Apoſtando em outra occaſiaõ com Parrhaſio, qual faria huma obra mais perfeita, tornou a pin-

pintar hum taboleiro de uvas, a que as aves logo acudiraõ; porém Parrhaſio pintando outro com hum panno por cima, Zeuxis o quiz tirar, e reconhecendo o ſeu engano, cedeo a victoria ao ſeu competidor.

O meſmo Zeuxis para repreſentar Elena, procurou cinco formoſiſſimas donzellas, para de todas tirar o que lhe pareceſſe mais bello: de outro painel de Euphranor, que repreſentava a batalha, em que Epaminondas foy morto, diz Plutarco, que aquella pintura era impoſſivel, que ſe fizeſſe ſem inſpiraçaõ divina.

De Parrhaſio, e de Giotto ſe conta, que fizeraõ duas pinturas admiraveis por duas formas deshumanas. O primeiro para pintar Prometheo deſpedaçado, uſou a meſma crueldade com hum velho; e o

ſegun-

ſegundo para pintar hum Crucifixo, enganou hum homem para que ſe deixaſſe atar na Cruz, onde dando-lhe muitas punhaladas, o acabou de copiar naquelle eſtado; e levando a pintura ao Papa, lhe prometteo fazerlhe ver o original, ſe Sua Santidade lhe déſſe a abſolviçaõ dos ſeus peccados; porém o Papa vendo que era hum homem morto em huma cruz, revogou a promeſſa, e o pintor cubrindo o painel de hum verniz eſcuro, o Pontifice lhe diſſe, que lhe perdoaria, ſe elle pudeſſe fazer ſegunda copia; e no meſmo inſtante tirando-lhe o verniz, lho moſtrou illezo; porém iſto parece mais hiſtoria inventada, que facto verdadeiro.

Entre tudo o que neſta arte ſe tem feito, nada merece tanto apreço, e admiraçaõ, como he a pintura moſaica, que ſe faz de pedrinhas,

drinhas ; de que vemos os retabolos na magnifica Capella de S. Joaõ na Igreja de S. Roque. Nem Rubens , nem Apelles poderiaõ realçar melhor a viveza das cores com o pincel , nem fazer quaſi eterna a duraçaõ do colorido, como ſe conſegue com eſte invento. Toda eſta Capella he digno objecto da raridade , e perpetuo padraõ da magnificencia , e piedade do Senhor Rey D. Joaõ V. a quem até o Terremoto parece que lhe tributou veneraçaõ , porque inteiramente ficou illeza.

§. XIII.

Reflexaõ ſobre as artes.

A Arte imita , mas parece que algumas vezes excede a natureza. Com ella vi cantar com preceitos de Solfa a muitos canarios em

Pariz. Em Lisboa vimos dançar hum cavallo, e hum urſo; e em muitos Authores vemos, que hum elefante dançara ſobre huma corda. Mais que iſto achamos fazia huma cachorrinha da Rainha D. Catharina mulher de ElRey D. Joaõ III., que cantava ao ſom de hum manicordio; e ainda que naõ pronunciaſſe palavras, eraõ muito entoadas, e conforme ao ſom as vozes, que proferia; como refere o *Anno hiſtorico* no dia 12 de Fevereiro. Semelhante exemplo conta o Padre Pardies a *pag.* 129.

Monſieur de Ermand, Coronel Engenheiro, que eu conheci na Corte de Pariz, enſinou hum paſſarinho, do tamanho de hum pardal, a dizer eſtas duas palavras *petit ami*, que quer dizer *amiguinho*.

O Padre D. Luiz de Lima, Clerigo Regular da Divina Providen-

videncia, me diſſe, que no Convento da ſua Ordem da meſma Cidade de Pariz havia hum tordo, que fallava taõ claro, que eſtando no refeitorio os Padres, e o paſſarinho na caſa de fóra, diſſera intelligivelmente: *Deme hum beijo minha menina*; ao que o Padre Prepoſito perguntara muito enfadado, quem fora o que proferira taes palavras; e que ſabendo ſer o tordo, até nelle caſtigara a immodeſtia, ordenando que nunca mais alli o pozeſſem. Eſta noticia, que a muitos parecerá eſtranha, deve merecer o credito pelo que ſe deve ao teſtemunho deſte douto Varaõ. Plinio affirma, que hum tordo, que tinha Agripina mulher de Claudio, quando elle eſcrevia a ſua *Hiſtoria natural*, fora o primeiro, que ſe vira fallar; e juntamente diz, que os Ceſares mancebos tinhaõ hum eſtorninho,

e huns rouxinoes, que aprenderaõ a fallar Latim, e Grego; os quaes todos os dias hiaõ dizendo couſas novas, como ſe póde ver no *liv.* 10. *cap.* 42. *pag.* 793. E a *pag.* 801. diz a Annotaçaõ de Jeronymo de Horta ſer taõ vulgar o fallarem os tordos, que naõ ha Aldea em Heſpanha, em que ſe naõ vejaõ em gayolas, por ſerem os que com mais facilidade aprendem a fallar. Taõ antigo he fallarem os paſſaros, que já a induſtria de Pſaphon, enſinando-os a que diſſeſſem que era hum Deos, pôde perſuadir a que por tal o tiveſſem, vendo que aquellas aves ſoltas por toda a parte aſſim o repetiaõ; como tudo refere Alexand. de Alexand. *liv.* 6. *c.* 4.

A Imperatriz Rainha ſey eu, que convidou o Senhor Infante D. Manoel para ouvir hum caõ, que à força de enſino articulava a palavra

lavra *Chocolate*. Na Hiſtoria da Academia das Sciencias do anno de 1715. *pag.* 3. Vem hum caõ a quem enſinaraõ a fallar, e que dizia algumas trinta palavras, do numero das quaes era *chá*, *café*, *chocolate*, &c., mas que naõ as pronunciáva ſenaõ por ecco, depois que ſeu ſenhor as repetia.

Até por beneficio da arte vimos augmentar as eſpecies, que Deos creou, nos mixtos, que dos animaes ſe tira. He bem commum o haver filhos de canarios, e pintaſilgos, e de outras diverſidades de paſſarinhos, como eu meſmo tive. Sufites Rey na India fazia expor cadellas para ſe caſtiçarem com os tigres, de que tirava raças taõ generoſas, que hum caõ deſtes encheo de admiraçaõ a Alexandre, quando em hum feſtejo publico lhe vio a façanha de deſpedaçar os urſos,

ſos, e de matar hum elefante. Porém eu ainda mais me admiro de que a arte poſſa domeſticar a fereza dos animaes mais bravos. Eſcuſado he repetir os leões, que tem ſeguido aos homens; ſó direy que muitos annos conheci no picadeiro das Reaes Cavalharices hum leaõ, que vivia na mayor conformidade com huma cadellinha pequena, ao meſmo tempo que devorava qualquer outro caõ, que lhe lançavaõ.

Porém os Carthaginenſes deſterraraõ a Hannon, por haver domeſticado hum leaõ, receando que tambem pudeſſe ter ardil para ſe levantar com a Republica.

Santo Ambroſio igualmente refere, que hum homem andou por toda a Europa ganhando dinheiro com hum leaõ taõ domeſtico, que lhe abria a boca, e lhe metia dentro

tro a cabeça; porém de huma vez lhe ficou entre os dentes.

O Imperador Tiberio tinha huma ſerpente taõ docil, que lhe vinha comer à maõ. Plinio *liv.* 8. *cap.* 16.

O noſſo Embaixador D. Luiz da Cunha me affirmou vira por muitas vezes hum lagarto domeſtico, que tinha a Duqueza de Mazarino; em que naõ ſó pegava, mas trazia ſobre o hombro. Preſentemente ſe vio o meſmo neſte ſitio de Odivellas, onde hum carpinteiro do meſmo lugar, chamado Joaõ Marques, anda com outro lagarto manſo entre a veſtia, e a caſaca, a quem affaga como ſe foſſe a hum cachorrinho.

Alberto no *liv.* 8. *cap.* 1. affevera ter viſto em Alemanha hum grande rato com huma vela na boca allumiando a huns homens, que eſta-

eſtavaõ ceando; o que tambem refere Antonio de Souſa de Macedo na ſua *Eva, e Ave, pag.* 63. allegando a Diogo de Funes.

O General de Aucourt, que acompanhava o Senhor Infante D. Manoel, trazia pelas jornadas huma lebre domeſtica metida em huma condeça, que tirava em chegando aos apoſentos, com a qual brincava, como ſe foſſe hum cachorrinho. O Padre Euſebio diz vira outra junta com os galgos alegre, e contente, brincando reciprocamente com eſtes animaes, como ſe foſſem da meſma eſpecie. Eu tive hum milhafre, que criey de pequeno, taõ domeſtico, que andava ſolto entre as gallinhas, ſem fugir, nem lhes fazer mal.

Preſentemente neſte anno de 1758 anda por Lisboa hum homem com dous grandes urſos domeſticos,

cos, que naõ ſó bailaõ ao ſom dos inſtrumentos, e fazem diverſas habilidades, como a de ſe aſſentarem em huma cadeira, tirar o chapeo, e beijar a maõ; mas o que mais he, que coſtumando eſte bicho com os braços fazer os ſeus eſtragos, luta com o homem, e chegaõ com o calor da diſputa a cahir no chaõ, ſem que ſe veja entrar em colera a fereza deſte animal.

Exquiſita, e arrogante idéa foy a do projecto, com que a arte intentou, que os homens podeſſem mudar de ſangue, como de camiſa: aſſim o começou a praticar a Sociedade de Londres, quando Richardo Louver, Medico Inglez, fez a experiencia da transfuſaõ do ſangue em Oxfort no anno de 1665. A primeira experiencia, que ſe fez, foy em caens, e outros animaes. Paſſou a França eſta noticia, onde igual-

igualmente ſe começou a experimentar ; e por ordem do Corpo da Academia ſe fez a tentativa em ſete caens , a que naõ correſpondeo o ſucceſſo ; porque o ſangue que ſe lhes introduzia pelas arterias , ſe coalhava : huns morreraõ , e outros ficaraõ muy debilitados.

Ettmulero na Diſſertaçaõ , que fez da Cirurgia transfuſoria , refere varias experiencias feitas em animaes de differentes eſpecies , dizendo que hum cavallo de vinte e ſeis annos , recebendo o ſangue de quatro carneiros , cobrara mais forças , que dantes tinha ; e que hum caõ de treze annos muy fraco , e ſurdo , havendo-lhe introduzido o ſangue de hum cordeiro , ficara forte , e ſe lhe reſtituira o ſentido de ouvir ; ſó com a differença , que quando o chamavaõ , em vez de hir para o lugar donde vinha a voz , retrocedia ,

dia, como ſe a ouviſſe da outra parte; allegando tambem o feliz ſucceſſo, que produzira em hum homem.

Monſieur Hamel certificou à Academia de França, que elle, e Monſieur Blondel viraõ fazer na Sociedade Regia de Londres a tentativa de curar hum doudo pelo meyo da transfuſaõ, e que ficara taõ louco como dantes eſtava; e que ſó lhe accreſcera a diſcreta manîa, com que dizia, que elle era o Martyr da Real Sociedade.

Em fim tantos, como diverſos, foraõ os ſucceſſos, que tiveraõ a temeridade deſta experiencia; e he certo, que a pezar dos ſeus apaixonados o Parlamento de Pariz a condemnou pelo decreto com que vedou o ſeu uſo, como remedio inutil, e pernicioſo.

Monſieur Hales, que averi-

guou com incançavel indagaçaõ, que a tranſpiraçaõ das plantas era como a dos animaes, e o modo com que tranſpiraõ, aſſenta, que ſe póde dar goſto artificial aos frutos, fazendo regar com licores cheirоſos as arvores, que os produzem; e aqui temos outra prova de que o juizo humano ſempre trabalha para naõ ſó igualar, mas exceder com a arte a natureza.

Engenhoſos ſaõ os meyos, que alguns Authores apontaõ, com que pelo da pedra Iman poderiaõ duas peſſoas auſentes fallar por hum alfabeto por modo de relogio; porém como ſe naõ executou, he inutil a ſua explicaçaõ. Dizem que o Papa Silveſtre II. fizera com a pedra Iman hum excellente relogio.

Naõ ſó vemos exercitadas as artes por animaes, até a aſtucia mais refinada ſe vê praticada por al-

alguns. Feijó no *tom.* 1. *diſc.* 2. *n.* 40. celebra a do rato da India, a quem perſegue com odio mortal a cobra, e elle com o eſtratagema de fabricar a ſua cova com a boca, porque entra, muy larga, e outra muy eſtreita porque ſahe; tem naõ ſó occaſiaõ de eſcapar à ira deſte inimigo, quando o ſegue, ficando por eſte modo preza neſte engano, mas de ſahir o rato pelo buraco pequeno, e entrar outra vez pelo grande, onde a acha entalada, e a mata muito a ſeu ſalvo.

Vaſto ſeria o aſſumpto, ſe a brevidade do meu eſtylo me permittiſſe dilatar. A tanto tem chegado a Arte, que naõ contentes os homens de accreſcentarem as eſpecies dos animaes, apreſſaraõ tambem o curſo das plantas, fazendoas produzir em breves horas, regandoas com a humetaçaõ de eſpiritos.

Em

Em Amveres em 6 de Fevereiro dia de Santa Dorothea ſua padroeira expoem os floriſtas na Igreja todo o genero de flores, e frutos nas ſuas proprias arvores, com todos os gráos vegetaveis, que tem. He couſa admiravel ver em hum dia perfeitos varios frutos, que ſe coſtumaõ colher em diverſos tempos. Conſegue-ſe eſta maravilha da Arte, pondo aquelles vegetaveis em eſtufas, e quartos calido, para promover a fermentaçaõ. Du-Hamel du Monſiau, *Trat. da Cultura das terras, tom.* 1. *c.* 5.

Até a formoſura das meſmas flores ſabe augmentar a induſtria, como ha poucos annos vi na ſemente das papoulas, e malmequeres agreſtes, que cultivadas nos jardins, e ſemeadas em certa Lua, produzem hum viſtoſiſſimo genero, e taõ dobradas, que ſó o ranunculo poderá

derá ter igual numero de folhas; e ainda preſumio a Arte fazer mais, que a meſma Natureza, na formaçaõ das creaturas pelo meyo de olharem as mãys para pinturas formoſas; chegando a tanto a ſacrilega vaidade dos homens, que projectou formar artificialmente huma creatura humana, ſem ſer gerada em ventre vivente, mas ſim na maquina, que o Padre Euſebio refere no *liv.* 3. *cap.* 25. da ſua *Filoſofia*, aonde remetto o leitor, ſe o quizer ver.

Taõ grande como antiga he a ſoberba dos homens. Naõ ſó formaraõ a torre de Babel para ſe iſentarem de outro diluvio univerſal, mas até praticaraõ queſtões, ſe poderia haver arte, com que poder deſencaixar todo o globo da terra do ſeu centro. Archimedes affirmou que elle ſe atrevia a fazello, ſe tiveſſe onde firmar hum pé, para fa-

zer

zer força, porque isto bastava para pôr em movimento toda a terra. Marianno Marcenio descreve duas maquinas com doze rodas, com que se poderia conseguir o mesmo. Outros Mecanicos dizem, que abatendo-se alguns montes com tiros de artilharia se podia mover a terra circularmente, por estar por todas as partes o seu globo em hum justo equilibrio.

Sim póde haver maquina com que huma criança possa mover o mayor pezo; porém o elemento todo da terra só Deos o poderá desencaixar do sitio em que o poz; e mais depressa devemos assentar, que a fará aballar a cegueira dos nossos peccados, que a intelligencia da nossa arrogancia.

RA-

RARIDADES DA NATUREZA.

PARTE III.

AGUA.

ESTE corpo humido, liquido, fluido, frio, claro, e tranſparente, attribuio Thales o principio de todas as gerações naturaes: immenſo, ineſgotavel he o ſeu receptaculo do mar, donde ſahem todas as aguas, que

juntas, ou repartidas cercaõ, e atraveſſaõ o globo da terra. Que mayor maravilha, que vello creſcer, e mingoar quatro vezes em vinte e quatro horas? Outra eſpecie de maravilha he o naõ ſucceder aſſim no mar Mediterraneo, onde nunca ha maré. A indagaçaõ da ſua cauſa, que cuſtou a vida a Ariſtoteles, tambem a fez perder a huns homens poderoſos de Phryſa na Alemanha Baixa, que curioſos de deſcobrirem os limites do Septemtriaõ, chegaraõ até onde lhes foy poſſivel, e viraõ claramente alli fazer o mar como hum olho marinho, em que ſummamente ſe embravecia, levando a ſi os navios com grande vehemencia para os ſorver naquelle horrendo abyſmo: arrebatou alguns a impetuoſa corrente: os que a poder do remo puderaõ eſcapar, trouxeraõ a noticia daquelle medonho

ſor-

ſorvedouro, aonde ſe vem recolher, e tornar a ſahir, e eſprayar as ondas das ultimas rayas do Oceano. Deſta reciproca fluctuaçaõ querem alguns naſça o que commummente ſe chama maré, e ter alli ſua origem: porém os Filoſofos antigos, e modernos lhe attribuem outras muitas, e differentes cauſas.

Geral opiniaõ he, que naõ ſe morre ſenaõ ao tempo da maré; mas por ordem da Academia de França ſe fez huma exacta averiguaçaõ do tempo, e horas, a que morriaõ os doentes nos Hoſpitaes, e ſe achou ſer falſa eſta opiniaõ taõ recebida, porque a todas as horas ſe morre.

Naõ devemos omittir entre as ſuas raridades a ſingular prerogativa, que logra o Adriatico, de ter guardado em ſi hum Cravo ſagrado de Chriſto Senhor noſſo até o anno de 1138, em que foy revelado ao

beato Gregorio Ermitaõ o lugar da praya, em que ſe achava. Com o contacto deſta precioſa reliquia he que ſe fez praticavel a ſua braveza, ſendo até entaõ ſepultura dos navegantes.

§. I.

Qualidades raras de aguas.

PLinio nos quiz perſuadir, que havia duas fontes, huma que fortificava a memoria, e outra que a fazia perder; e naõ menos falla de outra, que curava a paixaõ dos namorados. Os ſoldados de Decio Bruto naõ queriaõ paſſar o rio Lethes, temendo, que lhe fizeſſe eſquecer a patria, mulher, e filhos.

Evigné no ſeu excellente *Diccionario*, citando a Scamendre, faz menção do rio Xanto da Troada, que ſe chamou aſſim pela propriedade,

dade, que a ſua agua tem de mudar em côr amarella a lã de toda a ovelha, que nelle bebe. O meſmo Evigné trata de aguas, que naõ ſuſtentaõ em ſi couſa alguma, por mais leve que ſeja, e naõ menos de outras taõ extremoſamente frias, que rebentaõ todos os vaſos, em que ſe lançaõ, e que ſó naõ quebraraõ o que expreſſamente ſe fez para experiencia, do caſco de huma mula. A' qualidade das aguas ſe attribue haver em algumas partes arrans mudas. Cataõ diſſe, que hum vaſo feito de hera naõ póde ſoffrer em ſi vinho aguado, e que conſervando ſó a agua, reſumará todo o vinho.

Os antigos Gallos expunhaõ os ſeus filhos ſobre o Rheno, e naõ os reconheciaõ por legitimos, ſe naõ nadavaõ em cima da agua; o que atteſtaõ graviſſimos Authores, e en-

e entre elles o Imperador Juliano na *Epiſt.* 16.

A S. Liz, perto do Ducado de Chevreuſe, ha huma fonte, cuja agua faz cair os dentes ſem fluxaõ, nem dor. Hiſtoria da Academia das Sciencias de França anno 1712. *pag.* 13.

Em Rennes Cidade de França ha tambem hum poço perto da porta de Morlaix, que deita exhalaçõeſ mortaes, ſem embargo de que as ſuas aguas ſaõ excellentes para beber. Academia das Sciencias anno 1701. *pag.* 18. A fonte chamada Penha ſagrada no coraçaõ da Heſpanha eſtá chea no Eſtio, e ſeca no Inverno.

Aguas,

§. II.

Aguas, que tem virtude de petrificar.

EM muitos Authores lemos, que em Irlanda ha hum lago de tal natureza, que cravando-lhe no fundo hum páo, de modo que fique alguma porçaõ de fóra, paſſando mezes, a parte que ſe meteo dentro na terra, ſe acha convertida em pedra, e a que eſtá na agua, em ferro, retendo a ſuſtancia de madeira a que eſtá fóra da agua. Feijó no *diſc.* 2. *n.* 9. *do tom.* 7. diz, que ſuppoſto que naõ quer ſer fiador deſte facto, eſtá prompto para o ſer da ſua poſſibilidade; pois a converſaõ da madeira em ferro naõ parece que tem mais myſterio, que a converſaõ do ferro em cobre, que he conſtante a fazem algumas fontes de Polonia. O meſmo Feijó

no

diſc. 2. §. 2. *n.* 10. *tom.* 7. allega o o Padre Buchatz citado na Hiſtoria da Academia de 1692. *pag.* 142. como teſtemunha ocular, que o rio, que paſſa pela Cidade de Bakan no Reino de Ava, que creyo eſtar comprehendido nos eſtados do Pegú, tem virtude de petrificar a madeira, e que elle vira grandes arvores petrificadas até a flor da agua; e que o reſto, que eſtava fóra della, conſervava a meſma ſubſtancia, e contextura de madeira ſeca; e que a madeira petrificada era taõ dura como pederneira.

Em Clermont Capital de Auvergne ha huma ribeira chamada de Santo Hilario, que tem virtude de petrificar o que por muito tempo eſtá na ſua agua. O Marquez de Santo Aubin (aſſaz critico) no *tom.* 6. do *Tratado das Opiniões*, *pag.* 533. explica o modo natural, com

que

que as aguas formaraõ nella huma ponte, que hoje exiſte.

§. III.

Arvores, que deſtillaõ chuva.

EM certos paizes faltos de chuva ha huma eſpecie de pinhos bravos, que nas ſuas folhas recebem mais de huma canada de agua; e tanto que ſe ſentem cheas, ſe fechaõ, e por eſte modo a próvida natureza lhe ſuppre o que as nuvens lhe negaõ. A famoſa arvore da Ilha do Ferro, que ſempre ſe achava cuberta de huma nuvem, ou neve eſpeſſa, enchia da agua, que deſtillava das ſuas folhas de vinte e quatro em vinte e quatro horas, dous grandes tanques, que eſtavaõ debaixo da meſma arvore. *Theolog. Phyſ. liv.* 10. *cap.* 1. O P. Feijó tem conteſtado eſte prodigio da Natureza.

§. IV.

Peſſoas, que ſe ſuſtentaraõ ſó com agua, e outras ſem beber.

ANdron de Argos era taõ pouco ſujeito à ſede, que atraveſſava os deſertos da Lybia ſem neceſſidade de beber. De alguns Ethyopios, que ſe ſuſtentavaõ de peixes crús, diz Pomponio Mela, que nunca bebiaõ.

Solino eſcreve, que huma Senhora Romana nunca cuſpio, Ligdamo nunca ſoube, que era ſede, e que os ſeus oſſos ſe acharaõ ſolidos ſem tutanos. No Malabar commummente naõ ſe eſcarra, nem ſe coſpe; e ſe alguem o faz diante de algum Naire, he huma das mayores injurias, que póde cometter.

Na Hiſtoria de Carlos XII. Rey de Suecia achamos, que huma mulher chamada Johns Botter natu-

natural da Provincia de Candia, paſſara muitos mezes ſem tomar outro alimento, mais que agua. Reys refere outro caſo do ſeu tempo por indubitavel pelas teſtemunhas com que o corrobora, de huma mulher, a quem ſeu marido, depois de a ferir, lançou em huma caverna, em ſitio ſolitario, e paſſados ſetenta e dous dias, foy achada naõ ſó viva, mas ſã das feridas, e com forças de poder ir por ſeu pé para caſa. Perguntada como ſe havia ſuſtentado tanto tempo ſem comer, e curado as feridas; reſpondeo, que naõ fizera outra couſa mais, que molhar a coifa, que levava na cabeça, em huma pequena porçaõ de agua de chuva, que havia na cova, a qual chupava de quando em quando, e que com a meſma agua lavara as feridas. O Padre Fr. Martinho, irmaõ de Jorge Luiz Teixei-

ra, em huma doença que teve, ſe ſuſtentou quinze dias ſem tomar outra couſa mais que agua morna.

A celebre Donzella chamada Benta, que actualmente vive na Aldea nova junto a Serpa, deſde o anno de 1735 ſó ſe ſuſtenta com alguma pequena porçaõ de agua, ſem que na ſua boca entre outro alimento; como relato a *pag.* 217. da primeira Parte deſta Obra: noticia taõ paſmoſa, como certa, e conſtante a todos.

He certo que a galinhola naõ come, e ſó com o ſucco da terra ſe ſuſtenta.

§. V.

Tritões, e Nereidas.

DOs Tritões, e Nereidas abraça Feijó no *liv.* 6. *diſc.* 7. *n.* 30. a ſua exiſtencia, com as meſmas razões, com que neſte proprio diſcur-

curſo em o *n.* 1. moſtra ſer certo a dos Satyros ; e aſſim o meſmo , que já diſſemos a *pag.* 153 , nos ſerve para aqui de argumento. Deſtes meyos peixes , e meyos homens , ou meyos mulheres , fallaõ infinitos Authores antigos , como Plinio , Eliano , Pauſanias , Nauclero , Belonio , Lelio , Giraldo , Alexandre de Alexandre , Geſnero ; e outros modernos referem igualmente muitas hiſtorias. Os ſucceſſos mais viſinhos aos noſſos tempos , que Feijó no *n.* 31. diz ter lido , e que andaõ eſpalhados por muitas relaçõeſ , he o homem marinho , que ſe deſcobrio no anno de 1671. na Ilha de Diamante huma legoa da Martinica , a quem os Francezes viraõ por muitas vezes ; os quaes juridicamente depozeraõ , que da cintura para cima tinha perfeita figura de homem , os cabellos brancos , e negros pendentes ſo-

bre

bre as coſtas, como ſe os tiveſſe penteados; a cara chea, a barba parda, o nariz chato; e que naõ ſó era branco, porém ao que parecia tinha a cutis delicada; e que a parte que ſe via entre as aguas, era de peixe, e acabava em huma cauda groſſa, e partida. O ſegundo exemplo moderno he o homem marinho viſto em Breſte no anno de 1725. de que daõ ampla noticia as Memorias de Trevoux do meſmo anno no *tom.* 4. *pag.* 1902. que por largo tempo viraõ trinta e duas peſſoas, que havia no navio, cujo Capitaõ ſe chamava Olivier Morin. Era perfeitamente proporcionado, e os ſeus membros em tudo ſemelhantes aos noſſos; e ſó tinha entre os dedos das mãos, e dos pés huma pelle, que lhos unia de huns aos outros, como as ades coſtumaõ ter. As meſmas Memorias dizem,

que

que eſte monſtro vendo a figura de huma mulher, que havia na proa da embarcaçaõ, fizera diligencia para a querer abraçar. Feijó celebra muito duas ridiculas circunſtancias, que neſta occaſiaõ ſuccederaõ: a primeira da parte do monſtro, que como fazendo eſcarneo da gente do navio, lhe voltou as coſtas, e levantando-ſe alguma couſa da agua, exonerou o ventre à viſta de todos: a ſegunda da parte do Contrameſtre do baixel, que eſtando para atirarlhe, ficou ſurprendido de hum terror panico, lembrando-lhe, que naquelle meſmo navio, e naquelle meſmo ſitio, ſe havia no anno antecedente morto por deſeſperaçaõ aſſi meſmo o Capitaõ chamado La Cõmene, e que eſte como fantaſma lhe apparecia por aquelle modo. O Padre Antonio de Faria da Congregaçaõ do Oratorio, Varaõ cheyo

de

de virtudes, e incapaz de mentir, affirmava, que indo elle à Arrabida com o Padre Joſeph Gonçalves da meſma Congregaçaõ, e que andando ambos pela montanha, que ſe eleva ſobre o mar, viraõ hum monſtro marinho, que da cintura para cima tinha figura de homem, o roſto comprido, os olhos grandes, e cabellos verdes corredios, que aſſentado em hum penedo os corria com as mãos; o que tudo por largo eſpaço viraõ cheyos de admiraçaõ, até que o monſtro levantando a cabeça, e preſentindo os dous vultos ſobre a rocha ſe mergulhou nas ondas: o que tudo me affirmou o Padre Meſtre Theodoro Franco da meſma Congregaçaõ, e o ouvira muitas vezes repetir aos ditos Padres na preſença de muitos outros, que ainda vivem.

Entre as hiſtorias deſtas appariçõ-

riçõẽs antigas abraça o meſmo Feijó o que Plinio refere de que os Luſitanos mandaraõ huma embaixada a Tiberio para o aviſarem de que tinhaõ viſto hum Tritaõ. O Legado de França igualmente eſcreveo ao Imperador Auguſto terem-ſe achado nas prayas muitas Nereidas mortas, e que havia muitos Cavalheiros Romanos teſtemunhas de viſta de que no eſtreito de Gibraltar fora viſto hum homem marinho.

No anno de 1619, navegando certos Conſelheiros de ElRey de Dinamarca de Noruega para Copenhague, viraõ hum homem marinho, que paſſeava dentro das aguas, levando hum feixe de ervas. Os dous Conſelheiros ordenaraõ, que ſe lhe deitaſſem laços de corda com grandes anzoes, e com eſte artificio conſeguiraõ trazello à borda do navio. Apenas entrou nelle, come-

çou a fallar ameaçando a perdiçaõ de todos, ſe lhe naõ déſſem logo liberdade; e que ſendo os marinheiros gente ſuperſticioſa, e tímida, o lançaraõ promptiſſimamente ao mar. Eſte he o unico exemplo de homem marinho, que fallaſſe: mas ſe ainda nos Centauros abonados por taõ doutos Santos, ſe lhe duvîda eſta propriedade, como a poderemos attribuir neſte monſtro ſó por eſte Author? Joaõ Filippe Abelino no *tom.* 1. do ſeu *Tratado da Europa.*

Rondelecio aſſevera haverſe apanhado na ribeira de Noruega hum monſtro com o roſto de homem, a cabeça liza como rapada à navalha; tinha nos hombros huma cuberta, como capello de Frade, em lugar de braços duas largas eſpadanas, que pareciaõ mangas, e a parte inferior ſe compunha de huma

ma larga cauda, de tal fórma, que todos os que o viaõ lhe chamaraõ Frade; e aſſim ficou com eſte nome pela ſua ſemelhança. Oleario na deſcripçaõ do Cabinete do Duque de Holſtein imprimio a deſcripçaõ de outro tambem parecido a hum Frade; e eſte que appareceo ao Norte de Hollanda, ſe conſervou por ordem do dito Duque no ſeu Theſouro das raridades. Outro pinta o meſmo Rondelecio, o qual tinha fórma de Biſpo com ſua mitra, e roquete. O meſmo corrobora Alberto Gerimano, Medico de Roma, que teve os retratos deſtes monſtros, e diz que eſte ultimo o trouxeraõ vivo ao Reino de Polonia no anno de 1531, e com alguns ſinaes parecia ſignificar o monſtro, que queria tornar ao mar; e levando-o a elle, ſe arrojou logo nas ſuas aguas. Plinio, e os Atlas

o pintaõ com a meſma figura.

Em 1403 no mar de Hollanda ſe apanhou hum peixe mulher, ou mulher marinha, que foy levada a Harlem, a quem veſtiraõ, e enſinaraõ a fiar: ſuſtentava-ſe com paõ, e leite; adorou a Cruz, mas naõ fallou nunca. Jac. Pontan. *artic. bell. p.* 2. *Sintagm.* 3. e Feijó no *diſc.* 7. *n.* 34. do *tom.* 6.

Pelos annos de 1680, governando o Reino do Algarve o Marquez de Niza D. Franciſco da Gama, appareceo nas prayas daquelles mares hum homem, que preſumindo-ſe poderia ſer alguma eſpia dos mouros, o prenderaõ, e depois de varios exames, e de lhe fallarem em differentes linguas, vendo-ſe que a nenhuma reſpondia, paſſaraõ às experiencias mais fórtes de tratos; mas aſſim como naõ reſpondeo, tambem ſe naõ queixou, de ſórte, que

naõ

naõ ſó parecia bruto, porém inſenſivel. A ſua figura era proporcionada, a cara feroz, e o cabello alguma couſa creſpo: comia abrutadamente, pegando no comer com ambas as mãos: nunca o pedia, nem o rejeitava: todo o alimento aceitava do meſmo modo, ſem diſtinguir, ſe era bom, ou máo.

Por taõ eſtranhas circunſtancias o mandou o Marquez ao Senhor Rey D. Pedro, que com goſto, e admiraçaõ o vio; e mandando-o para a Sé alli viveo alguns annos, e morreo ſem que nunca podeſſe deſcobrirſe noticia alguma deſte homem. Entre as muitas peſſoas, que ainda hoje poderáõ ter noticia deſte caſo, mo referio Antonio de Saldanha e Albuquerque, Gentilhomem da Camara do Senhor Infante D. Manoel, dizendo-me, que ſua mulher a Excellentiſſima Senho-

ra

ra D. Maria da Porta, lhe atteſtava tello ouvido contar a ſeu pay D. Chriſtovaõ da Gama, que neſſe tempo ſe achava no Algarve com o meſmo Marquez, de quem era filho.

Jeronymo de Orta na ſua Annotaçaõ a Plinio *pag.* 532. *do liv.* 9. refutando as Sereas, convem em que haja os Tritões, e os pinta com cabellos verdes, e o corpo cuberto de miudas, e duras eſcamas. Feijó no *diſc.* 7. *n.* 35. do meſmo *tom.* 6. allegando o Diccionario de Trevoux, refere, que no anno de 1560 perto da Ilha de Manar ſobre a Coſta Occidental de Ceilaõ os peſcadores de huma ſó redada apanharaõ ſete homens marinhos, e nove mulheres, e que diſto foraõ teſtemunhas alguns padres da Companhia, entre os quaes nomea o P. Henrique Henriques, que atteſtavaõ,

vaõ ; que a figura era inteiramente humana : cujo exame ſe fizera por hum Medico chamado Dimas Boſque de Valença ; e logo no *n.* 36. trata de outro homem marinho, que ſe eſcondia em huma cova perto do mar , aonde eſpreitava as mulheres , que hiaõ buſcar agua á huma fonte , que alli eſtava perto , a quem muitas vezes laſcivamente opprimia. Em hum armario , em que ſe guardaõ em Pariz raridades precioſas da antiguidade , ſe moſtra entre ellas a maõ de huma Serea , ſendo aliás de huma mulher marinha , porque o nome de Sereas ſó pertence áquellas aves fabuloſas , que em Plinio achamos eſtampadas com o roſto, e peitos de mulher , e em tudo o mais tem a figura de ave , como nos deſcrevem Theopompo , Iſacio, Caliſchro , Albrio , e Bocato ; e até o meſmo Virgilio , e Ovidio , e

Feijó

Feijó no *tom.* 6. §. 8. *do disc.* 7. porém tem tal força o que vemos, que póde mais a liçaõ dos pintores, que o que ouvimos nos escritos de taõ grandes homens. Com a mesma equivocaçaõ de nome de Serea descreve Bartholino a que se vio em Dinamarca com cauda de peixe, dizendo que fizera neste monstro a operaçaõ anatomica, e que achara, que a cauda naõ tinha musculos, e que só servia de fazer pezo proporcionado à parte superior do corpo. Em fim nas Memorias de Trevoux de Janeiro de 1701. *pag.* 184, e de Fevereiro de 1725, vem as relações de varios monstros destes, que foraõ vistos por muitas pessoas, e nellas se faz hum individual retrato da sua fórma; e naõ menos o achamos em Gassendo.

Por ultimo, Feijó no *liv.* 6. *disc.* 7. §. 5. tratando deste assumpto, começa

meça aſſim: *En los Tritones, y Nereides ay poquiſſimo de purgar de la fabula a lo verdadero.* Iſto diz hum homem da esféra de Feijó; e o que ouço aos Criticos modernos, quando ſe falla neſta materia, he hum ſorriſo, com que ſe querem moſtrar doutos em lhe naõ dar credito. Deixo ao juizo do leitor decidir a quem he que ſe deve dar; lembrando-lhe, que já o Padre Vieira diſſe, que era muy commum o ſorriſo nas reſpoſtas arduas.

§. VI.

Peſſoas, que viveraõ muitos annos na agua como peixes.

PAſmoſo caſo he o que traz Feijó no *tom.* 6. *diſc.* 8. *n.* 3. de hum Heſpanhol chamado Franciſco da Veiga natural de Lierganes, que viveo muitos annos nos mares

de Cadiz, onde ſendo por muitas vezes viſto dos peſcadores, o apanharaõ com redes, e foy reconhecido de todos ſeus parentes, que o choravaõ morto; como tudo ampla, e doutamente poderá ver provado o curioſo leitor na allegaçaõ referida.

Hum Fyſico moderno moſtra com elegantes, e ſolidas razões, haver alguns homens, que podem viver, como vivem as crianças no ventre materno, ſem reſpirar; e que naõ os poderáõ matar apertando-lhe as goelas, e que tambem poderáõ viver debaixo da agua: taõ diffuſos, como ſubtis, e naturaes ſaõ os argumentos, com que o prova, como ſe póde ver em Monſieur Pſerquin. Deſtes devia ſer Scylias, de quem Herodoto conta, que atraveſſara o mar deſde Magniſie até a Ilha de Eubea, para levar a nova

aos

aos Gregos do naufragio dos Perſas.

Pontano, Alexandre Napolitano, e o Padre Kirker fallaõ de hum Siciliano, por antonomaſia o peixe Colas, que ſe coſtumou deſde pequeno a peſcar oſtras, e coral no fundo do mar; e de ſórte habituou a ſua natureza a elle, que ficava quatro, e cinco dias na agua, ſuſtentando-ſe de peixe crú. Eſte meſmo homem teve reſoluçaõ para no golfo de Caribde deſcer ao fundo do mar buſcar huma copa de ouro, que Frederico Rey de Sicilia lhe deitou, o qual dentro em tres quartos de hora a trouxe na maõ acima da agua; porém deſcendo ſegunda vez a buſcar huma bolça cheya de ouro, que o meſmo Rey lhe deitou, ficou engolido das ondas, ou devorado de algum peixe. Os que peſcaõ as perolas na In-

dia, coſtumaõ ficar debaixo da agua, ſem que ſe ſirvaõ de azeite, ou de outro ingrediente algum, como o vulgo crê; pois ſó pelo coſtume, e pela natureza pódem fazer o que a arte dos Filoſofos naõ pode até agora communicarnos.

Feijó na *Carta* 9. do *tom.* 2. *n.* 1. e 2. refere, que hum cego de Pamplona, e huma minina ficaraõ debaixo da agua mais de hora e meya ſem ſe ſuffocarem.

Na Aſſemblea publica da Sociedade Regia de Leaõ de França, celebrada a 23 de Abril de 1749, ſe atteſtou, que huma rapariga de dezaſete annos, natural do lugar de Cluni, depois de eſtar ſubmergida pelo eſpaço de duas horas, tornou a ſi inteiramente.

Caſos mais admiraveis ſaõ os que Monſieur Vinslow, e Monſieur Bruhier contaõ de hum Suiſſo, que eſti-

eſtivera nove horas debaixo da agua; e de huma mulher, que eſteve tres dias; citando a dous Medicos, que eſcreveraõ eſtes ſucceſſos: e outros ainda mayores deſta natureza conta Paulo Zaquias, referindo-ſe a Alexandre Benedicto.

O meſmo Feijó no *tom.* 4. das ſuas *Cartas pag.* 168, ſeguindo a opiniaõ, que tambem abraça o Marquez de S. Aubin, aſſenta haver alguns corpos humanos com tal diſpoſiçaõ preternatural, que ſejaõ capazes de viver muito tempo ſem reſpiraçaõ, como ſuccede ao feto no ventre materno; e que eſtando elle inteiramente certificado dos primeiros dous caſos, que aqui referimos, naõ póde repreſentarſe-lhe duvida alguma para a verdade dos outros. Naõ ſaõ poucos os Naturaliſtas, que affirmaõ terſe achado no fundo de rios muitas

aves.

aves. O Padre Kirker dá por certo, que em Polonia huns peſcadores tiraraõ prezos nos ſeus anzoes varios paſſaros, que andavaõ debaixo da agua. Deſte argumento ſe ſerve o dito Feijó, para erudita, e catholicamente exclamar contra a imprudencia, com que ſe enterraõ acceleradamente os defuntos, referindo triſtes, e repetidos exemplos de muitos, que ſe enterraraõ vivos, e foraõ achados com as mãos deſpedaçadas dos ſeus proprios dentes pela dezeſperaçaõ de ſe verem naquella aflictiſſima ſituaçaõ; como ſe conta do ſubtil Eſcoto.

§. VII.

Peixes monſtruoſos.

A 22 de Abril de 1575 lançou o mar na praya de Peniche hum peixe morto de fórma nunca viſta:

viſta : tinha quarenta covados de comprido: o couro pelo lombo era preto , e pela barriga branco , e nella tinha a boca : de altura tinha quinze palmos , a cabeça levantada quatro covados em alto : os olhos com hum de roda , e cada orelha de oito covados : tinha dezaſeis dentes de cada banda , cada hum de meyo covado em redondo , e de hum dente a outro hum palmo de diſtancia. *Anno hiſtorico* no dito dia a *pag.* 503. Poucos dias ha que o vi eſtampado.

Do peixe que appareceo no Tejo no anno de 1616 , eſcreveo largamente hum Medico de Peniche em hum livro manuſcrito , e naõ ſey ſe ſe imprimio , e tinha por titulo *Peixeologia* , e com grande miudeza refere a ſua figura , e os nomes , que lhe deraõ. Tambem traz hum Romance de mais de cem

co-

coplas, em que ſe deſcreve com miudeza, e galantaria eſte peixe.

No reinado do Senhor Rey D. Joaõ V. ſe apanhou no rio de Lisboa outro peixe taõ grande, que querendo ſuſpendello no ar nos guindaſtes, naõ foraõ capazes de ſuſtentallo os meſmos calabres, que ſervem de amarras aos navios; porque todos com que o quizeraõ levantar, quebraraõ. Muitos tempos ſe conſervou na Ribeira das náos a fiel copia, que deſte monſtro mandou pintar o meſmo Monarca.

Na Torre do Tombo tambem ſe conſerva a memoria de hum Solho de extraordinaria grandeza, que em 1320 preſentaraõ os peſcadores do Tejo a ElRey D. Diniz, que pezava dezaſete arrobas e meya. Igualmente ſe achou outro no meſmo rio em tempo delRey D. Joaõ III., que pezava nove arrobas. *An-*

no

no hiſtorico no dia 5 de Fevereiro.

Do leaõ marinho trata Opiano no ſeu primeiro livro ; e Eliano no *cap.* 18. do *liv.* 6. Filippe Foreſti no 3. *liv.* das ſuas Chronicas diz , que ao Papa Martinho IV. foy levado dos mares de Toſcana hum peixe com figura de leaõ. Nos mares do Cabo da Boa Eſperança foy morto hum leaõ marinho , que como animal amphibio hia buſcar o ſeu ſuſtento nos matos. Na relaçaõ da viagem , que fizeraõ os dous irmãos Bartholomeu , e Gonçalo Nodel em reconhecimento dos eſtreitos de Magalhães , e S. Vicente , impreſſa em Madrid no anno de 1621. ſe faz menção de huns animaes amphibios , que ſe acharaõ na Ilha dos Reys , a que os Authores da dita relaçaõ chamaõ leões do mar , os quaes ſaõ ligeiriſſimos , e naõ ſe encontraõ na terra firme

a mayor diſtancia das Ilhas, que hum tiro de moſquete. Quando ſe vem acomettidos, os machos ſe poem diante das femeas, e filhos para defendellos.

No frigidiſſimo mar de Groenlandia ſe acha o peixe chamado Unicornio do mar, por ter huma haſtea na cabeça taõ grande, e fórte, que com ella acomette as mayores baleas, e rompe ao mais fórte navio. Muitos crem, que deſtes peixes ſaõ as grandes haſteas, que com o nome de unicornio ſe conſervaõ em alguns Cabinetes, e Theſouros de raridades. O Secretario de Eſtado Antonio Guedes Pereira tinha huma com algumas duas varas de comprido.

Nada ha taõ exquiſito, como o que Plinio cita de Seneca de hum peixe do viveiro do Imperador, que morreo de ſeſſenta annos. E

Geſ-

Geſnero affirma ter peſcado hum peixe de duzentos e quarenta e quatro annos: porém eu naõ ſey, que na pia do mar haja regiſto de bautiſmo.

A monſtruoſa grandeza das baleas, que achamos deſcriptas, naõ deve ſervirnos de aſſumpto às raridades; pois mais deve admirarnos (como reflecte Plinio) ver a perfeita organizaçaõ na pequenhez de hum inſecto, que apenas a viſta póde diſtinguir; nos quaes com os microſcopios lhe deſcobrimos pés, pernas, oſſos, muſclos, tendões, e fibras, que ſem embargo de ſerem taõ ſubtís, os fazem mover. E qual ſerá a ſubtileza dos orgãos da ſua viſta, e o exceſſo da delicadeza, a que ſe devem reduzir as eſpecies viſiveis, que ſe recebem neſſes orgãos, de que adiante trataremos!

§. VIII.

Virtudes raras de alguns peixes.

DO peixe, que Tobias apanhou, lhe diſſe o Arcanjo Rafael, que o coraçaõ poſto ſobre brazas faria affugentar o demonio, e que o fel ſerviria para os olhos recobrarem a viſta: e admiravelmente prova o Padre Euſebio, que eſtas virtudes eraõ naturaes; porque ſe foſſem milagroſas, ſerviriaõ para tudo, e naõ ſó para eſtas duas couſas, que o Anjo expreſſou.

Ariſtoteles traz por grande raridade os peixes que voaõ; porém hoje quem ha que ignore os peixes chamados Voadores, a que Eſtraõ chama Andorinha do mar, e lhe attribue huma ſingular propriedade; e he, que depois de morta, e dependurada por huma linha em caſa, aponta o vento com o bico, voltan-

tando-ſe ſempre para onde eſtá, como ſe foſſe a bandeira de hum campanario. O Padre Kirker affirma, que elle tivera hum mais de vinte annos no ſeu Cabinete das curioſidades, que toda Roma preſenciara. A eſte propoſito direy o que Pirard conta de que deitando-ſe no mar de Africa ao Norte da Linha Equinocial o corpo de hum Portuguez, obſervara, que nadava ſobre a agua com a cabeça ſempre para o Occidente, e que ſe as ondas lhe mudavaõ a ſituaçaõ, logo tornava a tomalla; e que naõ ſuccede o meſmo paſſada a linha para o Sul, onde logo os corpos vaõ ao fundo.

No grande combate, que teve o Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, na carreira da India com o Maratá, hindo por Vice-Rey daquelle Eſtado, ſe viaõ andar ſobre a agua os corpos mortos

tos ſem hirem ao fundo, como me contou muitas vezes meu grande amigo Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira, de ſaudoſa, e reſpeitavel memoria nas letras, e nas armas; pois neſta occaſiaõ obrou taes prodigios de valor, que a juſto titulo mereceo a eſpecialiſſima honra do Senhor Rey D. Pedro II. lhe eſcrever huma Carta, aſſinada do ſeu Real punho, da qual vi o original; e a Hiſtoria Genealogica refere a copia. Se eſta digreſſaõ parecer alhea do aſſumpto, conte-ſe por raridade haver quem ſe moſtre agradecido.

Da tremelga diz Matheoli, que entorpece o braço do peſcador, que a peſca, e que ninguem a póde ſuſtentar viva na maõ; porém que morta, a pezar do ſeu veneno, naõ ſó ſe come, mas que Hypocrates aconſelha a ſua comida.

No Journal des Sçavans de ſegun-

gunda feira 25 de Abril de 1667. achamos outro peixe chamado *Gualere*, no qual em ſe lhe tocando com a maõ, ainda que no tacto pareça frio, logo ſe ſente no braço hum ardentiſſimo calor, que creſce, e diminue com o Sol; o que o Padre Tertre na *Hiſtoria das Antilhas*, *p.* 2. affirma ter experimentado. Bem ſey, que hum doutiſſimo Author faz zombaria deſta noticia: porém eu que naõ tenho authoridade para decidilla, ſó digo, que ſe me naõ repreſenta duvida, a que poſſa haver mais eſta eſpecie de electricidade; pois com ella vemos nas Academias do Palacio das Neceſſidades iguaes maravilhas na maquina Electrica.

Feijó no *diſc.* 6. *do tom.* 6. *n.* 4. naõ ſó abraça o que ſe diz da tremelga entorpecer o braço do peſcador; mas reprehende os ignorantes, que o duvidaõ.

Plan-

§. IX.

Plantas do mar.

NA Hiſtoria da Academia das Sciencias de França anno 1710. *part.* 7o. vemos que a Botanica marinha naõ he menos extenſa, que a terreſtre: entre ellas devemos contar o coral, de quem Boecio diz, que o ha de todas as cores; e Colona pretende que a mude, ſegundo a ſaude, ou doença de quem o traz comſigo.

Eſcreve Plinio, que o mar Oceano oriental eſtá cheyo de boſques no ſeu fundo; porém o que ſó temos por certo, he haver mar cuberto de ervas, como ſe foſſe huma Campina. Quando Chriſtovaõ Colon no deſcobrimento do novo Mundo topou com a dita erva, logo ſegurou à ſua gente (que ſe ſuppunha perdida) que bem cedo veriaõ

veriaõ terra, como com effeito tomaraõ em dous dias; porque nunca iſto ſe vê a grandes diſtancias della. Jorge de Robbe *tom.* 2. *cap.* 9. *Viag. de Sic. pag.* 55.

Naõ devemos omittir neſte Elemento a precioſa producçaõ da perola até pela raridade, com que ſe fórma do humor viſcoſo das oſtras dentro nas ſuas conchas. Nas primeiras peſcarias, que dellas ſe fizeraõ, ſe vendiaõ às alcofas; e hoje ſaõ taõ raras na Europa, que ſe julga por huma grande raridade o fio, que tem o Rey de Sardenha, que dizem ſer o que ElRey D. Manoel deu à Infante ſua filha, quando foy para Saboya. ElRey de Heſpanha tem huma muy groſſa, que poem no chapeo nos dias de funçaõ. Em Saboya tambem ha outra de grande preço, a que chamaõ a *Perigrina.* No deſcobrimento da Flo-

rida acharaõ os Heſpanhoes huma grande quantidade de perolas, que com ellas enfiadas, ſe cobriaõ a modo de tapizes as paredes dos pagodes. Hum dos Soldados daquella expediçaõ levando hum taleigo cheyo das mais precioſas, que deſcobrio, e ſervindo-lhe de embaraço no caminho, o quiz dar a varios Soldados da companhia; e vendo que nenhum o queria, ſemeou as perolas pela eſtrada por onde caminhava. Aqui vemos eſcurecida a fineza de Cleopatra, que para exceder a que lhe fez Marco Antonio de peſcar peixes aſſados, lançou no vinagre huma ineſtimavel perola para a dar a beber ao ſeu amante.

Entre as raridades da agua naõ he pequena circunſtancia para contemplar a Sabedoria Divina, o conſiſtir a delicia do ſeu ſabor em naõ ter nenhum.

RA-

RARIDADES DA ARTE.

PARTE IV.

AGUA.

INCRIVEIS parecem os prodigios da Arte, e da grandeza, que achamos na navegaçaõ. O mayor, que já nos naõ admira, he, terem os homens aberto caminho por huma estrada, que parecia tella a natureza fechada, qual he a da terrivel fereza das

ondas, e da vaſtidaõ deſerta dos mares.

§. I.

Correntes de rios mudadas.

CYro com criminoſa arrogancia aniquillou o rio Guindes, dividindo-o em trezentos e ſetenta regatos, por caſtigo de ſe lhe haver nelle afogado o ſeu cavallo: ſoberba, que ſegundo alguns Authores achou recompenſa em Tomyris Rainha dos Maſſagetas, quando cortando-lhe a cabeça, lha affogou em huma bacia de ſangue, para que apagaſſe nelle a ſede daquelle, que fez derramar nas ſuas Conquiſtas. Naõ podendo Xerxes praticar o meſmo com o mar, quando lhe naõ reſpeitou os cartazes, com que o notificou para dar livre paſſagem ao innumeravel Exercito da expediçaõ, que formou contra

Gre-

Grecia, ſatisfez a ſua temeraria ſoberba com a louca vaidade de lhe mandar lançar hum grilhaõ por caſtigo. A tanto chega o orgulho dos homens, que naõ ſó aos elementos ſujeita, mas intenta caſtigar. O meſmo Cyro cortando a corrente ao rio Eufrates, o ſeccou de fórma, que por ælle entrou com o ſeu Exercito a pé enxuto, e pôde tomar Babilonia. Herodot. Clio.

Maravilhoſa, e utiliſſima obra foy a do rio, que nos noſſos tempos ſe fez atraveſſar o vaſtiſſimo Eſtado da Ruſſia.

§. II.

Artificios admiraveis de agua.

COm agua desfeita em vapores ſe fazem bombas para fazer ſubir a outra agua, e he prodigioſa a força, que dellas reſulta.

De

De agua foy o primeiro relogio, com que os Romanos dividiraõ as horas da noite, e do dia; invençaõ que em 595 praticou o Cenſor Scipiaõ Naſica; porque até alli naõ mediaõ o tempo, e ſómente ſe governavaõ pelo naſcer, e pôr do Sol: algum tempo depois uſaraõ de fazer apregoar pelas ruas em altas vozes o meyo dia, quando conheciaõ pelas ſombras de certos edificios, que o Sol eſtava no ſeu auge; e ainda iſto lhes naõ podia ſervir ſenaõ em dias claros, como ſuccedia igualmente no relogio do Sol, que pela primeira vez expoz em Roma o Cenſor Papyrio. Por fim Anaximandro, que inventou a Eſféra, e as Cartas geograficas, foy tambem o primeiro, que ideou a fabrica dos relogios, de que hoje uſamos.

Nas *Delicias de França*, quando

do nos deſcrevem os jardins do Palacio de S. Germains, acharemos com injuria de Boecio, e de Architas, mayores artificios obrados na agua, dos que elles exercitaraõ com o fogo. Fielmente trasladarey a pintura, que a dita deſcripçaõ faz dellas.

A primeira fonte repreſenta hum dragaõ, que move a cauda, e bate as azas, vomitando huma grande quantidade de agua, rodeado de muitas aves, que artificialmente ſe banhaõ, e cantaõ com agradavel melodia. A ſegunda, a figura de huma Dama tangendo orgaõ com grande conſonancia, e movendo os olhos para toda a parte, de ſórte que parece mais effeito da Natureza, que milagre da Arte. A terceira, hum Neptuno conduzido ſobre as aguas, que fingem com propriedade perolas, e diamantes.

A quarta, Vulcano, em que dous genios tangendo trombetas abrem huma porta a Neptuno, que ſahe armado com ſeu tridente em hum carro de triunfo tirado por dous cavallos brancos, que dando huma volta ao lago, ſe recolhe à caverna donde ſahio, fazendo hum extraordinario eſtrondo de trombetas, e boazes.

Entre muitas outras he celebrada a de Orpheo dançando com cadencia ao ſom da ſua lyra, que encantava aos circunſtantes, aſſim como finge encantar aos animaes, que de toda a eſpecie ſe repreſentaõ virem juntamente com rochedos, arvores, e plantas humilharſe na ſua preſença ao primeiro toque daquelle inſtrumento. Igualmente a repreſentaçaõ dos doze Planetas com outras infinitas curioſidades taõ dignas de eſtimaçaõ, como ſuſpeitoſas

ao

ao credito, encerrava eſte ameno ſitio, que por outra eſpecie de grandeza ſe acha hoje em deſprezo.

Joaõ Franco na relaçaõ, que fez da Embaixada do Monteiro mór, refere o meſmo deſtas fontes; porém a nova maravilha de Verſalhes lhe roubou a eſtimaçaõ.

§. III.

Portentos da marinha.

PTolomeu Filopator fez conſtruir hum navio de huma grandeza eſpantoſa para navegar ſobre o Nilo, que tinha muitos andares, e muitos templos de diverſos Deozes, com duas galarias ſuſtentadas de muitas columnas: a proa, e a poppa eraõ dobradas, e cada huma com dous andares. Athen. *liv.* 5.

O navio de Heriaõ Rey de Saragoça a todos excedeo na mag-

nificencia: foy conſtruido por idéa de Archimedes: o aſſento das cameras era lageado de finiſſimas pedras de todas as cores, que repreſentavaõ a Iliade de Homero: neſta embarcaçaõ ſe viaõ jardins, e plantas de toda a eſpecie, e tanques de barro, e chumbo cheyos de agua doce para as regar: as pontes eraõ cubertas de amenas ſombras de hera, e de parreiras, que tinhaõ as ſuas raizes em grandes vaſos. O templo de Venus era de pedra agatha, e de outras de igual precioſidade; e da mayor eraõ tambem as pinturas, e as eſtatuas, que encerrava. Em fim neſta Cidade de madeira havia fontes, lagos com peixes, moinhos para moer a farinha, coſinhas, e cavalharices. Oito torres o rodeavaõ cheas de petrechos de guerra, e huma muralha de ferro, de que naſciaõ muitos cor-

corvos do meſmo metal, como arpeos para prender os navios inimigos. Athen. *loc. cit.* Porém depois de concluida a obra, ſe reconheceo, que pela enormidade da ſua grandeza, naõ baſtavaõ todas as forças do Reino para impellilla à agua; e a pezar do portentoſo engenho do meſmo Archimedes ninguem ſe perſuadia a que podeſſe executar o que promettia. Em fim moſtroulhes a experiencia, que tudo cede à Arte; porque em breves inſtantes com huma pequena maquina, mediante a qual, elle com huma ſó maõ lançou a embarcaçaõ ao mar; em premio do que ordenou ElRey, que a quanto elle affirmaſſe, ſe déſſe inteiro credito: mas nem por iſſo lho daõ alguns aos ſeus eſpelhos, e todos lho negaõ à propoſiçaõ, que fez de ſe atrever a deſencaixar o globo ter-

raqueo dos ſeus eixos, ſe tiveſſe onde poder firmar hum pé, como mais largamente explicamos no lugar a que toca.

O Galeaõ Portuguez chamado S. Joaõ Bautiſta, em que Carlos V. foy com ſeu Sobrinho o noſſo Infante D. Luiz contra Barbaroxa, naõ ſó he celebrado, por ſer o mayor navio, que nos mares da Europa opprimiraõ as ondas, pois jogava trezentas e ſeſſenta e ſeis peças de bronze, e continha ſeiſcentos moſqueteiros, quatrocentos Soldados de eſpada, e rodella, e trezentos artilheiros; mas até ſe fez famoſo pelo talhamar de aço finiſſimo, que tinha na proa, para romper a cadea da Goleta; o que ſe naõ pode conſeguir da primeira vez, mas ſim da ſegunda, em que ſe largou todo o panno ao Galeaõ. *Vida do Infante D. Luiz* elegante-

mente

mente eſcrita pelo Marquez de Valença D. Joſeph de Portugal.

Quaſi incrivel ſe faz a brevidade, com que os Romanos no tempo em que ainda naõ tinhaõ experiencia da marinha, expediraõ huma armada de cento e ſeſſenta navios para a guerra Punica no termo de ſeſſenta dias deſde que começaraõ a cortar a madeira. Perdida eſta armada por cauſa de hum temporal, ſe fabricou ſegunda no eſpaço de quarenta dias, deſde o em que ſe começaraõ a cortar as arvores até o em que ſe pode pôr à véla, como aſſevera Plinio, e Floro. Duzentos e vinte navios lançaraõ os Romanos ao mar em quarenta e cinco dias na guerra contra ElRey Hieron.

Na expediçaõ maritima, que Carlos VI. de França emprendeo contra Inglaterra, que ſe compunha

de

de cento e quarenta navios, seſſenta hiaõ carregados de madeiras já lavradas, e promptas para poder conſtruir huma Cidade no lugar em que ſe fizeſſe o deſembarque; porém a doença deſte Soberano deixou inutil eſte apreſto.

Maravilhoſa foy a arte, com que o Marechal de Vetri embaraçou a entrada dos navios no porto da Rochella por meyo da famoſiſſima maquina de pontões com aguditſſimos ferrões, em que havia humas grandes bolças de lonas com muito chumbo, que com o pezo da agua, que em ſi receberaõ, de ſórte os cravaraõ no fundo do mar, que formaraõ huma eſtacada taõ formidavel, e chea de arpeos, que nenhum navio ſe atreveo a querer entrar. Eu tive huma eſtampa da dita maquina.

Naõ he objecto de menos admira-

miraçaõ o que relataremos de tempos mais chegados a nós. A Henrique III., voltando de Polonia por Veneza, fez eſta Republica o obſequio de que ao porſe à meſa viſſe começar a conſtruir huma galera, e que ao levantarſe della, o recebeſſe dentro com huma ſalva de artilharia para o conduzir ao ſeu Palacio. Thuan. *liv.* 58.

§. IV.

Edificios debaixo da agua.

SEmiramis fez conſtruir em Babilonia dous palacios de ambos os lados do rio Eufrates, e para lhe dar communicaçaõ por debaixo da agua de hum ao outro por huma galaria ſubterranea, fez primeiro lançar as aguas em hum foſſo taõ profundo, e vaſto, que pôde deixar em ſeco o dito rio para ſe completar

pletar a obra, e depois ſoltando as aguas, cubriraõ inteiramente a dita communicaçaõ, que os dous palacios tinhaõ. Diod. Sicul.

Nitocris excedeo à magnificencia da obra, que no meſmo Eufrates fez; porque atraveſſando eſte rio a Cidade de Babilonia, e naõ tendo ponte, elle o ſeccou, e encaminhando a ſua corrente para outra parte, pôde fazer conſtruir aquella magnifica ponte, e ſoberbos caes, que o meſmo Diod. Sicul. deſcreve no *liv.* 2.

§. V.

Aqueductos maravilhoſos

MEris Rey de Memphis, e de Thebas no Egypto, foy quem fez a grande obra, em que ſe recebiaõ todas as aguas do Nilo com aqueductos para as lançar ao mar, quan-

quando a ſua inundaçaõ era mais do neceſſario para a fecundidade das terras ; ou para regar o Egypto, quando a inundaçaõ naõ era ſufficiente ; o que ſe executava pelos ditos aqueductos. Havia duas pyramides , que ſe elevavaõ no meyo deſte lago , de trezentos e ſeſſenta pés de alto , e occupavaõ ſobre as aguas outro tanto eſpaço: em cada huma ſe via ſobre hum throno huma eſtatua da grandeza de hum Colloſſo deſte Rey , e outra da Rainha ſua mulher. Da extenſaõ deſte lago diz Boſſuet , Biſpo de Meaux , o ſeguinte : *Eſpanta-nos quando lemos o que naõ obſtante he certo , que o lago de Meris tiveſſe de circuito cento e oitenta legoas* ; porém outros Authores o fazem mais diminuto.

Hum dos mais bellos monumentos dos Romanos he a ponte

de Gard, a tres legoas de Niſmes; que ſervia ao meſmo tempo de ponte, e aqueducto, em que igualava a ſoberba da maquina ao primor da arquitectura: baſta dizer, que de grande diſtancia conduzia taõ copioſa quantidade de agua, que naõ ſô abundava em toda a Cidade; porém formava no amfitheatro hum lago, ſobre o qual ſe repreſentavaõ os combates navaes.

A ponte de Alcantara feita em honra de Trajano, como publîca a ſua inſcripçaõ, e a outra, que o meſmo Imperador levantou ſobre o Danubio, bem moſtra, que os Romanos acabaraõ taõ grandes emprezas com a maxima de occupar nella os ſeus Soldados em tempo de paz. *Antiguidades explicadas, tom.* 4. *p.* 2. Diodor. *lib.* 78.

Os noſſos aqueductos das aguas livres bem merecem ſer contados entre

entre as obras mais ſoberbas, e mais uteis. Obra em fim do magnifico Senhor Rey D. Joaõ V.

§. VI.

Eſpectaculos navaes.

JUlio Ceſar foy o primeiro, que deu o eſpectaculo de batalha naval ſobre hum grande lago, que para iſſo ſe fez, onde ſe viraõ combater huma multidaõ de galeras, que repreſentaraõ as frotas de Tyro, e do Egypto. Foy taõ grande o concurſo popular, que muitas peſſoas morreraõ ſuffocadas, e entre ellas dous Senadores.

O Imperador Claudio deu tambem outro ſemelhante eſpectaculo, em que combateraõ dezanove mil homens; e ſempre neſtes feſtejos eraõ obrigados os Gladiadores a repreſentar eſtas triſtes ſcenas. Neſ-

ta funçaõ foy a primeira vez, que vio o mundo em Agripina hum veſtido tecido todo de ouro ſem ſeda alguma, como diz Plinio no *liv.* 33. *cap.* 3. mas já outros Authores dizem, que neſſe tempo eſtava taõ exceſſivo o luxo no ornato das Damas, que inteiramente arruinava as ſuas familias. Nada moſtra melhor a grandeza do Imperio Romano, como as immenſas deſpezas, que naõ ſó em Roma, mas ainda nas Provincias ſe faziaõ para os eſpectaculos do povo.

§. VII.

Obras feitas de gelo.

DA agua gelada com o frio tem feito a Arte taõ admiraveis, como inuteis producçõeſ. Por exemplo: no anno de 1739 ſe fabricou em Petresbourg Corte da Ruſſia hum

hum palacio tranſparente, feito todo de agua gelada, que tinha de comprimento cincoenta e ſeis pés, de largo dezaſete, e de alto vinte e hum. Foy edificado eſte palacio ſobre o meſmo gelo do rio Neva: deu o deſenho o Camariſta Aleixo Ouveſtek: a fachada eſtava adornada com eſtatuas feitas do meſmo gelo: tinha muitas janellas, e portas: dentro eſtava dividido em cinco caſas ornadas de eſpelhos, placas, meſas, canapés, tudo feito de gelo; e até hum aparelho de chá. Havia à roda do palacio hum muro, em que ſe pozeraõ ſeis peças de artilharia, e dous morteiros feitos de gelo: as peſſas ſe carregaraõ com polvora, e ballas feitas de eſtopa amaſſada, e com ellas ſe furou a ſeſſenta paſſos huma taboa da groſſura de duas polegadas: os dous morteiros tambem fizeraõ ſuas

deſ-

deſcargas de bombas pequenas. Durou eſte palacio quaſi tres mezes ſem ſe desfazer. Inutil trabalho! Frio divertimento! Pouco differe eſta arquitectura dos Caſtellos de vento. P. Regnault no *tom.* 5. dos *Entretenimentos Fyſicos.*

No anno de 1740 ſe fez em Lubek hum leaõ de gelo de comprimento de ſete pés, taõ primoroſamente trabalhado, como ſe foſſe de pedra.

Que exquiſitos regalos de neve naõ tem inventado a Arte em obſequio da gula; naõ ſó nas bebidas ſaboroſas, mas nas frutas fingidas, que igualmente enganaõ a viſta dos olhos, e o goſto da boca!

§. VIII.

Peixes domeſticos.

PLinio no *liv.* 9. *cap.* 8. refere, que em tempo do Imperador Auguſto coſtumava hum rapaz deitar a horas de meyo dia pedaços de paõ a hum Delfim, que andava no lago Lucrino, e de ſórte ſe domeſticou, que naõ ſó lhe acudia logo à praya, em o rapaz chamando por elle com o nome de Simaõ, porém o tomava ſobre as ſuas coſtas, e o levava, e trazia todos os dias ao eſtudo, a que hia; o que continuou pelo eſpaço de dous annos, em que morreo o rapaz, e tambem o Delfim de ſaudade. Feijó no *tom.* 1. *diſc.* 16. *n.* 95. confirma o nobre inſtincto deſtes brutos, e o amor que tomaõ aos homens, e ſer certo, que os tem ajudado na navegaçaõ, e na peſca.

Extra-

Extravagante, e plauſivel noticia em confirmaçaõ do que temos dito he a que achey em Jeronymo de Horta na Annotaçaõ a Plinio no *liv.9. pag.664.* da relaçaõ, que Rondelecio faz de hum peixe, a quem os Indios chamaõ Reverſo, e a quem podiaõ chamar falcaõ do mar; pois diz que os meſmos Indios ſe ſervem delles para peſcarem peixes; criando-os, e domeſticando-os, os ſoltaõ nas prayas, para que vaõ ao mar fazer as ſuas prezas, que fielmente conduzem à praya; razaõ porque lhe chamaõ Reverſo; porque depois de ſe ver ſolto, torna com a preza para poder de quem o ſuſtenta, e afaga.

RA-

RARIDADES
DA
NATUREZA.

PARTE V.
AR.

HE aquelle elemento, que reſpiramos, e que enche todo o eſpaço entre o Ceo, e a terra. Mariota nos ſeus *Enſayos Fyſicos* diz, que antes de chegar a dilataçaõ natural, que elle logra na atmosfera, onde eſtá livre de todo o

pezo de exhalaçõ̃es, e vapores, ſe póde extender, e dilatar quatro mil vezes mais, que na viſinhança da terra: quando ſe extende, e adelgaça ſóbe ao Ceo; quando ſe condenſa, fórma as nuvens; e por varias partes eſpalhado gera os ventos.

Meteóro mais facil de conhecer pelos ſeus effeitos, que pelas ſuas cauſas, e em que he taõ inutil, como temeraria a curioſidade de querer indagallas; porque a ſagrada Eſcritura lhe conſtitue o naſcimento nos mais reconditos arcanos da Omnipotencia: e ſe huma couſa taõ leve, e taõ commũa he ſuperior à mais perſpicaz intelligencia humana, de balde ſe cançaõ os homens em averiguar outros myſterios, e ſegredos naturaes, muito mais apartados do ſeu conhecimento.

Qua-

§. I.

Qualidades de Ar.

HUma das mayores maravilhas do vento, he que ſendo tantos, e taõ diverſos, com vinte, ou vinte e dous ſe póde navegar para toda a parte, tanto com elle em poppa, como pela proa; o que algum dia ſe naõ ſabia praticar; pois quando os marinheiros do Milaõ viraõ André Doria navegar com vento contrario, ſe perſuadiraõ, que eſte Principe era feiticeiro, e que os demonios lhe davaõ o impulſo à embarcaçaõ.

Lucrecio prova, que o ar tem hum grande poder no noſſo temperamento pela differença, que experimentamos, quando mudamos delle. Plutarco he teſtemunha, que na Cidade alta de Athenas tinhaõ os ſeus moradores differente tempera-

mento, que os da baixa do Porto de Pireo; e na Deſcripçaõ do Egypto ſe nos inſinûa, que os eſtrangeiros, que ahi ſe eſtabelecem, mudaõ inteiramente dos ſeus genios; o que até nos animaes ſe obſervava, como nos leões, aguias, e cavallos, pois degeneravaõ daquella generoſidade, que em toda a parte ſe lhes attribue.

Já Mario dizia aos Romanos, que os Gallos gregos, com quem combatia, tinhaõ degenerado com a mudança do clima.

Se dermos credito a Marinho, e a muitos Authores, nenhum elemento ſerá taõ fecundo, nem taõ eſpecial nas raridades como o ar, pois lhe attribuem a virtude generativa de conceberem delle as egoas de Lisboa, e de outros lugares, como tambem Plinio refere, e alguns Santos, e doutos Varões o abonaõ;

naõ; os quaes com Santo Agoſtinho affirmaõ o impoſſivel de ſe poder explicar a cauſa; e extendem eſta raridade a algumas lebres, e perdizes: porém Opiano no *liv.* 3. *venat.* 2. 355. com os Naturaliſtas modernos nega a faculdade de gerar ſem a cooperaçaõ dos dous ſexos.

Como a variedade de cores, que toma o camaleaõ, querem alguns Authores attribuillo à diverſidade do ar neſte elemento, faremos mençaõ deſte animal; porque ſem indagar a cauſa, baſta para contarmos entre as raridades da Natureza a diverſidade de cores de que ſe reveſte, que em algumas occaſiões ſe lhe admiraõ taõ vivas, e bem matizadas, que o meſmo pincel naõ poderia unillas mais doces, nem mais agradaveis.

Diz Plinio, que a gruta de Dal-

Dalmacia em lhe deitando dentro algum pezo, levanta tempeſtade. Quem diria, que as pedras de cal, deitando-lhe agua, haviaõ inflammarſe com taõ furioſo impeto!

§. II.

Apparencias no ar.

A Effeito natural, e naõ milagroſo, querem muitos Filoſofos attribuir as prodigioſas apparencias, que ſe tem viſto no ar: aſſim o julga Agoſtinho Nifo em o primeiro livro de *Meteóros*, e Franciſco Baxi no livro dos *Cometas*; o que naõ contradiz o P. Chriſtovaõ de Caſtro no livro do *Vaticinio natural*, e antes delles Ptolomeu no ſeu *Centiloquio* o inſinuou. Entre alguns exemplos de Nifo, direy os ſeguintes. Em 584 appareceraõ dous paſtores no ar, que pele-

pelejavaõ entre ſi. No de 774 ſe vio hum homem barbado com hum baculo de fogo, que parecia querer lançallo ao mundo. Entre os annos de 1118, e 1184 appareceo cavallaria armada, que por ſete horas ſe combatia huma à outra. Proſpero Colona em 1514, eſtando com o ſeu exercito em Lombardia, diz que aos olhos de todos foraõ viſtos dous Soldados armados no ar, que pelejaraõ quaſi tres horas, até que pondo-ſe hum em fugida, e outro em ſeu ſeguimento, deſappareceraõ. No Reino de Valença foraõ viſtos igualmente eſquadrões naõ ſó pelejando no ar, mas que pareciaõ quaſi chegados à terra.

Mezeray refere ter ſuccedido o meſmo em França, e largamente pinta as companhias de Soldados, que veſtidos de branco caminhavaõ no ar junto à terra, em

que

que ſe reconheciaõ diſtinctamente as figuras dos Officiaes, e dos Tambores. O famoſo meteóro chamado a *Morgona*, que muitas vezes apparece nos horizontes da Cidade de Reggio, he dos mais prodigioſos eſpectaculos, que ſe tem viſto neſte elemento; ſobre o que ſe póde ver o Padre Kirker na obra intitulada *Ars magna lucis, & umbræ, liv.* 10. *p.* 2. *pag.* 705.

Tambem muitas vezes appareceraõ tres Soes, como foy no tempo dos Conſules Sp. Poſtumio, Q. Mucio, Q. Mario, M. Porcio, M. Antonio, P. Dolabella, M. Lepido, e L. Planco; o que igualmente ſuccedeo no tempo do Imperador Claudio; e em Heſpanha no feliz dia do naſcimento do Salvador, como trazem Paulo Oroſio, e Eutropio; porém todo o referido cabe naturalmente o repreſentarſe

tarſe nas nuvens, como em hum eſpelho. Da meſma fórma achamos terem-ſe viſto tres Luas, a que chamaraõ Soes nocturnos. Sendo Conſul L. Julio, ſe vio no Ceo hum circulo roxo; e no tempo que o foraõ L. Opimio, e Q. Fabio, appareceo hum arco, que rodeava o Sol, a que os Gregos chamaõ *Alonas*; o que foy bem infauſto ao Imperador Domiciano, porque por hum ſemelhante lhe pronoſticaraõ a morte, e depois ſe conheceo ſer em Grego o nome de quem o matou. Quando Ceſar entrou em Roma por morte de ſeu Pay, ſe viraõ humas eſpecies de Coroas ao redor do Sol. Tambem quando ElRey Filippe combatia a Grecia, ſe poz o Ceo em fórma de ſangue, que atemorizou os viventes.

Muitas vezes achamos na hiſtoria, que ſe viraõ luzes de noite,

que parecia dia, como foy no tempo de C. Cecilio, e Gn. Papirio, e naõ menos nos Conſulados de L. Valerio, e de C. Mario ao porſe o Sol correo hum eſcudo ardendo, lançando faiſcas do Poente para o Naſcente. No Conſulado de Mario correraõ do Oriente, e do Occidente armas humas contra as outras. Nas guerras Cimbricas dizem eſcritos antigos, que no ar ſe ouviraõ eſtrondos de armas, e eccos de trombetas.

Semelhantes prodigios naõ duvido poſſaõ fabricarſe nas nuvens, e até os eſtrondos de trombetas, e tambores com as ſuas exhalaçõeſ; porém para fazer tantas figuras com tanto artificio, parece que repugna; porque aſſim como com a virtude artificial ſe naõ pode imprimir a natural; tambem a natural parece, que naõ póde fingir a artificial.

He

He verdade que as batalhas aereas, e fantaſticas, que ſe tem viſto no ar muitas vezes, tem huma fé innegavel; porque conſta da ſagrada Eſcritura *liv.* 2. *cap.* 5. dos Macabeos, onde ſe pinta o portento com taõ vivas, e expreſſivas cores, que he impoſſivel accomodar as ſuas expreſsões a nenhuma allegoria; e attribuindo-as os Judeos a algum pronoſtico, naõ ſe enganaraõ, porque logo lhe veyo a horrenda perſeguiçaõ de Antioco, em que além do grande deſtroço, que nelles fez, condemnou à morte a oitenta mil, e vendeo por eſcravos a outros tantos. O Padre Euſebio ao reflexo das nuvens attribuio a repreſentaçaõ deſtas imagens; porém naõ he iſto o que cauſa ſemelhantes fenómenos naturaes, mas ſim a Aurora Boreal, como deſcobrio Monſieur Furet, membro da

Academia Real das Inſcripçõ̃es, e bellas letras, a quem ſeguio Monſieur Mairan da Academia Real das Sciencias, no ſeu admiravel *Tratado da Aurora Boreal.*

Nota-ſe commummente na Aurora Boreal hum tumultuante incendio, e huma como guerra luminoſa: oſtenta-ſe como incendida, e de côr ſanguinea huma grande parte do Ceo, e varios rayos de luz, mais, ou menos claros, alternadamente ſe vibraõ̃ como lanças arrojadas com ſumma violencia, parecendo que chocaõ̃ humas com as outras; o que fórma hum combate, ou guerra celeſte.

A gazeta de Madrid do mez de Dezembro de 1737 dá noticia de huma deſtas Auroras Boreaes; e em Feijó no *tom.* 1. das ſuas *Cartas* a *pag.* 122. vemos que o obſervara.

No

No anno de 1538 diz Surio, que em muitas partes de Alemanha appareceraõ humas Cruzes enſanguentadas, com hum eſtandarte vermelho, e eſquadrões de homens pelejando. E no anno de 1505. doze annos antes da infeliz calamidade de Luthero, em quaſi todas as Provincias, que foraõ inficionadas do ſeu veneno, appareceraõ humas Cruzes por muitas vezes no ar, que ſe imprimiraõ nos corpos, nos veſtidos, e na roupa, de tal ſórte impreſſas, que nem ainda lavando-ſe, ſe apagavaõ, como conſtantemente trazem muitos Authores.

Tambem no ar, e na terra ſe tem viſto eſtranhos, e crueis combates de animaes. No reinado de Henrique I. de França pelos annos de 1040 ſe ajuntaraõ na planicie de Tournay huma multidaõ de cobras, e outros bichos venenoſos, que di-

vidi-

vididos em dous bandos, pelejaraõ ferozmente até que hum dos partidos ficando vencido, ſe retiraraõ a huma concavidade, onde os habitantes daquella viſinhança os cercaraõ com fogo, e os extinguiraõ.

Eu tinha hum livro, que repreſentava o acontecimento mayor, que havia ſuccedido a cada hum dos Reys deſta Monarquia, no qual vem eſta eſtampa pelo mais celebre ſucceſſo do dito Rey.

Igualmente alguns Authores ſeguem, que ſuppoſto ſempre a eſtes caſos ſe ſeguiraõ grandes calamidades, nem por iſſo deixaõ de poder ſer naturaes; dando por razaõ (e naõ parece má) que aſſim como a diſpoſiçaõ dos influxos avivou a colera entre as féras, fará o meſmo com os homens; e que ſe eſtes naõ domaõ as ſuas paixões, menos as pode-

poderáõ domar os animaes, em quem falta o uſo da razaõ.

§. III.

Animaes, que ſe criaõ no Ar.

DIzem graves Authores, que ſe criaõ varios animaes no Ar. No Imperio de Carlos IV. choveo tal diluvio de bichinhos, que eſtragaraõ Provincias inteiras, como affirma o Padre Euſebio a *pag.* 373. no *cap.* 4. da ſua *Filoſofia.* Jacob Ziglero tambem diz ſer commum choverem ratos em algumas regiões Aquilonares. Em Nortuegia eſcreve Julio Eſcaligero ſer muy frequente a chuva de huns animaes, a que chama Lmmeres, que fazem mayor prejuizo que a lagarta: ſaõ mayores que ratos, e de pello pintado.

O Biſpo Upſelenſe naõ ſó corrobora eſta noticia, mas accreſcenta,

ta, que em outras Provincias mais ſuccede o meſmo. Olimpiodoro refere igual acontecimento das codornizes; e na ſagrada Eſcritura o achamos.

Bonemigo affirma, que muitos animaes ſe formaõ com a pedra que chove. O dito Padre Euſebio naõ ſó ſuſtenta, que a ave Menocodiato vive ſempre no ar ſem pouzar na terra, ou em ramos, ſuſtentando-ſe do orvalho, mas accreſcenta, que antigamente ſe tivera por impoſſivel, e que hoje he couſa de inteira fé (ſem embargo, que o Marquez de Santo Aubin lha naõ quer dar) o que tambem approvaõ graviſſimos Authores. Aldrovando atteſta que ao Imperador Rodolfo II. levaraõ huma, e que o macho tem huma cova nas coſtas, em que a femea faz o ninho. Os naturaes daquelle paiz lhe attribuem terem

Rey

Rey como as abelhas, a quem saõ taõ leaes, que se succede matallo, todos acodem sobre elle, e se deixaõ apanhar, querendo antes morrer, que desamparallo: e tambem dizem, que saõ taõ amantes do bem publico, que antes que baixem a beber, desce primeiro huma a provar as aguas, e só que depois que sobe livre, he que descem todas a satisfazer a sede.

§. IV.

Chuvas extraordinarias.

NA Historia do Japaõ achamos, que em 20 de Julho de 1596. no mesmo Japaõ choveo por espaço de meyo dia tanta copia de cinza, que chegou a cobrir as casas de Meaco, e de Tuxime. Igualmente choveo grande abundancia de pedras nas Cidades de Jacai, e

Uzaca: pouco depois com grande admiraçaõ começaraõ a cahir das nuvens chuveiros de cabellos brancos, como de peſſoas decrepitas, e com mayor exceſſo nas terras mais ao Norte, de modo que todos ficaraõ cubertos deſta inundaçaõ. Notaraõ neſtes cabellos duas differenças dos naturaes; porque eraõ mais brancos, e lançados no fogo naõ produziaõ máo cheiro.

Plinio com muitos Authores grandes affirmaõ ter chovido leite, e ſangue no tempo em que foraõ Conſules Marco Atilio, e Cayo Porcio; e muitas vezes carne, como ſuccedeo nos Conſulados de Volumio, e de Servio Sulpicio: obſervou-ſe, que as aves a comiaõ, e que ſe naõ corrompeo a que ficou: que igualmente chovera ferro em fórma de eſponjas na Lucania no anno antecedente à morte, que a Mar-

Marco Craſſo, e a todos os ſeus Soldados Lucanos deraõ os Parthos: e na meſma fórma, que ſendo Conſules L. Paulo, e C. Marcello, chovera lá junto do Caſtello Caricia-no, onde foy morto hum anno depois T. Annio Milon; e que eſte vira, eſtando no exercito, chover ladrilhos já cozidos.

Celebraõ os Gregos a Anaxagoras de ter pronoſticado quando havia de cahir do Sol huma pedra, que Plinio diz cahira de dia em Thracia junto ao rio Aego, e que ſe conſervava do tamanho de hum carro; porém eſta noticia he taõ incrivel, como barbaro o coſtume, com que os Romanos ſacrificavaõ o Pretor da Cidade, e o Pontifice Maximo, em chovendo pedras, para ſe livrarem de ſemelhantes prodigios. O meſmo Plinio, que fica acreditado de choverem pedras

com a prova deſta noticia, nos aſſevera, que elle meſmo vira huma deſtas no campo dos Vaconcios, que a haviaõ trazido de Caſſandria, à qual chamavaõ *Putidea*.

A opiniaõ mais recebida do natural effeito das chuvas de ſangue, he que ſe fórma dos vapores de terras vermelhas; porém havendo tanta copia deſta côr, era preciſo, que ſe viſſe mais vezes nos paizes onde abundaõ. A cauſa verdadeira deſte fenómeno a deſcobrio o famoſo Senador de Aix de Provença Nicoláo Peiresk por hum accaſo, como quaſi ſempre ſe fazem os mayores deſcobrimentos. No anno de 1608 ſuccedeo verſe no territorio viſinho da dita Cidade pingas de ſangue nas paredes dos edificios: cauſou grande terror, e deu occaſiaõ a encarecidas mentiras; porém o Sabio Peiresk grande indagador

do

do raro, e do exquiſito, andando ſuſpenſo a filozofar neſte ponto, lhe lembrou, que havia alguns mezes, que curioſamente tinha apanhado hum cazulo de ſemente das maripozas, que meteo em hum caixaõ, e hindo a abrillo para ver ſe havia já ſahido a borboleta, achou huma lindiſſima formada do bichinho, que rompeo do cazulo, a qual voou no meſmo inſtante, em que ſe abrio o caixaõ, e deixando huma gota rubicunda do ſeu eſcremento, reconheceo que era ſemelhante na côr, e tamanho das que tinha viſto nas paredes dos edificios; e entaõ refle-ctio, que nenhumas gotas daquelle ſangue ſe viraõ pelos telhados, como era forçoſo ſe viſſe, ſe tiveſſem cahido do Ceo, e que ſó eſtavaõ em lugares defendidos da chuva; e outro ſim ſe lembrou, que naquelle tempo houvera no dito paiz huma

ma multidaõ incrivel de borboletas. Feijó no *liv.* 1. das *Cartas*, *pag.* 125.

Em 1695 ſobre o territorio de Chatilon appareceo huma nuvem, lançando por huma parte muita neve na terra, e pela outra muitas faiſcas de fogo para o Ar. *Hiſt. da Academ. das Sciencias*, 1695. *p.* 233.

No dia 8 de Junho de 1757. cahio tanta copia de orvalho groſſo nos lugares de Gondemar, Tarouca, e Lalim da Comarca de Lamego, que cobrio as arvores, de que ſe via cahirem fios. Todos os que admiraraõ aquelle eſtranho ſucceſſo, tiveraõ a curioſidade de examinallo, e acharaõ, que naõ ſó na viſta ſe repreſentavaõ ſobre as folhas pedrinhas de aſſucar; porém que no goſto da boca tinhaõ o meſmo ſabor. Eſta noticia me participou André Ferreira da Mota, Capitaõ mór do Tavoaço, peſſoa que pelo

pelo ſeu naſcimento, e honra, he incapaz de mentir.

§. V.

Aves, que renaſcem.

A Fenix tem ſido aſſumpto de tantos Authores graves, como vaſta materia da poezia: até as ſagradas letras em diverſas partes fazem menção della. Monſter na ſua *Coſmografia* refere, que o Rey da Ethiopia em huma Carta, que eſcreveo ao Papa, diz que na ſua terra ſe cria a ave chamada Fenix, cuja vida he de trezentos annos, e no fim delles voa taõ alto, que abrazada nos rayos do Sol, baixa ao ſeu ninho, e ſe queima, e das ſuas cinzas ſahe hum bichinho, do qual ſe fórma outra Fenix. Outros Authores eſcrevem, que vendo-ſe perto da morte, ſe arroja de muy alto,

to, ou ſe fere com o ſeu meſmo bico, e do ſangue que verte, ſe fórma o bichinho, de que ſahe a nova Fenix; e eſtando para voar, vay com ſeu pay a Heliopolis Cidade do Egypto, aonde morreo a Fenix antiga, e a nova torna à ſua patria, que dizem ſer o Paraiſo; e que entaõ os Sacerdotes enterraõ a que ficara defunta: ſegundo o que, naõ impugna haverſe viſto duas Fenix juntas, como achamos em algumas hiſtorias; porém quer morra de huma, ou de outra fórma, os Authores concordaõ, que a ſua morte he principio de nova vida, e por eſta cauſa he ſymbolo da noſſa reſurreiçaõ. Diz Santo Ambroſio, que eſte exemplo nos ha de enſinar a crella; e Tertuliano tambem diz naõ haver couſa, que taõ claramente a moſtre; mas para crer eſta verdade, naõ he neceſſario eſte exemplo, pois

he mais certo que a hiſtoria da Fenix.

Eſcreve Lampridio, que Heliogabalo prometteo dar em hum convite a Fenix, ou dar por ella mil livras de ouro; porém taõ grande loucura foy a promeſſa, como affirmarem os antigos, que as cinzas deſta ave, e do ſeu ninho eraõ os mais efficazes remedios da medicina para conſervarem a vida. Com Plinio podemos dizer, que he couſa digna de rizo enſinar remedios para a vida; que ſe haõ de eſperar trezentos, ou mil annos, como outros querem que dure a dita ave.

Jorge de Robbe *tit.* 2. *liv.* 5. *cap.* 3. deſcreve huma aveſinha no Mexico de extrema pequenhez, e de viſtoſiſſimas cores de pennas, chamado *Cincon*, que ſe ſuſtenta do orvalho, e da fragrancia das flores; o qual em vindo o mez de Outu-

bro, buſca hum raminho alto em alguma arvore, onde fica como dormindo, e ſó ſahe no mez de Abril, em que a Primavera renaſce: noticia que o Marquez de Santo Aubin, e Feijó tambem abraçaõ.

Cardano no liv. 10. de *Subtilit.* faz igual menção de outra aveſinha nas Indias ornada de todas as cores, com as azas verdes, e douradas, do tamanho de huma abelha, a que varios Authores daõ o meſmo nome de *Cincon.* Das andorinhas refere o Journal des Sçavans anno de 1666, e 1667, que no Inverno ſe ajuntaõ humas com as outras ſobre a neve; ou, como dizem outros Authores, debaixo da terra, e que aſſim ficaõ meyas mortas até que a nova eſtaçaõ as torna a animar.

Mais que tudo iſto he o que relato a *pag.* 179. da cobra Giboya

no

no Braſil, que depois de morta, e deſpido de carne o ſeu eſpinhaço ſe cobre novamente della, e torna a viver; e ſendo eſte facto mais digno de admiraçaõ, que o da meſma Fenix, e taõ conſtante, que o devem ſaber a multidaõ de gente, que paſſaõ àquellas conquiſtas, pareceme que ſou eu o primeiro que delle faço menção, e que poſſo dizer, como Feijó diz para outro aſſumpto, que ſuppoſto naõ quero ſer fiador da verdade da Fenix, o podia ſer com eſte argumento da ſua poſſibilidade.

§. VI.

Raridades das aves.

QUando eſtive na Corte de Madrid, e no Real ſitio do Eſcurial, em todos achey notorio, que a aguia de duas cabe-

 ças,

ças, que ſe guarda naquelle Convento, viera no anno de 1723 da America. Algumas peſſoas quizeraõ ſuſpeitar, que poderia ſer eſtratagema artificial; porém quem tiver a meſma duvida, lêa Feijó no *tom. 6. diſc. 5. §. 2.*, e inteiramente ficará perſuadido da verdade deſta noticia.

A ave ſem pés chamada *Paradiciaco*, que ſe cria nas Filippinas, quer Carlos Cluzio deſmentir-lhe eſta propriedade; porém os Heſpanhoes certificaõ, que he verdadeira; e ſaõ boas teſtemunhas, pois ſaõ ſuas as Conquiſtas daquellas Ilhas; e entre muitos Authores, que o affirmaõ, diz o P. Nieremberg, que naõ ſó fallara com peſſoas, que as viraõ cahir mortas; porém que elle meſmo examinara algumas, que lhe trouxeraõ ſeccas, e ficara inteiramente certificado, porque lhe naõ achara raſto algum de ſinal para poder

der entender, que lhe tinhaõ cortado os pés.

Em Islanda ſe achaõ corvos, e falcões brancos, e no Alentejo no meu tempo ſe apanhou huma perdiz branca, e em Lisboa ſe viraõ alguns pintaſilgos da meſma côr.

O Padre Euſebio faz menção de huma ave extremoſamente magra, que ſó tem a pelle, e penna ſobre os oſſos, que quando a mataõ, lhe achaõ os figados cheyos de bichos.

As Narſejas em quanto a mãy eſtá no choco, o macho a ſuſtenta, e os filhos naõ comem até que naõ comecem a voar: naſcem cegos, e coſtumaõ viver muito tempo. Eſtas aves guardaõ tal lealdade, que em huma dellas morrendo, obſervaõ tanta à riſca a viuvez, que nunca mais ſe tornaõ a ajuntar. Plin. *liv.* 10. *cap.* 12.

As

As aves do Brasil, que mudaõ de côres, foy quazi ignorado até que ha poucos annos com a curiosidade que delles houve o vimos, e vemos. Quem diria, que hum passarinho pardo se fazia amarello, ou azul, e que os chamados *Viuvas* naõ só mudariaõ na mesma fórma as cores das pennas, mas até lhe crescerião taõ desmarcadamente na cauda?

Naõ he menos extraordinario o que Julio Escaligero escreve dos gatos, que voaõ, e das serpentes com azas no Reino de Narsinga. Thou falla de humas aves nas Indias Orientaes, que naõ tem lingua, e engolem o ferro, carvaõ, e neve.

Thevenot nas suas Viagens tambem falla de outras aves de taõ desmarcada grandeza, que arrebataõ os Elefantes pequenos. E Marco Paulo ainda nos diz mais da for-

ça

ça deſta ave no liv. 3. das *Indias Orientaes* no *cap.* 40.

Paſmoſa actividade de calor tem o Abeſtruz no eſtomago; pois he conſtante, que muitas vezes come ferro: porém alguns Authores querem, que naõ o digira, porque ſe come muito, naõ ſó adoece, porém morre. Feijó no *tom.* 9. *pag.* 33. *n.* 27. aſſevera, que he taõ prodigioſa a virtude diſſolutiva, e eſtomacal de algumas aves, que elle vira a experiencia em hum Buitre, que tinha D. Joaquim Velarde, Conego na Igreja de Oviedo, que naõ ſó engolia oſſos duriſſimos, porém em huma occaſiaõ tragou huma bola de marfim do jogo do bilhar, e que matando-o vinte e quatro horas depois, e abrindo-o, lhe acharaõ conſummida mais da quarta parte da bola; e como teſtemunha de viſta deſte caſo, ſegue naõ haver

diffi-

difficuldade em que os Abeſtruzes poſſaõ ter hum acido capaz de diſſolver o ferro ; pois as aguas fórtes, que diſſolvem os metaes, naõ ſaõ outra couſa, ſenaõ huns acidos valentes. Do Ananás, ſendo hum dos frutos delicioſos do Braſil, ſempre ouvi dizer , que tem efficacia para conſummir o ferro de huma faca, ſe a deixarem cravada nelle.

Segundo S. Jeronymo ha huns montes de ouro, a que ſe naõ póde chegar pelos gryphos ferozes, que os guardaõ. Quem póde duvidar, que o avarento he grypho, pois guarda o de que ſe naõ aproveita!

Santo Epifanio nos enſina, que ſe a ave chamada *Charadrio* aparta os olhos do enfermo, he indicio de que morre ; mas que ſe lhe poem os olhos , e o doente tambem os póde pôr na ave, he ſinal, que eſcapa: porém eſta noticia ſó a devemos

mos accommodar a Chriſto com o peccador.

No Mercurio de Fevereiro, e Outubro de 1737, poderá o leitor lêr a extravagante, e moderna opiniaõ de hum Inglez, de que todas as aves de arribaçaõ, quando deſapparecem, ſe retiraõ ao globo da Lua. Naõ poſſo negar as engenhoſas razões, e apparentes provas, com que quer confirmar o referido; porém acho mais ſolidos os argumentos, com que outros Authores refutaõ eſta opiniaõ.

§. VII.

Maravilha do Inſecto da Traça.

NO *tom. 9. pag. 94. n. 27.* eſcreve Feijó as noticias, que lhe communicou Monſieur de Reaumur da Academia Real das Sciencias de Pariz, que com notavel pro-

lixidade obſervou o inſecto da Traça. He certo, que eſte inſecto da meſma lã que róe, ſe veſte. Deulhe a natureza duas garras perto da boca, com as quaes arranca os pellinhos, que ajunta, e tece huma eſpecie da bainha ao redor do corpo: mas como ao paſſo, que creſceſſe, lhe havia ficar curta, e eſtreita, ſabe tambem prevenir o remedio, como poderia fazer hum alfaiate, que he, abrindo-o por diante, e deitando-lhe huma creſcença. Competindo a aſtucia da arte de Monſieur de Reaumur com a que a Natureza deu a eſte inſecto, me deixa cheyo de admiraçaõ da paciencia, com que o indagou na fórma ſeguinte. Meteo alguns deſtes inſectos em humas empulhetas de vidro, com pellos de panos de varias cores, e mudando-os para outros vidros no tempo em que já hiaõ creſcendo,

cendo, averiguou com o microſcopio, que todas tinhaõ o veſtido accreſcentado com a nova côr do pello, que lhe havia mudado. Com razaõ pondera Feijó, que para admirar o Author da Natureza, devemos reflectir, que até em huma obra taõ pequena, como eſte inſecto, que parecia indigno da attençaõ humana, enche aos homens de paſmo, e de admiraçaõ.

RARIDADES DA ARTE.

PARTE VI.

AR.

§. I.

Muſica.

ENTRE todas as artes deviamos pôr em primeiro lugar a Muſica; porque ſegundo os antigos naõ ſe comprehendia ſó nella toda a harmonia dos ſons, as vozes, inſtrumentos, poezia,

zia, e movimento da dança; mas as conſtituições, e obſervancia das leys, a policia, a economia, e todos os bons coſtumes, que devem regular a vida do homem. Por iſſo dizia Plataõ, que a Muſica naõ fora dada pelos Deozes para unica delicia dos ouvidos, mas ſim para eſtabelecer na alma a ordem, e harmonia, deſterrando as paixões, e domando a vontade. Clytemneſtra foy virtuoſa em quanto viveo o muſico, que Agamemnon lhe deixou ao ſeu lado: por eſte principio ſe conſiderou ſempre a Muſica muy conveniente, e neceſſaria ao bom governo, e prejudicialiſſima qualquer alteraçaõ, que nella ſe fazia; o que era ſeveramente prohibido. O meſmo Plataõ obſervou, que os Egypcios punhaõ o mayor cuidado em conſervar ſempre ſem mudança alguma a meſma eſpecie de Muſica,

ca, por ſer parte da Religiaõ, e das Leys; e que cada eſpecie de canto, e de dança era conſagrada a differentes Divindades com determinados dias, em que já mais ſe podiaõ alterar. Therpandro Lacedemonio foy condemnado por augmentar huma corda ao numero das que coſtumaõ ter as liras, de cuja ſentença, diz Atheneo, fora abſoluto, moſtrando aos Juizes huma eſtatua de Apollo, em que a lira tinha o meſmo numero de cordas, que a ſua. Segue Polybio, que os dous povos da Arcadia hum era humano, civil, e juſto, porque cultivava a Muſica; e que o outro era feroz, e cheyo de vicios, porque a deſprezava. Quintiliano refere muitos exemplos do poder, que a Muſica tem ſobre os movimentos da noſſa alma. Pithagoras tambem ſeguia, que grande parte da Medicina conſiſte

ſiſte na harmonia. A' Muſica antiga, e moderna ſe attribuem curas maravilhoſas; o que tudo prova o grande poder da Arte.

Timotheo muſico tinha tanto na ſua maõ os affectos de Alexandre, que o enfurecia, e applacava, cada vez que queria, com os tons da ſua cythara. O meſmo eſcreve Alberto Krantz no *liv.* 5. da ſua *Diana*, *cap.* 3. onde refere, que em tempo de Henrique IV. Rey de Dinamarca havia huma taõ excellente muſico, que todos confeſſavaõ, que delle dependiaõ as ſuas paixões; e que deſejando ouvillo o dito Pincipe, o muſico prevenira os Grandes do Reino, que alli ſe achavaõ, para que o detiveſſem, quando elle lhe fizeſſe certo final. Principiou por hum tom grave, com que entriſteceo os circunſtantes: paſſou a hum alegre, que em todos

ſe

ſe diviſava o contentamento; e tomando outro arrebatado, de tal ſórte enfureceo ao Rey, que o inveſtio para matallo. Feijó no *tom.* 1. *diſc.* 14. naõ ſó abraça eſtas noticias, dizendo que o Rey era de genio taõ brando, e ſuave, que ſó a força da Muſica o pudera embravecer; mas relata muitas outras dignas de as ver o curioſo leitor, e que por extenſas omitto. Por iſto Plataõ aconſelhava, que prohibiſſem aos mancebos o canto Lydio, e Phrygio; porque aquelle affligia o animo com triſtezas, e eſte o irritava. Pythagoras applicou por remedio a dous mancebos enfurecidos com vinho, que ouviaõ o ſom Phrygio, que lhe tocaſſem o Dorio, com o qual applacaraõ o ſeu furioſo impeto: a razaõ a explicaõ bellamente alguns Filoſofos, e vem a ſer, que além de accomodarſe a al-

ma com a ſemelhança do tom, quer apreſſado, quer pauzado, os eſpiritos do coraçaõ recebem dentro do peito o ar tremulo, e guiando-lhe os outros eſpiritos das mais partes do corpo, ſe commovem os muſculos, e os detem ſegundo o modo, e ley dos numeros, e tons muſicos. Com razaõ exclama Feijó contra o abuſo de ſe admittirem nos templos os meſmos tons, que ſe tocaõ nos bailes, e nas operas.

Como entre os encantos da Muſica ſe deſvanece a ira, ſe esfria a concupiſcencia, ſe apaga o odio, ſe alegra a melancolia, ſe ſuſpende a ambiçaõ, ſe extingue a avareza, e ſe humilha a ſoberba; niſto he que quizeraõ ſignificar os poetas os prodigioſos effeitos, que fabuloſamente attribuiraõ a Orfêo, e Amfiaõ, dizendo humanizavaõ as féras indomitas, e attrahiaõ as meſ-

mas

mas pedras; iſto he, aſſociavaõ ao trato domeſtico aquelles que viviaõ como animaes ferozes, moſtrando-nos, que a doçura da Muſica dera às creaturas brutas, e agreſtes, inclinaçõẽs, e coſtumes de racionaes, como celebra o grande Metaſtaſio na ſua Opera *Parnaſo accuſado, e defendido.*

Se la cetra non era
Di Anfione, e di Orfeo, gli uomini ingrati
Vita trarrian periculoſa, e dura,
Senza Dei, ſenza leggi, e ſenza mura.

Quer dizer.

Se a Cythara naõ fora,
De Amfiaõ, e de Orfeo, os homens rudos
Viviriaõ em barbara fereza
Sem Deos, ſem ley, ſem trato, nem defeza.

Expreſſamente nos provaõ as ſagradas Letras, que a Muſica tem efficacia para attrahir o coraçaõ à virtude, e pollo em eſtado de receber o influxo da graça; pois quando Eliſeo ſe achava irado reprehen-

dendo o Rey de Iſrael, que com o de Judá, e de Edon eſtavaõ para dar batalha aos Moabitas, ſendo rogado por todos tres para que oraſſe ao Senhor os protegeſſe, querendo condeſcender aos ſeus rogos, ordenou primeiro, que lhe trouxeſſem hum tangedor de Salterio; e tanto que o tocaraõ na ſua preſença, deſterrando a ira, pode devotamente orar, e alcançar naõ ſó a promeſſa, que Deos lhe fez de que ganhariaõ a victoria, mas tambem o revelarlhe os meyos de que deviaõ uſar para o conſeguir.

Os mayores homens da Grecia ſe applicaraõ à Muſica vocal, e inſtrumental. Por groſſeiro (diz Plutarco) foy reputado Themiſtocles, quando ſendo rogado em hum feſtejo de tocar na lyra, reſpondeo, que elle ſó ſabia fazer reſpeitada, e florecente a ſua patria com a eſpada.

pada. Deſta meſma opiniaõ era Filippe de Macedonia, pois ſabemos, que em huma occaſiaõ, em que Alexandre eſtava cantando, lhe diſſe: *Naõ te envergonhas, meu filho, de ſeres hum taõ grande muſico.*?

O Marquez de Santo Aubin tratando da Muſica para diverſo aſſumpto das ſuas Opiniões, ſobre o contraponto, que nos naõ pertence, conclue com a diſputa de qual ſeja melhor ſe a Franceza, ſe a Italiana, dizendo, que ainda que eſta tem muitos apaixonados, he certo que a Franceza enche os ouvidos, e a outra apenas toca o coraçaõ; e em fim que a Franceza comprehende no ſeu caracter o grave, e mageſtoſo, com todas as diverſidades do goſto; e que ſe o principal talento da Muſica he o poder influir nas paixões, nenhuma Muſica póde diſputar eſta vantagem à Franceza.

ceza. Eu em hum aſſumpto, que tem taõ grandes parciaes, e em que tenho taõ pequeno voto, ſó direy, que os goſtos naõ ſe diſputaõ, e que delle he que naſce o valor, que ſe dá a tudo, e que hoje he taõ eſtimada a Muſica Italiana em Liſboa, como foy eſcarnecida a primeira vez, que em Portugal ſe ouvio, quando no caſamento de Saboya vieraõ os Muſicos de Victor Amadeo, como relato a *pag.* 156. das *Memorias da Princeza D. Iſabel.*

Tambem de algumas naturezas ſe conta terem antipathia com a Muſica. De Nicanor certifica Hypocrates, que ſe turbava em ouvindo charamellas. Eſcaligero conta, que conheceo quem naõ podia ſuſter as aguas em ſe tocando arpa. Veinrichio eſcreve de hum caõ, que em ouvindo temperar os inſtrumentos, começava a ganir, como ſe lhe deſſem

deſſem muita pancada. Eu tive hum cachorrinho em tempo que aprendia rebeca, que tanto que deſafinava, naõ ſó fazia o meſmo, mas andava como derreado pelo chaõ; e ſem hyperbole poſſo affirmar, que primeiro que o Meſtre, conhecia o animal ſe eu naõ affinava. Iſto preſenciaraõ por muitas vezes muitas peſſoas, e o Meſtre da dança Kely fez exactas inſtancias para que lhe deſſe o dito caõſinho; porém, mais que pela raridade, lho neguey pelo goſto que delle fazia.

Democrito affinou para remedio de muitas enfermidades as charamellas. Aſclepiades curava com a Muſica as doenças, que procediaõ do animo: na meſma fórma Xenocrates curou alguns furioſos. Na Grecia diz Marciano Capella ſe curavaõ muitos doentes com a doçura da lyra. De fé ſabemos o

ali-

alivio, que Saul ſentia com a arpa de David.

Iſmenias Thebano livrou com a meſma medicina os enfermos de Boecia. O coſtume antigo de ſe tocarem charamellas na preſença dos cadaveres antes de ſe lançarem na ſepultura, era porque julgavaõ, que com aquella experiencia, ſe naõ eſtiveſſem de todo mortos, cobrariaõ vigor, e força com a virtude daquella alegria ſonora; e eſta era a cauſa porque havia tanta charamella em caſa do Principe da Synagoga, a quem Chriſto Senhor noſſo deitou fóra, quando lhe reſuſcitou a filha, para que ſe naõ attribuiſſe a virtude natural o prodigio do ſeu milagre. Xenefio foy celebrado por haver vivido ſem enfermidade mais de cento e vinte annos, ſem uzar de outra medicina mais que da Muſica. He couſa conſtante, e averigua-

riguada, que a mordedura da Tarantula ſó com a Muſica ſara, como affirma o Padre Euſebio, Pedro Hiſpano, Amato Luſitano, Alexandre Napolitano, e Metioro, o qual aſſevera tello preſenciado, referindo as diffuſas circunſtancias, que naõ cabem na brevidade deſta obra, a pezar de quem o contradiz, como Feijó.

§. II.

Eccos admiraveis.

COm a proporçaõ dos lugares, e a diſpoſiçaõ dos edificios, ſe formaõ expreſſamente eccos taõ maravilhoſos, que naõ ſó reſpondem à voz repetidas vezes, ou com impeto, e eſtrondo formidavel, como em Charanton perto de Pariz o havia algum tempo, de que faço mençaõ nas minhas *Memorias Hiſ-*

toricas a *pag.* 115. mas nos labyrinthos do Egypto havia algumas caſas, que em ſe abrindo as portas, ſoava hum eſtrondo como hum trovaõ. No Eſcurial ha hum ecco muy galante, porque pondo-ſe duas peſſoas cada huma em hum canto diagonal da caſa, e fallando de manſinho à parede, vem a voz por cima do tecto clara, e intelligivelmente ao ouvido do que eſtá no outro canto, ſem que a ouça a mais gente que eſtiver na caſa; como me fez experimentar Antonio Guedes Pereira, ſendo Enviado extraordinario na Corte de Madrid; e o meſmo ſuccede na caſa grande da Torre de Belem.

Ten-

§. III.

Tentativas de voar.

EM todos os ſeculos houve homens, que naõ couberaõ na ſua eſféra, e em todo o tempo naõ contentes de imitar com a arte a natureza, emprenderaõ a perfeiçoalla, e exceder as rayas dos ſeus limites. Voou Dedalo pondo azas, que a natureza lhe negou; e como tambem as vélas da navegaçaõ franquearaõ as eſtradas, que a meſma natureza tinha feito impraticaveis, naõ he muito que à Sociedade Real de Londres ſe lhe figuraſſe poſſivel fazer huma viagem por eſte meyo à Lua. Hum novo Icaro do tempo de Nero na ſua preſença voou muito alto; porém cahindo ſe fez em pedaços, e com o ſeu ſangue ſalpicou o Imperador.

Joaõ Bautiſta Dante de Peru-

ſia tambem voou, e quebrou huma perna; e o meſmo ſuccedeo a outro homem de Calabria, de que faz menção Campanella.

O Padre Bartholomeu Lourenço de Guſmaõ trabalhou no meſmo projecto, e com effeito em huma maquina de papelaõ ſe elevou na preſença do Senhor Rey D. Joaõ V.

Naõ ſaõ poucas as peſſoas, que nos voos da fortuna, e elevações da ſoberba experimentaraõ iguaes precipicios.

§. IV.

Aves, que ſerviraõ de Correyos.

CEcena Volaterrano, Cavalheiro Romano, levava comſigo as andorinhas, e em alcançando victoria, as ſoltava pintadas com a côr, que a ſignificaſſe, para promptamente

te aviſar della. Com ſemelhante induſtria eſcreve Flavio Pictor, que eſtando cercado hum Preſidio dos Romanos, trouxeraõ huma andorinha apanhada no ninho, para que atando-lhe huma linha no pé, ſignificaſſe nos nós, que trouxeſſe, os dias em que ſahiria do cerco, vindo-lhe os ſoccorros. Os pombos ſaõ muy celebrados na hiſtoria por haverem ſervido de ſemelhantes correyos, no ſitio de Modena, ſuſtentado por Decio Bruto, contra Marco Antonio, e no ſitio de Harlem, e Leyde pelos Heſpanhoes; em memoria do que ordenaraõ, que os pombos, que conduziraõ os aviſos, ſeriaõ ſuſtentados à cuſta do publico, e embalſamados depois de mortos, para ſe guardarem na Camera da dita Cidade; como tudo refere Strada, Thuan., e o Marquez de Santo Aubin no *tom.* 2. a

pag.

pag. 635, diz, que os Mercadores de Alep, e de Alexandrette ainda hoje ſe ſervem deſtes correyos de azas para ſe advertirem do que póde intereſſar o ſeu comercio.

§. V.

Caça dos Falcões.

DIgno de fazermos mençaõ nas raridades da natureza, e da arte, he a fórma com que ao meſmo tempo ſe caçaõ no ar, e na terra as lebres com os galgos, e falcões, os quaes deſcem a deter a lebre, levantando-a com as unhas, para que ſe naõ adiante aos cães; e em eſtes a apanhando, torna a deſcer a ave, e fica entregue da preza até chegarem os falcoeiros, ſem que os caens lhe diſputem aquella poſſe; no que parece que até o irracional ſabe guardar as leys da civili-

vilidade, e conhecer, que na guerra ſe deve obſervar reciproca, e inviolavel uniaõ, e doutrina.

§. VI.

Obras ſuſpendidas no ar.

BEda contou por quarta maravilha o cavallo de Belorofonte, que em Rhodes eſtava ſuſpendido no ar, ſem ſer atado por cadeas, nem ſuſtentado em apoyo algum; porque ſó grandes pedras de Iman o ſoſtinhaõ em equilibrio. O meſmo Author expreſſa, que aquelle cavallo pezava cinco mil arrateis.

Igualmente ſe diſſe, que a effigie de Mauſolo ſe via ſuſpendida no ar em cima do ſeu ſepulchro; porém huma, e outra noticia tem pouco fundamento.

Plinio no *liv.* 34. *n.* 14. refe-

re,

re, que Dinochares propozera a Ptolomeu Filadelfo fazer hum templo em Alexandria com o tecto de pedra Iman, para que ſuſtiveſſe no ar a eſtatua de ferro da Rainha Arſinoe; porém que depois de ſe ter começado a obra, ſe naõ pudera acabar, porque neſſe meyo tempo morrera Ptolomeu, e o Architecto. Auſonio affirma, que com effeito a eſtatua chegara a porſe ſuſpenſa no ar.

Santo Agoſtinho *liv.* 21. *cap.* 6. *de Civit. Dei*, e Santo Iſidoro com Cedreno fazem menção de huma eſtatua ſuſpendida no ar no meyo do templo de Serapis em Alexandria, entre os Imans do tecto, e do pavimento.

ElRey Theodoro em huma epiſtola a Boecio falla de huma eſtatua de Cupido ſuſpendida no ar no templo de Diana em Epheſo.

Caſſiod.

Caſſiod. *Variar. lib.* 1. *epiſt.* 45.

Porém o que vulgarmente ſe conta do tumulo de Mafoma, de que eſtá ſuſpendido no ar, vemos na viagem de Bernier, e de Thevenot, que he couſa de rizo; porque o tumulo eſtá no chaõ, aſſentado em quatro varões de ferro; e que ſómente por cima ha huma grande pedra Iman, na qual ſe vê attrahida huma grande Lua de ouro, e de pedras precioſas com hum groſſo prego, que tem no meyo da Lua. Naõ pertence ao noſſo aſſumpto dilatarmo-nos nas razões com que ſe refutaõ eſtas noticias; e em ſubſtancia vem a ſer, que moralmente baſtaria qualquer aura, para fazer perder o equilibrio do que ſe ſuſpendeſſe no ar, ſem o qual he impoſſivel, que ſe conſervaſſe nelle.

Dizem que hum ovo tirando-lhe a clara, e a gema por hum bu-

raquinho ſubtil , e enchendo-o de orvalho, poſto ao Sol , ſe levanta da terra ao ar.

Juntando diverſas maquinas da Statica,ſe fórma huma maquina compoſta , na qual com hum cabello, ou fio delgado, ſe pódem levantar com ſumma facilidade doze arrobas (por exemplo) e muito mais.

§. VII.

Artificios eſtupendos do ar.

APproveitando a força do ar, tem a arte formado admiraveis, e utiliſſimos inventos , como ſaõ moinhos, ou ſejaõ para moer o graõ, ou para ſerrar as madeiras , e outras diverſas fabricas. Com a força, e pezo do ar ſe faz ſubir a agua a grandes alturas pelas bombas repetidas. As fontes artificiaes, em que comprimido com a arte o ar em gran-

grande quantidade, ſe faz depois ſubir a agua com violencia a grande altura pela força com que ſe rarefaz o meſmo ar comprimido.

O meſmo ſe vê nas eſpingardas, e piſtolas carregadas ſó com o meſmo ar compreſſo, que lançaõ ballas a grande diſtancia, e com ſumma violencia.

Com huma maquina ſe faz vento artificial por meyo dos vapores da agua rarefeita. He de fórma de huma pera com hum bico virado para baixo; fórma-ſe de metal, e enchendo-ſe ametade de agua ſe poem no fogo, e aquecendo a agua, e ſahindo em vapor pelo bico eſtreito, fórma hum grande, e fortiſſimo vento, que accende as brazas, como hum grande folle, fazendo hum furioſo eſtrondo.

§. VIII.

Descobrimento pasmoso nos innumeraveis olhos, que tem a Borboleta.

NAs curiosas averiguações, que com o microscopio se tem feito, acharaõ varios Authores, que a borboleta tem trinta e quatro mil seiscentos e cincoenta olhos. Puget teve arte, com que preparou de fórma os olhos da borboleta, que diz naõ só via, mas fazia ver a hum boneco reproduzido em dezasete mil trezentos e vinte e cinco pequeninos corpos, de fórte que representava hum exercito. Monsieur de Reaumur, que investigou tanto este conhecimento anatomico dos insectos, assenta, que esta quantidade innumeravel de olhos he huma especie de microscopios, que a natureza lhe deu, para poder ver ao lon-

longe, e ao perto. O Marquez de Santo Aubin naõ ſe atreve a negar eſte facto (ſem embargo de ſer taõ grande critico) ſó diz, que para completamente ſe perſuadir, deſejava vello.

RA-

RARIDADES
DA
NATUREZA.

PARTE VII.
FOGO.

ESTE luminoſo corpo inviſivelmente entra na compoſiçaõ de todos os corpos naturaes, dando calor, e a vida a toda a natureza. Naõ ſó do Ceo baixava o fogo celeſte a accender no ſanto Sepulchro em dia de Paſcoa as alampadas,

padas, que ſe haviaõ apagado em ſeſta feira de Paixaõ; porém antigamente deſcia a conſumir os ſacrificios. Aos Iſraelitas guiava de noite huma columna de fogo. Em huma Çarça ardente vio Moiſés a Deos: e finalmente em linguas de fogo baixou o Eſpirito Santo ſobre os Apoſtolos.

Sem o uſo do fogo viveraõ muitos tempos os habitantes de algumas Ilhas de Mariane no Japaõ, onde até a chegada de Magalhães foy ignorado. Diz o Padre Gobien, que quando pela primeira vez viraõ fogo, cheyos de eſpanto julgaraõ ſer huma eſpecie de animal, e diziaõ huns para os outros, que ſe affaſtaſſem porque mordia, a quem ſe chegava perto delle.

§. I.

Fogos errantes.

FOgos errantes ſe chama a huns meteóros, ou exhalaçõẽs, que ſe geraõ, e ſe inflammaõ na infima regiaõ do Ar. De materias pingues, e viſcoſas ſe fórma huma chamma volante, ou por antipariſtaſis do frio nocturno ambiente, ou pela agitaçaõ do ar, o qual attenua a materia, e com o ſeu movimento a accende; porém ſem ardor, nem calor ſenſivel. Muitos deſtes fogos ſe vem de noite nos caniſſaes; e às vezes tranſpiraõ eſtas luzidas exhalaçõẽs dos corpos dos animaes, e particularmente do gato, quando lhe esfregaõ as coſtas (como adiante dizemos.) Tambem ſe deixaõ ver pegadas às orelhas dos cavallos, que em noites chuvoſas aquecem andando: appa-

recem outras ao redor da gente, como em certa mulher de Verona no Eſtado de Veneza, em cuja teſta de ordinario luzia huma pequena labareda; como ſe vê no Tratado compoſto por Pedro de Caſtro, intitulado *Ignis labens.* Formaõ-ſe finalmente eſtes fogos errantes das exhalações dos corpos mortos; e a galantaria he, que quando apparecem, e andaõ pelo ar, fogem de quem os quer alcançar, e vaõ atraz de quem foge delles; e os que ignoraõ as cauſas deſtes movimentos, cuidaõ que ſaõ demonios, ou almas de defuntos. O caſo he, que quando fugimos, o ar para encher o vacuo nos ſegue, e com o ar vem a chamma, que eſtá atraz de nós: pelo contrario quando himos atraz della, impellimos diante de nós o ar, e com elle o fogo, que nelle eſtá ſuſpenſo. A ignorancia

deſtes effeitos naturaes muitas vezes he cauſa de fazerem os homens grandes myſterios de couſas, que ſaõ puros acaſos. Neſtes generos de fogos ſe podem contar os que antes, ou depois das tormentas apparecem nas vélas dos navios, e que ſe fizeraõ taõ celebres com as ſuperſtiçõeſ dos navegantes. Os Ethnicos chamaraõ a eſtes fogos Caſtor, e Pollux, e os Chriſtãos lhe chamaõ Santelmo.

§. II.

Fogo, que ſe accende por ſi meſmo.

ACchando-me eu na Corte de Madrid, ouvi dizer como couſa certa, que havia pegado fogo na palha, que ſe coſtuma vender no meyo de huma praça, ſem que ſe deſcobriſſe raſto de onde lhe pudeſſe vir; e ſuppoſto que entaõ

naõ dey aſſenſo ao que o vulgo publicava ter naſcido do ardente Sol, que neſſe dia fizera, naõ deixo agora de perſuadirme poderia naſcer do que Feijó relata no *tom.* 4. das ſuas *Cartas*, *pag.* 339. *n.* 8. de que muitas vezes tem pegado fogo em rumas de feno humido; o que corrobora com hum caſo paſmoſo, que ſuccedeo no dia 23 de Junho de 1752 a huma pobre viuva de hum tecelaõ, que fazendo recolher em huma caſa humida muitas peſſas de panno, que tinhaõ eſtado ao Sol com a greda, e azeite, que lhe coſtumaõ pôr, começou a ſentir muito fumo, ſem poder achar donde naſcia, até que caſualmente pondo a maõ na meſa, donde eſtavaõ as peſſas de panno, conheceo hum extraordinario calor, que a obrigou a regiſtar as peſſas; e entaõ foy, que achou as quatro do centro queimadas,

madas, e com muy pouco damno as que eſtavaõ por cima, e por baixo : filoſofando ſobre todas eſtas circunſtancias com aquella ſubtileza, e naturalidade de que he dotado. O eſcremento dos pombos ſe inflama por ſi meſmo, por cauſa da grande fermentaçaõ, que nelle ſe excita, e ſegundo Galeno já ſuccedeo fazer arder huma caſa. Brown, *tom.* 2. *l.* 3. *c.* 3.

§. III.

Exquiſita eſpecie de fogos.

O Calor, que exhala o monte Hecla, conſome a agua, e naõ a eſtopa ; e ainda he mais o frio da pedra Galatias, que naõ ſe deixa vencer do fogo, porque no meyo das chammas ſe conſerva fria. Eſtrabaõ, e Solino relataõ do fogo do monte Ethna, que naõ deſ-

faz

faz as neves. Joaõ Diacono eſcreve de hum fogo, que ſe acha em Licia, que naõ queima as mãos. Tambem aſſevera Plinio do fogo de Scancia, que naõ queima huma arvore que o cobre. A pedra Peritas apertada nos dedos queima, e metida na boca, ainda que o tacto ſeja frio, abraza a lingua. Os dentes do javali logo depois de morto eſtaõ com tanto fogo, que chegando-lhe cabellos, ou outras couſas faceis de ſe queimar, ſe abrazaõ. P. Neriemberg na ſua *Occulta Filoſofia l.* 1. *c.* 5. e 15. O Antracito deitado no fogo ſe apaga, e deitado na agua ſe accende. Plinio no *cap.* 21. *pag.* 311.

No Delfinado havia huma fonte, que em lhe chegando huma véla apagada, ſe accendia, e eſtando acceza, ſe apagava, como ſem grande admiraçaõ relata, e explica o natu-

natural modo do ſucceſſo a Academia das Sciencias de França anno 1699, *pag.* 23.

Santo Agoſtinho, Plinio, e Pomponio fazem menção de outra ſemelhante no Epiro, a quem Baſtas celebrou com eſtes verſos, que traduzi na fórma ſeguinte.

Que diremos de ti, ò fonte Sclavona?
Que diremos de ti, ò fonte de Dodona?
Por ti vemos ficar a bandeira abrazada;
Apagas a véla acceza, e accendes a apagada.

§. IV.

Raridades de vapores.

NA Academia de França anno 1710. *pag.* 17. achamos, que muitas peſſoas ſe ſuffocarão em huma cova ſubterranea de hum padeiro de Chartres, por terem levado áquelle ſitio ſeis, ou ſete tições, que tirarão do ſeu forno, e que baſtou eſte

eſte calor para excitar no ſalitre, que coſtuma haver neſtas covas hum vapor muy maligno ; o que ſe remediou deitando-lhe muita quantidade de agua para abater o dito vapor nitroſo. A *pag.* 21. dos *Effeitos formidaveis* tambem fizemos já menção da gruta chamada do Cão no Reino de Napoles, onde tudo o que alli entra morre ; e não menos relatámos aquellas minas , em que circula huma materia , que ſe pega aos inſtrumentos , e veſtidos dos obreiros, a quem muitas vezes mata, porque lhes tira a reſpiração, e outras ſe inflamma, e cauſa huma expulſão , e hum eſtrondo tal, que parece hum tiro de moſquete. Academia das Sciencias de França, anno 1701.

Cor-

§. V.

Corpos, que exhalaõ fogo.

O Padre Theodorico nos aſſevera, que todas as vezes, que esfregava o corpo, lhe ſahia fogo viſivel. O meſmo acontecia a Antonio Cianſio, e Maximo Aquilano, que todas as vezes, que ſe esfregavaõ, parecia hum fuzil, quando bate na pederneira. De Madama Caſſandra Buri igualmente diz Feijó no *tom.* 8. *pag.* 176. que quando ſe esfregava com hum lenço naõ ſó lhe ſahiaõ faiſcas, mas lavaredas.

Fortunio Liceto faz mençaõ de huma peſſoa, de cujo corpo ſahia fogo quando o esfregava com a maõ, ou deſpia a camiſa com precipitaçaõ. O Diario Inglez do mez de Julho de 1752 refere, que no Inverno do anno de 1748, foy viſta, e examinada varias vezes huma mo-

ça, de cujos veſtidos, ao deſpillos, ſahia huma grande porçaõ de faiſcas ſemelhantes às que arroja o carvaõ incendido, e diverſas luzes a modo de chammas, que ſe extendiaõ por varios lados dos veſtidos principalmente da parte, que eſtavaõ mais proximos à cintura. Graef. *diſc. Mercur. n.* 13. *pag.* 557.

De Alexandre ſe conta, que em hum apertado lance, que teve com os Indios exhalava faiſcas de fogo, e que a eſte paſmo cedera o valor barbaro dos inimigos. Do cavallo de Tiberio era mais ordinario ſucceder o meſmo, em ſe eſquentando nas batalhas. O referido Feijó nos dá outro exemplo mais digno de admiraçaõ, qual he o que elle traz no *liv.* 8. *pag.* 173. da Condeſſa Cornelia Bandi, a quem o fogo reduzio no ſeu leito a cinzas, ſem que queimaſſe a roupa da cama;

cama ; motivo porque juſtamente ſe perſuade fora cauſado das exhalaçõ̃es que evaporou. Deſte ſucceſſo tratã̃o as *Memorias de Trevoux ann.* 1730. *art.* 112. em huma Carta erudita do Marquez Maffei. Eſte caſo he ſó , que nos póde encher de admiraçaõ̃ ; porque o mais de lançar fogo viſivel he couſa, que todos vemos ſucceder com a maquina electrica.

Bartholino eſcreve de hum Polonez, que por haver bebido dous vidros de agua ardente , foy queimado de chammas interiores , que vomitava. Outra peſſoa havendo bebido copia do meſmo licor começou a lançar chammas pela garganta , que lhe tiraraõ̃ o uſo da voz. Semelhantes ſucceſſos ſe lem em outros AA.

O meſmo Bartholino eſcreveo o caſo de huma mulher , que

coſtumava beber agua ardente, que amanheceo hum dia reduzida a cinzas, e a cadeira de palha em que eſtava, ſem ficar do ſeu corpo mais, que a caveira, e algumas extremidades dos dedos. *Caprices de l'imagination letr. 7. pag.* 122.

Nos montes Andes ſe vem muitas vezes os Viageiros lançando fogo pela boca, por ſer aquelle ar finiſſimo, e apto a cauſar inflammações. P. Kirker *lib.* 2. *c.* 12.

Plinio, e Phocio atteſtaõ, como teſtemunhas de viſta, que muitas peſſoas a certas horas tem a cabeça brilhante, e com claridade, e que ſe ſe esfregarem com força, lhe ſahiráõ faiſcas; e que o meſmo ſuccederá no Inverno, ſe esfregarem ao revés o pelo dos gatos, e das vacas.

O diamante tambem ſe o esfregarem com força, lança rayos de luz

luz na eſcuridade das trevas.

Plinio no *liv.* 2. *cap.* 57. affirma, que algumas vezes ſe accende fogo repentino nas aguas, e nos corpos humanos.

§. VI.

Entidades luminoſas.

EM alguns Authores achamos, haver na America huma ave taõ luminoſa, que della ſe podem ſervir para ſe lêr de noite. A hiſtoria das Antilhas igualmente trata das moſcas luzentes, a quem naõ attribuem menos affluencia de luz.

Jorge de Robbe *tit.* 20. no *liv.* 5. *cap.* 4. deſcreve os Cocuyos com quatro olhos, dous ſobre a cabeça, e dous nas azas, de que deitaõ tal claridade de noite, que os habitantes ſe ſervem delles algumas vezes em lugar de candea. S. Iſidoro tambem

bem dá em Alemanha certas aves, que exhalaõ luz, como a que taõ commummente vemos naquelles bichinhos, a que os Gregos chamaraõ Pyrilampos. He couſa celebre, que eſmagando qualquer deſtes inſectos, fica todo o lugar em que o eſmagaõ cheio de luz; porém obſervey, que os terreſtes deixaõ mayor claridade, que os do ar.

A Hiſtoria da Academia das Sciencias de França *ann.* 1723. na *part.* 8. faz mençaõ da madeira podre, que tirada da terra ainda humida, luz na meſma fórma, como tambem alguns mariſcos, e peixes, o que eu muitas vezes experimentey, fazendo-os pôr em huma caſa eſcura, onde cada eſcama brilhava, como huma eſtrella; e o que mais me admirou foy, que mandando fazer a experiencia em huma peſcada ſalpicada de ſal, e trazendo-a na maõ

maõ hum criado, vi que cada pingo de ſalmoura que cahia, exhalava a meſma claridade, como hum pingo de lacre acceſo.

No Norte naõ ſó uſaõ de páos podres para ſe allumiarem, mas tambem em outros povos, além dos que já diſſemos, ſe ſervem em lugar de candea, de outros bichinhos, cuja claridade lhe dura por oito dias. Pouco tempo ha, que na Aula das Neceſſidades o explicou doutiſſimamente o Padre Theodoro de Almeida.

§. VII.

Fogos perpetuos.

NAs abobedas ſubterraneas da antiga Cidade de Memphis ſe acharaõ candeas de barro cozido, que ſempre ardiaõ, ſegundo dizem os Arabes. No anno de 1401, em pouca diſtancia de Roma quazi nas

prayas

prayas do Tibre deſcubrio hum ruſtico huma candea, ou alampada de Pallas; cuja inſcripçaõ deu a conhecer, que eſtivera ardendo mais de dous mil annos; a qual ſe apagou, tanto que lhe entrou o ar pelo buraco, que ſe fez no chaõ. O meſmo ſe conta do Sepulchro de Tullia, filha de Cicero, deſcuberto no Pontificado de Paulo III.

O Padre Kirker affirma, que tivera dous annos huma alampada acceza com a torcida do Amianto, ou de Asbeſte, que por hum deſaſtre perdera, ſem que ſe lhe achaſſe diminuiçaõ alguma; razaõ porque ſe perſuadia, que podia ſer perpetua. Feijó naõ lhe concede mais duraçaõ, que de hum anno, e refuta as alampadas inextinguiveis; mas Deſcartes naõ ſe envergonhou de fazer huma explicaçaõ fyzica das ditas alampadas, como ſe póde ver

nos

nos ſeus *Princip. p.* 4. *cap.* 116.

O Padre Caſſat quer, que a chamma deſta luz perpetua ſeja daquella materia luzente ſem calor, a que chamaõ Phoſphoros, de que fallamos a *pag.* 469. Solin. no *cap.* 22. falla em huma deſtas alampadas, que eſtava em hum templo de Inglaterra; e Cedreno atteſta, que no Imperio de Juſtiniano I. ſe achara em Edeſſa hum retrato de Noſſa Senhora com huma alampada, que eſtava acceza havia perto de quinhentos annos. Na Perſia tambem achamos Authores, que dizem alli perſeveraõ huns fogos, que ardem ſobre os montes ha mais de mil annos.

Pem, Alexandre Juriſconſulto Napolitano, e os Eſcritores modernos tudo iſto deſprezaõ, moſtrando com argumentos filoſoficos a impoſſibilidade de haver fogo,

que continuamente arda ſem ſe conſumir. Eſta razaõ, por ſer taõ clara, e forte, naõ podiaõ ignorar os Authores, que ſeguiraõ a parte contraria. Eu ſó digo, que mais difficultoſo de provar ſeria a arte de extrahir fogo de hum corpo humano na maquina electrica; e ſem embargo diſſo he certo, que vemos nos noſſos tempos eſte prodigio, que naõ chegaraõ a ver, nem a imaginar os antigos: na meſma fórma poderia entaõ haver aquelle, que a nós nos parece hoje fabuloſo.

O Marquez Maffei atraveſſando o monte Apenino ſe demorou em Firenzuola para ver o fogo perpetuo de Pietramala, cujo terreno eſtá ſempre cuberto de lavaredas, ſem que ſe veja nunca abertura alguma porque ſayaõ, nem materia em que a chamma poſſa accender-

ſe:

ſe: quando querem apagallas, cobrindo-as de terra, logo ſe obſervaõ mais accezas a pouca diſtancia; ſobre o que faz hum diſcurſo filoſofico, que os doutos abraçaõ, e que até aos ignorantes convence. Taõ claras, e ſolidas ſaõ as razões, com que o perſuade.

Na China na Provincia de Xanſi ha huns poços de fogo, que continuamente lançaõ lavaredas, de ſórte que os ſeus habitantes poem a cozer nelles as ſuas panellas. Jorge de Robbe no *tom.* 1. *liv.* 3. *c.* 7. pinta tres rios, ou correntes de enxofre.

§. VIII.

Amianto, e outros corpos incombuſtiveis.

DO Amianto, ou linho vivo ſe faziaõ tunicas, a quem o fogo naõ queimava, antes ficavaõ mais lavadas do que ſe foſſe com ſabaõ. Deſta téla eraõ as mortalhas dos corpos illuſtres no tempo em que ſe queimavaõ para ſe lhe guardarem as cinzas, e por eſte modo ficavaõ ſem ſe confundirem com as da lenha. Nero teve hum deſtes pannos, e Carlos V. teve muitos. Em hum banquete, que eſte Imperador deu, á viſta de todos ſe lançavaõ os guardanapos no fogo; porém eſta raridade ſe fez commua, porque em Roma, em Veneza, e em Saxonia muitos particulares fizeraõ o meſmo. Nos Pirinéos actualmente ſe fazem cordoens, e ligas

gas deſta pedra: o modo de a preparar o deſcrevem as *Memorias da Academia das bellas letras* no *tom.* 4. *pag.* 639. hoje he taõ commua, que ſe acha em varias Ilhas do Archipelago em muitos lugares de Italia: em Baviera, Inglaterra, Heſpanha, e França; porém antigamente era taõ rara, que em tempo de Plinio ſe comparava o ſeu valor ao das pedras mais precioſas. Eu tinha hum grande pedaço, que perdi no terremoto, e muitas vezes tirando-lhe hum fio taõ delgado como hum cabello, o chegava à luz, e depois de ſe pôr em braza, ficava na meſma fórma illezo do fogo; porém tem-ſe obſervado, que naõ reſiſte ao fogo do eſpelho uſtorio; pois ſeparando em hum inſtante os fios de que he compoſta eſta pedra, os converte de improviſo em bolinhas de vidro.

Igual-

Igualmente do Amianto ſe fabrica papel, do qual ha algum em Alemanha, em Dinamarca, e Inglaterra, onde dizem ſe fabrîca com grande perfeiçaõ. O P. Kirker affirma, que tivera huma folha delle, que quantas mais vezes o deitava no fogo, mais branco ſe fazia.

Thuano diz, que o coraçaõ de Zwingle o naõ puderaõ queimar. Segundo os Rabbinos temos no fim do eſpinhaço hum oſſo, que naõ póde o fogo conſumillo, nem força alguma quebrallo; e que nelle ſe conſerva a baze, e raiz da ſurreiçaõ da carne. Plutarco aſſegura, que o dedo polegar de Tyrtho Rey do Epiro, o naõ conſumira o fogo, quando o queimaraõ. O meſmo conta Cornelio Tacito do coraçaõ de Germanico.

Ani-

§. IX.

Animaes, que vivem no fogo.

A Salamandra ſegue Alberto Magno, que he de huma natureza taõ fria, que póde apagar hum fogo pequeno, mas naõ o grande. No Journal des Sçavans em ſegunda feira 25 de Abril de 1667. ſe refere, que o Cavalheiro Corvini lançara huma ſalamandra no fogo, a qual havia trazido das Indias, e que começando avomitar huma materia como claras de ovos, apagara as brazas, em que eſteve o eſpaço de duas horas, e que tirando-a, lhe vivera nove mezes depois: porém no meſmo Journal des Sçavans de Outubro de 1730 vem outra experiencia nas ſalamandras, que foy muito mal ſuccedida, porque humas ficaraõ mortas no fogo, e outras ſahiraõ meyo queimadas. A

Aca-

Academia das Sciencias de França diz, que as ſalamandras ordinariamente vivem na neve, e que ſe lançaõ ſobre ellas ſal moido, lhes ſahe da ſua pelle hum licor viſcoſo, que ſe crê capaz de poder preſervallas do fogo; mas que logo morrem em tres dias, depois de ſe lhe deitar o dito ſal. Hiſtoria da dita Academia de 1729.

Ariſtoteles, Plinio, Eliano, e Agricola igualmente fallaõ de huma eſpecie de moſca grande, que naõ ſó vive no fogo, mas morre tanto que delle ſahe: a eſtas moſcas chama Plinio *Pyrauſtas*; porém como o fogo ſeja hum elemento, que naõ admitte geraçaõ, fica muy difficultoſo eſte credito.

Para provar differente aſſumpto, diz Feijó no *liv. 8. diſc. 7. n. 41.* que aſſim como na Academia Real das Sciencias vemos que ha muitos

inſe-

inſectos, que ſe ſuſtentaõ ſó em roer pedra, que naõ ha repugnancia em que Deos crie alguma eſpecie, que ſe conſerve no fogo; exclamando, que os homens ſem razaõ alguma, e contra toda a razaõ eſtreitaõ a Omnipotencia Divina ſegundo o limitado das ſuas experimentaes idéas. Aſſim falla hum homem, como Feijó, ſem embargo que naõ abraça o que ſe diz da ſalamandra, e dos eſpelhos uſtorios.

RARIDADES DA ARTE.

PARTE VIII.

FOGO.

Já dissemos, que à sua ardente impressaõ sabe a arte resistir com leves, e faceis remedios. Ambrosio Paré, Author Francez, refere varias experiencias desta verdade. Depois de untar as mãos com sumo de cebollas, fez pingar nellas, sem alguma dor, toucinho de huma pá affogueada: meteo tambem as

mãos em chumbo derretido, depois de as untar com hum unguento, a que chamaõ *Aureo*. Richartſon Inglez com admiraçaõ do povo de Pariz, caminhou ſobre brazas, pondo primeiro nas ſolas dos pés hum eſpirito ſulfureo, com que cauterizava a pelle de fórma, que reſiſtia ao fogo.

§. I.

Artificios de fogo.

A Grandes artificios póde ajudar eſte elemento com a polvora: com ella fez Architas o da pomba de madeira, que voava per ſi ſó.

Com alcanfor, ſal, e ſalitre metido ſubtilmente em hum ovo, ſe faz ſahir da agua fogo: com igual admiraçaõ da que Ariſtoteles teve da penha Gonia, que lançava fogo, e agua. Muitas vezes fiz, em peque-

no

no, o brinco de chegar ao lume a pedra lume, e deitando-a na agua, ſe via andar aquella chamma em hum elemento taõ contrario ſem ſe apagar.

O Phoſphoro de Alemanha, ou de Monſieur Kurcler, he hum pequeno rolo, compoſto de huma materia como cera, que ſe conſerva metido em agua em hum vidro bem fechado; tirando-ſe fóra da agua, esfregando-ſe, ou desfazendo-ſe em cima de qualquer corpo, o faz luminoſo de fórma, que em lugar eſcuro dá grande claridade, e ſe póde com elle formar letras, que ſe vejaõ em parte, que naõ haja luz. Do inſecto luzente ſe diſtilla huma agua, que luz na eſcuridade da noite. O meſmo ſuccede à pedra de Bolonha expoſta ao Sol, e retirada ao eſcuro. Com a maquina Eulepila ſe formaõ admiraveis

raveis effeitos, como he fazer correr com grande violencia, à maneira de foguete, a meſma maquina poſta ſobre hum carrinho com rodas, ou outro corpo facil de ſe mover. Tambem ſe fórma huma fonte de fogo, pondo-lhe dentro eſpirito de vinho em lugar de agua. Partes iguaes de nitro, enxofre, camphora, e naphta, desfeitas em eſpiritos de vinho, e poſto tudo ſobre o fogo, fica a caſa cheya daquelles vapores, e entrando de noite nella huma luz, ſe incendem de fórma, que apparece todo o apoſento cheyo de fogo. *Caprices de l'imagination, letr. 7. pag.* 128.

Eſpe-

§. II.

Eſpelhos uſtorios.

CElebra-ſe o Filoſofo Anaxilao por inſigne em fingir apparencias prodigioſas com as luzes. Com os eſpelhos artificioſos ſe obraõ couſas mayores, e com elles ſe naõ tem ajuſtado pouco a perſpectiva. O mais celebre eſpelho deſtes he o que fabricou nos noſſos tempos Monſieur Villete, de que trataõ as *Memorias de Trevoux*. Archimedes com hum ſoube lançar rayos de fogo ſobre a armada Romana, e com tal actividade, que a reduzio a cinzas. Eſta hiſtoria tem ſido aſſumpto da mayor diſputa; mas o certo he, que contra as ſuas impugnaçõeſ ſe lhe póde reſponder, que ſe naõ foy, podia ſer; porque à mayor difficuldade, que ſe lhe poem, ſatisfaz a Academia das Sciencias de França

nas

nas ſuas Memorias do anno de 1726, *pag.* 172. e *Hiſtoria part.* 52. onde diz, que hum eſpelho deſtes a ſeiſcentos pés de diſtancia, tivera efficacia para fazer o meſmo effeito, e a eſta experiencia accreſcenta a ſeguinte reflexaõ: *Póde ſer, que naõ ſeja impoſſivel appellar da ſentença, que Deſcartes deu contra a celebre Hiſtoria de Archimedes.* Os Senhores Criticos modernos fazem zombaria deſta noticia, ou, como elles dizem, deſta patranha; porém aquelle ſcientiſſimo Congreſſo da Academia das Sciencias de França, antes que approve, ou refute as couſas, ſabe pezallas maduramente no juizo, e examinallas na experiencia.

§. III.

Olho artificial.

SE a luz a devemos contar no fogo, a eſte elemento toca fallarmos do Olho artificial.

Forma-ſe pois o Olho artificial abrindo em huma camera, ou caſa fechada, huma pequena abertura na janella, e pondo nella huma lente, ou vidro convexo, e no foco da tal lente, ou no ponto em que ella ajunta os rayos, pondo hum papel, ou panno branco, ſe pintaõ nelle todos os objectos, que eſtaõ fóra da caſa, e com as ſuas proprias cores, e figuras dibuxadas em pequeno, e ſó com a ſituaçaõ inverſa; iſto he, vendo-ſe da parte ſuperior o que eſtá na inferior; e eſta pintura naõ he por reflexaõ, mas immediatamente a formaõ os rayos no papel, ou panno, e por iſſo ſe

vê de todas as partes, e posturas.

§. IV.

Descobrimento da polvora.

PAsquier considera o mundo às avessas em ser a artilharia inventada por hum Frade, e a imprensa por hum homem de guerra. A mais commua opiniaõ faz inventor da polvora a Berchold Schwart Religioso Alemaõ da Ordem de S. Francisco no annò de 1378; mas como se acha mais antigo o uso della, com razaõ se dá o seu descobrimento ao celebre Inglez Roger Bacon, tambem Franciscano.

O Marquez de Santo Aubin, e Feijó seguem huma opiniaõ, que sem embargo, que parece paradoxa, he certa; e he, de que a polvora, e artilharia tem contribuido mais

mais à conſervaçaõ do genero humano, que para a ſua deſtruiçaõ; porque ſe o ſeu uſo ſe praticaſſe no tempo de Alexandre, e de Tamerlaõ, as ſuas conquiſtas ſeriaõ bem diminutas; porque haviaõ encontrar pelo caminho muitas praças, que os detiveſſem; que o furor da guerra matava muito mais gente com as lanças, eſpadas, e frechas; porque ainda hoje vemos, que he mayor a carneçaria, quando os exercitos chegaõ às mãos com as eſpadas em punho.

Taõ admiravel como moderno he o invento, que deſcobrio o Baraõ de Vignolt, Coronel Engenheiro dos Exercitos de Sua Mageſtade Fideliſſima, que em hum minuto diſpara dez tiros huma peça de artilharia.

§. V.

Machina Electrica.

O Certo he que a natureza zomba ſempre da Filoſofia : muitos tempos ha, que os homens andaõ inquirindo as cauſas dos effeitos naturaes; e muitos ſeculos ha, que a natureza ſe obſtina em moſtrarlhe ſó os effeitos, e eſconderlhe as cauſas. Bacon com o ſeu vaſto eſpirito, e elevada imaginaçaõ, deſenganou aos Filoſofos, que em quanto naõ ſahiſſem das idéas abſtractas, e methafiſicas, nenhum conhecimento poderiaõ adquirir da natureza; porque o unico meyo para explorar as ſuas eſtradas era a applicaçaõ ao exame do Mecaniſmo.

Facilitou eſte projecto a grandes eſperanças, de que com eſta luz ſe deſterrariaõ as ſombras, e reduzindo

zindo o mecaniſmo às obſervaçõẽs experimentaes, ſe conſeguio alguma couſa mais da verdadeira Fyſica, deſcobrindo as cauſas immediatas, ou proximas a alguns particulares effeitos: e neſte tempo a natureza empenhada ſempre em deſenganarnos no pouco que a conhecemos, nos preſentou o novo fenómeno da electricidade abyſmo de maravilhas já mais viſto, nem imaginado, com o que nos faz duvidar de tudo, que antes eſtava como certo, e conhecer que quanto ſabemos, em comparaçaõ do que nos falta, he o meſmo que hum atomo comparado aos montes Pyrineos.

A virtude electrica apenas ſe conhecia na antiguidade com a atracçaõ, que fazia o alambre de huma pequena palha, e ſe experimentou mais forte na pedra Iman com o ferro, mas nunca imaginou, que ella

ella o pudeſſe conſeguir a grandes diſtancias, nem o lançar luz, e tirar fogo de todos os corpos, como hoje temos viſto, e experimentado deſde o anno de 1729, em que principiou Monſieur Gray da Academia de Londres a deſcobrir alguns deſtes effeitos, e ao meſmo tempo Monſieur du Fay da Academia das Sciencias de Pariz o imitou neſtes admiraveis deſcobrimentos, a que ſe tem dado huma grande extenſaõ, como ſe póde reconhecer nos eſcritos da meſma Academia dos annos de 1730, 31, e 34.

Feijó no *tom.* 4. das ſuas *Cartas*, *pag.* 350. no *n.* 21, ſeguindo ao Abbade Nolet, aſſenta, que a materia electrica naõ ſó he analogica, mas probabiliſſimamente identica em eſpecie com a do rayo; porque ſendo certo, que eſte he ſulfureo nitroſo, o meſmo ſe vê na ele-

electrica nos ſeus experimentos : o enxofre ſe reconhece no ſeu cheiro, e em ſer proporcionado a tirar faiſcas, que executa nos corpos, e o nitro no eſtrepito, que ao meſmo tempo ſe percebe; porque ainda que commummente ſeja muy leve, às vezes, como diz D. Benedicto Navarro, he taõ conſideravel, que ſe extende a huma grande diſtancia. Por ultimo prova, que os effeitos dos rayós ſaõ varios, e alguns apparentemente oppoſtos, ſem que por iſſo deixem de vir todos da meſma materia ſulfurea nitroſa.

No *n.* 23 refere haver rayos taõ benignos, que chegaraõ a introduzirſe entre a camiſa, e o corpo de hum homem, ſem lhe fazer outro mal, que chamuſcarlhe alguma couſa a pelle ; e que em Pontevedra cahira outro no hombro de hum

hum lavrador, ſem que experimentaſſe mayor damno; o que elle atteſta ter ſuccedido a trinta paſſos da diſtancia em que eſtava; e paſſa a moſtrar que a meſma diſcrepancia de effeitos ſe obſerva na virtude electrica, que pela mayor parte naõ produz mais, que humas faiſcas, ou relampagoſinhos innocentes; porém que outras vezes exercita impetos terriveis, como experimentou Monſieur Muſchembroek em Hollanda, e depois o celebre Monſieur de Reaumur em Pariz, que ambos ſe viraõ quaſi mortos, como póde ver o curioſo leitor no livro do Doutor Navarro, *pag.* 184.

Já em Mithridates achamos terem cahido dous rayos taõ benignos, que hum, ſendo elle criança, lhe queimou as faxas, e outro, ſendo homem, lhe chamuſcou as flechas na aljava, ſem lhe fazerem prejuizo

juizo algum. Convival. *lib.* 1. *quæſt.* 6.

Eſtes fenómenos aſſim como produzem huma grande admiraçaõ em todos os expectadores, aſſim he juſto, que nelles ſuſpendamos a penna, para que o aſſombro poſſa ſer a melhor clauſula deſta pequena obra.

44
240

2760
88

10560

44
220

8.80
88
---
96 80

MAGIA NATURAL.

PARTE IX.

COMO a Magica Natural, e artificial comprehende as mayores raridades da Natureza, e da Arte, naõ podemos omittillas no aſſumpto da noſſa obra.

Magica quer dizer ſabedoria; e naõ he outra couſa, ſegundo Philon, ſenaõ aquella ſciencia, e perſpectiva, pela qual as obras admi-

raveis da Natureza ſe manifeſtaõ aos noſſos olhos. Pela ſua excellencia era buſcada de todos, e principalmente dos Reys, a quem era prohibido reinar, ſem primeiro ſe inſtruirem com os ſeus profeſſores. Por ella os Reys Magos do Evangelho conheceraõ, que o Salvador do mundo havia naſcido. Em fim he tudo o que com cauſas naturaes produz effeitos extraordinarios, como quando o filho de Tobias curou a cegueira de ſeu Pay com o coraçaõ, fel, e figado daquelle monſtruoſo peixe, que ſahio do rio Tigre para o devorar. Joaõ Bautiſta Porta, e o Padre Gaſpar Schot da Companhia de Jeſus, eſcreveraõ livros curioſos da Magica natural. A pedras, e hervas attribuiraõ os antigos notaveis virtudes naturaes, das quaes Plinio faz menção, mas zombando do que ſe tem

dito

dito dellas: e assim no *liv.* 26. *cap.* 4. depois de ostentar as maravilhas de huma herva, que lançada em rios, ou lagoas, as secca, e esgota, e tocando em portas, ou arcas fechadas, as abre; como tambem de outra, que lançada no meyo de hum exercito formado, o desconcerta, e poem em fugida: finalmente de outra, que os Reys da Persia davaõ aos seus Embaixadores para acharem em todas as partes, por onde caminhavaõ, tudo o que lhes era necessario, com abundancia: pergunta com galantaria donde estava a herva, que desbaratava os exercitos, quando os Cimbrios, e Theutones sitiaraõ a Roma? Porque razaõ (diz elle) naõ usaraõ da dita pedra os Magos dos Persas, quando Luculo General dos Romanos derrotava os exercitos da Persia? E juntamente estra-

eſtranha , que os provedores dos exercitos Romanos ſe cançaſſem em buſcar mantimentos , e vitualhas para os Soldados , quando com a dita herva podiaõ guarnecer as meſas com todos os generos de manjares : finalmente ſe agaſta com Scipiaõ , de que empregara maquinas bellicas na expugnaçaõ de Carthago , podendo com huma herva romper os ferrolhos , e abrir as portas da dita Cidade ; e acaba queixando-ſe , de que o Senado de Roma naõ enxugara com a pedra Ethyopida os paûs de Italia. Do numero deſtas fabuloſas maravilhas da natureza ſaõ a pedra Chelonia , que arremeda a figura do olho , e ſe acha nas conchas das tartarugas da India , da qual dizem , que depois de lavarem com mel a boca , poſta ſobre a lingua , communica eſpirito profetico , e faz annunciar futu-

futuros ; e deſta meſma cathegoria he a verbena, ou herva, a que o vulgo chama *Urgebaõ*, com que ſe untavaõ os Magos, para reſponderem aos que os conſultavaõ ; a qual herva (ſegundo a ſuperſtiçaõ dos antigos) tinha virtude para ſe fazer querer bem de todos, e para curar todo o genero de males. Em muitos Authores achamos ſemelhantes illuſões ; e ainda que poderia ſervir de recreaçaõ ao leitor, naõ devo referillas, pelo riſco de as quererem experimentar os ignorantes. Taõ incertas como nocivas foraõ ſempre as ditas receitas. O grande Pompeo por hum remedio, que lhe deu a ſua Dama Lucilia, ſe fez frenetico. Fernando Catholico por outro, que lhe deu ſua ſegunda mulher Germania de Foix para ter hum filho, perdeo a vida com as entranhas abrazadas.

Hum

Hum Fidalgo velho Portuguez, Ayo do Principe D. Chriſtovaõ, filho ſegundo do Senhor D. Antonio Rey de Portugal (que aſſim o nomeaõ em França) foy accuſado, e ſurprendido por lhe querer dar hum ſemelhante, com o qual deſejava deſterrarlhe huma grande paixaõ amoroſa, de que o via poſſuido: e conhecida a boa intençaõ, foy abſolvido por ſentença do Parlamento; com defenſa porém, de que nunca mais uzaſſe de ſemelhantes remedios. *Pleitos de Corbin. cap.* 124. Já o Areopago naõ condemnou em pena alguma a huma Moça, que matou o ſeu amante com huma bebida deſtas, que lhe deu para o fazer fiel: com outras perderaõ as vidas Luculo, e Propercio, que para igual fim lhes deraõ; e na meſma fórma o Poeta Lucrecio, que ſe matou furioſo a

ſi proprio, como dizem S. Jeronymo, Cornelio, e Plutarco. Plinio no *liv.* 18. *cap.* 6. refere, que ſendo accuſado Cayo Furio Creſino de magico, porque as ſuas terras ſempre produziaõ mais que as dos ſeus viſinhos, levara à audiencia ſeus filhos, paſtores, e hum grande numero de gado, dizendo aos Juizes: *Senhores, aqui tendes diante de voſſos olhos os documentos com que me juſtifico; e quizera tambem podervos fazer viſiveis o meu trabalho, e ſuor do meu roſto, para completar a minha defeza.* Olympias querendo ver huma Dama, que ſe dizia ter dado feitiços a Filippe de Macedonia, achando-a muy bella, e eſpirituoſa, lhe diſſe: *Já conheço, em que conſiſte a voſſa magica, que he puramente natural.* Agrippa affirmou, que pela magica natural podia hum homem communicar o ſeu penſamento a ou-

tro no termo de vinte e quatro horas deſde Pariz a Roma. Pouco menos praticou Amonſton Academico das Sciencias de Pariz no ultimo ſeculo, pois na preſença do Delfim, e de Madama, o executou na fórma ſeguinte: Fez pôr por huma legoa de diſtancia varias peſſoas com oculos de ver ao longe, que percebendo a primeira certo ſinal da que eſtava no poſto precedente, o foraõ fazendo de humas para as outras; cujos ſinaes eraõ de letras de hum alfabeto, que a ultima tinha, e por eſte meyo ſe ſoube em hum inſtante o que de tanta diſtancia ſe lhe diſſe; e moſtrou a poſſibilidade com que ſe podia praticar de Pariz até Roma, como relata Monſieur Fontenelle no Elogio, que fez ao dito Amonſton.

MA-

MAGIA ARTIFICIAL.

PARTE X.

MAGICA artificial he a que com arte, e induſtria humana ſe obraõ couſas, que parecem ſuperiores às forças da Natureza, como a eſféra de vidro de Archimedes, a pomba de páo de Architas, que voava, as aves de ouro do Imperador Leaõ, que cantavaõ, e a caveira de Alberto, que

fallava. A profiſſaõ da Magica teve a mayor eſtimaçaõ na antiguidade, tanto pela ſublimidade da ſciencia, como pelo reſpeito das perſonagens, que a executaraõ; porém como a curioſidade ſuperſticioſa dos homens a corromperaõ, com razaõ ſe fez odioſa, e abominavel, e deu occaſiaõ aos ſabios eſcritores para diſtinguilla em duas ſórtes de magica branca, e preta; huma natural, que conſiſte no conhecimento, e experiencia dos ſegredos mais excellentes da natureza, a que ſe póde chamar a perfeiçaõ, e conſumaçaõ da Filoſofia natural; a outra diabolica, que procede do abuſo das couſas naturaes conjunctas à invocaçaõ prohibida dos máos eſpiritos.

Guilherme de Pariz, e muitos outros eſcreveraõ, que Alberto Magno trabalhara pelo eſpaço de trin-

trinta annos a fazer huma eſtatua humana, obſervando os diverſos aſpectos das Conſtellações em cada parte que lhe formou; com o que conſeguira, que a dita eſtatua lhes decidiſſe as queſtões da mayor difficuldade, a qual dizem, fallando a Santo Thomaz de Aquino, a fizera em pedaços; a cuja acçaõ Alberto exclamara, dizendo-lhe: *Vós nos déſtes huma evidente prova do voſſo grande poder, deſtruindo em hum inſtante huma obra, em que gaſtey trinta annos.* Semelhante conto ſe attribue à cabeça de arame fabricada pelo celebre Franciſcano Roger Bacon. He certo que naõ devemos attribuir eſtes eſtupendos prodigios a effeitos meramente naturaes, como crêm os que daõ credito ao Taliſman procedido das calidades metallicas ſujeitas ao influxo das Conſtellações, mas ſim à força das

cifras,

cifras, ou caracteres da magica preta. S. Gregorio Turonenſe refere, que debaixo de huma ponte na Cidade de Pariz fora achado huma chapa de chumbo, em que eſtava gravada huma cobra, hum rato, e huma chamma, e que tanto que a chapa fora deſcuberta, o fogo pegara em diverſas partes da Cidade, e as cobras, e ratos começarão a fazer taõ terriveis eſtragos, que os moradores haviaõ reſolvido deſamparar as ſuas caſas; porém que fazendo-ſe repor a chapa no meſmo lugar de que ſe tirou, logo ceſſaraõ as referidas pragas. S. Jeronymo em huma Carta, que eſcreveo a Paulino, faz mençaõ de huma moſca de bronze, que Virgilio fez, que affugentava a todas da Cidade de Napoles. Igualmente eſcrevem muitos Authores terſe achado hum annel na boca de huma mu-

lher

lher humilde, a quem ainda depois de morta Carlos Magno com indecencia da Mageſtade vilmente amava. Com outro annel livrava Eleazaro na preſença do Imperador Veſpaſiano, e dos Officiaes do ſeu exercito, a muitos poſſeſſos, cuja invençaõ ſe attribue a Salomaõ, que enſinava a meter no engaſte do annel certa raiz, que chegada ao nariz do energumeno, obrigava a ſahir delle o demonio. Os braceletes dos moradores de Niphon no Japaõ, diz Paulo Veneto, que os fazia invulneraveis. Do annel de Diceo eſcreve Ariſtofanes podiaõ com elle conciliar os delinquentes a benevolencia dos Juizes. Do ſapo de Antioquia fez huma relaçaõ Fulano de Breves, em que diz, que pegado em huma das portas da Cidade, a preſervava da propagaçaõ deſte peçonhento bicho. Em fim

taõ

taõ curioſos, como vaſtos ſaõ eſtes exemplos, que por arte diabolica produziraõ effeitos ſemelhantes aos que por virtude divina obrou a ſerpente de bronze de Moiſés. Ninguem poderá duvidar, que o Taliſman foy condenado nos ultimos ſeculos pela Faculdade de Pariz à imitaçaõ de outras Univerſidades Catholicas, que com ſolidiſſimos principios Filoſoficos, e Theologicos refutaraõ eſtas, e outras taõ pernicioſas extravagancias do engenho humano.

Além das noticias, que nos dá a ſagrada Eſcritura, de que Saul rogou a huma Pytoniſſa, ou Feiticeira, que invocaſſe, e chamaſſe a alma de Samuel, e das que em muitos Santos, e doutos Eſcritores achamos de Simaõ Mago; Santo Agoſtinho, e outros graviſſimos Authores fazem menção de prodigioſas

ſas obras magicas. Na Corte de Vencesláo de Luxemburgo Imperador de Alemanha, e Rey de Bohemia, nos annos de 1490, foy celebre o feiticeiro chamado Zito, porque tomava a figura, que queria, ora de ruſtico, &c. Aos Cavalheiros na Meſa de ElRey lhes mudava as mãos em caſcos de cavallos, e juntamente fazia, que naõ pudeſſem bulir os queixos: outras vezes dizendo aos Cavalheiros, que chegaſſem às janellas do Paço para verem alguma couſa extraordinaria, lhes naſciaõ de repente pontas de veado taõ grandes, que naõ podiaõ recolher para dentro a cabeça: mas finalmente levou o diabo eſte magico, e o Imperador movido deſte caſtigo da Divina Juſtiça ſe emendou da criminoſa curioſidade deſtes divertimentos. Dubrav. *liv.* 3. *Hiſt. de Bohem.*

O meſmo Santo Agoſtinho no *liv.* 18. *cap.* 18. *de Civit. Dei* affirma, que certas mulheres da Italia convertiaõ os homens em cavallos, e que depois de ſe ſervirem delles, lhes reſtituhiaõ a ſua primeira fórma; e que o pay de hum Padre chamado Preſtancio fora transformado em mula, e que carregava bagagem.

Gilles de Laval Baraõ de Retz, e Marichal de França, foy queimado na Cidade de Nantes em 1440, por feiticeiro. Cento e ſeſſenta peſſoas confeſſou ter morto com feitiços: aſſim o refere Monſtrelet.

Em toda a Antiguidade ſe naõ acha caſo magico taõ admiravel, como he o dos *Vampires* em Alemanha. Eſta palavra na lingua Eſclavonia ſignifica *ſangueſugas*; razaõ porque daõ eſte nome a certos defuntos, que foraõ accuſados de vi-

virem chupar o ſangue aos vivos, e matallos por eſte modo ; e correndo a fama de ſemelhantes caſos no deſtricto de Gradiſch na Eſclavonia, por ordem do Magiſtrado ſe mandou deſenterrar o corpo de hum deſtes Vampires, que diziaõ ter morto nove peſſoas, a quem appareceo de noite, e chupou o ſangue. Deſenterrado ſeu corpo, o acharaõ inteiro com os cabellos, e unhas creſcidas, a pelle branca, e na boca ſangue freſco. O Carraſco lhe atraveſſou o coraçaõ com hum páo agudo, do qual ſahio muito ſangue, e depois lhe cortaraõ a cabeça, e queimaraõ o corpo. De outros muitos Vampires, que appareceraõ em diverſos lugares de Hungria, ſe dá conta no Mercurio politico do mez de Outubro de 1736; e dos que appareceraõ em Belgrado, o atteſtaõ dous Officiaes da-

quelle Tribunal, e hum das Tropas do Imperador, como teſtemunhas oculares. De infinitos outros Vampires, a quem igualmente deſenterraraõ, cortaraõ a cabeça, e queimaraõ, ſe fez huma informaçaõ exacta, e juridica da ſua execuçaõ, atteſtada por muitos Officiaes, e Cirurgiões dos Regimentos, e pelos Balios, e principaes peſſoas do deſtricto, que ſe remeteo em Janeiro de 1732 ao Conſelho de Guerra Imperial em Viena, que havia dado a commiſſaõ ao Militar para examinar a verdade deſtes ſucceſſos; e na dita Relaçaõ ſe individuava, que as peſſoas, que morriaõ chupadas pelos Vampires, depois da ſua morte tambem ſe faziaõ Vampires.

Chegando a França a fama dos Vampires, ordenou Luiz XV. ao Duque de Rechilieu, que entaõ eſtava

eſtava por Embaixador na Corte de Viena, ſe informaſſe do que havia na materia; e depois de haver preguntado a varias peſſoas, reſpondeo a ſeu Amo, que tudo o que ſe dizia dos Vampires de Hungria, era certiſſimo. Eſta reſpoſta naõ logrou a approvaçaõ dos muitos, e judicioſos Criticos, que ha em Pariz; pelo que o meſmo Soberano lhe ordenou ſegunda vez, que fizeſſe novas, e mais exactas diligencias para aſſegurarſe daquella realidade; e dellas reſultou, que a ſegunda informaçaõ, que deu a ElRey Chriſtianiſſimo, foy muy differente da primeira, e inteiramente concordou com o P. Calmet, de que tudo he hum terror panico, ajudado talvez de alguns embuſteiros. Quanto a mim Vampires em Alemanha, e Brucolacos na Polonia, he com pouca differença o meſmo, que

Bru-

Bruxas em Portugal. Os Francezes lhe chamaõ *Revenans*, que quer dizer : *tornaõ a vir* : parece que no Vampiriſmo da Colonia aſſim o crêm ; pois vemos da Relaçaõ, que agora ſahio, enſinavaõ àquelles povos ignorantes, a que quando mataſſem os Heſpanhoes, e Portuguezes lhe cortaſſem a cabeça, porque ſem iſſo tornariaõ a viver. Feijó doutamente trata eſta materia na *Carta* 20. *do tom.* 4. dellas em o *n.* 40. em diante ; concluindo, que ſuppoſto que Deos algumas vezes permitte ao diabo tomar a apparencia de algum defunto, ſempre he repugnante crermos tantas patranhas, quantas ſaõ as que aquellas Naçõeſ contaõ do Vampiriſmo, ſem embargo, que ſe achaõ authorizadas com taõ ſolemnes actos do ſeu exame ; e que ſó ſe póde tolerar ſer certo, que houveſſe

veſſe alguns Vampires ; iſto he que o demonio tomaſſe aquella fórma alguma vez ; mas que a multidaõ delles, que referem aquelles povos, he pura fabula, e mera imaginaçaõ. O que ſe diz dos Vampires, e o que ſe deve julgar delles, ſe póde ver na Diſſertaçaõ do P. Calmet ſobre as appariçõeſ, impreſſa em Pariz no anno de 1746 ; e no Tratado de Monſieur Ranft *de maſticatione mortuorum.* Dizem que o famoſo territorio de Touchai abunda em Vampires ; e eu digo que ainda ſaõ mais as ſangueſugas, que chupaõ o ſeu delicioſo licor, que tambem he ſangue de Chriſto.

Mas porque naõ cabe neſte volume a narraçaõ de ſemelhantes caſos, direy, que a Magica artificial, ou Mathematica, ſeria taõ innocente como a natural, ſe huma, e outra foſſe iſenta de toda a ſuperſtiçaõ.

Gran-

Grande idéa de virtudes excitaraõ os numeros na veneraçaõ dos Egypcios, e diſcipulos de Pithagoras, e ſobre elles naõ diſcorreraõ pouco as mais elevadas penas da Sabedoria, e da Santidade. Em materia taõ diffuſa, e delicada ſó porey aqui para ſatisfazer a curioſidade do leitor hum dos quadrados magicos da antiguidade, de que ſe conſerva ainda a memoria; cujas caſas cheas de cifras em progreſſaõ arithmetica, ou geometrica de tal fórma diſpoſta, que todas as cifras do meſmo renque, quer ao alto, quer ao largo, ou em diagonal, fazem a meſma ſomma de quinze.

4	9	2
3	5	7
8	1	6

?

11/09
11/12

cc 9/28/93 DW
Innocentio VI, 435
11. N1-4 defective

(91